

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Fábio Luciano Iachtechn

O ARGONAUTA DE CRONOS: ESTRATOS TEMPORAIS EM H. G. WELLS
HISTORIADOR

CURITIBA

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Fábio Luciano Iachtechen

**O ARGONAUTA DE CRONOS: ESTRATOS TEMPORAIS EM H. G. WELLS
HISTORIADOR**

Tese apresentada como requisito parcial
à obtenção do título de Doutor ao
Programa de Pós-Graduação em
História, Linha de Pesquisa Espaço e
Sociabilidades, Setor de Ciências
Humanas. Universidade Federal do
Paraná.

Orientador: Prof. Dr. José Roberto Braga
Portella

CURITIBA

2015

Catálogo na publicação
Mariluci Zanela – CRB 9/1233
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

lachtechen, Fábio Luciano

O Argonauta de Cronos: estratos temporais em H. G. Wells historiador /
Fábio Luciano lachtechen – Curitiba, 2015.
284 f.

Orientador: Prof. Dr. José Roberto Braga Portella
Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas da
Universidade Federal do Paraná.

1. Wells, H.G. (Herbert George) 1866-1946. 2. História universal. 3.
Historiografia. 4. História – Filosofia. 5. História moderna. I.Título.

CDD 901



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Rua Gal. Carneiro, 460, 7º andar, sala 716, fone/fax + 55 (41) 3360-5086,
80.060-150, Curitiba, PR, Brasil.

E-mail: cpghis@ufpr.br Website: www.poshistoria.ufpr.br

PARECER DA BANCA EXAMINADORA

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PPGHIS/UFPR) para realizar a arguição da Tese de Doutorado de **FABIO LUCIANO IACHTECHEN** intitulada: **O argonauta de cronos: estratos temporais em H. G. Wells** historiador, após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação, completando-se assim todos os requisitos previstos nas normas desta Instituição para a obtenção do Grau de **Doutor em História**.

Curitiba, onze de setembro de dois mil e quinze.

Prof. Dr. José Roberto Braga Portella
Presidente da Banca Examinadora

Prof. Dr. Erivan Cassiano Karvat (UEPG)
1º Examinador

Prof. Dr. Gilson Leandro Queluz (UTFPR)
2º Examinador

Prof. Dr. Vidal Antônio Azevedo Costa
3º Examinador

Prof. Dr. Clóvis Gruner (UFPR)
4º Examinador

Esta tese é dedicada à Amanda e Catarina Cieslak, com todo o meu amor.

Resumo

A presente tese tem por objetivo analisar as características principais da ideia de história identificada em parte da obra do escritor britânico H. G. Wells (1866-1946). Esta abordagem envolve, por um lado, as questões usuais que acompanham o trabalho do historiador, como por exemplo, sua concepção e diálogo com as fontes, temas preferenciais, filiação intelectual e recortes temáticos, mas especialmente a identificação de uma determinada concepção de tempo que se presume universal e o entendimento do papel da história em sua proposta de reforma social. Esta ideia de história pode ser compreendida quando percebida em uma comunidade intelectual específica, que repercute o fato de Wells, ao escrever a *História universal* (1919), apresentar-se indiretamente como historiador, e discute não só sua proposta historiográfica, mas também as ideias que ela apresenta. A concepção de H. G. Wells como historiador pode ser percebida a partir da identificação de uma possível filosofia da história implícita em seus textos, seja nos romances de retórica científica, nos artigos científicos ou em suas utopias que se propunham modelos de reestruturação social. Na primeira parte sugiro que é possível identificar algumas questões que formam, em conjunto, uma metanarrativa teleológica cuja característica central é a produção de um sentido histórico para a grande aventura humana no tempo e no espaço. A segunda parte versará mais diretamente sobre esta ideia de história, a começar pela participação de Wells na Primeira Guerra Mundial e sua proposta de uma educação universal como fundamento da reestruturação social que manifestou em suas utopias. Este novo currículo foi caracterizado pela rejeição ao classicismo e ao modelo patriótico e nacionalista, e sugere a construção de um conhecimento baseado essencialmente na experimentação e racionalização, além da ênfase nas ciências naturais e no ensino tecnológico. Serão analisados artigos e panfletos produzidos entre 1913-14 até 1918, fase em que também podem ser identificados romances que abordam diretamente seu modelo educacional ideal, como *Joan and Peter* (1918) e *The undying fire* (1919). Por fim, serão apresentadas algumas possibilidades sobre como Wells está situado em um contexto de produção historiográfica com o qual é possível estabelecer um determinado diálogo, especialmente com a chamada *new history*. Para pensar as principais características de Wells como historiador aproveito as considerações do teórico alemão Jörn Rüsen acerca da construção do conhecimento histórico a partir de um processo dinâmico que denominou *matriz disciplinar*, um conjunto sistemático de fatores que explicam os princípios constitutivos da “ciência da história”. A concepção geral das intenções de Wells enquanto historiador foi pensada a partir da inspiração em Reinhart Koselleck, e sua proposta conceitual em estabelecer uma racionalidade explicativa entre as três instâncias de temporalidade – passado, presente e futuro – consideradas intercambiantes na perspectiva de compreensão do tempo histórico, um tempo concebido, sobretudo, como múltiplo.

Palavras-chave: H. G. Wells; *História universal*; *Historiografia contemporânea*; *Nova História*; *Teoria e Filosofias da História*

Abstract

This thesis aims to analyze the main features of the idea of history identified in part the work of the British writer H. G. Wells (1866-1946). This approach involves, on the one hand, the usual issues in the historian's work, such as its dialogue with the sources, issues, intellectual affiliation and themes, but especially the identification of a conception of time presumed as universal and the understanding of the role of history in its proposed social reform. This idea of history can be understood when perceived in a specific intellectual community, which reflected the fact of Wells, writing the *Universal History* (1919), indirectly present himself as a historian, and discusses not only his historiographical proposal, but also his ideas. The design of H.G. Wells as a historian can be seen as from the identification of a philosophy of history in his writings, whether in scientific rhetoric novels, scientific articles or on their utopias that proposed new models of social restructuring. In the first part of this thesis, I suggest that it is possible to identify some issues that together form a teleological metanarrative whose central feature is the production of a historical sense to the great human adventure in time and space. The second part will focus more directly this idea of history, starting with Wells' participation in the First World War and his proposal for universal education as the foundation of social restructuring that expressed in his utopias. This new curriculum was characterized by the rejection of classicism and the patriotic and nationalist models, and suggests the construction of a knowledge based essentially on experimentation and rationalization, as well as emphasis to the natural sciences and technological education. Will be analyzed articles and pamphlets produced between 1913-14 until 1918, phase in which can also be identified novels that directly address their ideal educational model, as *Joan and Peter* (1918) and *The undying fire* (1919). Finally, we will present some possibilities to thinking about how Wells is placed in a historiographical context with which it is possible to establish a specific dialogue, especially with the so-called *new history*. To think the main features of Wells as a historian I take the considerations of the German thinker Jörn Rüsen about the construction of historical knowledge from a dynamic process called "disciplinary matrix", a systematic set of factors that explain the principles of "science of history". The overall features of the intentions of Wells as historian was designed from the inspiration in Reinhart Koselleck's work, and its conceptual proposal to establish an explanatory rationality between the three levels of temporality - past, present and future – considered interchanged from the perspective of understanding of historical time, a time designed primarily as multiple.

Keywords: *H. G. Wells; Outline of history; Contemporary historiography; New History; Theory and Philosophy of History*

Lista de imagens

Imagem 1 - Fotografia do jovem Wells, aos dezoito anos, na <i>Normal School of Science</i> de South Kensington em 1884 e “Thomas Henry Huxley”, óleo sobre tela de John Collier, 1883.....	35
Imagem 2 - <i>Picshua</i> de Wells ilustrando o processo editorial durante a escrita de <i>A máquina do tempo</i> , 1895.....	74
Imagem 3 - <i>The informative content of education</i> : esquema curricular apresentado em 1937.....	158
Imagem 4 - Ilustração de J. F. Horrabin sobre a vida neandertal para <i>Outline of history</i>	174
Imagem 5 - Os símbolos nacionais europeus no século XIX, de J. F. Horrabin.....	175
Imagem 6 - Página esboço de <i>Outline of history</i> , do trecho sobre os imperadores romanos.....	178
Imagem 7 - Indianos protestando em Londres contra <i>Short history of the world</i> , 1923.....	190
Imagem 8 - Gravura de Alan Odle sobre o chá oferecido por Wells aos excluídos de <i>Outline of history</i> , 1921	203

Lista de tabelas

Tabela 1 - Quadro com o sumário de *Outline of history*.....182

Tabela 2 - Lista das obras completas de H. G. Wells.....280

SUMÁRIO

Introdução.....	9
PARTE 1 – ELEMENTOS PARA UMA FILOSOFIA DA HISTÓRIA EM H. G. WELLS.....	28
Capítulo 1 – Liberdade e limitação: determinismo, causalidade e unicidade.....	29
1.1 – Uma infância dickensiana: notas (auto)biográficas.....	29
1.1.1 – Entre bastões de <i>cricket</i> e manuais científicos.....	31
1.1.2 – “O ano mais educacional de minha vida”: <i>Normal School of Science</i>	35
1.2 – Evolução ética em um processo cósmico.....	38
1.2.1 – A rigidez do universo e a unicidade do ser	45
1.2.2 – Nominalismo e realismo.....	52
Capítulo 2 – Tempo cósmico, tempo histórico.....	58
2.1 – Os argonautas de cronos e a temporalidade quadridimensional.....	58
2.1.1 – A quarta dimensão: um postulado científico não axiomatizado.....	67
2.2 – <i>A máquina do tempo</i> e seus estratos temporais.....	71
2.2.1 – O contexto de publicação de <i>A máquina do tempo</i>	73
2.3 – O tempo como duração.....	76
2.3.1 – Viagem imóvel: uma alavanca e oitocentos mil anos para o futuro.....	82
2.3.2 – Futuro-passado.....	89
Capítulo 3 – Utopias cinéticas: modelos para uma nova ciência social.....	95
3.1 – “ <i>Writing, talking and preaching revolution</i> ”.....	95
3.1.1 – O utopismo como literatura social.....	102
3.2 – Antecipações: o século XX desvelado.....	103
3.4 – Utopias estáticas e cinéticas.....	108
PARTE 2 – H. G. WELLS HISTORIADOR.....	112
Capítulo 4 – Uma guerra para pôr fim a todas as guerras.....	113
4.1 – Guerra futura e ficção.....	113
4.1.1 – Antevistas tecnológicas: guerra e imaginação científica.....	117
4.2 – <i>The war to end war</i> : panfletos e artigos de guerra (1913 -1918)	126
4.2.1 – Guerra e competição.....	126
4.2.2 – Uma guerra de ideias, que com ideias deveria ser combatida.....	128

4.3 – A guerra definitiva.....	134
4.3.1 – Redesenhando o mapa da Europa: o destino dos impérios.....	138
4.4 – A formação da Liga das Nações: a ideia de um organismo mundial permanente.....	143
4.4.1 – <i>War aims</i> e a formação da <i>League of Free Nations Association</i>	147
Capítulo 5 – Educação versus catástrofe: a pedagogia historiográfica de um iconoclasta.....	153
5.1 – H. G. Wells, professor da humanidade ou “Um veneno chamado história”.....	153
5.1.1 – História, educação e (in)doutrinação.....	156
5.1.2 – Educação laboratorial e experimental.....	159
5.2 – <i>Outline of history</i> : uma sobreposição de estratos temporais.....	166
5.2.1 – Contornos da história.....	170
5.2.2 – <i>The earth on which we live is a spinning globe</i>	184
5.2.3 – A aurora da história.....	186
5.2.4 – <i>A short(er) history</i> : uma breve história do mundo.....	190
5.3 – Como uma história universal pode dizer algo ao mundo: recepção, crítica, revisão.....	193
5.3.1 – O debate historiográfico/evolutivo entre H. G. Wells e Hilaire Belloc.....	198
5.3.2 – Duas visões sobre <i>Outline</i> : Marc Bloch e Johan Huizinga	204
Capítulo 6 – A ideia de história em H. G. Wells.....	206
6.1 – A história é única, e para todos.....	206
6.2 – H. G. Wells, um novo historiador.....	207
6.2.1 – <i>New history, nouvelle histoire</i> : a nova história e o “paradigma tradicional”.....	214
6.2.2 - Notas sobre o pensamento histórico no início do século XX.....	218
6.3 – <i>A new history</i> norte-americana.....	222
6.4 – A identificação da historiografia sócio-evolucionista e a constituição da <i>world history</i>	228
Considerações finais.....	234
Fontes e referências bibliográficas.....	246
Anexo A – A história é única.....	271
Anexo B – Lista das obras completas de H. G. Wells.....	280

Esta tese foi desenvolvida integralmente com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio de bolsa do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI).

*Ele (Wells) historiou o
passado, historiou o futuro,
registrou vidas reais e imaginárias
Jorge Luis Borges¹*

Introdução

O *argonauta de cronos* é um trabalho que propõe analisar um aspecto bastante particular do universo intelectual associado ao escritor britânico Herbert George Wells (1866-1946): sua designação como historiador. Ainda sob o calor dos debates de Versalhes acerca do novo concerto geopolítico mundial, e motivado pelo que presenciou deles, Wells publicou sua *História universal* em fins de 1919, obtendo supreendente repercussão popular e intelectual. Esta inclinação ao fazer histórico, já aos 52 anos e consagrado como ficcionista, não deixa de ser objeto de curiosidade, especialmente aos familiarizados com sua obra e que, em sua maioria, conhecem e preferem o Wells imaginativo, autor de uma literatura precursora da moderna ficção científica.

Sua denominação como historiador é uma alusão exterior, que pode ser localizada nas apresentações biográficas que acompanham suas obras, nas quais “historiador” aparece eventualmente, mas sempre depois de escritor, jornalista, socialista fabiano, sufragista, futurista, entre outras. Assim, não se trata de uma autodenominação, pois o próprio Wells fez questão de ressaltar a ausência desta pretensão na introdução da *História universal*, em trecho que tenta se salvaguardar de possíveis críticas à sua história, mas que parece dirigir aos historiadores profissionais de sua época para tranquilizá-los sobre suas aspirações.²

Deste modo, um problema central se impõe *a priori* às pretensões desta pesquisa: como analisar enquanto historiador alguém que notadamente não se identificava desta forma, seja profissionalmente, pois era, em linhas gerais, um escritor *tout court*, seja pessoalmente, já que preferia ser reconhecido como jornalista, ou melhor, um cronista das principais questões de seu tempo? A possível resposta, pelo menos neste caso, se apresenta sob duas formas principais.

¹ BORGES, Jorge Luis. “O primeiro Wells.” In: *A máquina do tempo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991, p. 3.

² “O autor não é, em nenhum sentido profissional, um historiador, mas trabalha em seu próprio “escorço” desde o começo de sua carreira intelectual. Sempre se preocupou com a história como um todo e com as forças gerais que fazem a história. Foi esta a inclinação peculiar de seu espírito”. WELLS. H. G. *História universal*. Vol. 1. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959, p. 3.

Primeiramente, o Wells historiador aqui considerado não será desvelado por uma abordagem semelhante a que seria direcionada a um historiador profissional, um especialista reconhecido por seus pares e comunidade. Antes de analisar seus métodos e técnicas enquanto historiador, esta condição estará subordinada a uma concepção da história que chamarei genericamente de 'ideia' de história, e que envolve, por um lado, as questões usuais que acompanham o trabalho do historiador (sua concepção e abordagem das fontes, temas preferenciais, filiação intelectual, recortes temáticos, etc.), mas especialmente a identificação de uma determinada concepção de tempo que se presume universal e o entendimento do papel social da história em sua proposta de reforma social. Esta ideia de história pode ser compreendida quando percebida em uma comunidade intelectual específica, que repercute o fato de Wells, ao escrever uma obra histórica, apresentar-se indiretamente como historiador, e discute não só sua proposta historiográfica, mas também as ideias que ela, implícita ou explicitamente, apresenta.

Somados aos seus próprios artigos sobre história, há um movimento de autores, colaboradores e críticos em torno do processo de construção da *História universal*, todos envolvidos na grande repercussão gerada por um público que descobriu na história fonte de informação para a compreensão de seus problemas cotidianos. É possível observar também uma série de resenhas e críticas sobre o livro, produzidas a partir de diversos pontos de vista, além debates públicos com acadêmicos, grupos sociais e membros da Igreja Católica sobre suas concepções da história. Enfim, o Wells historiador está vinculado a este quadro, no qual a definição desta condição ganha sentido quando este contexto intelectual é explicitado.

O segundo ponto que permite uma compreensão mais abrangente de H. G. Wells como historiador extrapola suas referências diretas sobre história, ou do sentido causado por sua repercussão, e pode ser traçado a partir de um olhar geral sobre sua obra: a identificação de uma filosofia da história implícita em seus textos, seja no romances de retórica científica, nos artigos científicos, especialmente enquanto estudante de ciências naturais na década de 1880 ou em suas utopias que se propunham modelos de reestruturação social. Na primeira parte deste trabalho, sugiro que é possível identificar algumas questões que formam, em conjunto, uma metanarrativa teleológica cuja característica central é a produção de um sentido histórico para a grande aventura humana no tempo e no espaço. Neste sentido, aproveito a definição oferecida por William Dray sobre as diferenças e possíveis

relações entre filosofias especulativas da história, que apresentam a busca de um significado ou sentido para o processo histórico, percebendo nele determinados padrões que se expressam em modelos explicativos, e as filosofias críticas da história, dedicadas a analisar “a natureza da própria investigação do historiador, de modo a ‘situá-la’, por assim dizer, no mapa do conhecimento”.³

Em Wells, é possível identificar, por exemplo, uma interpretação sobre a relação de confluência entre *o tempo natural* e *o tempo histórico*, questão diretamente relacionada à própria influência das ciências naturais na consolidação da história enquanto saber autônomo, metodologicamente construído a partir de um estatuto que, pretensamente, lhe permitiria esta independência das demais ciências.

É perceptível também sua preocupação em associar, em um mesmo conjunto de ideias, fenômenos a princípio antagônicos, como a *determinação* decorrente de um universo naturalmente constituído, (pré) existente em uma escala temporal impossível de ser humanamente apreendida e, por isso mesmo, imutável, e o *livre arbítrio* como característica evolutiva essencialmente humana, que no entanto precisa ser direcionada por um esforço consciente e orquestrado, para que este sentido histórico que aponta para o futuro possa ser efetivamente concretizado enquanto experiência social.

Por fim, analisarei como Wells se posiciona, ainda que indiretamente, sobre a questão da *causalidade* na história, objeto de questionamento recorrente na tradição analítica, ilustrado pelo debate entre Edward Carr e Isaiah Berlin sobre a questão da formulação de possíveis leis gerais que enquadrariam o processo histórico. Esta proposta generalizante, a partir de uma visão cósmica e panorâmica dos fenômenos humanos, se contrapõe à ideia de fato/evento como modelo constitutivo da análise histórica, ao mesmo tempo em que deixa em segundo plano a pertinência em se privilegiar o indivíduo, necessariamente subordinado ao contexto.

Como referência para este estudo sobre as principais características de Wells como historiador, aproveito as considerações do teórico alemão Jörn Rüsen acerca

³ DRAY, William. *Filosofia da história*. Rio de Janeiro. Zahar, 1969, p. 9. A ideia de Wells como um filósofo especulativo da história, que compartilharia princípios comuns aos denominados por Dray como representantes diacrônicos desta corrente, Hegel, Marx, Comte e Spencer, incluindo os fatalistas Toynbee e Spengler, se apresenta como uma tentadora possibilidade de análise, uma vez que signos comuns, como a indicação de um sentido para a história e sua associação a um progresso inexorável, são pontos de partida facilmente perceptíveis e promissores. No entanto, o diálogo com as fontes que constituem este universo acerca de Wells como historiador permitem perceber algumas características de sua produção a partir de um olhar crítico que o relaciona a obras, autores e correntes de pensamento histórico, contexto no qual sua ‘ideia’ de história adquire um sentido mais complexo.

da construção do conhecimento histórico a partir de um processo dinâmico que denominou *matriz disciplinar*, um conjunto sistemático de fatores que explicam os princípios constitutivos da “ciência da história”. A matriz é articulada em dois grandes eixos que envolvem a “vida prática”, de onde surgem as principais carências de orientação de sentido no tempo, e a “ciência especializada”, que responderia a estas carências a partir da formulação de um conhecimento pautado por métodos e regras científicas, garantias de validade para que os indivíduos possam tomar decisões e enfrentar os desafios sociais de uma determinada época.

Rüsen apresenta cinco fatores que funcionariam como etapas deste processo identificado à matriz disciplinar: os *interesses*, que definem quais as carências de orientação são importantes para cada grupo; as *ideias*, como perspectivas gerais que orientam a experiência sobre o passado, ou que demonstram como o passado surge como história; os *métodos*, conjunto de procedimentos e preceitos que regulam a pesquisa empírica; as *formas*, meios pelos quais se apresenta o conhecimento histórico empiricamente constituído; e as *funções*, entendidas como as formas de orientação de sentido produzidas pela história a partir de uma pretensão racional em satisfazê-las.⁴

Para Rüsen, eventos socialmente traumáticos ou certos contextos de crise, como uma guerra ou uma longa crise econômica, acabam submetendo um determinado grupo a mudanças importantes em suas convicções coletivas, histórica e tradicionalmente consolidadas, o que torna possível uma alteração na *consciência histórica* deste grupo, o qual busca meios de formular e consolidar novos sentidos para sua ação no tempo, bem como para sua própria compreensão da temporalidade. *Consciência histórica* seria “o modo pelo qual a relação dinâmica entre a experiência do tempo e a intenção no tempo se realiza no processo da vida humana, (...) um trabalho intelectual realizado pelo homem para tornar suas intenções de agir em conformidade com a experiência do tempo.”⁵ Tal é o sentido de orientação produzido

⁴ RÜSEN, Jörn. *Razão histórica. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: UnB, 2001, p. 30-35.

⁵ *Idem. Ibidem*, p. 58-59. O que Rüsen define como “ciência da história”, uma fase do processo de constituição do sentido histórico demandado pelas carências de orientação temporal, parte do pressuposto da aplicação de regras empíricas e da observância de um método constituído. Esta é uma condição que aparentemente não se aplica à obra de H. G. Wells, especialmente pelas razões acima expostas. Todavia, a função de orientação da *História universal* foi cumprida pela sua notável penetração social, o que demonstra que as “garantias de verdade”, característica fundamental da história ciência para Rüsen, são, de alguma maneira, identificadas a Wells historiador. Além disso, quero argumentar que, apesar da não observância de preceitos básicos e assaz difundidos em sua

pela *História universal*, ao tentar captar determinada experiência em forma de historiografia em um contexto de reestruturação social pós Primeira Guerra Mundial.

A concepção geral das intenções de Wells enquanto historiador foi pensada a partir da inspiração em Reinhart Koselleck, e sua proposta conceitual em estabelecer uma racionalidade explicativa entre as três instâncias de temporalidade – passado, presente e futuro – consideradas intercambiantes na perspectiva de compreensão do tempo histórico, um tempo concebido, sobretudo, como múltiplo. A questão central, para Koselleck, está na percepção, em cada presente, sobre como as instâncias do passado e do futuro são postas em relação, e cuja tensão é responsável pela definição deste determinado tempo histórico. Esta é a ideia principal que perpassa os ensaios reunidos em *Futuro-passado* (2006), e é explicitada com mais detalhes no décimo quarto capítulo “*Espaço de experiência*” e “*horizonte de expectativa*”: *duas categorias históricas*.⁶

Os conceitos de experiência e expectativa estão relacionados, respectivamente, ao passado e ao futuro, e a tese de Koselleck sugere que a experiência do passado e as expectativas projetadas ao futuro são percebidas de maneiras diferentes pelo ser humano como manifestações assimétricas, que não existem por si, estaticamente concebidas, mas avançam as fronteiras do que se tradicionalmente se definiria como “passado” e “futuro”, em um processo no qual ambos podem aproximar-se, recobrir-se, ou deixarem de ser socialmente importantes, um em detrimento ao outro, ou seja, há uma tensão manifesta entre estas duas temporalidades em cada presente identificado.

Em *Estratos do tempo*⁷, Koselleck desenvolveu com mais profundidade esta ideia a partir da metáfora das camadas temporais intercambiantes, as quais chamou de estratos (*Schichten*), que colocados em constante tensão formam o fundamento da capacidade humana em promover prognósticos, um processo fundamental de significação das experiências, uma espécie de desejo projetado ao passado e que nos permite pensar em uma concepção temporal que leva em conta a natureza, a consciência humana, e produz o significado daquilo que seria histórico.

época sobre a produção do conhecimento histórico, Wells defendeu a relevância do que produziu como conhecimento de natureza científica, cujas particularidades discutirei no capítulo 1 e na própria análise da *História universal*.

⁶ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro-passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2006.

⁷ *Idem*. *Estratos do tempo: estudos sobre história*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2014.

Em 1954 Warren Wagar defendeu sua tese de doutorado sobre H. G. Wells, na Universidade de Yale, sob orientação do professor Franklin Le Van Baumer, eminente divulgador da chamada *intellectual history*, ou história das ideias, como também foi denominada.⁸ Na introdução à *Main currents of the western thought*, Baumer sugere algumas possíveis diferenças, que acabam por delinear as suas pretensões metodológicas. Primeiramente, a história intelectual se distingue de outros campos do conhecimento que abordam temáticas semelhantes, como a história das religiões, da literatura ou da ciência. A história de uma única disciplina tenderia a tratar seu objeto *in vacuo*, ou seja, sem referência com seu contexto social, e frequentemente sem relação ao que acontece com outros campos do conhecimento.⁹

Por seu turno, o historiador das ideias tende a selecionar apenas uma única ideia ou outras ideias correlatas, e traçar sua história através dos séculos. O historiador intelectual, por outro lado, estuda o que Baumer chama de “clusters” (agrupamento, aglomeração, ramo, feixe) de ideias, ao invés de uma ideia isolada e pensada cronologicamente. Seu objeto se constituiria nas chamadas “atmosfera de opinião” (*climates of opinion*), em suas formas e mudanças no tempo, de geração a geração, o que necessariamente carece de uma relação com seu contexto, pois nele as ideias adquirem e transformam seus sentidos, e são objetivadas em sua associação a grupos e instituições. Apesar de ser um procedimento que tem seus riscos generalizantes, permite perceber como certas ideias e atitudes se desenvolvem, dialogam e sobrevivem, enquanto outras são confrontadas e/ou sobrepujadas.¹⁰

Posteriormente, Wagar propõe uma definição sobre o campo da história intelectual próxima a de seu orientador, ao afirmar que

(...) the history of mental climates, of the movements, ideias, and traditions prevalent in these climates, and of the intellectual classes who originate and popularize these movements, ideias, and traditions, set against the background of society and politics, showing the interrelationship of these

⁸ Ver *Intellectual history and his problems* (1949) de Franklin Baumer e *Reflections on the history of ideias*, de Arthur Lovejoy (1940).

⁹ BAUMER, Franklin. *Main currents of the western thought*, New York: Knopf, 1952, p. 4.

¹⁰ *Idem. Ibidem*, p. 5.

ideas across time, space, and disciplinary boundaries, and the interaction of thought and events.¹¹

Quando Wagar propôs sua tese, tentando analisar uma determinada atmosfera mental em torno das ideias de Wells, estudos significativos sobre este autor, em caráter acadêmico, eram praticamente inexistentes. Uma exceção a ser notada é a pesquisa do filósofo francês George Connes, mais famoso por suas memórias da Primeira Guerra Mundial. Professor de literatura inglesa na *Faculté des Lettres de Dijon*, em meados dos anos 1920, concluiu o doutorado em filosofia intitulada *Étude sur la pensée de Wells*, publicado na Inglaterra em 1927 e reeditado em 2003.¹² Outros estudos livres sobre Wells foram realizados nos anos 1920 e 30, porém quase sempre de caráter biográfico e desligados do universo acadêmico, mesmo nos meandros da teoria literária, onde foi posteriormente lembrado com maior frequência.¹³

É curioso notar que esta espécie de lacuna intelectual sobre o pensamento de Wells, inclusive em um período que perdurou após sua morte, em 1946, em alguma medida contradiz a expectativa de um autor que pensou extensivamente o futuro da humanidade e, posso supor, tinha pretensão de que suas ideias repercutissem para as gerações posteriores. Na referida tese, que posteriormente se transformou em um dos livros mais importantes da crítica a Wells, Wagar comenta que “from the scholarly point of view, H. G. Wells was one of the twentieth century’s queerest ducks”.¹⁴ O próprio Wells, ao escrever um jocoso auto-obituário, publicado em 1943 para a *Strand Magazine*, brincou com o esquecimento de algumas de suas obras, que poucos anos

¹¹ WAGAR, Warren. *European intellectual history since Darwin and Marx*. New York: Harper & Row, 1966, p. 2.

¹² Breve biografia do autor disponível em <http://lebruitdutemps.fr/_auteurs/Connes/index.html>. Acesso em: 27/07/2014.

¹³ Os primeiros estudos importantes sobre Wells são WEST, Geoffrey. *H. G. Wells: a sketch for a portrait*. London: Howe, 1930 e BROWN, Ivor. *H. G. Wells*. London: Nisbet & Co. 1923. Os primeiros estudos acadêmicos sobre Wells a partir da teoria literária foram realizados por Bernard Bergonzi, no início dos anos 1960, e serão analisados especialmente no segundo capítulo desta pesquisa.

¹⁴ WAGAR, Warren. *H. G. Wells and the world state*. New Haven, Yale University Press, 1961, p. 7. Sobre a questão da ausência de uma crítica acadêmica importante a Wells antes dos anos 50, especialmente em relação ao seu pensamento, é possível afirmar que o impacto de seus textos sempre foi maior a partir dos seus primeiros romances científicos, na última década do século XIX, e que sua literatura, popular, esteticamente direta e pouco rebuscada, contribuiu para que parte da *intelligentsia* acadêmica o rejeitasse e o classificasse como um autor de pouca importância, ou cujas ideias não constituíam matéria de interesse a seus propósitos. Wells e os Edwardianos foram inextricavelmente associados a um materialismo proeminente, relacionado ao clima de progresso vitoriano característico da geração anterior à I Guerra Mundial, visão esta um tanto exagerada de seu otimismo social. Uma mudança importante neste quadro se deu quando o professor Gordon N. Ray, então reitor da Universidade de Illinois em Urbana-Champaign, adquiriu, em 1954, os manuscritos e arquivos pessoais junto à família de Wells, disponibilizando-os à comunidade acadêmica em geral.

antes haviam sido bastante comentadas, além de terem sido sucesso editorial como no caso especial de sua *História Universal*.¹⁵

No entanto, pode-se encontrar alguns depoimentos que de alguma maneira contradizem este “esquecimento”, atestando a importância de Wells em termos intelectuais para a primeira metade do século XX. Situando-o em um contexto mais específico, nas décadas de 1900 a 1920, Wells foi um dos mais importantes críticos da sociedade Vitoriana a atingir um público leitor considerável e, ao mesmo tempo, a denunciou em tantas frentes e níveis como poucos escritores fizeram, seja em questões estéticas, éticas, comportamentais ou intelectuais. Especialmente em suas novelas associadas ao chamado “período eduardiano”¹⁶, tornou-se uma espécie de porta-voz de uma geração de britânicos, mais ligados à cidade do que ao campo, com mais acesso à educação formal e à literatura como forma de expressão, e que na ausência momentânea de uma melhor expressão definidora, podem ser chamados de uma “classe média liberal-socialista”.

Pouco tempo depois de sua morte, o escritor George Orwell, crítico severo das pretensões totalizantes de Wells, comentou a influência pessoal da descoberta de sua literatura, afirmando que:

Whether anyone who was writing books between 1900 and 1920, at any rate in the English language, influenced the young so much. The minds of all of us, and therefore the physical world, would be perceptibly different if Wells had never existed ... Back in the nineteenth-hundreds it is a wonderful experience for a boy to discover H. G. Wells. There you were, in a world of pedants, clergymen, and golfers, with your future employers exhorting you to “get on or get out”, your parents systematically warping your sexual life, and your dull-witted schoolmasters sniggering over their Latin tags; and here was this wonderful man who could tell you about the inhabitants of the planets and the bottom of the sea, and who *knew* that the future was not going to be what respectable people imagined.¹⁷

¹⁵ WELLS, H. G. “My auto-obituary”. Strand Magazine, vol. 104a, January 1943, p. 45-47. In: HAMMOND, J. R. *H. G. Wells: interviews and recollections*. New Jersey: Barnes & Noble, 1980, p. 117-119.

¹⁶ Do ponto de vista político-administrativo, o período eduardiano refere-se ao reinado de Eduardo VII entre 1901 e 1910. Sobre Wells enquanto literato eduardiano, ver BELLAMY, William. “Wells as Edwardian”. In: BERGONZI, Bernard (org.) *H. G. Wells: a collection of critical essays*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1976, p. 83-109.

¹⁷ ORWELL, George. “Wells, Hitler and the World State”. *Critical essays*. London: Secker and Warburg, 1946, p. 87.

Seguindo as premissas de Frank Swinnerton, crítico literário da época, Wells compartilhou algumas das características de outros autores que, segundo ele, foram “para a lata de lixo da história literária”, como Hilaire Belloc, Arnold Benneth, George Bernard Shaw e John Galsworthy. Isso se deve à superprodução literária, aliada à profusão de interesses dispersos, que acabou por caracterizá-los como grandes profetas sociais, desviando sua literatura para fins maiores que o simples entretenimento, atribuindo uma função social anterior a seus textos.¹⁸ Esses escritores, assim como Wells, conviveram e compartilharam experiências literárias com Joseph Conrad, Henry James, Oscar Wilde e Virginia Woolf, formando uma espécie de geração. Não foram necessariamente uma corrente literária - pois as vezes sequer dividiam interesses comuns - mas efetivamente foram tão famosos e populares quanto e, por motivos diversos, provavelmente entre eles os elencados por Swinnerton, o interesse por suas obras em algum momento arrefeceu.

Esta espécie de esquecimento momentâneo se aplica não apenas à literatura inicial, ainda do século XIX, mas também às diversas áreas sobre as quais versou. Sendo assim, Wells não foi reconhecido por especialistas como um dos “seus”, como alguém que abordou com propriedade aquilo que ainda é considerado como “campo especializado”: jornalismo, biologia, economia, educação e, o que interessa especialmente para esta tese, a história.

Mesmo assim, aproveitando as palavras do próprio Warren Wagar, um tipo de acadêmico deveria ser mais do que agradecido a Wells: o historiador intelectual, pois ninguém até então teria promovido uma articulação tão importante entre o universo do livro, do laboratório e o do homem comum. “Wells gives to the intellectual historian abundant help in answering the basic problems of his discipline: how ideas in a society get into circulation, become fashionable, and are broadly disseminated through whole population”.¹⁹ Para o autor, o mais original dos filósofos não poderia ser mais legitimamente atraente para o historiador intelectual do que Wells.

Na biografia que escreveu sobre outro incansável moderno, Bertrand Russell, Alan Wood relembra uma das teses centrais do filósofo, para quem “toda a realização humana pode ser alcançada, em última instância, por uma superabundante fonte de

¹⁸ SWINNERTON, Frank. *The Georgian literary scene*. London: J. M. Dent & Sons, 1938. Swinnerton fez um balanço da quantidade de obras produzidas em vida, especificamente pelos que caracterizou como os profetas sociais das primeiras décadas do século XX (Shaw, Wells, Belloc e Chesterton), e chegou ao impressionante número de 400 publicações.

¹⁹ WAGAR, Warren. *H. G. Wells and the world state*. New Haven, Yale University Press, 1961, p. 2.

energia”.²⁰ Esta parece ser a premissa da atividade intelectual de Wells, cuja lista de realizações passa por uma grande diversidade de gêneros literários traduzidos para diversos idiomas, como conto, novela, romance, jornalismo, crônica, artigos científicos, roteiros de cinema e transmissões radiofônicas, na Inglaterra, nos Estados Unidos e Austrália.²¹

Wagar, no primeiro parágrafo da introdução crítica para uma coletânea de textos de Wells, em meados dos anos 1960, descreveu, de forma pessoal, seu autor favorito da seguinte forma:

Those who knew him called him “H. G.”. He is short, fattish, broad-shouldered man, his voice high and thin, his blue eyes bright and dreaming. He walked with a vulgar little bounce. He was the everlasting Cockney never quite able to forget years of hunger and ill health in a *fin-de-siècle* adolescence that led to the writing of such grotesque romances as *The time machine* and *The island of Dr. Moreau*; he was the resentful ex-counter-jumper of the Southsea Drapery Emporium, the ex-student of that lugubrious pagan T. H. Huxley, the erstwhile consumptive London journalist eager to *épater le bourgeois*, and beyond all this, the tireless propagandist of a great unified world order he never lived to see.²²

Jorge Luis Borges, um dos maiores difusores da literatura de Wells no mundo hispânico, fez uso de sua verve poética para dizer que

(...) como Quevedo, como Voltaire, como Goethe, como algum outro mais, Wells é menos um literato do que uma literatura. Escreveu livros gárrulos em que de certo modo ressurgem a gigantesca felicidade de Charles Dickens, prodigalizou parábolas sociológicas, ergueu enciclopédias, alargou as possibilidades do romance, reescreveu para o nosso tempo o livro de Job, *essa grande imitação hebreia do diálogo platônico*, redigiu sem soberba e sem humildade uma autobiografia agradabilíssima, combateu o comunismo, o nazismo e o cristianismo, polemizou (cortês e mortalmente) com Belloc, historiou o passado, historiou o futuro, registrou vidas reais e imaginárias.²³

Para os jovens leitores do século XX, Wells foi um contista de histórias fantásticas, de narrativas que versam sobre sonhos humanos, sobre o tempo futuro e

²⁰ WOOD, Alan. *Bertrand Russell: the passionate sceptic*. London: Allen and Unwin, 1957, p. 241.

²¹ Ver lista de obras completas no Anexo B, pág. 280.

²² WAGAR, Warren. *H. G. Wells: journalism and prophecy: 1893-1946*. Boston: The Riverside Press Cambridge, 1964, p. 5.

²³ BORGES, Jorge Luis. “O primeiro Wells.” In: *A máquina do tempo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991, p. 3. (Grifo do autor)

suas implicações sociais, além de tecnologias antevistas. Foi também precursor, ao lado do escritor francês Júlio Verne, de um gênero literário, a ficção científica, embora tenha se referido por vezes aos textos desta fase como “romances científicos”.²⁴ Esta é justamente a fase preferida de Borges e tantos outros, para quem o valor de Wells reside especialmente em sua capacidade de fomentar a imaginação de seus leitores com as clássicas e imperecíveis imagens simbólicas desenvolvidas pelo gênero, como a viagem temporal em *A máquina do tempo* (1895), a invisibilidade em *O Homem invisível* (1896), a questão da natureza humana e seu lado bestial em *A ilha do Dr. Moreau* (1897), a invasão belicosa marciana em *A guerra dos mundos* (1898) e as viagens espaciais em *Os primeiros homens na Lua* (1901).

Em uma comparação breve com Júlio Verne, que auxilia a compreender inicialmente o papel da ciência em sua ficção, é possível dizer que Verne aborda apenas coisas prováveis para sua época, que respeitam um horizonte de factibilidade científica e material, como o submarino, o descobrimento do Pólo Sul, a travessia do planeta com meios de transporte conhecidos, a viagem pela África utilizando um balão, a incursão geológica ao centro da Terra, etc. Já a retórica científica utilizada por Wells, expressa especialmente nos romances acima mencionados, se apresenta geralmente enquanto possibilidade, uma especulação livre e imaginativa sobre os limites do conhecimento humano e sua aplicação, uma espécie de desafio paradigmático à própria ciência.

Para outros, Wells é reconhecido como um romancista social, aproveitando sua experiência pessoal como alguém que veio das classes populares, dos condados do sudeste da Inglaterra, para documentar satiricamente a decadência da ordem

²⁴ A ficção científica normalmente é associada aos romances em que a ciência aparece como discurso, instrumento ou mesmo protagonista, praticamente desde *Frankenstein* (1819) de Mary Shelley, tida por muitos como a primeira obra do gênero, passando por Edgar Allan Poe e Bram Stoker. No entanto, a ficção científica enquanto gênero literário com características melhor definidas é um fenômeno mais recente. Particularmente, podemos identificá-la no início do século XX como uma literatura popular, a partir das revistas *pulp* americanas. Para Gresh e Weinberg, “*pulp* referia-se não apenas ao estilo ou tipo de história publicada nas revistas, mas ao papel barato de polpa de madeira usado nas publicações para manter os custos baixos”. Ver GRESH, Lois & WEINBERG, Robert. *A ciência dos super heróis*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 13. A primeira *pulp* com características essenciais da ficção científica foi a *Amazing Stories*, que publicou em agosto de 1928 o conto *Armageddon 2419*, cuja capa mostrando um homem flutuando a partir de um cinturão voador foi reimpressa várias vezes, entrando de maneira decisiva para o imaginário cultural como portadora de alguns signos característicos do gênero. Segundo David Hughes, romance científico é uma categoria intermediária, pelo menos na sua forma britânica, entre as obras que trazem apenas alguns dados científicos, comuns até pelo menos a segunda metade do século XIX e a própria ficção científica emergente no início do século XX. O romance científico, assim, tem por característica essencial o emprego de uma retórica da ciência. Ver HUGHES, David Y. “British ‘scientific romance’”. In: *Science Fiction Studies* 41, vol. 14, part 1, March 1987, p. 2.

vitoriana, criando retratos cômicos do ser inglês capturados neste processo de mudanças²⁵. Ainda no que diz respeito à sua caracterização como escritor social, é conhecido como um dos maiores utopistas de seu tempo. Em livros como *A modern utopia* (1905), *Men like Gods* (1923), *When the sleeper awakes* (1910) especulou sobre modelos sociais alternativos, baseados em um Estado mundial. Em *Shape of things to come* (1933), que recebeu em sua edição brasileira o título de *A história do futuro*, descreveu um modelo social baseado na organização global e centralizada dos transportes, comunicações, armamentos e, sobretudo, do conhecimento. Tornou-se também um reconhecido socialista, especialmente a partir da publicação de *Antecipations* (1901), sua porta de entrada para a *Fabian Society*, e do manifesto *New worlds for old* (1908), texto bastante popular no curso do debate sobre o trabalhismo como doutrina política inglesa.

Outro público pôde familiarizar-se com suas ideias como jornalista, colaborador de diversos periódicos de sua época, desde o período em que estudou ciências naturais na *Normal School of Science*, de South Kensington, quando chegou a editar um jornal acadêmico, até seus últimos dias de vida, em meados dos anos 1940. Em quase uma centena de artigos e panfletos é possível encontrar uma variedade substancial de temas e interesses, desde a questão sexual, incluindo o feminismo e o sufragismo, a religião, a guerra, o nacionalismo e a educação científica. Ainda hoje é possível ouvir os poucos registros remanescentes das transmissões radiofônicas feitas por Wells, especialmente pela B.B.C. britânica, mas também existem gravações de trechos de palestras e leituras de alguns de seus textos realizadas nos Estados Unidos, país que admirava por seu pragmatismo político e eficiência tecnológica.

Mesmo com esta profusão de textos ficcionais e jornalísticos, o maior público atingido por Wells, ao menos em números, foi o de seus escritos educacionais. A chamada “fase das *outlines*”, incluiu um manual em nove volumes que condensava todo o conhecimento em biologia e ciências naturais disponível em sua época: *Science of life* (1929), e uma espécie de compêndio paradidático em seis volumes

²⁵ Entre principais romances de costumes publicados por Wells, podemos citar *Kipps: the story of a simple soul* (1905), que trata de um menino pobre que se descobre herdeiro de um rico aristocrata e acaba inserido num mundo completamente diferente. Merece destaque também *The story of Mr. Polly* (1910), que tem como pano de fundo a entediante vida num subúrbio britânico, além de *Ann Verônica* (1910), cuja personagem central é uma jovem sufragista que luta para quebrar as convenções de uma Inglaterra patriarcal e moralmente conservadora. É importante ressaltar que estas obras, mesmo quando apresentadas por personagens centrais que acompanham todo o enredo, tem sempre o elemento social em evidência, deixando as questões internas comuns aos *Bildungsroman* em segundo plano.

originais sobre ciências sociais, economia e trabalho, *The Work, wealth and happiness of mankind* (1931), Porém, teve início com sua mais popular obra não ficcional, *Outline of history* (1919), que em português recebeu o título de *História universal*. Esta fase representou um acréscimo importante em termos quantitativos à sua obra, seja pelo aumento do volume dos textos, antes breves romances de pouco mais de cem páginas cada, quase sempre publicados em capítulos periódicos, para grandes tratados temáticos em diversos volumes. Houve também um acréscimo do seu público leitor, especialmente motivado pelo sucesso editorial da *História universal*.

Pode-se elencar ainda mais facetas do autor, pois mais Wellses são identificados na massa material produzida em mais de cinquenta anos de carreira literária, em aproximadamente cento e dez livros e outras centenas de artigos, muitos deles não reimpressos em qualquer outra coletânea ou reedição, o que representa cerca de doze milhões de palavras atribuídas ao seu nome.²⁶

Movido por uma curiosidade inesgotável e flutuante, os fenômenos correntes foram por ele capturados através de uma linguagem que os transformava em ideias transmitidas aos seus leitores, em sua maioria as que interessavam ao debate público. Tal caracterização indica que Wells não foi um pensador hermético, introspectivo. Em geral, seja em sua ficção ou na literatura social, pode-se encontrar uma profusão de ideias, direta, explicitamente ou simbolicamente expostas, mas que, grande parte das vezes, oferecem ao interessado em percebê-las em um determinado universo intelectual, um conjunto inteligível de informações. Ele próprio chamou sua escrita, já no fim de sua carreira em 1939, de “the trace of flow of thought during the past half of century”, ou seja, “o traço do fluxo de pensamento durante a última metade de século”,²⁷ algo que de fato se propôs a ser enquanto escritor.

²⁶ WAGAR, Warren. *H. G. Wells and the world state*, p. 3.

²⁷ WELLS. H. G. *O destino da espécie humana*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945, p. 67. Utilizo aqui a expressão em inglês visto que foi lembrada por Warren Wagar - inclusive como título de capítulo do seu já mencionado último livro sobre Wells, *H. G. Wells traversing time* - por ser representativa de sua tese sobre o pensamento de Wells acompanhar a fluidez das ideias correntes e transformá-las em conhecimento inteligível. A edição norte-americana de *O destino da espécie humana* utilizada por Wagar recebeu o título de *The fate of man* (New York: Alliance, 1939). A edição original britânica foi nomeada como *The fate of Homo sapiens* (London: Secker and Wanburg, 1939). Wagar comenta que provavelmente os editores norte-americanos promoveram a mudança, receosos por seus leitores menos informados, que poderiam não gostar do título original por ser demasiado científico ou mesmo polêmico por ser, em essência, evolutivo. No entanto, esta foi uma mudança importante no seu sentido original, pois enquanto darwinista e seguidor de Thomas Huxley, Wells tinha uma visão predominantemente biológica sobre a evolução e história humanas, e neste sentido o pseudo-metafísico termo *man* não é um substituto adequado ao sentido dado por Wells ao propor a cientificamente correta terminologia *Homo sapiens*. Ver WAGAR, Warren. *H. G. Wells traversing time*, p. 278.

Se quisermos uma definição mais aproximada do que caracterizaria o propósito de Wells é possível recorrer ao modo como Franklin Baumer delineou o chamado *philosophe*, expressão francesa que designa não exatamente o filósofo na acepção do termo, no sentido técnico e acadêmico, mas que é utilizada para caracterizar os pensadores do iluminismo francês, intelectuais públicos arautos da república literária. Para Baumer,

(...) neither were they scholars or specialists, nor courtiers or “gentlemen”. They were emphatically not of the ivory tower. Literary men, popularizers, propagandists, they made their appeal to a newly awakened public opinion, against the powers that be, against the learned world of church and university. Fontenelle was their prototype, but they went further than Fontenelle, for they wished not only to advance knowledge but to change society – the educational and religious system, the economic and social system, eventually the political system.²⁸

Assim sendo, pela abundância de sua escrita e variedade de seus interesses intelectuais, pelo seu papel como divulgador popular de ideias, por sua proposta enciclopedista em compilar o conhecimento disponível e pela virulência satírica de sua crítica social, o pensamento de Wells pode ser associado a um tipo intelectual já quase extinto em sua época, mas que desabrochou de maneira importante por boa parte da Europa durante o Século das Luzes. O próprio Wells demonstrou em diferentes oportunidades sua admiração e inspiração iluminista.²⁹ Wagar usa a mesma expressão para situar Wells em seu contexto intelectual, promovendo semelhante associação, quando afirma que “(...) as Voltaire and d’Alembert were *philosophes* of an age under the spell of Newtonian physics, so Wells was a *philisophe* of the Darwinian age. He differed from them on scores of issues, but he was the same sort of intellectual”.³⁰

²⁸ BAUMER, Franklin. *Main currents of the Western thought*. New York: Knopf, 1952, p. 358.

²⁹ Em *O destino da espécie humana* (p. 72), Wells apresenta a seguinte consideração: “A realização dos enciclopedistas franceses sempre me impressionou fortemente. Diderot e seus associados haviam previsto a mudança dos tempos e tinham-se entregue, na medida das possibilidades, a preparar e equipar a ideologia de sua época para o novo mundo que se aproximava. Trabalharam com a maior dificuldade e com tremendas limitações, mas produziram uma nova e inspiradora concepção de mundo renovado. Deram forma definida aos poderosos e confusos sentimentos liberais da época. Reuniram o pensamento cristalizado pelas revoluções francesa e americana e o que havia esparso pelo mundo inteiro. Viviam numa idade de coisas comparativamente pequenas. O público capaz de compreendê-los e propagar suas ideias era muito restrito. Hoje tudo mudou – e tudo pede uma nova enciclopédia, comensurada à relativa vastidão das coisas novas”.

³⁰ WAGAR, Warren. *H. G. Wells and the world state*, p. 4.

Em consonância com este determinado comportamento intelectual pré-jacobino, Wells foi um cosmopolita, talvez no sentido kantiano do termo, com quase nenhum traço de simpatia pelas manifestações nacionalistas, patrióticas ou mesmo pela democracia popular. Ele compartilhou, em certa medida, a rejeição classicista do século XVIII pela arte profundamente emocional, pela experiência mística e pela beleza natural, enfim, pelas manifestações associadas ao romantismo que perduraram pelo século de seu nascimento.

Como os *philosophes*, Wells se propunha um popularizador, um reformador social, inimigo de um determinado e anacrônico *Ancien Régime*.³¹ Sua tarefa nitidamente deixou de ser a busca por uma pretensa estética enquanto escritor, e se transfigurou para a de um educador de um emergente público literário, certamente um público diferente e maior do que as condições sociais e materiais permitiam no século XVIII. Neste sentido, sua proposta tinha na educação em sentido geral a chave fundamental de seus projetos de mudança social, uma educação prática e utilitária, com novas abordagens para áreas do saber já constituídas, especialmente a biologia, a sociologia e a história.

Na revisão crítica que fez da *História universal* em 1921, o historiador americano Carl Becker afirmou que Wells não era Voltaire, mas

(...) his role is much the same: like Voltaire he is a versatile man of letters, with warm human sympathies, interested in all the knowledge of his day; like Voltaire he is a man of faith, who believes that men may be made more enlightened and more humane; like Voltaire he is enlisted in the war on *l'Infâme* - on hypocrisy, superstition, fanaticism, tyranny. Mr. Wells's history is a powerful weapon employed in that war.³²

Testemunho semelhante é dado por Anthony West, que ressalta que mesmo com um promissor início de carreira enquanto escritor, Wells jamais abandonou seu tom professoral e, sob a influência moral de seu mestre mais importante, Thomas Huxley, manteve desde muito jovem a aspiração de ser um pensador de renome

³¹ Neste sentido, compartilho da tese de Arnold Mayer sobre a permanência de determinadas tradições solapadas apenas pela Grande Guerra de 1914, especialmente pelo fato de Wells manifestar a posição de que, neste momento, um conjunto de forças ideológicas representativas de instituições e tradições que identificam o início da modernidade foram esvaziadas de sentido histórico, e demandaram, desta forma, de uma nova abordagem identificada aos desafios impostos pelo século XX. Ver MAYER, Arno J. *A força da tradição: a persistência do Antigo Regime*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

³² BECKER, Carl. "Mr. Wells and the New History". In: *The American Historical Review*. Vol. 26, No 4, Jul, 1921, p. 656.

mundial. West menciona duas de suas referências mais importantes para o desenvolvimento desta aspiração, Swift e Voltaire, escritores que tiveram menos apreço pela arte de escrever em si do que fazer desta escrita um meio para que outras pessoas pensassem o que elas estão fazendo com suas vidas, enfim, um instrumento de educação moral.³³

Em sua autobiografia de 1934, no último capítulo intitulado “The idea of a planned world”, Wells descreve o que chamou de “structural frame of my life”, como uma espécie de tentativa de dar sentido real e concreto para a formação de um Estado universal, “a world-wide ‘Open Conspiracy’ to rescue human society from the net of tradition in which it is entangled and reconstruct it upon planetary lines”.³⁴ Aqui o autor expõe de maneira clara uma intenção que pode ser encontrada em toda a sua obra, desde seu início enquanto ficcionista e divulgador científico até seus últimos dias dedicados a pensar propostas relacionadas aos direitos humanos fundamentais debatidos após a Segunda Guerra Mundial.

É possível propor uma análise de sua obra sob dois pontos de vista principais, que respeitam as duas grandes fases de sua carreira, pois, de fato, a partir de sua literatura científica e de sua inclinação posterior ao utopismo e à ciência social, seu pensamento se apresenta ao mundo, nesta intersecção entre séculos, entre dois momentos históricos. Ao mesmo tempo em que uma determinada *avant-garde* intelectual o estigmatizou como um porta-voz de um determinismo científico atrasado e fora de moda, é frequentemente apontado como um dos primeiros profetas das crises mundiais do século XX.

Assim, por um lado, Wells pode ser visto como um anti-vitoriano em sua proposta de questionar os valores sexuais, morais e religiosos de sua época. Este conjunto de ideias, visto sob este prisma, ao lado de sua “ficção científica” da década final do século XIX, constitui a grande maioria dos estudos, acadêmicos ou não, dirigidos ao seu pensamento e sua influência geral, e amiúde partem dos estudos literários como referência teórica e/ou metodológica.

³³ WEST, Anthony. *H. G. Wells: aspects of life*. New York: Random House, 1984, p. 218. Outra definição nos mesmos moldes pode ser encontrada na biografia escrita por Lovat Dickson, quando afirmou que Wells era “a figure like Swift and Voltaire but of the mould of the twentieth century, a genius of near-Cockney origin who commanded the world’s attention at a time when the Age of Reason was passing into the Age of Violence, here was a man whose life took the shape of a dramatic tragedy.” DICKSON, Lovat. *H. G. Wells: his turbulent life and times*. London: Macmillan and Co., 1971, p. 9.

³⁴ WELLS, H. G. *Experiment in autobiography: discoveries and conclusions of a very ordinary brain*. Boston: Little, Brown and Company, 1962, p. 549.

Não é intenção neste trabalho tomar partido deliberado por nenhuma das possíveis abordagens ou prismas que dividem a sua obra, especialmente em duas grandes fases, tradicionalmente, a da literatura científica e a do reformismo social. Pelo contrário, pois é possível perceber uma significativa coerência entre as principais ideias manifestadas, que trazem alguma coesão intelectual à sua obra, independente da época ou dos gêneros pelos quais as ideias foram difundidas.

Assim, é necessário considerar que a organização deste trabalho foi pensada em duas partes, não no intuito de representar possíveis fases de sua carreira literária, mas porque se referem a dois momentos em que sua concepção da história pôde ser captada de maneira mais expressiva. A primeira parte propõe apresentar e discutir um conjunto de ideias sobre filosofia da ciência, evolucionismo/degeneração e concepção de tempo (geológico, biológico e histórico). Estas ideias serão identificadas principalmente em uma série de artigos científicos especulativos publicados em revistas estudantis e de divulgação científica, no período em que Wells foi estudante de biologia e professor primário, entre 1883 até 1888, início do primeiro recorte temporal. Seus primeiros ensaios e romances científicos também fazem parte deste corpo documental, especialmente *Chronic argonauts* (1888) e *A máquina do tempo* (1895), pois neles é perceptível uma apresentação retórica da possibilidade de se considerar o tempo um elemento da matéria, manipulável e dotado de relatividade.

Este recorte se estende até o início do século XX com o objetivo de abordar o fim desta fase reconhecida pelos romances científicos, na qual um certo desencanto com seu discurso ficcional, considerado socialmente infrutífero, deu lugar a uma especulação mais direta sobre a reestruturação social que passou a ocupar sua produção. O utopismo é a nota mais marcante desta fase, em que pertenceu a *Fabian Society* e desenvolveu com mais intensidade suas teses reformistas. A análise terá como base *Anticipations* (1901), considerada precursora dos *future studies*, na qual delinea a conformação política, industrial e tecnológica do século XX, e *Modern Utopia* (1905), utopia com notas clássicas, mas que abandona a ideia estática de um sociedade harmonicamente constituída para defender o conceito de *cinetic utopias*, modelos sociais dinâmicos, em constante mutação, e que podem ser pensados como representativos de seu discurso histórico.

A segunda parte versa mais diretamente sobre a ideia de história, a começar pela participação de Wells na Primeira Guerra Mundial e sua proposta de uma educação universal como fundamento da reestruturação social que manifestou em

suas utopias. Este novo currículo é caracterizado pela rejeição ao classicismo e ao modelo patriótico e nacionalista, por uma experimentação e racionalização do conhecimento, por uma entonação às ciências naturais e ao ensino técnico e tecnológico, e por uma concepção das humanidades como conjunto de conhecimentos que cumpriria uma importante função social de percepção dos avanços e progressos humanos, no intuito de disseminar a ideia de uma grande comunidade humana.

Serão analisados alguns artigos e panfletos de guerra, produzidos entre 1913-14 até 1918, fase em que podem ser identificados romances que abordam diretamente seu modelo educacional ideal, como *Joan and Peter* (1918) e *The undying fire* (1919). Será importante também analisar o contexto de publicação da *História universal*, suas principais características como discurso histórico universalizante, sua repercussão e influência posterior. Por fim, serão apresentadas algumas possibilidades em se pensar como Wells está situado em um contexto de produção historiográfica com o qual é possível estabelecer um determinado diálogo, especialmente com a chamada *new history* norte-americana. Neste sentido, os artigos que Wells escreveu sobre a história, motivados pela repercussão da *História universal*, e uma série de textos, resenhas e a própria historiografia da época são as fontes primordiais, identificadas sobretudo entre 1919 e 1921.

O material bibliográfico, fontes e documentos componentes desta pesquisa foram reunidos ao longo dos últimos anos, a partir de um interesse anterior por H. G. Wells e seu pensamento, manifestado desde a graduação, mas que teve um importante capítulo no desenvolvimento da dissertação de mestrado *Gênero utópico e discurso científico na ficção de H. G. Wells*.³⁵ Esta pesquisa, apresentada em 2008 ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia (PPGTE) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, versou sobre as características do discurso científico observado na literatura de Wells, com atenção para algumas de suas antecipações ficcionais que foram posteriormente materializadas como tecnologias, especialmente em contexto de guerra.

No processo de construção deste trabalho, as limitações de acesso sobre o universo intelectual de Wells foram consideráveis, especialmente pela ausência de uma literatura significativa em língua portuguesa sobre o autor. Além da maioria de

³⁵ Dissertação desenvolvida sob orientação do prof. Dr. Gilson Leandro Queluz.

seus textos, em especial os de não-ficção, não terem traduções nacionais, a crítica e os estudos mais importantes estão notadamente em inglês, e sua circulação restrita praticamente ao contexto anglo-saxão. Por este motivo, realizei um período de pesquisas na Biblioteca Central da Universidade de Illinois em Urbana-Champaign, nos Estados Unidos, entre novembro de 2012 e fevereiro de 2013. Esta instituição conta com um programa de aquisições de coleções e documentos particulares de personalidades consideradas relevantes, especialmente para a história americana. Foi o caso de Wells, cujos arquivos, manuscritos, cartas e biblioteca pessoal foram adquiridos no início dos anos 1950, e encontram-se desde então disponíveis para pesquisadores interessados. Uma parte importante do conjunto documental apresentado neste trabalho, especialmente trechos de manuscritos originais, cartas e artigos científicos é oriunda dos arquivos da *The Rare Book and Manuscript Library*³⁶, seção da *Main Library* da Universidade de Illinois, e quando mencionados serão apresentados acompanhados da sigla *RBML - UIUC*, seguidos da respectiva identificação.

³⁶ Disponível em www.library.illinois.edu/rbx, acesso em 12/02/2015.

Parte 1 – Elementos para uma filosofia da história em H.G. Wells

Capítulo 1 - Liberdade e limitação: determinismo, causalidade e unicidade

1.1 - Uma infância dickensiana: notas (auto)biográficas ³⁷

Uma das primeiras biografias sobre Wells em que é possível identificar também uma análise a respeito do seu pensamento foi proposta pelo pesquisador francês Edouard Guyot em 1920, ano da publicação da *História Universal*. Logo em seu início, no capítulo intitulado *L'orientation intellectuelle de Wells*, são apresentados os três fatores que o autor considera determinantes na formação intelectual de um indivíduo, a saber: sua hereditariedade, os ambientes pelos quais circulou, em especial na sua juventude, e as ideias que lhe são impostas.³⁸ Guyot foi professor e conferencista na Universidade de Rennes, além de socialista militante. Seus estudos sobre a Inglaterra tinham particular interesse em William Morris, George Bernard Shaw e, notadamente, em H. G. Wells. Neste mesmo capítulo, ao apresentar Wells enquanto intelectual socialista, enfatizou as suas origens humildes, definindo-as como fundamentais tanto para seu sucesso como romancista, bem como para sua caracterização como pensador social. Esta ênfase pode ser explicada a partir do ponto de vista de Guyot, segundo o qual um autor como Wells só poderia pensar o que pensou por estar indelevelmente associado às suas origens.

Argumento semelhante foi aventado pelo jornalista e cientista político Ivor Brown, que publicou em 1923 uma biografia sobre Wells, parte de uma coleção da editora Nisbet chamada *Writers of the day*. Nela, a apresentação é iniciada pela reflexão geral sobre a pouca importância das explicações sobre a influência do caráter

³⁷ A dimensão biográfica é aqui mobilizada como uma metodologia, um recurso capaz de auxiliar nos questionamentos propostos pela pesquisa. Partindo-se das considerações de Sabina Loriga, entende-se o uso e a problematização das biografias a partir do próprio estado da arte da historiografia nas últimas décadas. O indivíduo, nesta perspectiva, é visto não como uma ilustração do contexto no qual viveu, isto é, não deve ser entendido como mero coadjuvante do tempo histórico no qual esteve inserido. Apesar de por meio de sua trajetória ser possível entender o meio social do qual fez parte, o objetivo principal é o de desvelar sua relação e intervenção neste. Conforme Giovanni Levi, são centrais a experiência, a escolha dos indivíduos frente aos sistemas normativos e os resultados provenientes desta interação. Dessa forma, parte-se aqui da noção de uma biografia problema, utilizada para a compreensão dos diversos cenários com os quais se travará contato, e, igualmente, da relação de Wells para com eles. Ver LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998, p.225-249 e LEVI, Giovanni. "Usos da biografia". In: *Idem. Ibidem*, p.179.

³⁸ GUYOT, Edouard. *H. G. Wells*. Paris: Payot, 1920, p. 13. "L'ensemble de tendances qui constituent la mentalité d'un homme est déterminé par une triple influence: celle de son hérédité, celle des milieux qu'il a traversés, en particulier du milieu où s'est écoulée sa jeunesse, celle des idées qui se sont imposées a lui."

hereditário ou mesmo etnográfico na composição literária. Porém, prossegue afirmando que “if hereditariety is of little help in the interpretation of Wells and his work, environment is of incalculable importance”, e segue seu argumento lembrando que quando Wells nasceu, em 1866, Londres era ainda dickensiana, uma cidade e não um condado, e que em sua adolescência viu um monstro de ruas, ferro e tijolos crescer e se espalhar por áreas rurais.³⁹

Wells é natural de Bromley, Kent, subúrbio de Londres, uma região praticamente rural durante a primeira metade do século XIX, mas que foi se incorporando à capital inglesa, formando hoje parte da conurbação londrina ao sul do rio Tâmesa. Mesmo assim, manteve um pouco das características rurais em diversos parques, áreas de preservação e campos de golfe (a maior concentração de todo o Reino Unido).

A impressão de Brown é a de que Wells vivenciou um processo de mudança importante na paisagem natural e social da grande Londres, testemunhando, de seu próprio modo, ou seja, de uma posição economicamente inferior, a submersão das pequenas vilas e das antigas convenções semifeudais características deste tipo de organização. Para Brown, Wells

(...) saw everywhere development unplanned and undisciplined. He saw the decline and fall of Victorian England, not as Arnold Bennett was seeing it from among the furnaces and pit-heads and pot-banks of North Staffordshire, not as John Galsworthy was seeing it from Harrow and Oxford and the Forsyte windows round Hyde Park, but from the squalid disorder of the new suburbs. Wells is one of the first citizens of Great London.⁴⁰

Lionel Stevenson certa vez lembrou uma particularidade desta questão que por vezes passa despercebida, mesmo com os críticos aparentemente estabelecendo uma relação quase que direta entre meio e comportamento intelectual: entre os grandes romancistas ingleses, apenas Wells e Charles Dickens vieram da chamada *lower middle class*.⁴¹

³⁹ BROWN, Ivor. *H. G. Wells*. London: Nisbet & Co., 1923, p. 14.

⁴⁰ *Idem*. *Ibidem*. p. 14-15.

⁴¹ STEVENSON, Lionel. “Wells, the voice of an epoch”. In: *The history of English novel*. Vol. 11. Towota: Barnes & Nobles, 1967, p. 11.

De uma maneira mais objetiva o biógrafo David Smith aponta para o lugar da família de Wells na ordem social inglesa, lembrando que sua condição enquanto classe média baixa não significa afirmar que pertenciam à classe operária, o que de alguma maneira representa um horizonte menos determinado em termos de ascensão social.

(...) the Wells Family belonged to the lowest level of the middle class. Although this may seem a narrow definition, it meant that Wells was not of the working class, with its limiting horizons, and that his family and friends could have and did hold somewhat higher expectations for him.⁴²

John Huntington adjetiva a infância de Wells como heroica, tendo em vista que consistiu em uma rebelião contra um determinismo social absolutamente notável e a construção, quase que exclusivamente por suas próprias forças, de uma profícua e reconhecida carreira literária que acabou por redefinir sua própria condição social. Certa recorrência é encontrada nesta assertiva, especialmente em seus biógrafos, mas também em seus críticos, e até mesmo em algumas passagens do próprio Wells, que reconheceu que sua ascensão a partir de degraus menores da “lower middle class” acabou por definir sua vida e influenciar definitivamente o seu pensamento.⁴³

1.1.1 - Entre bastões de *cricket* e manuais científicos

O pai de Wells, Joseph, foi um homem que exerceu diversos trabalhos, alguns ao mesmo tempo, principalmente como jardineiro e jogador profissional de *cricket*, provavelmente o esporte mais popular entre os ingleses naquela época. Além disso, tentou por mais de uma vez se estabelecer como comerciante de tecidos em Bromley, atividade na qual não prosperou. Segundo David Smith, foi proprietário nominal de uma loja de artigos esportivos relacionados ao *cricket*, tais como bolas, bastões e uniformes. A loja estava ligada ao *Bromley Cricket Club*, do qual Joseph Wells foi um dos sócios fundadores, novamente não obtendo sucesso.⁴⁴ Ivor Brown ressalta que sua atividade mais importante talvez tenha sido mesmo o *cricket* profissional, já que

⁴² SMITH, David. *H. G. Wells: desperately mortal*. Yale University Press, 1986, p. 4.

⁴³ HUNTINGTON, John. *Critical essays on H. G. Wells*. Boston: G.K. Hall, 1991, p. 2.

⁴⁴ SMITH, David. *H. G. Wells: desperately mortal*, p. 8.

seu nome consta no *Wisden's Almanac* (conhecido popularmente como “a Bíblia do cricket”), na parte sobre os *Cricket Records*, como um jogador com números interessantes, com destaque para quatro *wickets*⁴⁵ em quatro bolas seguidas em uma partida oficial em 1862.⁴⁶

Sua mãe, Sarah Wells, senhora dedicada ao trabalho doméstico,⁴⁷ além de fervorosa anglicana, foi treinada para ser governanta, o que fez com que nas oportunidades em que exerceu sua profissão, especialmente nas casas de campo da aristocracia londrina, deixasse sua atividade anterior que era cuidar dos filhos e da própria casa.⁴⁸ Sarah parece ter decidido desde muito cedo que seu filho teria um futuro melhor do que a infância. Porém, este planejamento não estava associado à atividade intelectual ou acadêmica, mas ao comércio, primeiramente no segmento dos tecidos, no qual seu pai falhara anteriormente. O adjetivo “heroico” dado por Huntington para designar a infância de Wells parece se aplicar também aos seus esforços para se desvencilhar desta obrigação de ser um comerciante.

Sarah Wells obteve por duas vezes a posição de aprendiz de alfaiate em diferentes empórios para seu filho, entre os doze e os quinze anos. O segundo emprego durou dois anos e foi abandonado deliberadamente, seguido de diversas tentativas de convencer os pais de sua inaptidão para a atividade, episódio registrado em cartas que escreveu à eles e, posteriormente, relatou em sua autobiografia.⁴⁹

⁴⁵ No *cricket*, *wicket* é o nome dado à pequena estrutura de madeira de três apoios que precisa ser derrubada com a bola lançada pelo adversário, mas também denomina a jogada em que a estrutura é atingida com sucesso e gera a pontuação principal do jogo.

⁴⁶ BROWN, Ivor. *H. G. Wells*, p. 12.

⁴⁷ Wells fez menções a sua mãe em sua autobiografia em diversas oportunidades, sempre ressaltando seu lado gentil e dedicado, ao mesmo tempo em que suas primeiras lembranças estão relacionadas ao trabalho doméstico e sua dedicação em manter as aparências de um lar organizado, apesar das dificuldades. “My mother in my earliest memories of her was a distressed overworked little woman, already in her lady forties. All the hope and confidence of her youth she had left behind her. As I knew her in my childhood, she was engaged in a desperate single-handed battle with our gaunt and dismal home, to keep it clean, to keep her children clean, to get them clothed and fed and taught, to keep up the appearances”. WELLS, H. G. *Experiment in autobiography*, p. 47.

⁴⁸ Após seu pai quebrar a perna em 1887 e ficar por meses impossibilitado de jogar, a situação financeira da família piorou sensivelmente e obrigou Wells a viver com sua mãe enquanto ela foi governanta da família Fetherstonhaugh, em Up Park, Sussex, situação que retratou na imaginária *Bladesover*, em seu romance de costumes *Tono-Bungay* (1909). Wells teve acesso a uma ampla biblioteca e pôde desfrutar de algumas benesses da vida aristocrática. No entanto, também foi apresentado a uma contradição entre classes e modos de vida para os quais ainda não estava preparado. Sobre esta fase de sua vida, ver WELLS, H. G. “Mrs. Wells, housekeeper at Up Park (1880-1893)”. In: *Experiment in autobiography*, p. 80-84 e WELLS, H. G. *Tono-Bungay*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990, p.12.

⁴⁹ WELLS, H. G. *Experiment in autobiography*, p. 98-99.

A partir de informações dispersas nestas cartas, Smith traça um perfil das condições em que Wells trabalhava: um horário de onze a doze horas diárias, praticamente ininterruptas, a partir das sete horas da manhã, em uma sala pouco iluminada e mal arejada. Ele ressalta que a infância e adolescência de Wells foi passada em boa parte no *underground*, em ambientes escuros e desarranjados, inclusive pelas casas em que passou, imagens estas que podem ser encontradas com frequência na sua literatura, como no caso dos *Morlocks* de *A máquina do tempo*, e em seus textos sociais, como *This misery of boots*, panfleto socialista de 1907 em que procura demonstrar como a classe operária inglesa estava sendo cada vez mais enclausurada nos subterrâneos e restringida de frequentar os espaços públicos, cada vez menores e menos acessíveis.⁵⁰

Um incidente ocorrido no verão de 1874, quando tinha entre dezessete e dezoito anos foi decisivo no desenvolvimento de suas aspirações posteriores. Um amigo de seu pai, após uma partida de *cricket* e uma confraternização em um *pub* local (e provavelmente em algum grau alcoolizado, porém sem nenhum registro que o comprove) o tomou em seus braços e o arremessou para o alto por algumas vezes. No último delas, Wells escorregou e, ao cair sem apoio, acabou por fraturar a tíbia. Tal evento foi o início de uma longa recuperação, e uma cama foi adaptada na cozinha de sua casa para que sua mãe pudesse lhe atender melhor no cômodo em que passava a maior parte do dia. Joseph Wells e a esposa do sujeito que lhe causou o acidente, uma senhora de nome Sutton, se encarregaram de trazer-lhe alguns livros, seu passatempo predileto, e que a partir de então despertaram sua imaginação para a biologia e para a história, e, ao mesmo tempo, para a possibilidade de ser escritor.⁵¹

Este quadro começou a mudar quando Wells convenceu o diretor da *Midhurst Grammar School*, Horace Byatt, a lhe deixar estudar para os exames admissionais para a faculdade, enquanto lecionava para crianças como professor assistente de ciências. Apesar de não ter um salário fixo, sua remuneração estava atrelada ao seu desempenho, ou seja, a quantidade de lições aplicadas e ao número de alunos

⁵⁰ WELLS, H. G. *This misery of boots*. Boston: The Ball Publishing, 1908.

⁵¹ Ao que tudo indica, especialmente por sua autobiografia, que no entanto não é precisa neste sentido, Wells leu neste período enfermo a *Natural history* de John George Wood, uma edição popular e ilustrada. Leu também sobre a Guerra Civil Americana e sobre a história da Inglaterra, provavelmente Thomas H. Buckle, a quem fez diversas alusões posteriores como sua leitura primordial sobre a história britânica. Wells comenta também que este período foi também importante de outras maneiras – como na forma de se relacionar com a dor, pois sua saúde foi sempre instável e algumas crises o acometeram posteriormente. Concluiu também não ser a religião de grande utilidade nestas situações extremas. WELLS, H.G. *Experiment in autobiography*, p. 53-55.

atendidos com sucesso. Assim, tentando associar os conteúdos de seus exames com os que deveria trabalhar enquanto professor, Wells dedicou-se aos manuais e apostilas que condensavam e organizavam praticamente todo o conhecimento relativo às ciências naturais, um treinamento importante para a formação de seu pensamento - esquemático e enciclopédico -, que acabou colocando em prática anos depois com suas *outlines*. Como ele mesmo relatou mais tarde: “the immediate result, so far has my mind was concerned, was to make me practically the whole outline of physical and biological science, with as much care and precision as the check of a written examination poses”.⁵²

Em 1884, após dois anos lecionando e estudando, suas boas notas resultaram na definitiva prova a seus pais sobre sua real aspiração: uma bolsa de estudos na *Normal School of Science*, de South Kensington, posteriormente *Royal College of Science* hoje pertencente à *University of London*. Esta instituição estava na época destinada a formar professores de ciências para suprir a demanda gerada pela crescente abertura de novas escolas, em especial após o *Education Act* de 1870.⁵³

⁵² WELLS, H.G. *Experiment in autobiography*, p.137. Há uma menção deslocada à provável leitura de *Kosmos*, de Alexander von Humboldt, publicada em volumes entre 1845 e 1862, um tratado sobre ciência e natureza que Humboldt confessou posteriormente ser o trabalho de sua vida. A influência desta leitura foi importante como um modelo narrativo de condensação e organização de uma vasta gama de conhecimentos, de modo a torná-los intelegíveis ao leitor comum. Sua proposta: “representing in a single work the whole material world, - all that is know to us of the phenomena of heavenly space and terrestrial life.” Este conjunto de conhecimentos não tinha a mesma feição do que em sua época chamava-se “Physical geography”, explicou, pois deveria contemplar todas as coisas existentes, do céu e da terra. BOWEN, Margarita. *Empiricism and geographical thought: from Francis Bacon to Alexander von Humboldt*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981, p. 246.

⁵³ A historiografia sobre literatura, leitura e educação na Grã-Bretanha das décadas finais do século XIX menciona recorrentemente a promulgação do *Education Act* de 1870 como um marco fundamental nos processos de ensino e na publicação e circulação de livros. O Ato estabelecia a obrigatoriedade do ensino para as crianças na Inglaterra e País de Gales dos cinco aos treze anos de idade, além de um novo sistema administrativo, mais descentralizado, no qual os *school boards* (espécie de corpo diretivo educacional), eram diretamente eleitos em cada distrito. Sobre o incremento ao mercado editorial como reflexo de um aumento do público leitor, segundo Peter Keating, 516 novelas para adultos foram publicadas em 1873; em 1887 foram 762; em 1894, este número passou para 1.315. Ver KEATING, Peter. *The haunted study: a social history of the English novel, 1875-1914*. London: Secker & Walburg, 1989, p. 32. Neste sentido, David Vincent comenta a respeito da acessibilidade em relação ao livro e a leitura a partir de estudos sobre o custo de cada edição: “With every year that passed, more could be bought for less. A penny would buy a 250-word broadside in the 1840s, a fifth page songbook or a 7.000-word serial by the 1860s, a 20.000-word novelette by the 1880s, and from 1896, with the appearance of Newnes’ Penny Library of Famous Books, unabridged versions of classics texts.” VINCENT, David. *Literacy and popular culture: England, 1750-1914*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989, p. 211.



Imagem 1 - O jovem Wells em 1884, aos dezoito anos na Normal School of Science, em uma paródia do famoso quadro de Thomas Huxley. Foto do arquivo pessoal de G. P. Wells, reproduzida por David Smith (H. G. Wells desperately mortal, p. 25). “Thomas Henry Huxley”, óleo sobre tela de John Collier, 1883, acervo da National Portrait Gallery de Londres.

1.1.2 - “O ano mais educacional de minha vida”: Normal School of Science

Em uma carta enviada a Thomas Huxley em 1892, E. Ray Lankester, zoólogo, diretor do Museu Britânico de História Natural e, posteriormente, colaborador de Wells na *História Universal*, comentou sua idealização sobre como uma educação pública de qualidade poderia produzir efeitos sociais importantes. Tal consideração se encaixa perfeitamente com a situação vivenciada pelo *scholar* Wells em Kensigton: “It always seemed to me to be a thing greatly to be desired – that the common man or ruck of students should be taught by the best possible professors so as to give them a chance”.⁵⁴

⁵⁴ E. Ray Lankester para Thomas Huxley, 4 de abril de 1892. *Wells's Collection - RBML–UIUC*, box 11, folder 136.

Esta educação em massa desejada por Lankester, com os melhores mestres possíveis formando um corpo de bons professores, teve importância fundamental no desenvolvimento do pensamento wellsiano, além, obviamente, de se caracterizar como uma mudança pessoal impactante em sua vida. Seu efeito talvez possa ser comparado a uma conversão religiosa, promovida pela graça do *Education Department* enquanto instituição, mas essencialmente pela ciência como uma espécie de evangelho que trouxe luz e razão onde antes reinava uma espécie de confusão mental juvenil, associada a uma inaptidão física e mental para determinadas atividades práticas. Se for mesmo possível considerar esta uma analogia válida, seu primeiro e mais importante padre foi Thomas Henry Huxley e a boa nova o darwinismo, ou melhor, uma reinvenção ou nova abordagem do darwinismo, constituída a partir de um diálogo com outras abordagens darwinistas de modo a se adequar com sua visão histórica de mundo.

É possível encontrar afirmações do próprio Wells neste sentido, pois em diferentes oportunidades fez questão de ressaltar esta determinante influência intelectual, apesar do pouco contato pessoal que teve com Huxley.⁵⁵ Em sua autobiografia, há um espaço significativo para discutir as aulas e a repercussão delas em sua formação, em detrimento às demais disciplinas que cursou. Em determinado momento sentencia que: “The year I spent in Huxley’s classes, was beyond all question, the most educational year of my life”.⁵⁶ Esta importância está ligada não apenas aos conteúdos que aprendeu, especialmente em zoologia, mas também à própria forma de organizar o ato de pensar. “It left me under the urgency for coherence and consistency, that repugnance from haphazard assumptions and arbitrary

⁵⁵ Segundo Rosalyn Haynes, Wells se dirigiu uma única vez pessoalmente a Huxley, e comentou que acompanhava suas conferências e já havia lido seus discursos, ao mesmo tempo em que lhe fez uma reverência elevando o chapéu. HAYNES, R. “The conversion to science”. In: *H. G. Wells discoverer of the future*. New York: New York University Press, 1980, p. 12. David Smith reproduz uma carta de Wells enviada a Thomas Huxley acompanhada de exemplar da primeira edição de *A máquina do tempo*, tentando demonstrar como havia abordado temas recorrentes ao pensamento de seu mestre em forma de literatura: “Dear Sir: I am sending you a little book that fancy may be of interest to you. The central idea – of degeneration following security – was the outcome of a certain amount of biological study. I daresay your position subjects you to a good many such displays of the range of authors but I have this much excuse – I was one of your pupils at the Royal College of Science and finally (*trecho incompreensível*): the book is a very little one. I am, Dr. Sir, very faithfully yours. Ver SMITH, David. *H. G. Wells desperately mortal*, p. 48.

⁵⁶ WELLS. H. G. *Experiment in autobiography*, p. 161.

statements, which is the essential distinction of the educated from the uneducated mind".⁵⁷

O papel de Huxley no quadro das ciências naturais na segunda metade do século XIX é frequentemente associado ao darwinismo social, pois o avô do autor de *Admirável Mundo Novo* foi sem sombra de dúvida um dos principais entusiastas das teorias darwinistas, ao ponto de receber o apelido de *Darwin's bulldog*.⁵⁸ No entanto, sua contribuição para a divulgação científica também teve importância fundamental no processo de reformulação do ensino público e nos currículos ingleses no contexto dos *Education Acts*. Para Huxley, a divulgação científica por meios literários tinha também um papel primordial na formação das classes de trabalhadores, pois, no século XIX, a tecnologia empregada no sistema industrial gerou uma demanda crescente pelo ensino baseado na ciência, principalmente na medida em que a educação pública alcançava os filhos da classe operária. Tratava-se, pois, de uma necessidade educacional, de modo a reformar os currículos baseados nas *belles lettres*. Em um artigo de 1880, denominado *Science and culture*, Huxley expôs essa necessidade nos seguintes termos, propondo duas convicções centrais:

I hold very strongly by two convictions – the first is, that neither the discipline nor the subject-matter of classical education is of such direct value to the student of physical as to justify the expenditure of valuable time upon either; and the second is, that for the purpose of attaining real culture, an exclusively scientific education is at least as effectual as an exclusively literary education.⁵⁹

O artigo foi resultado de um discurso proferido durante a inauguração de um colégio técnico em Birmingham, quando se posicionou contrário ao sistema

⁵⁷ *Idem. Ibidem.* p. 161. Em outro testemunho, por ocasião da morte de Huxley em 1895, Wells relata uma aula de anatomia em que dissecavam um coelho no momento em que seu mestre apareceu. Sua impressão dele, de quem assistira apenas as grandes conferências até então, foi a de que parecia mais com suas fotografias do que a maioria das pessoas, e esta aparição momentânea fez com que não conseguisse prosseguir seu trabalho enquanto aquele grande homem estava por perto. Suas linhas finais prosseguem, anos depois deste episódio, com o mesmo tom de reverência: "I believe then he was the greatest man I was ever likely to meet, and I believe that all more firmly today". WELLS, H. G. "Huxley". In: *Royal College of Science Magazine*. April 1901, p. 209-211. Wells também escreveu sobre seu velho professor para a revista *Listener* (edição de outubro de 1935), em um artigo chamado *I knew a man (T. H. Huxley)*, que resultou em uma apresentação na rádio da B.B.C. no mesmo ano.

⁵⁸ Huxley participou ativamente da divulgação das teorias darwinistas após a publicação de *A origem das espécies* (1859), não apenas pela enorme polêmica que a obra causou, mas também pela eloquência e capacidade de convencimento que manifestava, em contraste com a timidez oratória de Charles Darwin. Sobre a questão, ver HUXLEY, Thomas H. *Darwiniana*. São Paulo: Madras, 2006.

⁵⁹ HUXLEY, Thomas H. "Science and culture". In: OTIS, Laura. *Literature and science in the nineteenth century*. New York: Oxford University Press, 2002, p. 4-6.

educacional baseado fortemente no classicismo. A polêmica levantada por Huxley gerou controversos debates, deflagrando um dos capítulos mais interessantes da relação entre ciência, literatura e educação no final do século XIX.

Huxley faz menção em seu discurso ao modelo de ensino proposto por Sir Josiah Mason, bem sucedido fabricante de canetas e benfeitor do *Mason College*, posteriormente incorporado pela Universidade de Birmingham. O argumento central era de que a ciência, enquanto escopo de conhecimentos culturalmente produzidos fazia também parte da grande cultura, normalmente ilustrada pelos expoentes das letras clássicas. Uma educação baseada apenas nos idiomas e na literatura greco-romana não era útil para aqueles que desejavam cultivar uma vocação científica, como, por exemplo, profissionais da saúde, ou mesmo para os que intentavam entrar para o universo da administração pública, indústria ou comércio.

Por outro lado, Matthew Arnold, um dos principais homens de letras do período, publicou, em 1882, um artigo chamado *Literature and science*, uma resposta a Huxley, propondo a defesa do estudo da literatura, pois a concebia em seu sentido mais amplo, abarcando obras como os *Principia*, de Newton e *A origem das espécies*, de Darwin. Arnold ressaltou que Huxley havia restringido o significado de “ciência” apenas ao modelo das ciências naturais. Para ele, o termo poderia ser tratado também como conhecimento sistematizado, o que englobaria inclusive os estudos de História e dos idiomas, especialmente os clássicos: “(...) all learning is scientific which is systematically laid out and followed up to its original sources, and that genuine humanism is scientific”.⁶⁰ Este debate repercutiu de maneira importante no pensamento de Wells, para quem, como veremos adiante, uma educação científica no sentido mais amplo do termo era o fundamento da revolução mundial que se tornou sua principal aspiração intelectual no século XX.

1.2 – Evolução ética em um processo cósmico

Para Herbert Dingle, o pressuposto básico entre os cientistas em 1851 era o de um mundo de objetos materiais, movendo-se no tempo e no espaço. A tarefa primordial seria então estudar este mundo pela observação direta, pelo uso de

⁶⁰ ARNOLD, Matthew. “Literature and science”. In: OTIS, Laura. *Literature and science in the nineteenth century*. New York: Oxford University Press, 2002, p. 6-8.

instrumentos e pelo arranjo experimental das condições que permitiriam esta mesma experimentação, medição e enquadramento. Segundo Dingle, nenhum destes processos foi concebido para mudar o mundo de alguma maneira. Se a questão era observada ou negligenciada, conhecida ou não, compreendida ou não (ou mal compreendida), o mundo independente permaneceria o mesmo de sua existência prévia a despeito da tentativa das mentes treinadas em apreendê-lo, e continuaria operando exatamente da mesma forma, mesmo que a vida como um todo deixasse de existir. Esta era, de fato, a dicotomia fundamental entre o mundo material, por um lado, e, por outro lado, mentes humanas com suas aspirações, medos, desesperos, exultações, agonias, desapontamentos, ilusões, convicções e tudo mais que faz a vida inteligente ser como ela é.⁶¹

Mesmo sem nenhuma referência explícita neste sentido, Dingle provavelmente estaria se referindo em particular à física da segunda metade do século XIX, que em comparação com outras áreas da ciência, principalmente a biologia, estaria vivenciado uma cômoda letargia, apegada ainda aos pressupostos newtonianos que perduravam incólumes por mais de um século. O próprio Wells apresentou algumas considerações sobre o desenvolvimento da física em sua época de estudante: “At that time the science of physics was in a state of confusion and reconstruction, and lucid expositions of the new ideas for the student and the general reader did not exist”.⁶²

Por sua vez, a ciência biológica da segunda metade do século XIX passou por uma espécie de revolução que afetou não somente a comunidade em si e seus pares, mas se estendeu, em um grau extraordinário, para além das fronteiras da própria biologia, atingindo, por assim dizer, um público geral. No início deste século, o estudo sobre a vida se encontrava em um estado de certa complacência, fundamentado em concepções do início da Idade Moderna e que se encontravam até então praticamente inquestionáveis.

Nos bastiões da ciência propriamente dita o grande modelo a ser seguido pelas demais ciências naturais era o da física moderna e, portanto, é lícito pensar que as bases para a formação do conhecimento em biologia tinham uma ligação importante com o modelo mecânico de interpretação dos fenômenos naturais, baseados essencialmente nas leis newtonianas. Essa relação é particularmente visível em dois

⁶¹ DINGLE, Herbert. “The scientific outlook in 1851 and in 1951.” In: WAGAR, Warren. *European intellectual history since Darwin and Marx*. New York: Harper & Row, 1966, p. 161-162.

⁶² WELLS, H. G. *Experiment in autobiography*, p. 172.

dos mais importantes modelos sustentados por cada disciplina, que propõem a existência de um elemento básico central sob o qual os demais elementos são organizados: no caso da física, o “átomo”, único e, até então, indivisível, e no caso da biologia, sua unidade estava fundamentada no conceito de “espécie”.⁶³

Outra questão central para a chamada biologia moderna era de natureza teológica, por assim dizer, ou seja, a ideia de que todos os organismos vivos foram criados para uma finalidade específica, como componentes de um relógio, para utilizar novamente uma imagem comum à física moderna, quando esta propunha pensar mecanicamente a organização dos fenômenos naturais. Esta interpretação estava associada a uma visão da vida como adaptação dos desígnios divinos, em alguma medida tidos como praticamente naturais, como pode-se encontrar, por exemplo, nos estudos propostos na *Natural theology* (1802), de William Paley, obra de grande sucesso e que orientou significativamente os estudos biológicos durante a primeira metade do século XIX.

Estas duas características centrais, a imutabilidade das espécies, classificáveis em uma ordem ascendente em termos de complexidade, como na *scala naturae* de Lineu, e o argumento de um desenho divino como instrumento criador e condutor dos arranjos da vida, foram quase que definitivamente solapados pelas teorias darwinistas. Não é necessário neste espaço discorrer sobre seus pressupostos centrais – a progressão evolutiva dos organismos vivos, por meio da seleção natural, atuando sobre a variação morfológica – ou apresentar os pormenores da polêmica intelectual causada com a exposição destas teses. Para nosso interesse, a questão está na transformação substancial promovida na ciência biológica, e que se estendeu significativamente para outras áreas de conhecimento. No capítulo final de *A origem*

⁶³ Há de se ressaltar que, apesar desta aproximação entre modelos, o “átomo” constituía uma estrutura material conhecida, enquanto “espécie”, mesmo para a biologia, era um conceito, por sinal ainda em formação. Encontramos em Paolo Rossi uma análise sobre os problemas que a proposta de classificação como modelo de uma linguagem científica universal, relacionada a esta visão mecânica do universo, encontrou em seu desenvolvimento, especialmente a partir do século XIX, com a complexificação dos instrumentos e técnicas de pesquisa, aliados a um princípio de explicação evolutiva. Rossi resume a questão quando afirma que “um dos temas mais apaixonantes da biologia contemporânea está relacionado aos problemas postados pela *cladística* ou àquele tipo de classificação que exclui qualquer noção de ‘semelhança’ entre os seres vivos e trabalha apenas com base nas ramificações evolutivas. Mas o problema ficou enormemente complicado depois que se entrelaçou, no decorrer do século XIX, com o problema da evolução. No período ao qual nos referimos aqui, entre meados do século XVI e os primeiros anos do século XVIII, o problema da classificação tem a ver com um mundo em que (com exceção de poucos casos) as espécies são consideradas fixas e as pulgas, as moscas, os elefantes, os cavalos e as girafas são ainda como eram nas origens, quando as espécies vivas saíram das mãos de Deus”. ROSSI, Paolo. *O nascimento da ciência moderna na Europa*. Bauru: EDUSC, 2001, p. 339.

das espécies, Darwin apresentou algumas considerações gerais sobre a crença ainda importante na imutabilidade das espécies, ao mesmo tempo em que previu como a aceitação paulatina da proposta evolucionista nos moldes que propôs teria repercussão tanto na história natural e na genética, mas também em áreas aparentemente pouco relacionadas, como a psicologia e a antropologia, estimulando nelas novos desenvolvimentos.

Pouco mais de dez anos após *A origem das espécies*, Huxley escreveu sobre a importância do evolucionismo como um conceito unificador, um processo semelhante à consolidação dos princípios newtonianos, a despeito de sua polêmica inicial.

The gradual lapse of time has now separated us by more than a decade from the date of publication of *The origin of species* – and whatever may be thought or said about Mr. Darwin's doctrines, or the manner in which he has propounded them, this much is certain, that, in a dozen years, *The origin of species* has worked as complete a revolution in biological science as the *Principia* did in astronomy – and it has done so because, in the words of Hemholtz, it contains “an essentially new creative thought”.⁶⁴

A comparação entre Darwin e Newton é válida, pois o último propôs um modelo para uma expressiva interpretação de uma massa de informações não necessariamente relacionadas sobre o universo físico, ao passo que Darwin promoveu semelhante préstimo dando à biologia certa unidade, mesmo que por vezes, conceitual e filosófica. Indubitavelmente, este tipo de organização e transformação do conhecimento serviu como modelo para Wells pensar suas grandes sínteses.

Desta forma, a fascinação por Huxley pode ser entendida como resultado de sua personalidade e reputação, algo que certamente resultou em admiração pessoal por parte dos estudantes que com ele conviviam, pela experiência da companhia de uma pessoa ilustre e de estar de alguma forma associado aos debates no centro intelectual de sua área de conhecimento. Porém, é possível afirmar que esta admiração está, de maneira mais central, relacionada à abordagem sintética e sistemática que Huxley dava a massa de conhecimentos com os quais lidava, uma

⁶⁴ HUXLEY, Thomas. “Mr. Darwin's critics”. In: *Contemporary Review*. XVIII, November 1871, p. 443.

abordagem assaz diferente da qual Wells estava habituado em suas experiências intelectuais anteriores.

Rosalyn Haynes indica que Huxley acreditava que uma efetiva educação científica deveria estar acompanhada de dois propósitos elementares: inculcar a ideia de causalidade, aproveitada posteriormente por Wells, e promover uma visão totalizante do universo como fenômeno conhecido pela ciência: sua uniformidade, diversidade, imensidão e, igualmente, suas limitações.⁶⁵ O próprio Wells descreve seu curso de biologia como “a vivid, sustained attempt to see life clearly and to see it whole, to see into it, to see its interconnexions, to find out, so far as terms were available, what it is, where it came from what was doing, and where it was going.”⁶⁶ Enfim, passado e futuro aparecem encapsulados em sua visão cósmica sobre o fenômeno da vida.

Mesmo tendo a intenção de continuar estudando zoologia sob os auspícios de Huxley, e de ter completado todo o currículo básico exigido, Wells falhou nos exames finais de física e geologia, em 1887.⁶⁷ De toda forma, deu continuidade a seus estudos, produzindo uma série de artigos científicos nos anos subsequentes, principalmente até a publicação de *A máquina do tempo*, em 1895, e alguns outros mais entre os anos em que produziu sua melhor ficção científica. Estes artigos, que no conjunto de sua obra costumam ser menosprezados por seus analistas (alguns perdidos e outros nunca reimpressos além de suas edições originais), tidos como de pouca significação em face de sua literatura, imaginativa e popular, são de fundamental importância para compreender a dinâmica de suas ideias e como elas circulam no ambiente intelectual em que adquiriam significado.

Em 1893, Huxley proferiu uma palestra preparada para a *Romanes Lecture*, um evento público anual no *Sheldonian Theatre*, em Oxford, organizado pelo biólogo George Romanes e destinado à popularização da arte, da literatura e da ciência. Seu

⁶⁵ HAYNES, Rosalyn. *H. G. Wells discoverer of the future*. New York: New York University Press, 1980, p. 15.

⁶⁶ WELLS, H. G. *Experiment in autobiography*, p. 210.

⁶⁷ David Smith publicou em suas notas finais o boletim de Wells na *Normal School of Science*, provavelmente encontrado em seus arquivos pessoais na Universidade de Illinois. Nele é possível perceber boas notas gerais, e a condição de primeiro da classe em zoologia e biologia celular, matérias cursadas em 1884 e 1885. Ver SMITH, David. *H. G. Wells Desperately mortal*, p. 499. Em sua autobiografia, Wells condenou os métodos e a relação com o conhecimento de seus professores pós-Huxley: Frederick Guthrie de física e John Wesley Judd de geologia, ambas reconhecidas sumidades em suas áreas. Seu diploma (*B. Sc. - Bachelor of Science*) foi obtido apenas em 1890 quando realizou os exames complementares na *University of London*.

título: *Evolution and ethics*. A proposta foi expor de uma maneira sintética e organizada os princípios elementares de seu pensamento evolucionista. Anos antes, em 1891, Huxley chegou a especular em *Administrative nihilism*⁶⁸ sobre o que chamou de “imoralidade” e “dor inevitável” relacionadas ao processo evolutivo, mas a questão só foi definitivamente explorada mesmo em *Evolution and ethics*, que, apesar de sua aspiração sinóptica, provavelmente não cumprida, tornou-se referência importante para o debate sobre o evolucionismo e, como veremos, influenciou de maneira relevante os textos posteriores de Wells.

Neste artigo está delineado o conceito de “evolução ética”, que John Partington chamou de “a mais original contribuição de Huxley para a filosofia da ciência”, uma contribuição que além de resumir seu pensamento propunha uma solução para a recorrente questão malthusiana,⁶⁹ que projetava uma superpopulação humana a partir de uma progressão geométrica, em relação a uma inversamente proporcional disposição de recursos alimentícios. Para Huxley, o futuro humano enquanto espécie deveria passar por um processo evolutivo direcionado, o que incluía um controle populacional, operado orquestradamente em “bases éticas”.⁷⁰

No entanto, não era o controle populacional, como sugere Partington, o objeto central da proposta de Huxley, mas sim um processo de conscientização geral a respeito de como operam os mecanismos evolutivos aplicados à natureza, e sua relação com um possível processo essencialmente humano que, apesar de submetido às mesmas leis gerais, pode ser direcionado eticamente. Em suas palavras, esta relação não respeita necessariamente a ideia da sobrevivência do mais apto⁷¹, mas sim dos que melhor cooperam, e pode ser resumida nos seguintes termos: “Social progress means a checking of the cosmic process at every step and the substitution for it of another, which may be called the ethical process; the end of which is not the survival of those who may happen to be the fittest [. . .] but of those who are ethically the best”.⁷²

⁶⁸ HUXLEY, Thomas Henry. “Administrative nihilism”. In: *Collected essays*. Vol. 1. London: Macmillan & Co., 1901, p. 251-289.

⁶⁹ Sobre a influência do pensamento malthusiano na configuração do darwinismo social em fins do XIX ver WILLIAMS, Raymond. “Social Darwinism”. In: *Culture and materialism*. London: Verso, 2005, p.87.

⁷⁰ PARTINGTON, John S. “The death of static: H. G. Wells and the Kinetic Utopia”. In: *Utopian Studies* 11. Nº. 2, p. 96-111.

⁷¹ “Survival of the fittest”, termo cunhado pelo sociólogo britânico Herbert Spencer para estabelecer a relação entre os princípios darwinistas naturais e sua aplicação social.

⁷² HUXLEY, Thomas. *Evolution and ethics and other essays*. London: Macmillan and Co., 1895, p. 80.

Huxley propunha compreender os passos do que chamou de “cosmic process”, de maneira que seus métodos pudessem ser manipulados em prol do melhoramento social humano. Este processo cósmico se aplicaria aos reinos das plantas e animais, os quais estabelecem uma luta orgânica pela sobrevivência. Já o “ethical process” estaria relacionado ao controle racional e organizado deste desenvolvimento. Em essência, Huxley rejeitou a premissa de uma existência humana exclusivamente gladiatória, pois existiriam condições intelectuais e materiais para que o ser humano, ao invés de projetar um embate pela sobrevivência do mais apto, se tornasse cooperativamente cada vez mais hábil a sobreviver enquanto espécie:

Cosmic evolution may teach us how the good and evil tendencies of man came about; but in itself it is incompetent to furnish any better reason why what we call good is preferable to what we call evil than what we had before (...) The practice of that which is ethically best – what we call goodness or virtue – involves a course of conduct which, in all respects, is opposed to that which leads to success in the cosmic struggle for existence... Its influence is directed not so much to survival of the fittest as to the fitting of as many as possible to survive. Let us understand once and for all, that the ethical progress of society depends not on imitating the cosmic process, still less on running away from it, but in combating it.⁷³

Esta relação entre estes dois processos evolutivos e suas implicações aparecem de maneira mais substancial em um artigo de Wells chamado *Human evolution, an artificial process*, de 1896. Sua proposta está em discutir as implicações conceituais da concepção evolutiva encontrada no popular ensaio sociológico de Benjamin Kidd, *Social evolution* (1894). Para Wells, Kidd acreditava que a seleção natural estava diretamente ligada às qualidades morais intrínsecas ao ser humano, e que seria, portanto, um resultado direto deste conjunto de princípios. Assim sendo, em estrita conjectura, a seleção natural seria uma seleção para a morte. No intuito de “clarear a questão”, para utilizar uma expressão empregada no debate com Benjamin Kidd, Wells segue os princípios huxleyanos, ressaltando a atualidade histórica deste tipo de proposição: “the evolutionary process now operating in the social body is one essentially different from that which has differentiated species in the past and raised man to his ascendancy among the animals. It is a process new in this world’s history.”⁷⁴

⁷³ *Idem. Ibidem*, p. 80-82.

⁷⁴ WELLS, H. G. “Human evolution, an artificial process”. In: *Fortnightly Review*. n. 60, oct.1896, p. 590.

1.2.1 – A rigidez do universo e a unicidade do ser

A partir da marcante presença das teorias evolucionistas como centrais para o pensamento biológico do jovem Wells e seus contemporâneos, é possível observar também uma reorientação das concepções de tempo e espaço em seus textos. Esta premissa de que as espécies têm uma influência direta no desenvolvimento biológico umas das outras reabre, de maneira decisiva, a questão da relação do ser humano com (o restante da) a natureza e mesmo com o universo. Desta forma, a ideia de isolamento (um conceito espacial, em si), principalmente o isolamento humano, torna-se anacrônica e, do ponto de vista científico, obsoleta. Segundo a interpretação evolucionista, nenhum lugar, nem mesmo uma ilha distante, está isenta do processo de seleção natural, o que pode promover uma comparação entre dois espaços geográficos, por mais distantes que eles estejam. Definitivamente, sob estas premissas, quando Wells propôs posteriormente uma história concebida a partir de um arranjo universal, foi este princípio evolutivo que embasou sua concepção sobre a história humana ser única.⁷⁵

Se esta conexão entre as distâncias espaciais se tornou uma questão importante a partir da proposta darwinista, expandir o escopo temporal também se tornou fundamental. Primeiramente, pelo mais óbvio dos motivos, ou seja, para que a teoria da seleção natural se configure plausível é fundamental que a idade do planeta e o tempo evolutivo a partir do surgimento da vida tenham que necessariamente ser mais antigos do que se supunha até então; mas também porque a aplicação destas teorias pressupunha uma visão de tempo biológico e histórico como um todo, encorajando uma abordagem panorâmica da história natural da Terra e, em menor escala, do tempo do desenvolvimento das espécies, inclusive a humana.

Um dos principais empecilhos à aceitação das teorias darwinistas estava justamente nas limitações impostas ao imaginário popular pelos textos sagrados, cada qual, em sua particular cosmogonia, propondo uma origem do mundo e da vida, a partir de uma datação que não extrapolaria aquilo que, em comum, se poderia

⁷⁵ Um exemplo notável da aplicação desta premissa darwinista está em um de seus mais populares romances científicos, *A guerra dos mundos* (1898), no qual invasores marcianos, tecnológica e biologicamente mais evoluídos que os humanos, entram em guerra conosco ao invadir o planeta Terra. Em determinado trecho, Wells os trata como nossa imagem de futuro evolutivo, e sugere ao leitor que esta é uma guerra pela sobrevivência biológica de uma das espécies que, enfim, compartilham o mesmo espaço cósmico. Sobre esta explanação, ver “Livro I – A chegada dos marcianos”. In: WELLS, H. G. *A guerra dos mundos*. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.

acreditar como a identificação dos registros humanos mais antigos. Darwin recorre, em *A origem das espécies*, a uma série de argumentos geológicos, especialmente a partir dos *Principles of geology* (1833) de Charles Lyell, e também a uma série de cálculos, baseados na observação de fenômenos de erosão natural nas falésias brancas da costa sul inglesa. Seus apontamentos indicavam que aquela formação geológica em particular teria mais de 300 milhões de anos, uma visão temporal cósmica, à época, difícil de ser imaginada, mesmo para uma mente cientificamente treinada.⁷⁶

Esta perspectiva cósmica está presente em dois dos mais importantes artigos desta fase em que o jovem Wells especulava sobre filosofia da ciência: *The discovery of unique* e *The universe rigid*. Ambos foram escritos em 1891 e submetidos ao seu editor, Frank Harris, no *The Fortnightly Review*. De alguma maneira, eles abarcam uma série de questões chave para a compreensão das considerações posteriores de Wells sobre o passado e futuro da raça humana, seja em sua ficção científica ou nos seus textos utópicos e sociais, sugerindo, ainda que involuntariamente, elementos de uma filosofia (a princípio naturalista) da história.

O primeiro deles, *The Discovery of unique*, tem como tema central a proposta da unicidade dos fenômenos, baseando esta generalização tanto em seus estudos em ciências naturais, como na observação de senso comum sobre o fato de dois objetos ou eventos, dois fenômenos quaisquer, submetidos a uma investigação metodológica, revelarem que apesar da semelhança são em si diferentes. Qualquer elemento da natureza, observado mais atentamente e sob determinados critérios, se torna único: “In a sentence it is, *all being is unique*, or, nothing strictly like anything else. It implies, therefore, that we only arrive at the idea of similar beings by an unconscious or deliberated disregard of infinity of small differences”.⁷⁷

Assim, seguindo as mesmas premissas, por exemplo, do sistema classificatório dos geólogos, um tipo de mineral, como Wells aprendeu em suas aulas com o

⁷⁶ O cálculo de Darwin, mais precisamente, chegou a 306.622.400 anos. Ver BURCHFIELD, Joe D. “Darwin and the dilemma of geological time”. *Isis*, vol. 65, n. 3, sept. 1974, p. 300-321. Um estudo bastante interessante sobre as mudanças na concepção temporal na modernidade, a partir das descobertas científicas, foi apresentado por Paolo Rossi em *Sinais do tempo: história da Terra e história das nações, de Hook a Vico* (São Paulo: Cia das Letras, 1992).

⁷⁷ WELLS, H. G. “Rediscovery of unique.” In: *Fortnightly Review*. Nº.50, 1891. Publicado como apêndice em PHILMUS, Robert; HUGHES, David. *H. G. Wells: early writings in science and science fiction*. Berkley: University of California Press, 1975. P. 22-31. (Grifo do autor)

professor Judd em South Kensington, difere de outro por insensíveis gradações.⁷⁸ Uma espécie de planta ou animal se sobrepõe a outra pelo mesmo mecanismo. Esta condição se aplica, portanto, aos átomos, até então as menores partículas da matéria, bem como aos fenômenos do universo, inclusive aos humanos. Em outro trecho, Wells faz uma espécie de alusão a nossa forma de perceber o tempo a partir de um modelo fragmentado e matemático, que não contribui para a consideração desta unicidade. Para ele:

When a man speaks of a thousand of bricks, he never dreams that he means a unique collection of uniques that his mind cannot grasp individually. When he speaks of a thousand years, the suspicion never crosses his mind that he is referring to a unique series of unique gyrations on the part of the earth we inhabit; and yet, if he is an educated man, he knows perfectly well that the shape of earth's orbit and the earth's velocity are things constantly changing! He is inoculated with the arithmetical virus; he lets a watch and a calendar blind him to the fact that every moment of his life is a miracle and a mystery.⁷⁹

O outro ensaio, *The universe rigid*, nunca foi publicado e infelizmente se perdeu. Seu editor na *Fortnightly*, Frank Harris, o chamou para uma reunião após receber o original e lhe disse ser impublicável, pois era praticamente incompreensível. No entanto, como sugere Warren Wagar, em tom investigativo sobre seu conteúdo, *The universe rigid* complementa alguns argumentos do texto anterior. Esta rigidez da qual fala Wells está relacionada à forma determinada como os fenômenos acontecem, em uma espécie de linha reta, em uma realidade de múltiplas dimensões, desde a gênese do ser cósmico até sua extinção, na qual os eventos ocorrem e continuarão ocorrendo de uma forma, e não de outra qualquer.⁸⁰

Esta rigidez não é completa, por isso talvez a palavra “determinado” não possa ser aplicada com exatidão, pois a cada momento oportunidades de mudança existem efetivamente, e em cada uma delas um conjunto de causas, escolhas ou ações geram alguns resultados específicos.⁸¹ Porém, de um ponto de vista cósmico, todos os

⁷⁸ *Idem. Ibidem.* p. 24. Como pude verificar, em seu artigo original, Wells menciona diretamente John Wesley Judd na versão manuscrita que se encontra em seus arquivos pessoais na Universidade de Illinois. Todavia, na versão final publicada, o nome de Judd foi substituído por “one of the most eminent of living geologists”.

⁷⁹ *Idem. Ibidem.* p. 26.

⁸⁰ WAGAR, Warren. *H. G. Wells traversing time*. Middletown: Wesleyan University Press, 2004, p. 32.

⁸¹ É tentador e ao mesmo tempo algo anacrônico comparar as supostas ideias contidas em *The universe rigid* ao modelo determinista proposto pelo astrônomo e matemático francês Pierre Simon

eventos – cada um único em si – se mostram no *continuum* espaço temporal como consequência de eventos prévios – estes também únicos em si. Desta forma, o universo é “rígido” no sentido de ser predeterminado a cada instante. Desta forma, o ser humano, em seu desafio de construir seu próprio futuro, é resultado irrevogável de suas escolhas realizadas, seja no tempo passado ou no futuro. Passado e futuro seriam seguimentos da mesma singular linha do tempo, diferindo um do outro de acordo com a posição do observador.⁸²

Apesar de Wells ter proposto esta ideia de um diagrama universal em certo tom de brincadeira, como ele mesmo admitiu em sua autobiografia, uma grande hipótese da qual poderiam derivar várias linhas de raciocínio, a questão central sobre a rigidez e uniformidade universais não foram abandonadas como princípio intelectual, o que pode ser identificado em diversas outras aplicações posteriores.⁸³ Os dois conceitos em si, o de uma rigidez que pré-determina os eventos e fenômenos, e a unicidade que os caracteriza como únicos, singulares e não repetíveis são aparentemente contraditórios, na medida em que logicamente se excluem enquanto possibilidades: se um fenômeno é determinado, aprioristicamente concebido, as possibilidades de mudanças ocasionais geradas por sua natureza singular também seriam determinadas e, neste sentido, a unicidade estaria subordinada à sua predestinação. Porém, como veremos, é justamente na incompreensão (indiferença, ou mesmo ignorância) desta contradição é que repousa boa parte dos desentendimentos ou incongruências na análise do pensamento wellsiano.

A posição defendida em *Rediscovery of unique* implica não apenas na concepção de uma “individualidade” em cada coisa, mas também alude para a

Laplace (1749 – 1827), no qual o estado presente do universo é efeito direto de seu passado e está diretamente relacionado ao seu futuro, em um grande movimento único, cujo intelecto humano simplesmente não consegue abstrair, mas que seria o segredo do conhecimento **objetivo** das diferentes temporalidades. “The present state of the system of nature is evidently a resultant of what was in the preceding instant, and if we conceive of an Intelligence who, for a given moment, embraces all the relations of beings in the Universe. It will be able to determine for any instant of the past or future their respective positions, motions, and generally their affections”. HAHN, Roger. *Laplace as a Newtonian scientist*. Los Angeles: W. A. Clark Memorial Library, 1967, p. 17.

⁸² *Idem. Ibidem.* p. 33.

⁸³ Ao comentar seu insucesso em expor em termos objetivos suas ideias sobre a física em sua época de estudante, as breves palavras de Wells sobre seu ensaio não publicado são as seguintes: “The universe rigid gave me a frame for my first scientific fantasia, *The time machine*, and there was moreover a rather elaborate joke going on about a certain ‘Universal diagram’ I proposed to make, from which all phenomena would be derived by a process of deduction. (One began with a uniformly distributed ether in their infinite space of those days and then displaced a particle. If there was a Universe rigid, and hitherto uniform, the character of the consequent world would depend entirely, I argued along strictly materialist lines, upon the velocity of this initial displacement. The disturbance would spread outward with ever increasing complication)”. WELLS, H.G. *Experiment in autobiography*, p. 172.

possibilidade de uma eventual autodeterminação para as mesmas coisas, na medida em que o conceito de unicidade não exclui ou contradiz a ideia de um universo rígido. O que Wells propõe é que elas se complementam, pois constituem dois pontos de vista para a mesma questão, cada um representando um foco de percepção. De um ponto de vista cósmico, absoluto, tempo e espaço são concebidos a partir de leis naturais que os governam inexoravelmente, determinando sua forma e curso. De um ponto de vista humano, passado e futuro, independente das formas que assumem, podem ser formulados em alguma medida a partir dos esforços humanos em promover esta determinação, ou seja, as leis evolutivas podem ser moldadas e direcionadas por uma intervenção intencional, e não necessariamente se desenvolvem apenas naturalmente, seguindo um fluxo orgânico e espontâneo, conforme acreditavam alguns darwinistas sociais, como Herbert Spencer. Eis, para Wells, os princípios de uma concepção de tempo composta por estratos, que neste caso, ao dialogarem e se complementarem, formam uma visão da história em que o cósmico e humano são interdependentes, e só desta forma adquirem sentido.

Concomitantemente, a possibilidade de uma rigorosa exploração das temporalidades humanas está implícita nesta premissa celebrada em *The universe rigid*, que Wells considera um dos fundamentos da ciência moderna: todos os eventos foram causados por eventos anteriores, e este conjunto causal, sendo *universal*, torna o passado também inteligível, uma vez que (...)“in absolute fact the future is just fixed and determinated, just as settled and inevitable, just has possible a matter of knowledge as the past”.⁸⁴ Os eventos do ano 2.500 a.C. não seriam menos passíveis de conhecimento objetivo do que os ocorridos no ano 500 a.C. Para tanto, seria fundamental conhecer as *causas* relevantes que intervíram neles diretamente. Wells acreditava que tal relação entre as causas e a natureza dos eventos seria cada vez mais iluminada pela moderna geologia e arqueologia, aliadas ao conhecimento sistemático da evolução da vida e do planeta, uma abordagem que passa a ser aplicada às primeiras civilizações humanas e que, nestes termos, era praticamente impossível de ser pensada até a primeira metade do século XIX.⁸⁵

⁸⁴ WELLS, H. G. *The discovery of the future*. London: Jhonatan Cape, 1913, p.22-23.

⁸⁵ Ainda em *The discovery of future*, ensaio apresentado à *Royal Society* de Londres, em 1902, Wells propõe que esta relação entre passado e futuro seria possível seguindo os exemplos de abordagem (e não os métodos) das ciências naturais, nas quais a aplicação racional de alguns princípios puderam chegar a um conhecimento objetivo. Ele afirma que químicos puderam antecipar os comportamentos das moléculas, astrônomos o movimento dos corpos celestiais, meteorologistas, o clima. “Por que não podemos usar a mesma mentalidade para prever o futuro da humanidade?” Por que, a partir de um

Ao propor duas visões tecnicamente em conflito conceitual, como resultado de diferentes pontos de vista – ou pontos de partida (“standpoints”, é o termo que Wells usa com recorrência) – alguns elementos fundamentais de seu ideário científico podem ser compreendidos. Em um ensaio de 1891, *Zoological retrogression*, no qual discute as possibilidades de degeneração em algumas espécies e contraria a visão progressiva em evolução, Wells usa o termo “opposite idea” não como sinônimo de antítese ou mesmo negação, mas no sentido de um complemento essencial que une as ideias.⁸⁶ Posteriormente, em um de seus últimos textos em que discute a natureza do pensamento científico, *The scepticism of the instrument* (1904) Wells critica a lógica formal como modelo organizador da ciência de sua época, visto que este é um tipo de raciocínio que exclui a possibilidade de complementaridades. A objeção aos “logicians” está na sua incapacidade de olhar ao mesmo tempo para diferentes ideias, colocando uma por uma em um único plano e criando nelas antinomias em situações em que, por vezes, elas nem existem.⁸⁷

Em 1934 Wells comentou ter lido com interesse o livro do físico alemão Max Planck, *Where is science going?* prefaciado por Albert Einstein e editado por um dos mais respeitáveis jornalistas científicos ingleses, Sir James Murphy. O interesse em si se deu primeiramente pelo fato de dois dos mais importantes físicos de sua época precisarem de um livro explicativo sobre determinados enunciados científicos consolidados, em especial relacionados à relatividade e à teoria quântica, que apesar

grupo de *experts* em cada área, não podemos adquirir “an ordered picture of the future that will be just as certain, just as strictly science, and perhaps just as detailed as the Picture that has been built up within the last hundred years of the geological past”. *Idem. Ibidem.* p. 26-27.

⁸⁶ WELLS, H. G. *Zoological retrogression*. Gentleman's magazine, 271, sept. 1891, p. 246-253.

⁸⁷ *The scepticism of the instrument* foi um artigo concebido um ano antes de sua primeira publicação, ou seja, em 1903, para um encontro na *Oxford Philosophical Society*, um ambiente que descreveu em sua autobiografia como “notadamente hostil às suas ideias” sobre a formação do pensamento científico, e que em essência formaram um conjunto de argumentos que revivem *The rediscovery of unique* de uma maneira mais objetiva. Além disso, seu título se refere a uma necessária abordagem cética em relação ao “instrumento” em questão, a saber, nosso próprio cérebro, falível e contraditório. A versão definitiva de *The scepticism of the instrument* foi publicada na coletânea de ensaios *First and last things: a confession of faith and rule of life* (London: Archibald Constable, 1908, p. 10-13), e após revisões se transformou em dos capítulos de *A modern utopia* (1905), romance utópico que analisarei no capítulo 3. Em *The rediscovery of unique* (p. 28), encontramos argumento semelhante sobre a falibilidade lógica, mesmo nas ciências naturais, que recorrem à experimentação como método, na medida em que valorizam as constâncias e desprezam as mínimas variáveis. “We may here call attention to the unreasonable width of ‘margin of experimental error’ allowed to scientists. They assert, for instance, in illustration of this atomic theory of theirs, that in water, hydrogen and oxygen invariably exist in the definite and integral ratio of one to eight. Any truthful chemist, if the reader can get one and ‘heckle’ him, will confess that the most elaborate and accurate analyses of water have given fractional and variant results; the ratio of the compounds gets wrong, theoretically speaking, sometimes to the left of the decimal place. (...) At the beginning a student is naïve – honest; but presently he gets into the way of manipulating his apparatus – a laboratory euphemism.”

de ditarem as tendências intelectuais nos estudos físicos, eram constantemente fruto de desconsideração ou má interpretação. Duas questões foram ressaltadas: a indeterminação enquanto premissa teórica e a inseparável relação entre a ideia de causalidade e o trabalho científico. Wells aproveita o ensejo para demonstrar novamente, anos depois de seus primeiros ensaios sobre o tema, que unicidade e lei causal podem ser harmonizadas pela simples observação, pois embora não existam duas causas ou efeitos idênticos, elas produzem a causa e o efeito mais semelhante possível. Enfim, advoga o postulado de que no mundo natural existem apenas similaridades aproximadas. O mesmo se aplica à necessidade que temos em estabelecer classificações, uma forma artificial e, por vezes, inoperante de organização do conhecimento, pois reunir em determinados grupos elementos, fenômenos ou eventos que apenas se aproximam não faria sentido, pelo menos quando são observados com maior precisão, ou seja, classificar é apenas uma forma de esquematização e racionalização de realidades, em última instância, incompreensíveis.⁸⁸

Na tentativa de uma compreensão mais apurada sobre a aproximação de diferentes pontos de vista no pensamento wellsiano, Philmus e Hughes associam a relação entre unicidade e causalidade com o conceito de “complementaridade” tal qual formulado por Niels Bohr para a teoria quântica no seu *The quantum postulate and the recent development of atomic theory*, de 1927. Seu significado está relacionado a diferentes abordagens, ou *standpoints*, como necessárias para revelar todos os aspectos de um mesmo fenômeno e o resultado destas abordagens experimentais são “complementares”, antes de serem mutuamente excludentes.⁸⁹

Claramente, Wells propõe desconstruir alguns pilares da ciência moderna enquanto sugere que a similaridade tácita e a complementaridade possam substituir um modelo no qual a experimentação baseada apenas em critérios lógicos e a classificação por “afinidades” são marcas indeléveis. Seu argumento parte do princípio

⁸⁸ WELLS, H. G. *Experiment in autobiography*, p. 178-180.

⁸⁹ PHILMUS, Robert; HUGHES, David. *Opus Citatum*. p. 6. Em outro livro, Bohr aborda diretamente a questão da complementaridade nos seguintes termos: “(...) the fundamental postulate of the indivisibility of the quantum of action... forces us to adopt a new mode of description designated as *complementary* in the sense that any given application of (some) classical concepts (of physics) precludes (“because the coupling of between phenomena and their observation”) the simultaneous use of other classical concepts which in a different connection are equally necessary for the elucidation of the phenomena (*Grifo do autor*). Ver BOHR, Niels. *Atomic theory and the description of nature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1934, p. 10.

de que a desconfiança (seja dos nossos sentidos ou em relação às nossas próprias limitações) é a base necessária para o método científico, o que acaba por repudiar a tradição e a autoridade em qualquer aspecto. De fato, o caráter antiautoritário em sua concepção sobre ciência teve um lastro importante em sua vida intelectual e pessoal, refletido em uma natureza rebelde e pouco afeita a submeter-se ao poder constituído, seja como ele se apresentasse, nota que podemos perceber também em seus textos políticos e sociológicos. A mesma atitude questionadora das hipóteses científicas correntes é uma das características mais importantes de seus romances científicos, nos quais as mais impressionantes suposições não são mais isentas de crítica e desconsideração do que qualquer postulado político ou religioso, pois, para Wells, aquele que aceita de forma crente e passiva a autoridade do discurso da ciência como algo absoluto e infalível está distante de compreender a verdadeira natureza do método científico.

1.2.2 – Nominalismo e realismo

Embora a nenhum leitor, mesmo iniciante, passe despercebida a influência recorrente do binômio ciência/tecnologia na literatura wellsiana, entre seus críticos e comentadores o papel que o conhecimento de natureza científica possui em seus textos recebe diferentes abordagens. Em determinados momentos, ressaltam simples influência relacionada à sua formação estudantil, restrita ao uso vocabular e pontual de uma determinada retórica científica, pouco plausível e, neste sentido, dificilmente verificável do ponto de vista experimental. Em outros, simplesmente tratam a ciência em seus textos, especialmente os literários, como um conjunto de elementos mitopoéticos cujo sentido não está na relação que este discurso guarda com o contexto tecnocientífico de sua produção, mas que funciona como um recurso de suspensão da credulidade que tem por função transmitir sensação de veracidade a um enredo, mesmo sabendo-se fantasioso, para tratar de questões de outra natureza como elemento principal. Ambas as abordagens, de uma forma ou outra, acabam em sua essência por diminuir a habilidade científica em Wells, atribuindo ao seu trabalho a alcunha de fantástico, interessante, cativante, mas não mais que fantasia.

Mesmo assim, partindo do princípio de que o papel da ciência tem relevância fundamental na compreensão das ideias identificadas e contextualizadas a partir de suas obras, cabe insistir na questão a respeito do quão consistentes são seus argumentos científicos, como se apresentam e até que ponto é possível identificar na sua obra a influência do método científico.

Primeiramente, sua formação inicial permite afirmar que suas qualificações técnicas enquanto cientista, ainda que não diretamente ligado ao universo acadêmico, são relevantes e indispensáveis para esta pesquisa. Mesmo tendo sido reprovado em seus exames finais, cujos motivos estão muito mais relacionados aos seus interesses imediatos naquele momento em tornar-se escritor, Wells demonstrou em seus artigos conhecimento substancial nas matérias em que não foi bem sucedido.

Apesar de ter completado os estudos e conquistado seu *Bachelor of Science* no início do século XX, obteve seu doutorado em biologia pela London University apenas no final dos anos 1930, com a tese *On the quality of illusion in the continuity of the individual life in the higher metazoa, with particular reference to the species Homo Sapiens*, texto praticamente desconhecido e que vários de seus analistas ignoram existir. Vincent Brome resalta que esta titulação provocou um sabor particular pela aceitação em determinados círculos que antes observavam suas ideias com desconfiança, especialmente pela ausência de suas credenciais acadêmicas, e reproduz o que seriam as palavras de Wells após sua titulação: “That ‘ll show the bastards... that ‘ll show them”, provavelmente se referindo, segundo Brome, aos membros da *Royal Society*, obrigados a aceitar Wells em seus quadros.⁹⁰

Entretanto, apesar de não figurar oficialmente como filiado desta instituição, Wells não deixou de frequentá-la enquanto convidado. Já foi mencionada a apresentação feita em 1902 de *The discovery of future*, uma honraria exclusiva destinada a reconhecidos especialistas. O texto desta conferência, antes de ser publicado em forma de livro, foi reproduzido pela *Nature* (fevereiro de 1902) e pelo boletim *Smithsonian*, também de 1902, ambas publicações científicas respeitadas. Wells contribuiu com outros periódicos e instituições em diversas oportunidades enquanto “especialista” ou denominação equivalente, em outras palavras, alguém se expressando com precisão e habilidade dignas de uma pessoa com formação

⁹⁰ BROME, Vincent. *H. G. Wells: a biography*. London: House of Stratus, 2001, p. 209.

científica compatível. É notória sua contribuição para a *Encyclopaedia Britannica* a respeito do verbete “relações internacionais” na edição de 1925.

Além deste reconhecimento formal, é possível encontrar declarações relativamente recorrentes de “homens da ciência” atestando as qualidades científicas encontradas em Wells. Um exemplo ressaltado por Haynes está na carta enviada à Arnold Bennett por Ray Lankester. A relação pessoal e profissional entre Wells e Lankester foi extensa e profícua, tendo como maior prova a sua participação como consultor nos temas naturalistas abordados na *História Universal*. Entre seus argumentos sobre a importância de Wells para a literatura inglesa de sua época, Lankester atesta a Bennett que sua contribuição está igualmente na consistência de seus argumentos racionais, que, mesmo quando confrontados, jamais se abalam mediante as exigências das mais sensíveis mentes científicas.⁹¹

Por ocasião da publicação de *Antecipations*, em 1901, Lankester escreveu uma resenha no ano seguinte na revista *Nature*, cujo trecho a seguir ilustra com maior propriedade as credenciais técnicas que observara em Wells, associando termos como “precisão científica” e “dentro dos limites daquilo que a crítica científica admite como possível”, bastante significativos na compreensão dos recursos utilizados por Wells na relação entre ciência e sua literatura.

Mr. Wells has a thorough knowledge of and considerable training in, the great branches of science – physics, chemistry, astronomy, geology and biology. This course of study operated, in the case of Mr. Wells, upon a mind naturally gifted with an extraordinary vivid imagination (...) the really wonderful range of knowledge (...) the *scientific accuracy* of the abundant details, the absolute restraint of the weird histories recounted, *within the limits of what scientific criticism must admit as possible* – nay, even probable, given the one initial miracle of anyone having and recording experience of such things – lend a special charm to Mr. Wells's writing wanting in those of all other masters of this kind of a literary craft from Swift to Jules Verne.⁹²

Outro exemplo, desta vez de alguém não próximo a Wells, está no comentário do físico Ludwig Silberstein sobre a metafórica antecipação de alguns princípios básicos da teoria da relatividade identificados em *A máquina do tempo*:

⁹¹ Carta de Agosto de 1901 publicada em WILSON, Harris. *Arnold Bennett and H. G. Wells: a record of a literary friendship*. Champaign: University of Illinois Press, 1960, p. 59. Citada em HAYNES, Rosalyn. *H. G. Wells discoverer of future*, p. 40.

⁹² LANKESTER. E. R. “The present judge by the future.” In: *Nature* LXV. Supplement, May 1902, p. 4-5. (Grifo do autor)

It is interesting to remark that even the forms used by Minkowski to express these ideas, as ' Three-dimensional geometry becoming a chapter of the four-dimensional physics,' are anticipated in Mr. Wells' fantastic novel. Here is another sample illustrative of what is now called a world-tube: 'For instance, here is a portrait [or, say, a statue] of a man at eight years old, another at fifteen, another at seventeen, another at twenty-one, and so on. All these are evidently sections, as it were, Three-Dimensional representations of his Four-Dimensioned being, which is a fixed and unalterable thing.' Thus, Mr. Wells seems to perceive clearly the absoluteness, as it were, of the world-tube and the relativity of its various sections.⁹³

Silberstein aproveita uma das sentenças iniciais apresentadas pelo Viajante temporal sobre o tempo e o espaço serem igualmente dimensões da matéria (*There is no difference between Time and Space except that our consciousness moves along it*), para discorrer sobre a confirmação desta ideia como uma hipótese verificável em seus cálculos, com o intuito de exemplificar o que os físicos quânticos chamam de *world-tube*.

Partindo destes princípios, a crítica recorrente feita a Wells sobre a validade ou precisão de seu discurso científico é difícil de ser compreendida. Especialmente se constataremos que durante as décadas posteriores à sua morte, esta foi a tônica das abordagens dedicadas à sua obra ou a partes dela. Esta diversidade de opiniões é o resultado, na maioria dos casos, de uma incompreensão fundamental encontrada em críticos não familiarizados com o fazer científico em suas condições gerais. Wells concebia o progresso da ciência a partir da relação entre dois conceitos que identificou no medievo, o nominalismo e o realismo, duas posições geralmente consideradas opostas. Ele mesmo apresenta em sua enciclopédia sobre economia e trabalho uma clara definição de ambos.

A essência da grande disputa entre nominalismo e realismo, que já se iniciara no debate grego entre o Único e o Muito, (...) pode ser definida em alguns parágrafos. Já observamos que há três modos de julgar as palavras; podemos julgá-las mais verdadeiras que o fato, menos verdadeiras que o fato, ou *exatas*, isto é, coincidindo com o fato. Para o Realista a palavra era mais verdadeira que o fato; para o Nominalista o fato era mais verdadeiro que a palavra. (...) Essa suposição de que

⁹³ SILBERSTEIN, Ludwig. *Theory of relativity*. London: Macmillan and Co., 1914, p. 134. Silberstein faz menção ao físico e matemático alemão Hermann Minkowski, que na década de 1910 foi um dos primeiros a estabelecer as bases matemáticas que permitiram desenvolver a hipótese do tempo ser uma das dimensões da matéria. Por isso, a referência ao tempo quadridimensional é por vezes, denominada "*Minkowski spacetime*".

um nome tem qualquer coisa de real e quintessencial em si mesmo, de que há, por exemplo, um carneiro perfeito e ideal, acima de todos os carneiros individuais, é a essência do Realismo filosófico. A admissão de que o nome não passa de uma simples etiqueta posta sobre um conjunto de sinais mais ou menos similares é a essência do Nominalismo. (...) O Realista acreditava que todos os indivíduos são espécimes imperfeitos de um “tipo perfeito”; o nominalista ignorava o tipo perfeito. O Realista medieval era o que hoje chamamos idealista ou platônico. O Nominalista era o homem dos fatos. (...) A derrota do Realismo em grandes áreas do interesse humano era obviamente uma preliminar indispensável à expansão da ciência experimental. (...) A obra de Roger Bacon foi o clamor de um nominalista em plena Idade Realista. (...) Foi Roger Bacon o primeiro a dar à experimentação a sua devida importância na busca e no disciplinamento do saber. Foi quem primeiro insistiu para que processos lógicos fossem permanentemente controlados pelos fatos. (...) Virtualmente, foi o primeiro ser humano a acentuar a suprema importância da experimentação.⁹⁴

E, ao caracterizar diretamente o método científico de sua época, o definiu a partir das seguintes operações:

Observar, experimentar, registrar, especular logicamente, experimentar a própria especulação, confirmando-a ou corrigindo-a, comunicando-a a outros investigadores, ouvindo suas considerações, comparando-as, discutindo logicamente, estabelecendo o que ficar comprovado, e assim por diante; para todos os propósitos práticos, este é o método da ciência. (...) Desconfiar de cada termo, de cada nome usado. A lógica é muito útil como um auxílio ao julgamento, mas não é o juiz supremo. Todos os termos que usamos *ajustam-se frouxamente aos fatos*. (...) Foi esse o método científico do século XIX, a idade do progresso material, e é ainda o em uso hoje.⁹⁵

Desta forma, este programa pressupõe um nominalismo com notas de ceticismo, e a consequente determinação de testar todas as teorias utilizando diferentes e/ou repetidas formas de experimentação, mas também assume que o fenômeno pode ser racionalmente compreendido e, a partir de uma quantidade de informações suficientes e a aplicação correta dos métodos experimentais, igualmente ordenado e (pré) visível. Portanto, tal proposta como um todo envolve tanto o nominalismo (em sua experimentação) quanto o realismo (em sua capacidade de

⁹⁴ WELLS, H. G. O trabalho, a riqueza e a felicidade humana. In: *Coleção Obras de H. G. Wells: a construção do mundo*. Vol. 7. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959, p. 85-89.

⁹⁵ *Idem*. *Ibidem*. p. 89-90. (Grifo do autor)

teorização), ambos importantes para o processo de construção do conhecimento científico.

A essência da crítica a Wells está na convicção de sua posição essencialmente nominalista, (questionamento que encontramos em autores com os quais dialogaremos no decorrer da tese, como Bernard Bergonzi, Leon Stover e John Hammond), e que caracterizaria seu pensamento como uma visão anticientífica do universo, exatamente por seu procedimento indutivo que define seus romances científicos, nos quais as chamadas “leis imutáveis da natureza” são de toda a forma questionadas.

Esta ideia está fundamentada em uma concepção de que a ciência só seria possível a partir de procedimentos dedutivos, puramente matemáticos e logicamente formais, procedimentos estes que não necessariamente se coadunam com os fenômenos em si, mas sim com a cadeia lógica estabelecida entre os enunciados produzidos neste modelo. Para Wells, pelo contrário, a ciência, que talvez possamos caracterizar como empírica, envolve um importante elemento indutivo, intuitivo, que ultrapassa a simplicidade dos fatos apenas observados para sugerir novas hipóteses ou mesmo uma grande ou nova síntese de um conjunto de fatos previamente conhecidos. Uma genuína hipótese científica tem suas implicações, faz previsões que podem ser testadas e comparadas aos fatos observados, mas jamais estabelece certezas definitivas.

Em última instância, o que Wells propõe como ideia central de sua concepção científica, e, é preciso pontuar, não se trata de nenhuma novidade, é o fato de que em toda verdadeira visão da ciência existe uma teoria que nunca se encerra em si mesma, mas se constitui como uma ferramenta, um esforço para coordenar e explicar os fenômenos observados e que não podem ser mais do que um modelo para compreender a realidade. Este modelo, como explicitado, é mais preciso em algumas áreas, como a física, e menos próximo da realidade, como na biologia, mas em nenhum caso pode ser confundido com a realidade em si. O reconhecimento por parte de Wells dos limites da ciência não necessariamente pressupõe razão para considerá-lo anticientífico. Pelo contrário, sugere que é possível encontrar em sua proposta a ideia do contraditório, a posição flexível e a disposição em mudar, seja uma teoria, um diagrama, um postulado, ou um modo de se pensar relacionado a uma das mais importantes características do método científico.

Capítulo 2 – Tempo cósmico, tempo histórico

*Future: the period of time in which our
affairs prosper, our friends are true
and our happiness is assured.
Ambrose Bierce⁹⁶*

2.1. Os argonautas de cronos e a temporalidade quadridimensional

O conto *A tale of the twentieth century*, escrito sob as iniciais S. B. no *The Science Schools Journal* em maio 1887, foi uma das primeiras incursões de Wells pelo jornalismo literário de cunho científico, que caracterizou seus primeiros escritos na fase de estudante. Bastante breve e carregado de referências abstratas a pessoas e lugares, além de contar com uma linguagem pouco direta, o conto apresenta como pano de fundo o hipotético mês de julho de 1999, quando uma locomotiva elétrica tem sua viagem inaugural pelos túneis escavados na região central de uma Londres futurista prestes a acontecer.

A bordo estão diversas autoridades de todas as áreas: acadêmicos, políticos, comerciantes, religiosos, enumerados jocosamente por Wells como componentes de uma elite intelectual e social ainda presente em fins do século XX, em detrimento de uma população de medíocres (assim denominados), que amontoam as galerias da estação recém-inaugurada para observar à distância o banquete compartilhado pelos grandes homens.

A locomotiva foi construída para mover-se por meio de um dínamo elétrico central, que permitiria a manutenção de sua velocidade, mas que teria seu impulso inicial promovido pela ação de uma bomba de ar comprimido. No conto, a figura de um *scientific manager*, bastante recorrente na literatura wellsiana posterior, é utilizada para explicar a um dos ilustres viajantes o mecanismo de funcionamento do mecanismo utilizado. Tal aparato, na verdade, não representa grande novidade tecnológica em relação ao que era empregado na estrutura ferroviária inglesa em fins do século XIX, tanto no uso dos dínamos elétricos para movimentar grandes

⁹⁶ *The Devil's dictionary*. New York: Dover, 1993, p. 41.

composições, utilizados para substituir os mecanismos a vapor, como o ar comprimido, instrumento físico destinado a movimentar diversos tipos de maquinaria.

No entanto, a questão central não está na inovação tecnológica empregada neste hipotético futuro, mas naquilo que ela pode promover: um distanciamento temporal entre quem compartilha das benesses tecnológicas e quem, em uma mesma época, está alijado delas. Em determinado momento há um colapso do sistema de freios da composição, identificado sem alarde, mas que tem consequências importantes para o desdobramento da viagem, feita em círculos pelas estações subterrâneas londrinas. Se houvesse qualquer tentativa de diminuir a velocidade, a tensão gerada pelo ar comprimido, retido e processado pelo movimento de cada um dos vagões, acabaria por explodir toda a composição. A solução encontrada foi dobrar a velocidade, porém apenas como solução paliativa, pois o ar continuaria a ser pressurizado.

O quadro final composto por Wells descreve as autoridades tentando encontrar, em suas morosas reuniões, uma solução e buscando, pelos meios tradicionais, parar a locomotiva, que girava cada vez mais rápido na tentativa de não explodir. Sem alarde, esta, abafada por estar no subterrâneo, se choca finalmente contra um dos muros e se torna um emaranhado de tubos e ferro retorcido. Assim, nesta primeira incursão literária, ainda que de uma forma pouco literária (que caracterizou seus contos e mesmo sua divulgação científica) duas questões estão postas: o tempo como um elemento manipulável, não mais um fenômeno inexorável, e o futuro, como possibilidade concreta e plausível.

A primeira referência efetiva à possibilidade de uma viagem temporal está em *Chronic Argonauts* de 1888, a principal peça literária sobrevivente de seus anos de estudante no *Royal College of Science*, entre 1884 e 1887. Neste período, ajudou a fundar um jornal de estudantes, o *Science Schools Journal*, no qual atuou como primeiro editor e publicou alguns artigos científicos, literários ou que misturavam as duas formas de expressão em um tipo de comunicação que já antecipava sua verve precursora da moderna *science fiction*. Nos primeiros meses de 1888 *Chronic Argonauts* apareceu serializada entre maio e junho, mas, por intenção do próprio Wells, nunca completada. Entretanto, constituiu o embrião de sua primeira e mais bem sucedida publicação da primeira fase de sua carreira, *A máquina do tempo*, embora as diferenças entre os textos sejam bem maiores do que suas semelhanças.

Em sua autobiografia, Wells faz menção a *Chronic Argonauts* como um texto estranho, um tanto obscuro e sem a qualidade literária suficiente, e por isso interrompido, mas cuja especulação científica sobre o tempo para além de um conceito imutável ou abstrato já se fazia presente.

Moreover, I began a romance, very much under the influence of Hawthorne, which was printed in the Science Schools Journal, the *Chronic Argonauts*. I broke this off after three instalments because I could not go on with it. That I realized I could not go on with it marks a stage in my education in the art of fiction. It was the original draft of what later became the Time machine, which first won me recognition as an imaginative writer.⁹⁷

A referência a Nathaniel Hawthorne provavelmente diz respeito à *Scarlat Letter*,⁹⁸ pois o ambiente criado por Wells para Llyddwdd, pequena vila ao sul do País de Gales onde a trama se desenrola,⁹⁹ se assemelha bastante ao desenhado pelo escritor americano para sua Boston do século XVII. Ao mesmo tempo, assim como no romance de Hawthorne, está presente a ideia de uma multidão fora de controle, que busca reestabelecer o estado de ordem e a justiça pelo uso da violência, visto que se encontram assombradas por fenômenos incompreensíveis. No caso de Boston, a bruxaria, no caso de Llyddwdd, as viagens através do tempo promovidas pelo personagem central, o Dr. Moses Nebogipfel.

⁹⁷ WELLS, H. G. *Experiment in autobiography: discoveries and conclusions of a very ordinary brain*. Boston: Little, Brown and Company, 1962, p. 253.

⁹⁸ Por Wells não mencionar diretamente a obra que constitui sua principal influência para este escrito, Robert Philmus defende que *Chronic Argonauts* tem uma relação mais próxima com outro texto de Hawthorne, *The house of seven gables*, conto gótico no qual o clima de vilania serve como pano de fundo para acusações de bruxaria e questões de ordem sobrenatural. Sobre a defesa de Philmus da relação entre as obras, ver "H.G. Wells's Revisitations of The Time Machine". In: *English Literature in Transition, 1880-1920*. Volume 41, nº. 4, 1998, p. 428.

⁹⁹ De fato, Wells esteve entre o verão e o outono de 1887 em Wrexham, uma vila carbonífera e industrial no noroeste do País de Gales, trabalhando como mestre-escola em uma instituição de ensino chamada *Holt Academy*, período em que enfrentou problemas respiratórios que notadamente pioraram com o clima insalubre da região. Além disso, a atmosfera social restrita e estranha a um *cockney* do sul de Londres provavelmente serviram como inspiração para a vila de Llyddwdd e seus personagens. Pode-se encontrar algumas informações sobre suas desventuras em Wrexham neste trecho de sua autobiografia: "*I expected a library, playing fields, a room of my own. I expected fresh air and good plain living. I thought all Wales was lake and mountain and wild loveliness. (...) But when I got to Holt I found only the decaying remains of a once prosperous institution set in a dismal street of houses in a flat ungainly landscape. Holt was a small old town shrunk to the dimensions of a village, and its most prominent feature was a gasometer. The school house was an untidy dwelling with what seemed to be a small whitewashed ex-chapel, with broken and dirty windows and a brick floor, by way of schoolroom.*" WELLS, H. G. *Experiment in autobiography*, p. 238-240.

Claramente pensado como um livro maior, pois sua estrutura inicial aponta para um possível desenvolvimento, *Chronic Argonauts* se assemelha a um conto, pois possui apenas os três trechos que foram publicados em série. Os dois primeiros tem o seguinte subtítulo: *The story from an exoteric point of view*, e narram os estranhos acontecimentos em uma grande casa de fazenda chamada Manse, nos arredores da vila, que seria assombrada pelo fantasma de seu antigo dono, um velho homem chamado Williams, morto pelos seus filhos alguns anos antes.

A chegada repentina do Dr. Nebogipfel para ocupar a antiga casa de fazenda, sem as habituais apresentações e demais convenções sociais, aliadas aos hábitos reclusos e estranhos do homem de ciências, imerso em suas experiências, despertam extrema curiosidade e, ao mesmo tempo, certa hostilidade entre os habitantes locais. Wells o menciona sempre pelas iniciais doutor, Ph.D ou F.R.S. (*Fellow of the Royal Society*),¹⁰⁰ e o apresenta em uma extensa e detalhada caracterização dos traços fisionômicos e comportamentais, recurso bastante diferente da objetividade discursiva encontrada no restante de sua obra. No entanto, desta não usual descrição cabe destacar que Nebogipfel apresenta alguns traços não humanos, apesar de sua aparência agradável, e algumas características que indicam que ele não pertence ao seu próprio tempo.

O medo supersticioso dos habitantes da vila de Llyddwdd se transforma em fúria incontrolável quando um dos moradores é encontrado morto próximo à casa da fazenda, o que leva os moradores a associar sua morte às experiências do recluso doutor. Uma multidão marcha com tochas em direção à Manse e encontra o vigário, Reverendo Elijah Cook, que minutos antes se adiantara em avisar Nebogipfel sobre a iminente tragédia, e o próprio doutor, envoltos por uma máquina sem maiores descrições, mas que os faz desaparecer diante dos olhos incrédulos de todos.

A sequência deste primeiro trecho é bastante experimental, e apresenta o clérigo em estado de confusão mental acordando à beira de um lago em uma paisagem natural bastante diferente da sua habitual. À espera do recobrar da consciência, Dr. Nebogipfel o aguarda, ensejando suas explicações sobre os porquês da invasão de sua casa. Cook relata que queria avisá-lo sobre o acontecido e que

¹⁰⁰ Importante titulação que indica pertencimento à Real Sociedade de Londres, principal sociedade científica inglesa fundada no final século XVII e que admite apenas grandes nomes da ciência do universo britânico. Sua menção é recorrente nos personagens para os quais Wells pretende imprimir um caráter de seriedade e reconhecimento pelos pares, mesmo contrastando com a estranheza ou factibilidade de suas propostas científicas.

encontrou uma série de diagramas nas paredes, além do estranho aparato mecânico.¹⁰¹ Ouviu do doutor que tal máquina chamava-se *chronic argo* e tinha por objetivo o deslocamento temporal.

A parte final, com o subtítulo *The esoteric story based on the clergyman's depositions*, contém, em essência, as românticas apresentações pessoais de Nebogipfel e, certamente mais importantes para este estudo, suas elementares considerações sobre as possibilidades físicas de se viajar através do tempo. Em sua autodescrição, relata que se descobriu “um homem fora de seu tempo – um homem pensando as ideias de um tempo de sabedoria, fazendo e acreditando em coisas que os homens da época atual *não* poderiam compreender.” E prossegue dando conta de sua personalidade deslocada espaço-temporalmente: “eu sei que sou um homem anacrônico; minha era ainda está por vir (...) e usando a *Chronic argo*, a nave que permite me deslocar através do tempo, vou poder me juntar a minha geração, a jornada até meu próprio tempo está chegando.”¹⁰²

Diante da incredulidade de seu interlocutor, os argumentos de Nebogipfel são deslocados, antes das considerações físico-geométricas, para a própria forma como a ciência racionaliza suas assertivas. Ele questiona o fato de que os fundamentos calcados em teorias científicas que se desdobram em leis gerais são todos necessariamente “diagramas caricaturais do inefável”, com nenhuma realidade em si mesmos e apenas usados para dar forma e sentido aos próprios resultados, “assim como os contornos de giz são necessários para o pintor e os planos e medidas para os engenheiros.”¹⁰³ Neste trecho é possível observar uma antecipação da posição nominalista que Wells assume diante da produção do conhecimento, ainda não muito clara neste momento experimental de sua literatura, mas que se tornou, como vimos,

¹⁰¹ A *Chronic argo* como máquina do tempo e sua sucessora, descrita com mais detalhes por Wells em *A máquina do tempo*, são provavelmente os primeiros maquinismos utilizados em viagens temporais na literatura. Nas narrativas anteriores, os deslocamentos através do tempo estavam relacionados à própria mente humana, e se configuravam por meio dos sonhos, hipnose ou estados alterados de consciência. Uma notável exceção está na viagem ao redor de mundo imaginada por Júlio Verne em *A volta ao mundo em 80 dias*, de 1873, na qual o protagonista, utilizando diferentes meios de transporte, circunda o globo em movimento anti-horário e chega ao destino, definido em aposta com membros de seu clube, um dia antes. Esta formulação pode ser compreendida como a exploração do descompasso entre o tempo vivido (80 dias), e o tempo contado (79 dias), uma involuntária viagem no tempo. Agradeço particularmente ao prof. Magnus Roberto de Mello Pereira pela sugestão sobre Verne como “precursor”, neste sentido, das viagens temporais.

¹⁰² WELLS. H G. “The Chronic argonauts.” In: BERGONZI, Bernard. *The early H. G. Wells: a study of the scientific romances*. Manchester: Manchester University Press, 1961, p. 209.

¹⁰³ *Idem. Ibidem*, p. 209.

um fundamento essencial de sua produção intelectual em diferentes fases de sua carreira.

Nebogipfel segue sua explanação dizendo que o problema central está na crença geral das pessoas em uma determinada realidade fundamentada em tradicionais conceitos geométricos, mesmo quando eles são evidentemente inadequados. E seu exemplo imediato é o mesmo usado pelos questionadores da geometria euclidiana nos anos subsequentes, quando o conceito de tempo como uma possível dimensão material passa a ser especulado filosófica e cientificamente: o cubo como objeto tridimensional. Porém, acompanhando as três dimensões espaciais - altura, largura e profundidade, está a também implícita e frequentemente ignorada *duração* como a quarta dimensão da matéria. Assim, em suas palavras, “uma vez que a possibilidade desta ‘quarta dimensão’ permitiu a locomoção através de linhas de duração – a navegação crônica se torna possível primeiramente pela teoria geométrica, e então como prática mecânica.”¹⁰⁴

No conto, a revelação posterior indica que ambos estão no ano 4.003 d. C. e que Nebogipfel havia matado Williams, proprietário da velha Manse, em defesa própria, pois este o julgara um demônio por sua aparição repentina, fruto de uma viagem temporal. Desde então ocupara a casa para dar prosseguimento aos seus experimentos, até a noite em que foi invadida. Neste momento o relato encerra-se repentinamente, e Wells parece ter acrescentado posteriormente o seguinte final, com a intenção de propor um encerramento a uma narrativa notadamente sem fim:

How did it end? How came it that Cook with joy to return once more to this nineteenth century of ours? Why did not Nebogipfel remain with him? All that, and more also, has been written, and will or never be read, according as Fate may decreed to the Curious Reader.¹⁰⁵

A tese central de Bernard Bergonzi para explicar as características de *Chronic Argonauts*, e que se estende para sua análise sobre a primeira fase da carreira literária de Wells, é a de que sua essência não está na relação com a ficção realista de seu tempo, mas na carga mítica que oferece a partir da relação de seus personagens e

¹⁰⁴ *Idem. Ibidem.* p. 210.

¹⁰⁵ *Idem. Ibidem.* p. 214. Wells propôs outros dois finais entre 1889 e 1892, demonstrando sua intenção em continuar a história, que apesar da escrita experimental e hermética, demonstrava em si bastante potencial e mereceria ser explorada. Estes finais foram perdidos, mas algumas de suas ideias centrais estão citadas em uma biografia de Wells feita por George West (*A sketch for a portrait*, 1930, p. 45), a partir de uma carta enviada a West por A. Morley Davis, amigo pessoal de Wells.

ideias com uma determinada tradição romântica observada na literatura inglesa da primeira metade do século XIX. Esta encontra em Wells seus últimos suspiros vitorianos, além de uma poética que pouco tem de científica, a não ser a utilização de uma retórica e, por vezes, determinado vocabulário da ciência, que pouca relação guarda com o contexto científico de sua produção.

Tal opção se traduz no recorte temático proposto em sua principal obra, *The early Wells*, de 1960, que por sinal influenciou de maneira significativa parte da crítica, especialmente a advinda dos meios literários em geral, na análise das obras que se concentram na década final do século XIX, os chamados “romances científicos”, termo que Bergonzi recusa por não concordar com a essência desta denominação, porém o utiliza como referência de caracterização destas obras.

De fato, Wells desde sempre pareceu ter reconhecido, nos gêneros literários pelos quais caminhou, uma força propulsora fundamental para a discussão de problemas históricos e sociais, porém, desde o início do século XX, esta opção se tornou cada vez mais direta, o que marca a opção de análise de Bergonzi e da tradição que o segue em recusar como relevante o que Wells escreveu depois de sua fase voltada à ficção científica, como afirma no capítulo conclusivo do seu referido estudo:

The emphasis of the present study has fallen on the imaginative works that Wells wrote before 1901¹⁰⁶, and some readers may consider that this concentration on such a brief period at the beginning of his career is somewhat disproportionate. But as I stated in my opening chapter, I am assuming as axiomatic that the bulk of Wells's published output has lost whatever *literary* interest it might have had, and is not likely to regain it in the foreseeable future, *whatever value it may possess for the social historian or the historian of ideas*. As F. R. Leavis has remarked, apropos of Wells, 'there is an elementary distinction to be made between the *discussion* of problems and ideas, and what we find in the great novelists'.¹⁰⁷

Assim, partindo destes princípios específicos, o estudante H. G. Wells de *Chronic argonauts* deveria ser entendido como o mesmo escritor dos seus primeiros romances, um genuíno e original artista imaginativo, que produziu uma série de obras

¹⁰⁶ Ano da publicação de *Anticipations*, obra em que propõe uma análise conjectural e mais objetiva dos fenômenos futuros, e por isso representa um marco na obra de Wells, que não abandona definitivamente a ficção, mas passa a dedicar mais esforços para as questões sociais, educacionais e históricas, apresentadas por outros recursos narrativos, não essencialmente literários.

¹⁰⁷ BERGONZI, Bernard. *The early H. G. Wells*, p. 321. A citação de F. R. Leavis foi retirada de *The great tradition*, 1948, p. 7. (Grifo do autor)

de significativa importância literária, inclusive para a formação de um novo gênero - a moderna ficção científica - mas que dissipou seus talentos em direções diversas, seja o jornalismo, a novela social ou a historiografia. Neste sentido, a nota dominante da literatura imaginativa de Wells seria um tipo de pessimismo fatalista que destoa do utopismo social ao qual ele é associado em suas apresentações mais breves, aliado a um ceticismo intelectual que em essência pouco tem de científico na mais precisa acepção do termo.

Em *Chronic argonauts* esta caracterização mito-poética é perceptível e, talvez, com esta intensidade, apenas neste texto. Bergonzi argumenta, por exemplo, que a figura central, o Dr. Nebogipfel, apresentado como membro da *Royal Society*, pouco tem a ver com a figura dos cientistas encontrados no universo intelectual compartilhado por Wells no *Royal College of Science* dos tempos em que era aluno de Thomas Huxley.¹⁰⁸ Ele estaria muito mais próximo de uma tradição literária anterior, representada por personagens como o Dr. Frankenstein de Mary Shelley ou pelo Dr. Jekyll do romance de Robert Louis Stevenson, publicado em 1886, dois anos antes dos primeiros trechos de *Chronic argonauts* serem apresentados.

O próprio nome do personagem recebe um longo trecho de análise por parte de Bergonzi, pois carregaria uma simbologia que corrobora com esta visão mítica. *Gipfel* é a palavra alemã para cume ou pico de uma montanha; *Nebo* é uma clara referência bíblica ao monte *Nebo*, no qual Moisés teria revelado a localização da terra prometida ao povo judeu. No entanto, o próprio Wells, em sua autobiografia, faz questão de ressaltar o contrário, "(...) and the story is clumsily invented, and loaded with irrelevant sham significance. The time traveler, for example, is called Nebogipfel, though manifestly Mount Nebo had no business whatever in that history. There was no promised land ahead",¹⁰⁹ ou seja, que a simbologia presente no personagem não tem uma relação direta com a ideia do futuro humano como uma terra prometida, do qual Nebogipfel seria um exilado a compartilhar, com os que não pertenciam ao seu tempo, as benesses de um futuro realizável.

É provável que Bergonzi tenha conhecido esta passagem da autobiografia, pois faz menção a trechos muito próximos em seu estudo, mas preferiu minimizá-la para

¹⁰⁸ Esta atmosfera foi "capturada" em alguns contos e romances posteriores, como *A slip under the microscope* e em *Love and Mr. Lewisham*, além de na sua autobiografia, na qual os detalhes de suas aulas e relação com os professores são descritos em pormenores.

¹⁰⁹ WELLS, H. G. *Experiment in autobiography*, p. 309.

dar ênfase às suas assertivas. Sua preferência está em associar os primeiros escritos literários de Wells, forçosamente representados por *Chronic argonauts*, em um quadro no qual o ceticismo e a fatalismo estão associados a uma ideia de futuro típica da confiança vitoriana que tem em Wells suas últimas notas, e que pode ser representada na ideia de *fin de siècle* aos moldes concebidos por Marx Nordau em seu *Degeneration* de 1895.

No entanto, mesmo compartilhando da pertinência de algumas destas premissas analíticas propostas por Bergonzi sobre a ligação de *Chronic argonauts* com elementos simbólicos da literatura novecentista,¹¹⁰ e ao *fin de siècle* como uma espécie de humor coletivo fatalista do fim do século XIX, a questão central sobre a qual se desenrola o “conto” – ou seja, a viagem da “argo” em suas implicações, não pode ser tratada apenas como uma alegoria mítica. Esta pode ser a abordagem das propostas anteriores de deslocamento temporal na literatura universal que não tinham ainda uma máquina como mediadora desse processo e que, é preciso ressaltar, foram elaboradas em épocas anteriores, nas quais a concepção de tempo estava atrelada a um conceito essencialmente estático de universo, inteligível apenas mecanicamente.

A questão do tempo como uma possível dimensão da matéria aparece neste momento, 1888, não apenas como uma simples alegoria literária, mas também como uma hipótese, ainda não traduzida para o universo matemático, mas já calcada em possibilidades técnicas bastante palpáveis. Provavelmente sua menção tenha sido meramente acidental, a princípio, e apenas tangencie imaginativamente como a temática da relatividade temporal iria então ser desenvolvida pela física nas primeiras décadas do século XX.

Porém, dentro de uma tradição que, segundo Rosalyn Haynes, pode ser identificada com a mentalidade científica do final do século XIX, Wells primeiramente postula uma condição e só então procede a deduzir suas consequências.¹¹¹ Se neste

¹¹⁰ De fato, as primeiras influências literárias de Wells em sua infância/adolescência até os primeiros anos no *Royal College of Science*, descritas em suas diversas biografias e estudadas por seus comentadores, apontam para uma imaginação juvenil fundamentada no próprio Hawthorne, Jhonatan Swift, Eugene Sue, Wilkie Collins e Charles Dickens, como seria usual em qualquer jovem inglês com acesso à literatura, além de uma forte inspiração retórica e, porque não dizer, como quero desenvolver posteriormente, historiográfica, em Thomas Buckle, Edward Gibbon e Thomas Carlyle, a quem Wells faz algumas referências à influência da capacidade argumentativa em sua formação, impossível de ser imitada, porém bastante inspiradora.

¹¹¹ Este tipo de imaginação literária que opera livremente as ideias científicas nas fronteiras entre a experimentação e o factível, e que por vezes se aproxima do fantástico e do sobrenatural, foi objeto de críticas por parte de outros autores imaginativos que tinham em sua proposta uma relação mais estreita com a ciência e tecnologia de suas épocas, de modo a produzir antecipações com menos margem de

momento ele dispensa as teorias naturais em vigor a respeito do tempo-espaço e da natureza física do universo, sua intenção não é simplesmente criar um mundo fantástico no qual as leis da física são na prática inoperáveis, mas sim de testar e questionar suposições comuns, considerando indutivamente as possíveis alternativas mesmo que elas se apresentem racionalmente questionáveis:

Now, it is precisely for their inductive procedure that Wells's scientific romances have sustained the most criticism. Typically he puts forward some novel postulate and then proceeds to demonstrate with great precision the consequences and implications, so that, if we are once led to accept his initial supposition, we can scarcely dispute the conclusion.¹¹²

Argumento semelhante é encontrado em Paolo Rossi, na introdução de *Sinais do tempo*. Nela, ao apresentar sua perspectiva, fundamentada em Thomas Khun, Rossi discorreu sobre como historiadores ou filósofos da ciência nem sempre conseguem estabelecer suas análises, ou mesmo tem seu campo de atuação limitado, pois o que é considerado “ciência” frequentemente está associado a um tipo de conhecimento que foi transformado em axioma ou foi plenamente verificável. Em suas palavras: “objetos da história da ciência não são apenas as teorias que podem ser axiomatizadas nem apenas as teorias “completas”, mas também as tentativas de construir teorias.”¹¹³

Este parece ser o caso da ideia da concepção quadridimensional do tempo-espaço, tanto em *Chronic argonauts* quanto em *A máquina do tempo*, que de alguma maneira antecipa outras formas tanto literárias quanto científicas de apresentação do tema, não apenas por sua descrição, mas também pela clareza conceitual e precisão técnica.

2.1.1 – A quarta dimensão: um postulado científico não axiomatizado

erros, porém, ao mesmo tempo, com *insights* menos expressivos, especialmente Júlio Verne, para quem Wells tinha o vício de inventar em excesso.

¹¹² HAYNES, Rosalyn. *H. G. Wells discoverer of the future*. New York: New York University Press, 1980, p. 53-54.

¹¹³ ROSSI, Paolo. *Sinais do tempo: história da Terra e história das nações, de Hook a Vico*. São Paulo: Cia das Letras, 1992, p. 15-16.

Como, portanto, pôde Wells conceber a ideia de que o tempo poderia ser uma das dimensões da matéria, análoga às dimensões espaciais euclidianas que formaram o sustentáculo da geometria desde a Antiguidade Clássica, e em particular a ideia de que poderia existir a possibilidade de movimento temporal, podendo ele ser direcionado e pretensamente controlado, implícito a esta dimensão? Quais as implicações desta noção na física e na visão mecanicista do universo no início do século XX e, por fim, qual a relação desta concepção de tempo com a proposta historiográfica que Wells irá desenvolver posteriormente?

É possível encontrar algumas indicações de repostas, ainda que não plenamente satisfatórias, nas aparições anteriores deste tipo de referência temporal, tanto na literatura, constante fonte inspiradora do imaginário wellsiano, quanto nas tratativas fundamentadas em critérios e métodos científicos anteriores aos primeiros textos de Wells.

Um exemplo importante é o célebre experimento de Michelson-Morley de 1887, que propôs uma investigação sobre o fenômeno da propagação da luz e a velocidade em que ela viajava. A concepção anterior era a de que o universo como um todo fosse preenchido por uma substância chamada éter, e que a luz se propagaria em forma e velocidade dependentes do observador e de sua posição. Entretanto, comparando a velocidade da luz em raios perpendiculares durante determinado período de tempo, os pesquisadores não observaram diferença alguma nas velocidades, independentemente do observador. Esta proposição, que em sua época pouco ecoou nas bases da até então consistente física newtoniana, serviu como inspiração para Einstein questionar definitivamente a noção do éter como elemento fundamental do universo, e neste sentido, a ideia de uma magnitude universal denominada tempo, medido até então mecanicamente.

Os dois principais precursores literários da ideia da quarta dimensão foram Oscar Wilde, em uma alusão casual em *O fantasma de Canterville*, de 1887, e um ensaio chamado *What is the fourth dimension?* presente no primeiro volume dos *Scientific romance*¹¹⁴ de Charles Hinton, de 1884. No caso de Wilde, que

¹¹⁴ O próprio Wells, em diversas oportunidades, se referiu aos seus romances do final do século XIX, precursores da moderna *science fiction* do século XX, como “romances científicos”, talvez na falta de uma definição mais precisa para o tipo de literatura que propunha e que não encontrava correlação, em suas características essenciais, com outras produções literárias de sua época. Isso inclui as que buscavam na retórica científica a fundamentação para seus enredos ou mesmo as que almejavam, em sua constituição, serem divulgadoras (ou vulgarizadas, para usar outro termo recorrente) da ciência de sua época, buscando rigor precisão em detrimento ao estilo e a estética. David Hughes propõe que

provavelmente estava consciente da argumentação anterior de Hinton, que se tornara relativamente popular desde sua publicação, há uma passagem em que seu fantasma parece se deslocar (uma literal viagem) entre diferentes temporalidades, porém sem sair do lugar que assombra, a mansão dos Canterville, adotando como subterfúgio “a quarta dimensão do espaço”, nas palavras do próprio Wilde.

Em si, a repercussão direta desta acidental passagem no despertar de Wells para a relativização dos conceitos temporais é sinceramente questionável. Porém, Wilde neste momento era já um escritor reconhecido, que compartilhava com Wells os dois principais editores que viriam a influenciar sua carreira literária inicial, Frank Harris e W. E. Henley. Para Anthony West, a influência pessoal e intelectual de Wilde em Wells é difícil de ser precisada, mas esta é uma relação inegável, que passa, por exemplo, pela primeira revisão literária de Wells publicada na *Fortnightly Review* sobre *The ideal husband*, de 1895.¹¹⁵

Já no ensaio especulativo de Charles Hinton é possível encontrar uma notável antecipação de questões que iriam ser objeto de teorização por parte da física do início do século XX, especialmente por parte de Albert Einstein na formulação da teoria da relatividade. Apesar de sua breve demonstração matemática (pouco usual para um ensaio que pode ser entendido como literário) em que apresenta a figura do cubo em suas dimensões tradicionais, além de como ele poderia ser concebido em quadro dimensões, Hinton usou como argumento central a impossibilidade empírica da análise do espaço-tempo quadridimensional, a partir de duas conclusões principais: a primeira é a de que esta quarta dimensão pode existir além do nosso plano de existência tridimensional, e portanto, inatingível por imposição da nossa natureza: “if we are in three dimensions only, while there are really four dimensions, then we must be relatively to those beings who exist in four dimensions, as lines and planes are in relation to us.”¹¹⁶ E, em segundo lugar, na possibilidade de realmente existir uma quarta dimensão em nosso plano, esta seria algo tão ínfimo, destinada apenas as

Wells provavelmente tomou para si esta definição de sua literatura primeira inspirado no título da obra de Hinton. Sobre a questão, ver HUGHES, David Y. “British ‘scientific romance’”. In: *Science Fiction Studies* 41, vol. 14, part 1, mar. 1987.

¹¹⁵ WEST, Anthony. *H. G. Wells: aspects of life*. New York: Random House, 1984, p. 112.

¹¹⁶ HINTON, Charles. “What Is the Fourth Dimension?” In: *Scientific Romances*. Vol. 1 (1884), p. 15. Ver também a edição de R. Rucker que organiza todos os importantes trabalhos de Hinton sobre a quarta dimensão: *Speculations on the Fourth Dimension: selected writings of Charles H. Hinton*. Dover Publications, 1980.

subpartículas, que para nós seria algo humanamente imperceptível e, portanto, como campo de estudos, restrito às menores composições da matéria.

Em 1903, Wells, a respeito do contexto de produção de *A máquina do tempo*, oferece uma pista sobre como as ideias principais podem ter sido gestadas na década anterior: “the idea of this book was first evolved in the Debating Society of these schools.”¹¹⁷ A mesma questão aparece em um depoimento dado a Geoffrey West e reproduzido em sua biografia¹¹⁸ do final dos anos 1920 nos seguintes termos: “(...) the idea for a time machine story had come to him one day... during the discussion following the reading of a paper – by another student in a debating society – on the fourth dimension.”¹¹⁹ A sugestão de Bergonzi é a de que o estudante em questão é E. A. Hamilton-Gordon, o qual leu um artigo de sua autoria chamado *Fourth dimension*, posteriormente publicado na edição de abril de 1887 do *Science Schools Journal*, mas que, no entanto, não incluiu nenhuma repercussão significativa ao debate. Ainda, para o mesmo autor, existem todas as razões para crer que Wells esteve presente neste debate e, como era de seu feitio, ter tomado parte na discussão, já que era membro efetivo do grupo.¹²⁰

Em uma introdução crítica dentre as diversas edições comentadas de *A máquina do tempo*,¹²¹ o antropólogo americano Leon Stover acredita que o artigo de Hamilton-Gordon serviu apenas como intermediário entre Wells e Hinton, já que em si não trazia nenhuma nova substância ao debate, apenas a repetição com menos propriedade do que já havia sido proposto. Apenas é possível notar em Hamilton-Gordon um tom mais otimista sobre as possibilidades de relativização do tempo-espaço por meio da ideia de espaços multidimensionais em uma geometria não-euclidiana: sua intenção foi mostrar que em teoria seria perfeitamente possível inventar e, especialmente, descrever objetos existentes em um espaço quadridimensional, o que guardaria uma relação com um cubo tridimensional posto em um plano quadrado. Tal figura, que pode ser descrita, mas até então não

¹¹⁷ *Royal of college of Science Magazine*, Abril de 1903, p. 221 (Periódico substituto do *Science Schools Journal* do qual Wells foi o primeiro editor em seu período como estudante na *Normal School of Science*. *Wells's Archive – RBML-UIUC*, box 7, folder 122.

¹¹⁸ WEST, Geoffrey. *H. G. Wells: a sketch for a portrait*. London: Howe, 1930, p. 70.

¹¹⁹ NAHIN, Paul J. *Time Machines: Time travel in physics, metaphysics and science fiction*. New York: Springer-Verlag, 1999, p. 384.

¹²⁰ BERGONZI, Bernard. *The early Wells*, p. 31.

¹²¹ STOVER, Leon. *The time machine: an invention – a critical text of the 1895 London first edition*. London: McFarland, 1983. Nesta mesma edição, o artigo de Hamilton-Gordo encontra-se publicado integralmente como um dos apêndices.

representada visualmente é hoje um lugar comum entre os matemáticos. Porém, no final dos novecentos parece ser uma ideia bastante original.

2.2 - A máquina do tempo e seus estratos temporais

John Hammond, seguindo a mesma proposta bergonziana de postular a relação entre elementos biográficos associados à investigação sobre os significados simbólicos como essência de sua análise, aponta para *A máquina do tempo* (1895) como a obra de uma vida, de um jovem autor especulando sobre seu próprio futuro e, ao mesmo tempo, considerando se seus esforços físicos e intelectuais um dia valeriam a pena. Certamente Wells não conjecturava a possibilidade daqueles manuscritos serializados e amadurecidos por anos servirem como uma espécie de máquina do tempo, transportando seu nome em direção ao futuro. Segundo o próprio Hammond,

The Time Machine is not only the story of a traveler and his journey into the future. It is the story of a little known writer launching his first novel on to the world. The time machine is a heroic and a brave book. It's myth of a universal relevance and – at the same time – a personal testament characteristic of Wells.¹²²

Certamente, a publicação de *A máquina do tempo* teve uma relevância definitiva para a carreira ficcional de H. G. Wells. Podemos nos cercar de algumas informações sobre este contexto literário a partir de um relato/depoimento contido em autobiografia, que sugere ser a década final do século XIX um período extraordinariamente favorável a novos escritores. Para Wells, sua sorte individual com este livro é a mesma sorte de um grupo de escritores aspirantes, que souberam, de diferentes maneiras, captar um espírito de mudanças sobre o qual não versava mais a literatura de décadas anteriores, representada genericamente em Dickens, Thackeray e os sucessores que os imitavam, e que encontrou em Lord Tennyson seus últimos suspiros.

¹²² HAMMOND, John. *The time machine as a first novel: myth and allegory in Wells's romance*. In: PARRINDER, Patrick. *H. G. Wells perennial Time machine. Selected essays from the Centenary Conference "Time machine: past, present and future"*. London: Imperial College, July 26-29, 1995, p. 11.

In a way they had exhausted the soil for the type of novel they had brought to a culmination, just as Lord Tennyson (who died as late as 1892), Tennyson of the Arthurian circle, had extracted every poetical possibility from the contemporary prosperous bourgeoisie. For a generation the prestige of the great Victorians remained like the shadow of vast trees in a forest, but now it was lifting, every weed and sapling had its chance, provided only that it was of a different species from his predecessors.¹²³

O próprio Wells relaciona este movimento de emergência de novos autores ao crescimento de um público leitor na Inglaterra, especialmente na classe média londrina, que possuía diferentes necessidades em relação à aristocracia britânica preferencialmente retratada em uma determinada literatura anterior: “They did not understand and enjoy the conventions and phrases of Trollope or Jane Austen, or the genteel satire of Thackeray, they were outside the “governing class” of Mr. Humphry Ward’s imagination, the sombre passions and inhibitions of the Brönte country (...)”.¹²⁴

A importância do *Education Act* de 1870 para o incremento do público leitor inglês tem sido objeto de estudos dos pesquisadores em história do livro e da leitura e, com eles, podemos inferir diferentes suposições sobre suas consequências. Todavia, dois efeitos importantes foram percebidos por Wells: um aumento significativo do público leitor em termos quantitativos, refletido na demanda editorial por novos textos e autores, e uma sensação nas classes populares de acesso ao conhecimento, estimulando a fermentação de novas ideias e, ao mesmo tempo, um sentimento de competição por ascensão social.¹²⁵

Um retrato deste clima social por volta de 1895, amparado pelos *Education Act*, é encontrado em Lovat Dickson, um dos mais importantes biógrafos de Wells. Este afirmou que primeiro em seus romances e depois em suas novelas, Wells desenhou um novo campo social, e encontrou uma resposta entusiasmada de um novo público significativamente aumentado pelas reformas educacionais, e muito atento e esperançoso em relação às maravilhas proporcionadas pela ciência, que lhes prometia milagrosas mudanças em suas vidas. 1895, quando publicou seus primeiros livros, foi o ano em que o Raio-X foi descoberto, o ano em que Oscar Wilde foi julgado, o ano que testemunhou o fim do movimento estético.¹²⁶ O mundo vitoriano estava em

¹²³ WELLS, H. G. *Experiment in autobiography*, p. 426

¹²⁴ *Idem. Ibidem*, p. 427.

¹²⁵ *Idem. Ibidem*, p. 428.

¹²⁶ Dickson se refere ao *aesthetic movement*, cujo lema “a arte pela arte”, atribuído ao poeta francês Théophile Gautier, resume a proposta de uma criação artística livre de seu significado social, em busca

decadência; o novo mundo que conhecemos, um mundo de tumulto urbano, estava nascendo. Em 1895 Wells teve tuberculose e tinha duas famílias para sustentar enquanto se aventurava na carreira de escritor. Sua vida era limitada e, ao que tudo indica, dolorosa, e prometia ser brutalmente breve. As fantasias científicas com as quais fez fama, de *A máquina do tempo* a *Guerra dos Mundos*, foram todas escritas nestas circunstâncias.¹²⁷

2.2.1 - O contexto de publicação de *A máquina do tempo*

Após a tentativa inicial de apresentar as possibilidades de uma viagem temporal em *Chronic Argonauts* em 1888, Wells retomou a ideia original em 1894, depois de um período de dificuldades, tanto financeiras, como de saúde, mas que se transformaram em um intervalo importante para suas aspirações enquanto escritor, um momento em que parece ter encontrado a centelha com que iria concatenar elementos de ciência e ficção em um modelo literário original.

No primeiro semestre deste ano, foram tornados públicos os primeiros ensaios desenvolvidos anteriormente à publicação de *The time machine*, pela editora Heinemann, que é essencialmente a primeira edição da obra completa, pelo menos assim considerada por seus biógrafos. Dois destes ensaios anteriores apareceram, em sete partes, no *National Observer*¹²⁸ entre março e junho de 1894. Um terceiro ensaio, sob os auspícios de W. E. Henley, foi publicado em cinco partes na *New Review*,¹²⁹ entre janeiro e junho de 1895. A edição compilada de Heinemann é de maio de 1895.¹³⁰

da beleza estética em si, em contradição ao materialismo característico do final do século XIX. Foram influenciados pelos ensaios de Walter Pater (*Studies in art and poetry* – 1873 e *Appreciations, with an essay on style* - 1889), talvez o primeiro dos *estetas* a definir os contornos de um movimento que se estendeu a diferentes manifestações artísticas, inclusive a moda e o comportamento. Na literatura inglesa, seus expoentes são o próprio Oscar Wilde, John Ruskin, Dante Gabriel Rosseti (também pintor e ilustrador) e Algernon Swinburne.

¹²⁷ DICKSON, Lovat. *H. G. Wells: his turbulent life and times*. London: Macmillan and Co., 1971, p. 6.

¹²⁸ As sete partes publicadas no *National Observer* receberam os seguintes títulos: *The time travelling: possibility or paradox*; *The time machine*; *A. D. 12.303: a glimpse of the future*; *The refinement of humanity: A.D. 12.203*; *The sunset of mankind*; *In the underworld*; *The time traveller returns*.

¹²⁹ Existem apenas duas partes sobreviventes, das cinco originais publicadas na *New Review*, que se encontram na *Wells's Collection* da Universidade de Illinois. Alguns trechos destes ensaios foram publicados como apêndice no estudo de Philmus e Hughes, *H. G. Wells: early writings in science and science fiction*. Berkley: University of California Press, 1975, p. 91-104.

¹³⁰ Uma edição norte-americana de *A máquina do tempo*, organizada por Henry Holt, certamente antecipa as edições de Heinemann e a serialização apresentada na *New Review*, provavelmente a partir

Antony West ressalta que nestes meses de indefinição, em que o enredo entrecortado e sinuoso de *A máquina do tempo* ganhava semanalmente acréscimos e revisões, a figura de W. E. Henley foi fundamental. West lembra que Henley era já um editor reconhecido nos meios literários londrinos, pois trabalhara com Yeats, Conrad, Kipling e Stevenson, com fama de intervir diretamente nas obras que editou. Quando recebeu o jovem Wells em sua sala, ouviu um discurso detalhado sobre as possibilidades humanas em seu passado e futuro, em uma escala cósmica, como se aquilo fizesse parte de seu cotidiano e pudesse ser apreendido enquanto experiência.¹³¹

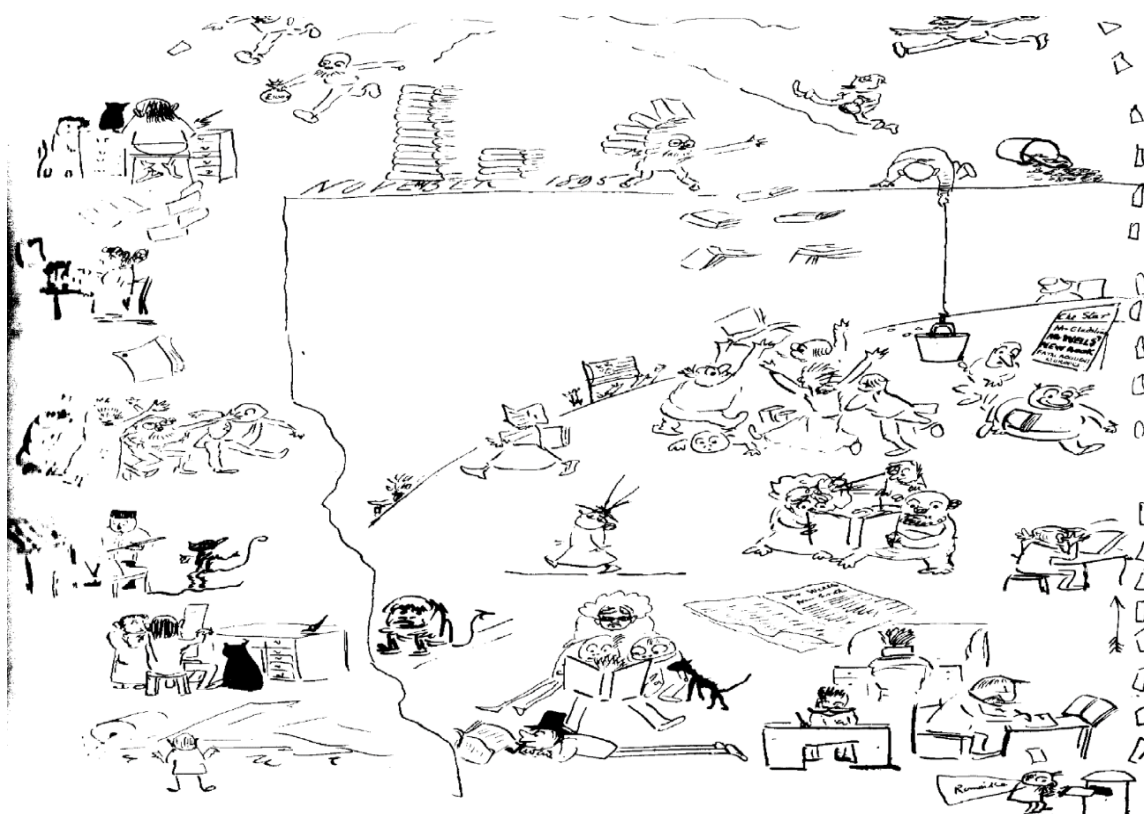


Imagem 2 – Desenho de Wells de 1895, exemplo do que batizou de “picshua”, talvez ilustrando o processo de escrita de *A máquina do tempo* ou mesmo como ele esperava sua repercussão como livro de sucesso. Reproduzido a partir de RINKEL, Gene K.; RINKEL, Margaret. *The picshuas of H. G. Wells: a burlesque diary*. Urbana: University of Illinois Press, 2006, p. 38.

de um manuscrito sem revisões ao qual Holt teve acesso antes da publicação final. Essa sugestão pode ser feita a partir do fato de a Biblioteca do Congresso ter recebido sua cópia em sete de maio de 1895. O primeiro capítulo desta edição é muito próximo à parte inicial do primeiro ensaio do *National Observer*, o que sugere a Bernard Bergonzi que o manuscrito que chegou às mãos de Holt é o mesmo entregue semanas antes à W. E. Henley, seu editor na *New Review*, que havia pedido a Wells que o revisasse e expandisse em alguns trechos. Sobre as nuances deste processo editorial envolvendo *A máquina do tempo*, ver BERGONZI, Bernard. “The publication of *The time machine*, 1894-1895”. *Review of the English Studies*, n. 11, 1960, p. 42-51.

¹³¹ WEST, Anthony. *H. G. Wells: aspects of life*. New York: Random House, 1984, p. 216.

Henley concedeu-lhe espaço para dez artigos, que acabaram se concretizando nas partes acima citadas, mas que parece ter sido um erro, como asseverou o próprio editor, seja pelo desinteresse do público, seja pela praticamente inexistente repercussão. O que propôs a Wells, convencendo o próprio William Heinemann a bancar um adiantamento para a futura edição em um livro a partir deste argumento, foi o fato de Wells ter escrito sobre a possibilidade de uma viagem temporal, porém não ter levado consigo seu leitor. Ele deveria, portanto, aproveitando os argumentos científicos expostos nos ensaios anteriores, criar um personagem central, o viajante, um aventureiro intrépido destinado a conduzir o público em sua experiência temporal. O faro editorial de Henley permitiu perceber as possibilidades do texto que tinha em mãos, e o reconhecimento veio em uma carta enviada a Wells em 28 de setembro de 1895, em que comemorava os primeiros números daquele que seria futuramente um de seus maiores sucessos editoriais, mas que continha também uma advertência digna de nota, pois veio a ser uma marca importante na própria carreira de Wells enquanto escritor: “You could also do better – far better; & and to begin with, you must begin by taking yourself more seriously”.¹³²

Esta carta simboliza um marco em sua vida pessoal, que dez anos antes estava devotada a uma formação científica que apenas lhe permitiria ser professor de ciências para crianças, mas que agora se apresentava enquanto possível carreira como escritor, alterando sensivelmente sua concepção de romance¹³³ e promovendo a rotina de uma disciplina impressionante, que passou a representar uma quantidade de palavras-dia provavelmente maior que a maioria dos escritores profissionais de sua época.¹³⁴

¹³² *Idem. Ibidem.* p. 217.

¹³³ *Idem. Ibidem.* p. 208. West comenta que nos confusos meses de junho e julho de 1893, entre a convalescência e a necessidade de trabalhar, Wells, que não tinha experiência em lidar com o mercado editorial inglês, leu um livro chamado *When a man's single* de James Barrie, que depois viria a ser conhecido como o autor das histórias de Peter Pan (*Peter and Wendy*, 1911). Um dos personagens de Barrie desenvolve uma fórmula tida como infalível para escrever pequenas histórias vendáveis aos jornais. Segundo West, no dia posterior à leitura, Wells passa a escrever pensando nesta fórmula e na mesma semana envia suas contribuições, especialmente ao *Pall Mall Budget*, que lhe retorna com um pedido de mais histórias e um cheque que seria o primeiro valor recebido naquele mês.

¹³⁴ Além de *A máquina do tempo*, Wells escreveu, ainda em 1895, os romances *The Wonderful Visit* e *The island of dr. Moreau*. Também, no mesmo ano, suas contribuições anteriores ao *Pall Mall Budget* foram organizadas em uma edição que recebeu o título de *Selected conversations with an uncle*. Em novembro, uma coletânea de contos, alguns já publicados anteriormente, outros inéditos, veio a público como *Stolen bacillus and other incidentes*, enquanto Wells já preparava os primeiros esboços de *Invisible man*, de 1896.

Um olhar comparativo entre estes vários ensaios anteriores e a edição final de *A máquina do tempo* permite perceber que eles têm uma relação importante entre si, ao mesmo tempo em que guardam uma conexão já exposta com *Chronic argonauts*. Assim sendo, desta análise conjunta é possível ressaltar alguns pontos essenciais a serem desenvolvidas adiante.

Cronologicamente, a primeira questão a aparecer, mas não menos importante, é a da “invenção” em si, para usar um termo no sentido proposto pelo próprio Wells, ou seja, não apenas a possibilidade de deslocamento temporal enquanto experiência, mas também o artefato que torna isso racional. Além disso, está implícita nos ensaios uma concepção de futuro que se apresenta em duas grandes escalas, uma cósmica, praticamente atemporal e, portanto, carregada de carga mítico-simbólica amiúde ressaltada por aqueles que estudam a obra, mas também uma escala temporal histórica, frequentemente ignorada, e que guarda uma relação importante com a própria concepção que Wells tem da história enquanto conhecimento fundamental à experiência de sentido necessária à humanidade. Podemos perceber, por fim, uma fundamentação biológica à sua proposta de futuro, estreitamente ligada à sua concepção de evolução como um processo ético no qual é possível observar o dilema do que Wells chamou “complementaridade”, a saber, uma relação de confluência entre livre-arbítrio e predestinação.

2.3 – O tempo como duração

A narrativa de *A máquina do tempo*¹³⁵ termina de uma maneira muito semelhante ao seu início, com espectadores reunidos em torno do relato das aventuras do Viajante. Este momento se assemelha a um palestrante que, depois de uma longa e concentrada exposição, aguarda a primeira questão de seu público. Não obstante, após um instante de contemplação de seus interlocutores, o Viajante se dirige ao médico e antecipa o possível raciocínio: “– Não, não posso esperar que você acredite em mim. Tome isso como uma mentira, ou uma profecia. Diga que eu sonhei isso no laboratório. Considere que eu vinha especulando sobre os destinos de nossa

¹³⁵ WELLS. H. G. *A máquina do tempo*. p. 120. A edição utilizada nesta pesquisa é a da Nova Alexandria, com tradução do escritor Daniel Piza, o que não o isenta de eventuais equívocos em relação ao sentido original de algumas ideias, o que será observado quando necessário no decorrer da análise.

raça até que criei esta ficção.”¹³⁶ O narrador, personagem não nominado que conduz o leitor pela trama, espectador sensível que se esforça para crer nas explicações apresentadas, retorna sozinho à casa do Viajante no dia posterior a este despiste intencional, provavelmente movido pela incredulidade, para um definitivo interrogatório.

O que presencia é uma segunda viagem, desta vez sem retorno, pois seu testemunho é dado anos depois destes episódios, tempo para o qual o Viajante nunca retornou, o que confirma ao narrador/leitor a veracidade de suas experiências, como observou Robert Philmus: “(...) within the narrative framework it is the Traveler’s second disappearance and failure to return that proves the reality of time travel, establishing him as a prophet rather than a liar.”¹³⁷

Este jogo entre o verossímil e o improvável é a tônica também do início de *A máquina do tempo*, especialmente do primeiro capítulo dedicado à reunião inicial na casa do Viajante, no qual a ideia da viagem temporal é apresentada e debatida, ao mesmo tempo em que traz à tona algumas ideias-mestras fundamentais para esta análise.

A cena inicial, apresentada pelo narrador, desenha o confortável ambiente de uma casa ampla, na qual ocorre uma reunião de importantes personalidades locais da região de Richmond, sudeste de Londres, região de parques e espaços abertos, à margem do rio Tâmisa. Bergonzi associa este tipo de recurso literário em forma de reunião à própria cultura inglesa e sua tendência de produzir associações para diversas finalidades, tornando este elemento cultural presente na atmosfera dos *club-man* uma cena literária comum, especialmente quando os trechos subsequentes, como no caso de *A máquina do tempo*, apresentam uma reviravolta em relação à tranquilidade comum ao ambiente burguês vitoriano do fim do século XIX.¹³⁸

No entanto, esta reunião pode ser considerada algo mais do que um simples recurso literário, pois além de figuras importantes para a comunidade local elas representam elementos simbólicos da ciência (estão presentes um médico e um

¹³⁶ *Idem. Ibidem*, p. 112.

¹³⁷ PHILMUS, Robert. “The logic of prophecy in *The time machine*”. In: BERGONZI, Bernard (org.) *H. G. Wells: a collection of critical essays*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1976, p. 67-68.

¹³⁸ Bergonzi aponta ainda que *A máquina do tempo* pertence, a partir desta estrutura inicial organizada em uma reunião, à classe das *stories*, à qual estão incluídos *A outra volta do parafuso*, de Henry James, e *Lord Jim*, de Joseph Conrad. Northrop Frye definiu, no seu *Anatomia da crítica*, este tipo de literatura como “the tale told in quotation marks, where we have an opening setting with a small group of congenial people, and then the real story told by the one members”. Ver BERGONZI, Bernard. *The early H. G. Wells*, p. 43.

psicólogo), do conhecimento e sua difusão (alguns jornalistas) e da política (o prefeito local), além de outro sujeito denominado apenas como muito jovem. Eles, de alguma maneira, formam um microcosmos social no qual a relativização do conceito de tempo conhecido até então poderia ser apresentada socialmente por seus diferentes ângulos.

A primeira questão sugerida pelo viajante, que não necessita de maior exposição, pois já foi abordada na análise de *Chronic Argonauts*, é a necessidade de uma revisão dos conceitos básicos da geometria elementar ensinada nas escolas, e novamente a ideia da quarta dimensão surge como argumento fundamental que embasa a explanação, seguida da usual abordagem nominalista que caracteriza o discurso científico wellsiano.

– Claramente, qualquer corpo real deve se estender em quatro direções: deve ter Comprimento, Largura, Espessura e Duração, - prosseguiu o Viajante do Tempo. – Mas por uma enfermidade natural da carne, a qual vou lhes explicar em um momento, tendemos a passar por cima deste fato. Há, na realidade, quatro dimensões, três das quais chamamos de planos de espaço, e uma quarta, o Tempo. Existe, no entanto, uma tendência a formar distinção irreal entre aquelas três dimensões e esta, porque nossa consciência se move intermitentemente em um único sentido, ao longo dessa última dimensão, do começo ao fim de nossas vidas. (...) É apenas outra maneira de olhar para o Tempo. Não há nenhuma diferença entre o Tempo e qualquer uma das três dimensões do Espaço, exceto a de que nossa consciência se move ao longo dela. (...) Os cientistas – prosseguiu o Viajante do Tempo, depois da pausa necessária para a assimilação do exposto – sabem muito bem que o tempo é apenas um tipo de espaço. (...) Nós estamos sempre saindo do movimento presente. Nossas existências mentais, que são imateriais e não tem dimensões, estão passando ao longo da dimensão Tempo com uma velocidade uniforme do berço ao túmulo.¹³⁹

Nestes trechos pode-se perceber uma alusão à impossibilidade de se pensar o tempo - neste caso não apenas físico, mas principalmente histórico - para além de uma direção determinada, por conta de uma formação da consciência humana condicionada a esta concepção de que o tempo se move em uma única direção, concepção esta que pode ser entendida como a base do pensamento histórico em fins do século XIX. O que observamos a seguir é tentativa primeira em explicar o

¹³⁹ WELLS. H. G. *A máquina do tempo*, p. 12-15. A associação entre tempo e espaço como conceitos indissociáveis no universo wellsiano tem nova aparição na coletânea de contos de 1899, *Tales of space and time*.

tempo como um fenômeno psicológico para, em seguida, partir para a física experimental.

A racionalidade que embasa a viagem temporal recebe especial atenção nos capítulos publicados no *National Observer*. No primeiro deles, Wells discorre por algumas páginas sobre o tempo como uma dimensão da consciência. O Viajante se apresenta como filósofo e oferece uma exposição sobre geometria quadridimensional, com base nos artigos do astrônomo e matemático Simon Newcomb, personagem real que foi mantida na versão final de *A máquina do tempo*. Esta primeira tentativa de explicar racionalmente a relativização das operações temporais por meio dos argumentos psicológicos, que posteriormente foram corroborados pela física experimental, pode ser entendida como representativa de um debate sobre a noção de tempo como duração.

Como exemplo, tem-se a afirmação do psicólogo americano William James, em seu *Principles of Psychology* de 1890: (...) “the unit of composition of our perception forward-looking is *duration*, with a bow and a Stern, as it were – a reward – and a forward looking end”.¹⁴⁰ Wells certamente estava familiarizado com as ideias de James, pois além de compartilharem o mesmo editor nos Estados Unidos, Henry Holt, sua mais longeva esposa, Amy “Jane” Robbins, lhe deu uma cópia dos *Principles* de James de presente, com dedicatória de novembro de 1898, que se encontra atualmente na *Wells’s collection* da Universidade de Illinois. Não é possível precisar se Wells leu o livro antes de escrever os primeiros episódios para o *National Observer*, mas alguns destes princípios podemos encontrar em outros trabalhos da fase precursora da ficção científica.¹⁴¹

¹⁴⁰ JAMES, William. *The principles of psychology*. Vol. 1. New York: Henry Holt, 1910, p. 609. (Grifo do autor). Outro exemplo de como a influência psicológica estava em voga no debate sobre a concepção de tempo neste período pode ser encontrada nos ensaios do filósofo francês Henri Bergson no início dos anos 1890. Particularmente, Bergson concebe o tempo como *durée* no seu *Essai sur les données immédiates de la conscience*, de 1889. Foram notórios os debates posteriores, no início dos anos 1920, com Albert Einstein, a respeito de sua defesa do tempo como uma dimensão restrita à consciência, em um esforço de expor alguns princípios de sua teoria da relatividade. Especificamente sobre o debate promovido na *Société Française de Philosophie* em seis de abril de 1922, em que Einstein **acusou** Bergson de literalmente não o compreender, ver CANALES, Jimena. “Einstein, Bergson, and the experiment that failed: intellectual cooperation at the League of Nations”. In: *MLN*. vol. 120, n. 5, December 2005, p. 1168-1191.

¹⁴¹ Wells fez uma referência pontual, porém extremamente significativa, a William James na introdução que escreveu em 1926 para *A formação da mentalidade*, de James Harvey Robinson. Nela, Wells comenta que se Huxley foi sua primeira influência intelectual, James foi quem mais o impressionou em sua fase adulta. Ver WELLS, H. G. “Introdução”. In: ROBINSON, James Harvey. *A formação da mentalidade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945, p. v. Talvez o mais notável **exemplo** de uma especulação do tempo enquanto duração seja o conto *The new accelerator* (1901), no qual um cientista concebe uma espécie de fórmula que faz com que seus sentidos, cognição e movimentos

Dando prosseguimento a suas explicações, o Viajante tenta, enfim, definir aos seus interlocutores o que é a quarta dimensão enquanto possibilidade geométrica.

Vocês sabem que numa superfície plana, que tem apenas duas dimensões, podemos representar um sólido de três dimensões; da mesma forma, *eles* acham que por modelos tridimensionais poderiam representar um de quatro, se conseguissem dominar a perspectiva da coisa.¹⁴²

O “eles” destacado na citação é uma referência aos filósofos (como Wells os denomina), que teriam proposto a questão da geometria quadridimensional em termos conceituais. Neste trecho há menção ao mesmo professor Simon Newcomb,¹⁴³ que hipoteticamente teria exposto o assunto à Sociedade Matemática de Nova York exatamente um mês antes daquela reunião.

A menção a pesquisas e pensadores reais é seguida da afirmação definitiva, por parte do Viajante, de que poderia por em prática aquilo que até então estava sendo tratado em termos conceituais, e que tinha condições de provar suas assertivas por meio de “verificação experimental”, nos seus próprios termos. As primeiras reações sobre a afirmação do Viajante em poder mover-se no tempo foram de jocosa especulação sobre a intervenção direta no passado histórico: “- Podemos aprender grego diretamente dos lábios de Homero e Platão – disse o muito jovem” ou mesmo revisitar fatos históricos, “e verificar os relatos aceitos”, como, por exemplo, sobre a Batalha de Hastings.¹⁴⁴

sejam mais velozes que o restante dos seres humanos. Porém, ao seu redor, o mundo continua em sua velocidade normal, quase imóvel a partir da percepção do cientista, para quem o tempo se move em um ritmo diferente.

¹⁴² WELLS, H.G. *A máquina do tempo*, p. 13. (Grifo do autor)

¹⁴³ A referência é ao astrônomo e matemático Simon Newcomb (1835-1909), que delineou as possibilidades de uma geometria quadridimensional como parte de uma conferência apresentada na *New York Mathematical Society* em dezembro de 1893. Wells provavelmente teve acesso à transcrição desta conferência publicada sob o título *Modern mathematical thought* na revista *Nature*, edição de fevereiro de 1894. (A *Nature* é mencionada em diversos romances, como em *A guerra dos mundos*, especialmente nos momentos em que Wells pretende imprimir veracidade a suas informações. Seu editor na época, R. A. Gregory foi seu amigo pessoal e colaborador da *História Universal*). As breves passagens deste artigo, nas quais Newcomb aborda a geometria quadridimensional (p. 328-329), foram depois expandidas em seu discurso de posse como presidente da *American Mathematical Society*, e publicadas na revista *Science* (n. 7, janeiro de 1898) sob o sugestivo título *The philosophy of hyper-space*.

¹⁴⁴ WELLS, H.G. *A máquina do tempo*, p. 16. Hastings foi uma batalha vencida pelos normandos em outubro de 1066, e marcou o fim da hegemonia saxônica nas ilhas bretãs. A opção de Wells em mencionar esta batalha em específico, dentre tantos possíveis eventos históricos a serem visitados e observados *in loco*, não fica clara. Hastings é relativamente bem documentada, especialmente se comparada às demais batalhas neste período de transição entre a baixa e alta Idade Média, não sendo, portanto, um bom exemplo de evento histórico que, ao ser contemplado diretamente por espectadores

A referida verificação experimental se configura quando o Viajante faz sua primeira demonstração, não com a máquina em si, usada em suas viagens posteriores, mas com uma pequena réplica de mão, descrita como um mecanismo semelhante a um relógio, com uma pequena alavanca de marfim e alguns cristais: “- Quero agora que vocês entendam claramente” diz o Viajante, “que esta alavanca, ao ser movida, faz a máquina deslizar para o futuro, e esta outra reverte o movimento”, ou seja, em direção ao passado, em nenhum momento cogitado. “- Daqui a pouco vou mover a alavanca, e a máquina vai embora. Vai desaparecer, passar para o Tempo futuro, e sumir.”¹⁴⁵

Esta forma de exposição, ainda que alegórica, em que uma demonstração em escala menor é precedida pela experiência em si, é uma exemplar representação do tipo de mentalidade científica que acompanhou Wells em seus romances. Além disso, como já mencionado, a presença de uma máquina, um artefato construído tecnologicamente, ou seja, a partir do próprio conhecimento técnico transformado e materializado pela mediação da experiência, é um dado que merece atenção, pois os recursos dos deslocamentos temporais na literatura universal antes de Wells estão relacionados a elementos quiméricos e inseridos na própria mentalidade humana. Segundo Colin Manlove, antes de Wells e Verne, quando a máquina apareceu no romance vitoriano, raramente assumiu um papel central nas narrativas. Pelo contrário, em muitos casos sua presença denuncia elementos de desumanização e depreciação social, em uma associação quase que indistinta entre ciência, tecnologia e o universo fabril.¹⁴⁶

Como mencionado, o passado como possível experiência empírica é indiretamente descartado pelo Viajante, pois, seguindo seu entusiasmo vitoriano, interessa-lhe apenas o futuro como experiência vivida. Esta posição pode ser

do futuro, produziria um efeito de sentido que mudaria completamente sua compreensão. Contudo, é possível supor que, sendo este evento seminal para a formação da futura nacionalidade inglesa, seja do interesse particular de Wells enquanto pesquisador da história de seu país e do próprio conceito de nação em si, do qual foi um detrator veemente, como veremos na segunda parte desta pesquisa. Uma pista nos é oferecida em uma passagem de *The poison called history* (1921), ensaio posterior à publicação da *História universal* no qual se dirige aos professores de história para argumentar sobre os efeitos estéreis de um ensino de história baseado em eventos nacionais. Em determinada passagem, ao defender a proposta de que as ideias devem conduzir o processo histórico, de modo a lhe oferecer alguma unidade, comenta que “An English of today put back to the England of 1066 would be far more a foreigner than if he were dropped in contemporary Japan.” WELLS, H. G. “The poison called history”. In: *Travels of a republican radical in search of hot water*. Harmondsworth: Penguin Books, 1939, p. 113.

¹⁴⁵ *Idem. Ibidem.* p. 19.

¹⁴⁶ MANLOVE, Colin. “Charles Kingsley, H. G. Wells and the machine in victorian fiction.” In: *Nineteenth-Century Literature*. Vol. 48, n. 2, sep.1993, p. 212-239.

relacionada à própria física de sua época, essencialmente linear quando aborda o fenômeno temporal, e para a qual o passado é uma experiência concretizada. Ao mesmo tempo, há implícito um questionamento sobre a validade desta observação direta do passado, se ela contribuiria efetivamente para uma melhor compreensão dos fenômenos históricos ou seria apenas uma visão diferente.

É possível encontrar um questionamento sobre a efetiva validade deste procedimento em José Carlos Reis, que propõe uma análise da história enquanto problema e enumera algumas objeções recorrentes à validade do conhecimento histórico. Dentre elas, Reis sugere que a história, como um conhecimento indireto, não podendo ser apreendido diretamente, recorre a intermediários que podem não representar exatamente o que aconteceu ou, ainda, tentar controlar a imagem que o futuro, através do historiador, faria deste mesmo passado.¹⁴⁷

O capítulo da reunião se encerra com a apresentação da máquina do tempo, em escala maior, ainda inacabada, e a promessa de uma nova demonstração, para a qual são convidados os membros da primeira reunião e alguns novos espectadores. Neste momento há um hiato entre a explicação teórica anterior e uma provável sobre o funcionamento da máquina. O que se segue é a cena de um jantar, no qual todos estão ao aguardo do anfitrião, que chega com as roupas rasgadas, empoeiradas e, após pedir uma pausa para se recuperar, conta a experiência de sua primeira viagem temporal, reproduzida pelo narrador anônimo.

2.3.1 – “Viagem imóvel”: uma alavanca e oitocentos mil anos para o futuro

A experiência da viagem ao futuro transferida ao narrador não é simplesmente a descrição de um roteiro percorrido, mas um relato que procura preencher um vazio temporal com imagens que em si contêm muitos sentidos relacionados a diferentes ideias circulantes em sua época.

¹⁴⁷ “Entre o sujeito e o objeto do conhecimento há uma inultrapassável distância temporal, uma barreira invisível, apenas perceptível em documentos, vestígios, testemunhos, sempre precários, lacunares, arruinados, e muitas vezes estrategicamente depositados. Indireto, o historiador não pode tocar seu objeto, experimentá-lo, testá-lo, reproduzi-lo, repeti-lo. O passado é uma abstração, *não é mais*, e ninguém jamais saberá como teria sido. E mesmo se o historiador pudesse retornar ao passado, isso o tornaria um conhecedor mais eficiente? Ele se tornaria apenas um contemporâneo, envolvido pelo seu objeto, e saberia tanto daquela época quanto alguém que a viveu, ou seja, muito pouco!” REIS, José Carlos. “A especificidade lógica da história”. In: *História & Teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. São Paulo: FGV, 2005, p. 97 – 146. (Grifo do autor)

Na descrição do viajante, após sentar-se na máquina e empurrar para frente (em direção ao futuro) a alavanca, uma sensação desagradável lhe percorre o corpo, porém a suspeita de um engodo da consciência é desmentida pelo relógio da parede do laboratório: a impressão era de que apenas um minuto havia se passado, mas o infalível relógio apontava uma distância temporal percorrida de mais de três horas, mesmo permanecendo exatamente no mesmo lugar em seu laboratório. A surpresa inicial não lhe impede de ir adiante, substituindo a estranha sensação pela curiosidade do futuro enquanto experiência vivida, empurrando mais a alavanca, acelerando o avanço temporal até que a sucessão do dia e noite se transformam em uma sequência de imagens sobrepostas, quadro que pode ser associado aos cinematógrafos e sua justaposição de imagens fixas.¹⁴⁸

Em determinado momento, o laboratório some, dando a entender que em um breve futuro ele já não existiria mais. No entanto, a paisagem de Richmond e do rio Tâmsa continuam familiares, retomando a ideia de um universo rígido especulada em seus tempos de estudante. Tal paradoxo, da imobilidade espacial, foi abordado por Vidal Costa no trecho de sua tese em que estuda a *A máquina do tempo*, bastante interessante inclusive pelo registro sobre como este fenômeno seria entendido sob os preceitos da física newtoniana.

Como a Alice, de Lewis Carrol, o personagem de Wells não sai do lugar, mormente sua grande velocidade – aqui temos uma incongruência no panorama lógico, racional e cientificamente embasado desta estória: a ideia de que seja possível mover-se no tempo e não no espaço. Objetaríamos a princípio, e baseados na própria estrutura do pensamento de Wells, segundo a qual estes (tempo e espaço) não reconhecem distinção, visto ser o primeiro uma dimensão do segundo, o que determinaria uma necessária relação entre as duas instâncias, mesmo com o acionamento da máquina do

¹⁴⁸ Sobre a questão do cinematógrafo, um fato digno de nota ocorreu no final de 1895, quando Robert W. Paul eletricitista inglês, fabricante de produtos ópticos, provavelmente impressionado pela descrição das sucessões temporais em *A máquina do tempo*, procurou Wells para lhe propor sociedade em um invento que estava por concluir: o *teatrograph*, uma espécie de transmissor sequencial de imagens semelhante ao que na mesma época estavam desenvolvendo os irmãos Lumière e ao kinetoscópio de Thomas Edison. Paul propôs sociedade a Wells para produzirem filmes, a começar por uma versão cinematográfica de *A máquina do tempo*, em que os espectadores, sentados em uma plataforma oscilante, sujeita a vento e ruídos, seriam transportados por imagens animadas de diferentes épocas no passado, presente e futuro. Wells recusou a proposta, apesar de ter confessado ser promissora e financeiramente interessante, mas que, segundo ele mesmo, seria devastadora para suas pretensões intelectuais. A resposta de Wells a Robert Paul pode ser encontrada no apêndice do estudo de Leon Stover, *Robert W. Paul on The time machine and the history movies* em STOVER, Leon. *The time machine: an invention – a critical text of the 1895 London first edition*. London: McFarland, 1983, p. 244-245. Um relato do convite feito a Wells está disponível em um artigo de Robert Paul à revista *Nature*, maio de 1941, p. 610.

tempo. Mas, além dessa questão formal, uma outra se coloca: a de que, admitindo a possibilidade física de se conseguir a ausência de movimento de um corpo (no caso pela sua exclusão do contínuo temporal através de uma máquina imaginária), o resultado seria que ele, embora parado, jamais permaneceria no mesmo lugar, visto que não existem objetos estáticos no universo – tanto a Terra, como o Sol e a própria galáxia, estão em movimento permanente. Sendo assim, qualquer objeto se que se suspendesse da rede de mobilidade no campo tridimensional veria o resto do universo deslocar-se para longe dele imediatamente (em minutos a máquina estaria solta no vácuo do espaço sideral, presenciando a grande esfera terrestre girar para longe). Assim, a ideia de que um Viajante do Tempo possa mover-se na quarta dimensão, mas permanecer estático no mundo das outras três, embora seja uma imagem muito evocativa (que foi em muitos casos repetida em outras descrições de viagens no tempo), decorre, no mínimo, de uma desatenção quanto à física newtoniana. A viagem para o futuro pode ser possível pela desaceleração relativista, talvez até para o passado por algum outro meio, mas, em nenhum dos casos, o Viajante terá a possibilidade de permanecer em seu laboratório, vendo o mundo mudar a sua volta.¹⁴⁹

O resultado do avanço temporal do Viajante, cada vez mais rápido em sua intensidade, é a aceleração da mudança espacial ao seu redor, o que inclui o vislumbre de uma arquitetura futurista, ainda que desfocada pela sucessão da paisagem, além da descrição da ascensão e queda de várias civilizações, uma imagem discursiva comum especialmente a historiadores vinculados a uma filosofia especulativa e fatalista da história, aos quais Wells pode, como já aventado, ter seu pensamento histórico associado, como Oswald Spengler e Arnold Toynbee.

O impulso final na alavanca leva o Viajante ao ano 802.701 d. C., como é possível averiguar algumas páginas adiante a partir do mostrador cronológico do painel da máquina do tempo. Se em *Chronic argonauts* o futuro experienciado se encontra no ano 4.004 d. C., e na primeira versão publicada no *National Observer* Wells propõe um futuro hipotético no ano 12.203 d. C., a data final na qual se desenrola a trama de *A máquina do tempo* extrapola qualquer possibilidade de previsão conjectural a partir do próprio presente do Viajante, ou mesmo da nossa temporalidade atual. Mesmo assim, é uma data que, apesar do número misterioso, merece algumas considerações, pois nela podem ser encontrados alguns significados históricos para além da simples evasão cronológica.

¹⁴⁹ COSTA, Vidal A. de Azevedo. *Ecos do tempo perdido: fragmentos da gênese de uma temporalidade moderna*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade Federal do Paraná, 2002, p. 256.

Creio ser possível afirmar que a familiaridade de Wells com a arqueologia e a antropologia biológica de sua época possa, em alguma medida, ter influenciado na formação de sua visão de uma viagem temporal em larga escala. Como estudante em South Kensington, pertenceu às primeiras gerações de jovens a terem contato efetivo com emergentes teorias sobre a formação da Terra e do Universo, sobre a origem da vida e a era dos dinossauros. Estes novos campos de conhecimento, imensos e promissores, são lembrados no epílogo de *A máquina do tempo* quando o narrador, conjecturando sobre os possíveis destinos do viajante, imagina viagens para os períodos paleolítico, jurássico e triássico.

Desta forma, diante da ampliação significativa da escala temporal possível de ser apreendida pela ciência de sua época, a humanidade emerge tardiamente na cadeia evolutiva, ainda que, ao mesmo tempo, nossa espécie possa ser considerada bastante antiga, e isso cada vez mais se confirma pelos exames laboratoriais e pela ciência antropométrica. Por exemplo, na *História Universal* Wells aponta o surgimento do *pithecanthropus erectus* (ou homem de Java) há cerca de 800.000 mil anos atrás, uma afirmação embasada nos estudos paleontológicos mais importantes de sua época e corroborada por Lankester e demais naturalistas colaboradores. Cerca de duas décadas depois, com o advento dos exames mais apurados de radiocarbono, essa datação foi confirmada como superior aos 1,8 milhões de anos.

Neste sentido, é possível conjecturar que Wells especulava a respeito de escalas temporais maiores porque as possibilidades de mudanças significativas na estrutura social humana não poderiam ser objeto de sua análise, pelo menos dentro do modelo historiográfico estabelecido, no qual apenas uma ínfima parte da aventura humana poderia ser registrada por meio do que se considerava “documento” ou “fonte histórica”. Semelhante argumento podemos encontrar no estudo proposto por Patrick Parrinder, para quem Wells estava determinado, ao propor tal escala temporal, a demonstrar os resultados danosos de um processo evolutivo estritamente natural, sem a intervenção humana em sua condução e impossível de ser apreendido racionalmente pela sua extrapolação temporal. Para Parrinder:

Evolution by natural selection – the strictly Darwinian model to which Wells and Huxley adhered – could not have brought about significant changes within the human species within recorded history, so that any such changes must be cultural, no natural in origin. Wells, was determined to show the results of hypothetical natural evolution, not of artificial or eugenics processes in *The Time Machine*. The traveller’s

voyage through the best part of a million years thus reflects both the probable age of the human species, in the understanding of Wells's contemporaries, and the minimum time needed for natural selection to produce new degenerate beings descended from present-day humanity.¹⁵⁰

O horizonte temporal de Wells foi também influenciado pela física de sua época, especialmente a que abordava a idade do universo e o futuro do sistema solar. Ao fim do livro, por exemplo, ao escapar dos perigos que o ano 802.701 oferecia ao viajante, ele adianta sua alavanca para frente, para cerca de 29 milhões de anos, uma provável alusão à idade dos seres vivos mais próximos de nós, após os dinossauros há cerca de 65 milhões de anos. Ao menos, argumento semelhante sobre este fenômeno é apresentado nos primeiros capítulos da *História universal* dedicados ao desenvolvimento dos seres vivos entre o paleolítico e o neolítico. A visão descrita é de um grande sol, vermelho e intenso, que toma conta da paisagem, uma praia desolada, deserta e sem vida. Ao passo em que em termos biológicos a narrativa aponta para a plasticidade da vida, temos também uma breve, porém importante lembrança de um universo em mutação, cuja energia pode ser entendida como limitada.

Certamente Wells estava familiarizado com as leis da termodinâmica propagadas por Lord Kelvin, que apontavam para a finitude da energia identificada no universo. Ainda enquanto estudante propôs a demonstração de uma máquina de funcionamento contínuo (talvez a inspiração para a locomotiva de *A tale of the twentieth century*), impulsionada por eletromagnetismo – uma impossibilidade prática assim como a própria máquina do tempo, mas válida enquanto experiência paradigmática.¹⁵¹ A segunda lei da termodinâmica, que tem como princípio o fato de que energia concentrada tende sempre a se dispersar, contribuiu para esta imagem cósmica das estrelas, que se antes pareciam infinitas na manutenção contínua de sua energia, agora podiam eventualmente esfriar e desaparecer como organismos vivos.

Já aludimos para a cena em que o viajante narra seu transporte imóvel para o futuro, na qual observa de dentro da máquina seu laboratório sumir e a alternância dos dias e noites tornar-se cada vez mais veloz. Como incremento desta velocidade,

¹⁵⁰ PARRINDER, Patrick. "Possibilities of space and time". In: *Shadows of the future: H. G. Wells, science fiction and prophecy*. New York: Syracuse University Press, 1995, p. 39.

¹⁵¹ A experiência foi brevemente descrita por WEST, Geoffrey. *H. G. Wells: a sketch for a portrait*. London: Howe, 1930, p. 61.

Wells chama atenção, na sequência, para mudanças visíveis das estações do ano e para transformações na natureza ao redor de Richmond, com destaque para as centenárias árvores, que vem e vão subitamente, efeito vertiginoso de um filme acelerado que permite surgir a dúvida sobre quão longa efetivamente foi a viagem realizada. Em determinado momento, o narrador menciona a velocidade de cerca de um ano viajado a cada minuto. Se assim fosse constantemente, em uma operação matemática simples chega-se a aproximadamente dezoito meses necessários para alcançar o ano 802.701, porém, no entrópico capítulo final, que na edição original recebeu o nome de *Further Vision*, momento de descrição do sol vermelho, Wells menciona que para atingir a casa dos milhões de anos a velocidade alcançada foi de quinhentos anos por segundo, o que significa, para a viagem anterior, uma constante de pouco menos de meia hora para se chegar à 802.701 d. C.

Neste espaço de tempo, o viajante observa diversos sinais das mudanças civilizacionais, bem como de diferentes fenômenos naturais: “(...) vi grande e esplêndida arquitetura se erguer ao meu redor, mais sólida que a de qualquer prédio de nosso tempo, e no entanto, como parecia, construída de lampejos e névoas”.¹⁵² Na prática, não teriam sido necessários oitocentos mil de anos para que estas mudanças ocorressem. Nosso conhecimento histórico sugere, para usar o mesmo número alegórico, que oitocentos anos seriam suficientes entre o apogeu e o fim de uma civilização.¹⁵³ Mesmo levando em conta a questão material, como, por exemplo, a mais durável das arquiteturas, oito mil anos seria um tempo mais do que suficiente, em hipótese, para se observar tal fenômeno, pelo menos esta é a idade das primeiras urbes humanas assim compreendidas.

Desta forma, é possível sugerir, a partir da própria suposição de como Wells chegou a esta aparentemente aleatória datação, que ela representa não apenas uma escala temporal cósmica que engloba o futuro, mas duas, o que inclui também uma escala temporal histórica medida pelo surgimento e queda de diferentes civilizações, ambas sobrepostas e intercambiantes – um tipo de raciocínio histórico que veremos

¹⁵² WELLS, H. G. *A máquina do tempo*, p. 34.

¹⁵³ Neste sentido, podemos lembrar, apenas como exemplo, a proposta de Oswald Spengler a respeito do caráter orgânico das civilizações. Para ele a média de vida cronológica de uma civilização não ultrapassaria os 1.000 anos, como no caso da europeia ou fáustica, como a denominara, que já se encontrava no início dos anos 1920 emanando os últimos suspiros iniciados ainda na Idade Média. Sobre a questão ver SPENGLER, Oswald. *A decadência do Ocidente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

Wells desenvolver em sua historiografia, caracterizado pelos estratos temporais teorizados por Reinhart Koselleck.

Patrick Parrinder sugere, de maneira bastante plausível, que a descrição da reunião do capítulo inicial de *A máquina do tempo* tenha sido ambientada no início do século XX, apesar de Wells não apresentar objetivamente nenhuma data. Em outros romances científicos do período, como em *A guerra dos mundos* (1898) ou *Os primeiros homens na Lua* (1901), existe a contextualização “início do século XX”, sem maior precisão. Wells usou também este contexto-base em *Chronic argonauts*, no qual, a partir da primeira viagem ao ano 4004 d. C., uma última é realizada até os anos 17.901, isto é, uma viagem de dezesseis mil anos precisamente.

Se tomarmos como base (e ponto de partida da viagem) o ano de 1901,¹⁵⁴ o universo descrito em *A máquina do tempo* foi exatamente imaginado como sendo 800.800 (Oitocentos mil e oitocentos) anos em direção ao futuro, ao qual acrescentando os 1901 anteriores, chegamos aos 802.701 propostos por Wells.¹⁵⁵ Temos assim representados alegoricamente os oitocentos anos de uma possível escala histórica e os oitocentos mil anos da escala cósmica bioevolutiva. Porém, como veremos adiante, o mundo futuro tem características físicas e arquitetônicas mais próximas dos oitocentos anos em direção ao futuro do que propriamente qualquer outra escala evasiva de tempo.

É possível identificar outros signos que fundamentam estas ideias de que o tempo tratado no romance é uma representação de estratos temporais sobrepostos. O historiador Carl Becker, por exemplo, em resenha na qual associa, com algumas ressalvas, a *História universal* como uma possível representante da *new history* em seu modelo norte-americano, lembra que Wells, em seus capítulos introdutórios, apresenta uma datação sugerida na época para a idade da Terra, provavelmente uma novidade impactante ao leitor comum. “What will strike the reader particularly, and doubtless was intended to, is that it was an incredibly long time in the making – 80 or 800 million years, more or less, according to the best guesses.” E no trecho seguinte, recorda que Wells apresenta, na tábua cronológica presente ao fim da *História*

¹⁵⁴ Este ano foi também o da publicação de *Anticipations*, na qual, como vimos, Wells propôs uma abordagem mais direta e sociológica do futuro, principalmente o século XX.

¹⁵⁵ PARRINDER, Patrick. *Possibilities of space and time*, p. 42.

universal, cerca de 800 mil anos como o provável início da presença humana em nosso planeta.¹⁵⁶

No já mencionado ensaio *The poison called history*, no mesmo trecho em que faz uma possível alusão à Batalha de Hastings e ao ano de 1066¹⁵⁷ como identificação do que seria, em termos históricos, o “nascimento” da Inglaterra enquanto civilização, Wells reforça a ideia de que esta é uma data que permitiria estabelecer um processo histórico, de modo a tratar todos os fenômenos contidos neste recorte a partir de um ponto de vista comum. Desta forma, determinadas instituições, o Estado, a Igreja, o exército, etc., seriam construções artificiais e pouco representativas se comparadas a esta proposta de uma história universal da Inglaterra. “The old-fashioned history never called attention to that (Wells refere-se aqui às consequências sociais da introdução do ferro e aço ao cotidiano). It has been letting people grow up with a belief that, apart from the natural changes from Old Saxon, to Old English, Middle English and so on, it would be possible from common Londoner of let us say A. D. 800 to exchange ideas with a common Londoner of today.”¹⁵⁸

2.3.2 – Futuro-passado

Ao chegar ao futuro a primeira imagem encontrada pelo viajante é a de uma gigantesca estátua de uma esfinge alada de mármore branco, fitando-o diretamente, mas ao invés de sua antecessora egípcia, suas asas estavam espalhadas de maneira que a figura parece suspensa, uma imagem semelhante ao quadro de Paul Klee, *Angelus Novus*, descrito por Walter Benjamin como o anjo da história, espantado e com as asas abertas, impelido pela tempestade do progresso.¹⁵⁹

Ao se ambientar, o viajante percebe uma Londres com enormes jardins contínuos, interrompidos por enormes edifícios comunais, sem grandes adornos ou rebuscamento técnico, apenas funcionais e bastante homogêneos. Sua decepção

¹⁵⁶ BECKER, Carl. Mr. “Wells and the New History”. *The American Historical Review*, Vol. 26, No. 4, July 1921, p. 645.

¹⁵⁷ Aliás, apenas mais uma curiosidade envolvendo esta data simbólica, se voltarmos exatamente 800 anos ao passado, a partir de sua data do nascimento de Wells, 1866, regressamos exatamente ao ano da batalha.

¹⁵⁸ WELLS, H. G. “The poison called history”. In: *Travels of a republican radical in search of hot water*. Harmondsworth: Penguin Books, 1939, p. 113.

¹⁵⁹ Referência à nona tese de Benjamin sobre a história. BENJAMIN, Walter. “As teses sobre o conceito de história”. In: *Obras Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 222-232.

imediate em relação à ausência de progressos tecnológicos e sociais visíveis é compartilhada, pois ele pertence a um mundo cuja ideia de progresso e perspectiva de futuro apontam para uma sucessão de conquistas materiais, que são o resultado inerente do acúmulo de riqueza e conhecimento, em um processo de inexorável condução para a complexificação da vida e das relações humanas. Trata-se de um conceito de futuro como expansão e melhoramento do presente, que decepçiona não só ao viajante, mas todo aquele que o concebe a partir deste modelo de expansão do momento vivido. Para Vidal Costa, o que Wells descreve não é:

(...) um mero conjunto anedótico de aventuras que visa construir um enredo para levar o leitor perante o panorama de imagens do futuro tal qual seu tempo pensaria. Ao contrário, ele deseja não apenas falar de um outro potencial histórico para o amanhã, mas também de mostrar o impacto desta alternativa para o observador do seu tempo e, por que não, de outros tempos, que ainda tomem por referência a rica grandiloquência técnico-científica que o Vinte aprendeu do Dezenove a ainda se faz vigorosa em pleno Vinte Um.¹⁶⁰

Apesar do clima enigmático causado pela primeira impressão, alguns passos são suficientes para observar que o viajante não estava sozinho, pois seres se movimentavam à distância, não parecendo importar-se com o estranho visitante. Logo, as primeiras impressões sobre os pequenos seres podem ser alcançadas, seguidas de custosas tentativas de contato: “Era uma criatura pequena – com cerca de 1m 20cm de altura – envolta em uma túnica púrpura, presa a cintura com um cinto de couro. Ele me espantou por ser uma criatura muito bonita e graciosa, mas indescritivelmente frágil.”¹⁶¹

Uma melhor aproximação com aqueles seres permitiu ao viajante perceber, um pouco melhor, como funcionava aquela estranha sociedade. Logo pôde conhecer os colossais prédios em que viviam aquele povo, com seus amplos salões de convívio público, onde se alimentavam e dormiam. “Comunismo!”, foi a palavra que de imediato passou a repetir mentalmente. Tudo ao seu redor era belo e harmonioso. Campos que alternavam partes floridas e bosques fugiam à vista; a humanidade teria se transformado em um imenso jardim em que aquelas criaturinhas pareciam desfrutar de tudo sem maiores preocupações. Nenhuma fumaça, nenhum meio de transporte,

¹⁶⁰ COSTA, Vidal A. de Azevedo. *Ecos do tempo perdido*, p. 261.

¹⁶¹ WELLS, H. G. *A máquina do tempo*, p.37 -38.

nenhuma máquina, ou seja, nenhum vestígio daquela sociedade futura que esperava encontrar.

O esperado choque entre o seu presente vitoriano e o futuro já experimentado em inovações tecnológicas não irá acontecer. Havia, em algum ponto de sua viagem, ultrapassado a linha evolutiva que esperava encontrar, para desembarcar em um mundo livre de contradições sociais e, conseqüentemente, livre de sua própria história. No entanto, o comunismo alardeado pelo viajante, nos moldes propostos por Wells e seguindo as pistas de sua orientação política (melhor explicitada na primeira década do século XX, quando da sua incursão na *Fabian Society*), é um projeto mais próximo de Thomas Morus e William Morris do que propriamente de Marx e Engels.

A indolência dos Elói (como era denominado tal povo) levou o viajante a compreender melhor o que gerou tal estado de coisas. Ele percebeu que o encolhimento degenerativo do tamanho, da força e da inteligência foi resultado do enclausuramento e do perfeito equilíbrio que atingira aquela sociedade. Após atingir o seu zênite, a humanidade se viu sem a necessidade de imprimir um domínio constante sobre a natureza, característica fundamental de todas as civilizações que atingiram um grau maior de desenvolvimento durante a história.

Sobre esta questão, antes de perceber o “fim da história” e a ausência de contradições sociais na qual se encontravam os habitantes do futuro, o viajante refletia sobre seu próprio tempo e a necessidade de se imprimir uma relação de submissão da natureza como elemento fundamental ao progresso.

Fazemos estas melhoras gradualmente porque nossos ideais são vagos e experimentais¹⁶², e nosso conhecimento muito limitado. (...) Algum dia isso tudo será mais bem organizado (...) e todo mundo será mais inteligente, educado e cooperador; as coisas vão se mover mais e mais rapidamente em direção à subjugação da natureza.¹⁶³

¹⁶² Neste caso, creio que há um equívoco na tradução, pois a palavra “experimental” não faz jus ao sentido proposto por Wells. A palavra em questão, no original em inglês, é “tentative”, que pode significar “experimental”, em um sentido geral. Todavia, Wells está se referindo nesta passagem a um processo de domínio da natureza que em sua época julga ser ainda incipiente e pouco eficiente e, desta forma, “tentative” adquire o sentido de algo não certo, não definitivo, provisório, a ser tentado. A ideia de experimental em termos científicos tem importância fundamental para o pensamento wellsiano, como apontamos no capítulo 1, e não deve ser confundida com a possível interpretação proposta pela tradução. Eis como o termo aparece no texto da primeira edição: “We improve them gradually, because our ideals are vague and tentative, and our knowledge is very limited”. WELLS. H. G. *The time machine: an invention*. New York: Henry Holt, 1895, p. 71.

¹⁶³ WELLS. H. G. *A máquina do tempo*, p. 49.

Perdido tentando compreender a derrocada de sua própria civilização, o viajante mal percebe o desaparecimento de sua máquina. O pânico inicial de se ver preso para sempre naquele futuro estranho dá lugar a óbvia constatação de que os Eloi, por maior número que fossem, não teriam sido os responsáveis pelo sumiço de seu meio de transporte temporal. Algo o fez associar esta certeza com os enormes tubos de ventilação que brotavam do solo, em diversos lugares dos verdejantes campos. Quase instintivamente, o viajante se dirige a um destes túneis, cuja aproximação provoca nos Eloi uma ojeriza notável. Porém, apesar do medo que sente, o viajante precisa recuperar sua máquina e tem uma grande suspeita de que dentro daquela escuridão está a resposta que procura, não só a respeito de sua máquina, mas também sobre o enigma que cerca aquela sociedade.

Pequenos degraus de ferro o levaram a aproximadamente cento e oitenta metros da superfície, que não passava de um pequeno ponto de luz perdido na escuridão. À medida que realizava a estafante descida, o barulho constante de máquinas trabalhando foi tornando-se cada vez maior. O breu que não permitia enxergar a um palmo de distância o fez lembrar como estava mal preparado para esta empreitada, já que tinha nos bolsos apenas uma caixa com poucos fósforos. O barulho das máquinas, que agora já era bastante alto, não deixou o viajante perceber a aproximação de algumas criaturas que passaram a tocá-lo lentamente. As pequenas mãos gélidas logo lhe deram a certeza de que não se tratavam dos Elói, o que o deixou apavorado. Ao acender um fósforo a visão que teve foi de um símio branco, com grandes olhos vermelhos avessos à claridade. A simples luz de um fósforo serviu para afastar vários deles que se aglomeravam a sua volta. Imediatamente, o viajante tenta se dirigir para a escada, afastando abruptamente várias daquelas criaturas que, provavelmente, o enxergavam perfeitamente no escuro. O alívio só se deu após boa parte da subida ter sido completada, quando teve a certeza de que não estaria mais sendo perseguido por aqueles seres.

As coisas tornavam-se, aos poucos, mais claras. A visão daquela nova raça, provavelmente uma subdivisão da espécie humana, fez o viajante ter a certeza não só de que aqueles seres, os Morlocks,¹⁶⁴ como eram denominados, foram os raptos

¹⁶⁴ Aqui recorro novamente à pesquisa de Vidal Costa para refletir sobre o significado dos nomes atribuídos por Wells às suas criaturas futuras. Apesar de diversas especulações a respeito, esta me parece ser a explicação mais plausível. “Morlock é corruptela de Moloch (em hebreu molek), deus dos Amonitas (tribo de cananeus descendentes de Amon, filho de Lot, que habitavam a Síria e foram vencidos por David), representado como um homem com a cabeça de touro, ao qual se sacrificavam

de sua máquina, como eram responsáveis também pela aparente harmonia daquele tempo futuro. Segundo sua especulação, tudo teria começado com o crescente isolamento da classe trabalhadora aos subterrâneos, enquanto os patrões, detentores do capital e proprietários da maioria das terras, acabavam por isolar-se em resorts em que ficavam livres da convivência com os demais. Para a tristeza do alter-ego de Wells, esta era uma realidade já presente em sua Londres pós-revolução industrial.

O “fim da história” anunciado por Wells está representado na relação não conflituosa entre os Morlocks e os Elói, na qual, em algum momento histórico, o confinamento dos trabalhadores passou a ser aceito como natural, sem que se dessem conta das forças que agiam para estabelecer tal ordem social. Os Morlocks, habitantes dos subterrâneos, haviam atingido um grau tamanho de desenvolvimento decorrente do imenso tempo que passaram sob a terra, e a necessidade da sobrevivência os tornou cada vez mais inumanos. A explicação para o pedaço de carne que jazia sobre uma mesa, quando da visita do viajante às cavernas subterrâneas, agora encontra uma explicação plausível. Os Morlocks eram carnívoros, mas a ausência de outros animais naquele mundo fez o viajante perceber que sua base alimentar eram os próprios Elói, o que fez aumentar sua repugnância para com aquelas criaturas. Esta é, portanto, uma nova natureza na interdependência entre as espécies, onde as belas criaturas da superfície eram uma espécie de gado, indolente e apático diante de sua condição de presa nesta inversão de valores proposta por Wells.

Ao recuperar sua máquina, o viajante exerce seu privilégio de poder vagar pelo infinito para fugir rapidamente de toda aquela angustiante situação e, impulsionado pela curiosidade, se dirige novamente ao futuro. Ao observar o Sol ficando cada vez maior, à medida em que se adiantava no tempo, o viajante cada vez mais confirmava a impressão de que o fim estava próximo. O frio e o calor faziam-se cada vez mais intensos, e a vermelhidão do crepúsculo denunciava que toda a solidez da

crianças, por meio do fogo. A expressão tornou-se sinônimo de divindade monstruosa, à qual tudo se deve sacrificar, em especial a inocência. No mundo das representações da ficção científica, é célebre a citação desta divindade no filme “Metropolis”, de Fritz Lang, em que a mesma aparece como representação da fábrica, enquanto devoradora de vidas. A origem do nome Elói é mais obscura, e passaria despercebida se não fosse por uma comparação rápida que o autor faz dos mesmos aos reis carlovíngios (carolíngios). Essa citação da antiga monarquia franca é que oferece o vínculo do nome: Santo Elói, bispo de Noyon (588-660 d.C.), foi ourives e tesoureiro-chefe de Clotário II e Dagoberto I (ambos reis merovíngios) e é festejado em 1 de Dezembro como o santo padroeiro dos ourives – figura portanto simbólica para descrever os fúteis, embora belos, descendentes das classes dominantes capitalistas”. COSTA, Vidal A. de Azevedo. *Ecos do tempo perdido*, p. 268.

materialidade, dos sonhos humanos, da esperança de um futuro melhor se esvaem quando o céu, de repente, fica todo negro.

As diversas ideias encontradas em *A máquina do tempo*, algumas delas discutidas nestes capítulos, outras apenas tangenciadas e outras tantas não mencionadas, de alguma maneira, convergem para a forma como Wells concebe o conceito de tempo, natural e historicamente, e de como este conceito está relacionado e dialoga com outras ideias semelhantes em sua época. Para Wells, a partir deste momento, o futuro da humanidade se torna um objeto de conhecimento tão maleável e sujeito à análise e interpretação quanto o presente ou o passado.

Capítulo 3 – Utopias cinéticas: modelos para uma nova ciência social

3.1 – *Writing, talking and preaching revolution*

*I am going to write, talk and preach revolution for the next five years.*¹⁶⁵

*The utopian principle has an anthropological breadth and depth, something universal and fundamental. It appears in the smile of a child, in the enthusiasm of love, in being overpowered by aesthetics or religious experience, in the longing for freedom and happiness – in other words, whenever human beings in suffering and action go decidedly beyond the given and plan another place in which they want to find themselves.*¹⁶⁶

A carreira literária de H. G. Wells foi adequadamente resumida por ele mesmo em 1895, em uma carta escrita em novembro ao seu potencial editor, Grant Richards, por ocasião do envio e aceitação de um conto chamado *The argonauts of the air*¹⁶⁷ para o *Phil May's Annual*. Richards pediu a Wells algumas informações pessoais e breve sinopse de sua produção literária, talvez mais por curiosidade pessoal, já que se tratava até então de um recém-formado estudante de ciências e autor desconhecido, com alguma repercussão inicial em função da publicação de *A máquina do tempo*. A justificativa era a de produzir um breve perfil para o público da revista. Eis a resposta de Wells:

My dear Sir,

It's awfully good of you to go writing up a reputation for me, and I very gladly do what you ask for me. I was born at a place called Bromley in Kent, a suburb of the damnedest, in 1866, educated at a beastly little private school there until I was thirteen, apprenticed on trial to all sorts of trades, attracted the attention of a man called Byatt, Headmaster of Midhurst Grammar School, by the energy with which I mopped up Latin – I went to him for latin for a necessary examination while apprenticed (on approval, of course!) to a chemist there, became a kind of theaching scholar to him, got a scholarship at the Royal College of Science, S. Kensington (1884), worked there three years, started a

¹⁶⁵ Trecho de carta escrita por Wells em 1901 ao astrônomo Richard A. Gregory, citada por Geoffrey West em *H. G. Wells: a sketch for a portrait*. Londres: 1930, p. 156.

¹⁶⁶ RÜSEN, Jörn. "Rethinking utopia: a plea for a culture of inspiration." In: RÜSEN, J; FEHR, M; RIEGER, T. *Thinking utopia: steps into other worlds*. New York: Berghahn, 2007, p. 279.

¹⁶⁷ Conto publicado posteriormente na coletânea *Platter story and others*. London: Macmillan and Co., 1904.

student's jornal, read abundantly in the Dyce and Foster Library, failed my last year's examination (geology), wandered in the wilderness of private school teaching, had a lung haemorrhage, got a London degree B. Sc. (1889) with first and second class honours, private coaching, *Globe* turnovers, article in the *Fortnightly* (1890), edited an obscure educational paper, had a haemorrhage for the second time (1893), chucked coaching and went for journalism. *P.M.G.* took up my work, then Henley (*N. Obs.*). Hind *P.M. Budget* set me on to short stories. Found *Saturday Review* when Harris bought the paper. *Review of Reviews* first paper to make a fuss over *Time Machine* – for which I shall never cease to be grateful. *Referee*, next. Brings me up to the date.

Books published:

- *Textbook of biology*. A cram book – and pure hackwork. (Illustrations grotesquely bad – facts imagined.)
- *Time machine*
- *Wonderful visit*
- *Stollen bacillus*

Forthcoming: -

- *The island of Dr. Moreau*. Jan. 1896.

I am dropping all journalism, and barring a few short stories to keep the wolf from the door and concentrating upon two long stories – one of these is a cycling romance (I am a cyclist), the other a big scientific story remotely resembling the *Time machine*. I am trying to secure a serial publication of these in 1896 – if ever I get them finished.

But this is enough of facts. Use any you fancy and believe me.

Always yours very sincerely,

H. G. Wells¹⁶⁸

Este é o promissor início de carreira, descrito em tom sincero e objetivo, de um autor com mais de cem livros editados, de uma extensa produção literária, jornalística e ensaística. Uma carreira que já frutificara seus primeiros resultados, e definitivamente se apresentava possível, mas que sofreu uma importante e definitiva guinada na transição entre os séculos XIX e XX. O trecho da carta em que afirma estar “mais envolvido com o jornalismo agora” é bastante significativo e sintomático desta transição.

¹⁶⁸ Correspondência disponível em RICHARDS, Grant. *Memories of a misspend youth*, 1932, p. 327-8. (Grifos do autor) O artigo publicado na *Fortnightly Review* é *Rediscovery of unique* e o ano correto da publicação é 1891 e não 1890, como mencionado na carta, pois é o único texto de Wells no periódico nestes dois anos. O “obscuro artigo educacional” mencionado é provavelmente *Textbook of biology* (1893), um apanhado didático de informações sobre biologia geral que Wells escreveu ainda como estudante, aproveitando os manuais nos quais estudou na época como professor assistente na *Midhurst Grammar School*. Escrever este tipo de texto era um dos requisitos para aprovação nas universidades para os chamados “working students”, além de condição para pleitearem bolsas de estudos. O romance ciclístico em questão é *Wheels of chance* (As rodas do acaso), publicado originalmente em agosto de 1895. Narra as aventuras de três jovens ciclistas pelo *countryside* londrino. Wells foi um dos divulgadores da bicicleta enquanto invento relativamente recente e meio de transporte, utilizando-a com frequência em seus deslocamentos pessoais e lazer.

Apesar de esta mudança ser bastante nítida e evidente, inclusive para o leitor iniciante em Wells, e da maioria de seus críticos usarem esta divisão para demarcar sua posição e justificativas sobre qual Wells propõem estudar, creio ser possível observar muitas outras fases e possíveis outras subdivisões organizadoras de sua obra, conforme exposição inicial na introdução desta pesquisa. Ademais, nestas possíveis “fases” em sua carreira literária, é possível perceber uma relação de continuidade em muitos dos temas trabalhados e, principalmente, no uso coerente dos modelos científicos que embasaram suas primeiras incursões pelo universo literário ainda como estudante.

Em um sentido geral, se considerarmos, para efeito de compreensão da questão, esta perspectiva corrente dos “dois grandes momentos ou fases” de sua carreira, pode-se afirmar que no segundo deles, no início do século XX, Wells deixou a ficção em segundo plano, porém sem abandoná-la, e partiu para uma produção intelectual cuja principal característica talvez seja mesmo o reformismo social. Neste sentido, manuais sobre biologia evolutiva, jornalismo de cunho sociológico, textos sobre conjuntura econômica mundial, escritos sobre história, além de alguns romances utópicos e de costumes formam uma massa disforme de ideias. Elas carregam consigo o objetivo comum de promover uma educação popular integral e a difusão de uma das suas grandes obsessões intelectuais: a formação de um Estado mundial, regulado por uma administração centralizada, com um idioma único (tendo como proposta a criação do que chamou “inglês básico”), controle dos transportes e comunicações, além da propriedade estatal para fins educacionais do conjunto das informações produzidas pela humanidade.

De fato, a obra de Wells assumiu um caráter mais prático, pois seus primeiros livros foram recebidos como portadores de ideias interessantes, mas que não possuíam ligação efetiva com a realidade. Wolf Lepenies traduz esta constatação lembrando uma irônica manifestação da escritora britânica Virgínia Woolf a respeito de Wells e seus contemporâneos, que ilustra a compreensão de obras como as que passaram a ser propostas por Wells, a partir da sua entonação ao ensaio e ao jornalismo social. Em 1920, Woolf propôs uma divisão definitiva da literatura inglesa em dois grandes grupos: os eduardianos, dentre os quais incluiu Arnold Bennet, John Galsworthy e H. G. Wells, e os georgeanos, T. S. Elliot, James Joyce e D. H. Lawrence. Woolf afirmou na oportunidade que algumas mudanças decisivas ocorreram na década de 1910 na sociedade inglesa, e que somente os georgeanos

foram capazes de captar tais mudanças, que passavam pela análise da natureza humana e suas características essenciais, e não mais pela análise social e utópica.¹⁶⁹

É provável que a receptividade para ideias sociais em forma de romance não fosse mais a mesma do que na virada do século, quando os romances com temas sociais atingiam grandes públicos, disponíveis nos periódicos que os publicavam com frequência. Ao mesmo tempo, aproveitando a constatação de John Huntington sobre a relevância política das ideias explanadas em formato essencialmente ficcional por Wells, pode-se afirmar que “his political positions, which his contemporaries – not just his enemies – often found utopian, sound even more so as they lose connection with specific historical situations.”¹⁷⁰

A partir destas considerações, é possível afirmar que o reformismo social proposto por Wells, até certo momento de sua carreira manifestado essencialmente por meios literários, passa gradativamente a mesclar elementos das ciências naturais que sempre o acompanharam - mas que se apresentavam implícitos em um discurso ficcional que não favorecia sua aceitação enquanto ideário científico pertinente à sua época - com uma nova forma de expressão, considerada ainda literária, porém mais direta e objetiva. Segundo Lepenies, tratava-se da busca de uma espécie de sociologia universal, que aliava subjetividade e objetividade, beleza e verdade, arte e ciência.¹⁷¹ De uma maneira geral, um esforço pela expressão científica em formas literárias mais adequadas aos objetivos sociais observados entre o final do século XIX e o início do XX. Para Wells, duas formas de expressão se apresentaram como

¹⁶⁹ LEPENIES, Wolf. *As três culturas*. São Paulo: Edusp, 1988, p. 145.

¹⁷⁰ HUNTINGTON, John. “Introduction” In: *Critical essays on H. G. Wells*. Boston: G.K. Hall, 1991, p. 7. Huntington lembra ainda que Wells polemizou em diferentes oportunidades com o escritor britânico Henry James a respeito do papel social da literatura e como ela deveria servir a propósitos maiores do que a simples manifestação estética. Neste sentido, Wells se autoproclamou um “jornalista”, em oposição ao que seria um “artista”. Porém, o sentido desta afirmação está relacionado ao tipo de cobertura temática propiciada ao jornalista, profissional das letras que, ao sustentar esta condição, está livre de boa parte das convenções literárias de sua época. Claramente, para Huntington, ele jamais poderia diversificar e desenvolver livremente como escritor comum os temas que abordou como polêmico ensaísta. Ao mesmo tempo, esta condição lhe permitiu responder com mais intensidade e imediatismo às ideias correntes em sua época. Se quis em algum momento realizar algo atemporal enquanto legado, Wells nunca deixou de polemizar os assuntos do momento, posição bastante interessante ao historiador das ideias. Finalmente, Huntington comenta sobre a recepção crítica observada nestas “duas fases”, afirmando que “Wells’s realistic and autobiographical novels have experienced a rather different reception from the scientific romances and present quite a different set of interpretative and evaluative problems to critics. While the scientific romances fit a set of (self-established) generic guidelines, Wells’s novels range over a wide generic space and are constantly exerting pressure on the generic categories. (...) Wells claim to be a journalist was not a self-denigrating; it was part of a large project of aesthetic and political reorientation”. HUNTINGTON, John. “Introduction”, p. 9 - 10.

¹⁷¹ LEPENIES, Wolf. *As três culturas*, p. 153.

resposta a estas necessidades proeminentes: a historiografia narrativa, aos moldes de Thomas Buckle, Edward Gibbon e Thomas Carlyle,¹⁷² e a utopia como gênero literário-social com sua entonação ao futuro como variável componente do processo histórico, uma espécie de nova ciência social.

Definitivamente, Wells não estava contente em permanecer intelectualmente confinado ao “gueto” do *scientific romance*. Na primeira década do século XX, suas experiências pessoais também passaram a figurar de maneira considerável em seus textos. É importante destacar que Wells esteve envolvido diretamente com movimentos feministas e sufragistas nesta década.¹⁷³ Ao mesmo tempo, iniciou neste período uma série de notórios casos extraconjugais que, segundo ele mesmo, eram parte de uma experiência que propunha o amor livre como condição para a reestruturação social descrita nos textos desta fase. Wells permaneceu casado com Amy Catherine Robbins até sua morte em 1927, a quem chamava de Jane, e que aparentemente tinha conhecimento da maioria dos casos do marido, alguns inclusive públicos e motivos de escândalo em determinados círculos sociais que frequentavam. A vida amorosa de Wells foi pesquisada por uma série de autores, e constitui, para alguns de seus analistas, um capítulo de sua vida quase tão interessante quanto seus livros.¹⁷⁴

¹⁷² Esta relação entre a proposta historiográfica de H. G. Wells com historiadores britânicos do século XIX é um dos pontos importantes a serem desenvolvidos nesta pesquisa. Além da questão da narrativa, que pode ser identificada como uma característica recorrente em parte da historiografia inglesa do período, é possível ressaltar o caráter não acadêmico dos autores acima citados, que manifestavam, assim como Wells, uma crença importante no progresso e no papel modelar que a história proporcionava, identificando no passado uma linha evolutiva que justificaria algumas situações do presente. Especialmente Buckle apresenta algumas ideias semelhantes na sua *História da civilização na Inglaterra* (1857) que reforçam a questão da confiança no valor moral da história e sua relação fundamental com as ciências naturais, especialmente como fundamento metodológico.

¹⁷³ Além de alguns panfletos e textos jornalísticos que versavam sobre liberdade sexual e defendiam uma maior participação política feminina, as principais contribuições de Wells à questão, resultado de sua atividade intelectual militante, são os romances *Ann Verônica* (1909), em que a personagem principal é uma jovem sufragista em conflito com o machismo político inglês e *Marriage* (1912), um dos seus livros mais extensos (cerca de 550 páginas na edição original) em que aborda as vicissitudes da relação de um casal comum em meio a questões sociais que procura enredar na trama.

¹⁷⁴ Em 1906 Wells iniciou um romance com Amber Reeves, que participava à época da *Fabian Society*. Cerca de três anos depois, conheceu a escritora Rebecca West, com quem teve um conturbado relacionamento, de indas e vindas, e que lhes gerou um filho, Anthony West, que posteriormente tornou-se um de seus mais importantes biógrafos. No início da década de 1920, envolveu-se com a secretária do escritor russo Máximo Gorki, a quem visitou por mais de uma vez em suas viagens à Rússia soviética. Sobre estas e outras aventuras amorosas, o próprio Wells as registou em um livro complementar à sua autobiografia, uma série de textos autobiográficos sobre as mulheres com quem se relacionou, organizados por seu filho mais velho, G. P. Wells, e que foi publicado como *H. G. Wells in love: postscript to an experiment in autobiography* (London: Faber & Faber, 1984). Outros estudos importantes estão em RAY, Gordon. *H. G. Wells & Rebecca West*. New Haven: Yale University Press, 1974 e LYNN, Andrea. *Shadow lovers: the last affairs of H. G. Wells*. Boulder: Westview, 2001.

É preciso notar também que na última década do século XIX Wells era conhecido quase que exclusivamente como romancista, apesar de suas contribuições pontuais e pouco repercutidas para a filosofia da ciência. Isso vale também para o início do século XX, quando foi associado a uma determinada geração de escritores, chamados genericamente de eduardianos. No entanto, seguindo um retrato traçado por John Huntington, em meados dos anos 1940, época de sua morte, sua condição de romancista foi praticamente negligenciada.

In the first decade of the century, Wells was generally acknowledged as a major English novelist. Along with Arnold Bennett and John Galsworthy (Joseph Conrad would have to wait until later to be generally recognized), he stood for the generation that followed the still living giants, George Meredith, Thomas Hardy and Henry James. By his death in 1946, Wells was almost neglected as a novelist.¹⁷⁵

Com exceção do isolado estudo sobre o pensamento de Wells feito por Geoffrey West em 1930 (cuja capa trazia a chamativa sinopse *This man is more interesting than his books!*), apenas entre os anos 1950 e 60 foram produzidas algumas obras que representaram esta valorização de Wells como novelista e pensador social, com destaque para a biografia intelectual proposta por Antonina Vallentin, *H. G. Wells: prophet of our day* (1950), e para os livros de Warren Wagar: a tese *H. G. Wells and the world state* (1961) e a coletânea de textos *H. G. Wells: journalism and prophecy 1893-1946* (1964).¹⁷⁶ Na história do universo intelectual ao redor de Wells, iniciativas desta natureza foram pontuais, apesar de bastante representativas. No mesmo ano de 1961, Bernard Bergonzi publicou seu estudo sobre os romances, *The early H. G. Wells*, e seu tornou uma referência importante para o conjunto da análise que pode ser observada nas décadas posteriores, servindo como

¹⁷⁵ HUNTINGTON, John. "Introduction", p. 6.

¹⁷⁶ A diferença entre novelas e romances no contexto literário britânico está relacionada especialmente à sua abordagem dos fenômenos. Ambos são formatos ficcionais, mas a novela propriamente dita é uma espécie de crônica da vida real, descrevendo lugares reais, desenvolvendo situações reais com pessoas que carregam em si estas características, em um presente ou passado plausíveis, sem traços mágicos ou maravilhosos. O escritor Henry James, amigo pessoal de Wells, com quem trocou importante correspondência, parece discordar da pertinência desta divisão quando afirmou que "*novel* e *romance*, o romance de incidente e o de personagem – essas separações grosseiras me parecem ter sido feitas por críticos e leitores para sua própria conveniência, e para ajudá-los em algumas situações eventualmente problemáticas, mas que me parecem ter pouco interesse ou realidade para o criador, de cujo ponto de vista estamos tentando considerar a arte da ficção." Ver JAMES, Henry. *A arte da ficção*. São Paulo: Novo Século, 2011, p. 27.

parâmetro da ênfase dada ao Wells romancista vitoriano em detrimento a outras possíveis abordagens.

Em 1893 Wells definiu algumas das características do que chamou de velha literatura, “aristocrática” e “suave e nobre em suas maneiras”, em oposição a uma nova literatura, constitutiva de uma força intrínseca capaz de atuar sobre a própria história. Em suas palavras,

The old literature was aristocratic, and this age is only the dawn of democracy. The old literature is full of subtle meanings, hinting quotations, faint allusions; it has a classical flavor, like the scent of lavender. The democracy will have none of your classics, it hates allusions and quotations; it likes a writer to be ‘clear and sensible’. It is suspicious of being laughed at... The old literature had a soft voice and a gentle insinuating manner; the new literature will be a thing of loud bawling books, shrieking headlines, and slovenly grammar.¹⁷⁷

Além desta relação entre classes associada a velhas e novas formas literárias, o ato de escrever carregava em si um passaporte que lhe permitiu transpor barreiras sociais bastante determinadas, mesmo no vitorianismo tardio, e ter contato não apenas com outros escritores, mas com pessoas que lhe permitiam uma troca de informações e impressões sobre questões estéticas, históricas, sociais e políticas em uma perspectiva que sobrepujava os círculos socialistas londrinos. Em um raro prefácio que escreveu para a edição russa de *The history of Mr. Polly* em 1909, Wells classificou sua trajetória literária como:

(...) one of the modern forms of adventure. (...) One is lifted out of one’s narrow circumstances into familiar and unrestrained intercourse with a great variety of people. One sees the world. One meets philosophers, scientific men, soldiers, artists, professional men, politicians and all sorts, the rich, the great, and one may make such use of them as one can. One finds oneself no longer reading in books and papers but hearing and touching at first hand the big discussions that sway men, the initiatives that shape human affairs (...). I have friends and intimates now at almost every social level from that of a peer to that of a pauper, and I find my sympathies and curiosities stretching out like a thin spider’s web from top to bottom of the social tangle.¹⁷⁸

¹⁷⁷ WELLS, H. G. “The literature of the future: the horoscope of books”. In: *Pall Mall Gazette*. October II, 1893.

¹⁷⁸ Manuscrito do prefácio para *The history of Mr. Polly*, p. 23-24, *Wells’s Archive – RBML-UIUC*, box 7, folder 145.

3.2.1 - O utopismo como literatura social

Pelo menos até os anos oitenta do século passado, diversos autores que se debruçaram sobre as utopias, sejam elas literárias ou não, produziram um discurso semelhante sobre a carência de estudos que ofereçam conceitualizações satisfatórias sobre o que afinal é utopia e como seus pressupostos se aplicam a diferentes obras e pensadores. Neste sentido, Raymond Trousson, um estudioso da literatura utópica, se apropriou da definição de outro teórico, Darko Suvin, que concebe utopia como “la construccion verbal de una comunidad casi humana particular, en la que la instituciones sociopolíticas, las normas y las relaciones individuales están organizadas según un principio mas perfecto que en la sociedad del autor”.¹⁷⁹

Porém, o tipo de análise proposta por Trousson, que concebe a utopia especialmente como uma manifestação da linguagem, tem um pressuposto inicial formulado por C. J. Dubois, segundo o qual “la utopia es un género con reglas y muy estrictas”.¹⁸⁰ Assim, mesmo o gênero possuindo essas regras traçadas, a dificuldade em definir e analisar as obras de Wells reside principalmente no fato de encontrarmos o discurso utópico presente em diversos outros tipos de literatura, que não necessariamente podem ser concebidas como utópicas.

Lyman Tower Sargent oferece uma definição mais objetiva de utopia, de onde parte para delinear as características de outras variações do gênero, como eutopia, distopia ou anti-utopia. Para Sargent, “utopia is a nonexistent society described in considerable detail and normally located in time and space”.¹⁸¹ A essa definição, são acrescentados alguns argumentos sobre a inerente condição prática do pensamento utópico, além de alguns apontamentos sobre como a presença da ideologia influencia negativamente o utopianismo.

Primeiramente, Sargent afirma que o desejo e/ou esperança de uma vida melhor são os aspectos centrais da experiência humana, mas que são manifestações frequentemente distorcidas pela ideologia e pela religião. Ao mesmo tempo, esse desejo, quando manipulado dessa forma, pode tornar-se perigoso, pois acaba promovendo a exclusão de determinados grupos humanos aliados dessa busca por

¹⁷⁹ TROUSSON, Raymond. *Historia de la literatura utópica*. Barcelona: Península, 1995, p. 27.

¹⁸⁰ *Idem Ibidem*, p. 23.

¹⁸¹ SARGENT, Lyman Tower. “In defense of utopia”. *Diogenes* 53, nº. 1, p. 11-17, 2006, p. 15.

uma vida melhor. Além disso, oferece um caminho estrutural sobre a utopia enquanto gênero literário a partir de alguns temas básicos, observando Wells como um dos marcos de transição. O autor ainda argumenta que o aumento na publicação e comercialização dos livros em geral, associados às duas Guerras Mundiais, à Grande Depressão, à Guerra Fria e outros fatores contribuíram para grandes mudanças em todo o período, que naturalmente acabaram por influir na generalização dos temas utópicos. Porém, o fator preponderante no século XX teria sido o significativo impacto da obra de Wells, que acabou engrandecendo o gênero e alargando suas fronteiras para limites ainda a serem explorados.

Em segundo lugar, Sargent aponta para algumas questões conceituais, ressaltando a dificuldade em se encontrar uma bibliografia satisfatória que trabalhe com os conceitos referentes à ficção utópica, além do que ele chama de problemas definidores do gênero. Nesse sentido, são privilegiadas algumas características gerais do gênero, apontadas em seu momento histórico, destacando suas permanências, simultaneidades e tênues rupturas. Sua proposta é desmistificar alguns sentidos comuns sobre o gênero, principalmente acerca da impressão de que a hegemonia do capitalismo industrial produz como efeito direto as utopias negativas, transmitindo a ideia de que não houve uma expressiva literatura utópica positiva, sobretudo no século XX. Um exemplo particular que desmistifica esta impressão é o próprio Wells, cuja literatura transita inconstantemente entre o otimismo frente às possibilidades de sua época e a ameaça constante da guerra que pairava sobre a Europa.

3.3 – Antecipações: o século XX desvelado

O desenvolvimento da relação que Wells estabeleceu com a máquina e a tecnologia, mediada pelos processos científicos em voga, apresenta duas características fundamentais: tem como ponto de partida uma visão tradicional, percebida particularmente em seus primeiros romances, nos quais a técnica e suas materializações são potencialmente perigosas e trazem em si um maligno poder. Mas apresenta também, a partir de sua preferência pela novela social, uma concepção na qual, apesar dos riscos potenciais, este desenvolvimento poderia ser efetivamente controlado e direcionado com fins a um bem social comum. Tudo parece depender da capacidade humana em gerir o imenso potencial da moderna tecnologia em causar

considerável destruição, se estaria apta a controlar objetivamente os recursos que poderiam ocasionar severas perdas humanas ou mesmo sua auto-aniquilação.

Um paralelo pode ser traçado entre esta atitude diante do progresso técnico com a visão de Wells em relação aos governos e sistemas sociais observados em sua época, pois suas propostas de reforma social não encontravam correlação possível com os modelos políticos de organização humana, motivando uma “incompatibility of the great world order foreshadowed by scientific and industrial progress with the existing political and social structures”.¹⁸²

Apesar de algumas das suas intenções de reorganização social em escala mundial concebidas nos domínios da sociologia e teoria política parecerem impossíveis de serem efetivamente implementadas, às vezes tidas como mero disparate imaginativo, devem, todavia, ser entendidas como resultados de um desejo por ordem e eficiência, ideias que orientaram a formação do pensamento de Wells desde seus dias enquanto estudante, o que foi manifestado em seus primeiros artigos sobre a natureza do conhecimento científico.

Suas ideias sobre os melhores meios para a implementação destes princípios nas estruturas de poder político variaram de acordo com o contexto político mundial, além obviamente do próprio desenvolvimento do seu pensamento e compreensão do papel do ser humano neste sentido. Mas sua fidelidade em relação aos fundamentos de seus princípios sociais e a necessidade de serem efetivamente implementados de fato nunca oscilou ou arrefeceu. Seja de forma otimista ou pessimista, a aspiração central de sua trajetória literária no século XX parece ter sido informar cada vez mais pessoas do conjunto de suas ideias de modo que, em alguma medida, respondessem a elas.

É pertinente aqui abrir um parêntese sobre o porquê de Wells, sem o benefício de uma formação política específica ou mesmo qualquer experiência gerencial prática, considerar a si mesmo como alguém com conhecimento suficiente para propor um rearranjo na estrutura de poder mundial. Aparentemente, ele advogava a ideia de que este não envolvimento político-partidário, neste caso, seria um fator positivo importante, uma parte de suas possíveis credenciais, mas, no entanto, uma atitude que ele certamente condenaria em quaisquer outras áreas do conhecimento.

¹⁸² WELLS, H.G. *Experiment in autobiography*, p. 651.

The fact that I regarded myself as a complete outsider in public affairs... probably helped importantly in the liberation of my mind to these realizations, and supplied the disinterested vigour with which I worked them out. I could attack electoral and parliamentary methods, the prestige of the universities, and the running class, the monarchy and patriotism, because I had not the slightest hope or intention of ever using any of this established systems for my own advancement or protection. For a scientific treatment of the theory of government, my political handicap was a release.¹⁸³

Embora a maior parte das referências de seu pensamento político esteja contida em suas novelas sociais e textos que podemos classificar como “didáticos”, pertencentes ao mesmo período, acredito ainda que se trata preferivelmente do desenvolvimento contínuo de um modelo intelectual que pode ser identificado em seus primeiros textos.

David Hughes, em seu estudo sobre o romance científico inglês no final do século XIX, associa a divisão de classes em Wells à famosa imagem das duas nações criada por Disraeli¹⁸⁴. Para o autor, “(...) many commentators see in the separation between Wells's Morlocks and Eloi an ironic reflection of social class divisions in Victorian Britain Disraeli's 'two nations', but it can better be seen as a reflection of opinions about basic human nature--Disraeli's 'apes and angels'.”¹⁸⁵

Semelhante argumento pode ser encontrado em Rosalyn Haynes, que identifica um traço comum nos primeiros romances de Wells, a partir da identificação de uma classe dirigente intelectualmente superior que provoca uma consequente divisão bipartite na sociedade.

(...) it is important to realize that these form part of a continuing development of thought, which began as early as *The time machine* with its description of bifurcate society ruled by ruthless technocrats. Here already is the germ of an idea which was to be developed more fully in the major scientific romances, and in the novels of the period

¹⁸³ *Idem. Ibidem.* p. 651-652.

¹⁸⁴ Benjamin Disraeli foi um político conservador britânico que exerceu o cargo de primeiro-ministro por duas oportunidades, além de escritor. Em *Sybil, and the two nations* (1845), Disraeli demonstrou preocupação com a crescente divisão social inglesa e o aumento da pobreza, motivados pelo desenvolvimento das grandes cidades industriais. No livro, procura demonstrar a partir de uma argumentação histórica, como os pobres na Idade Média eram protegidos por uma estrutura hierárquica sustentada pela Igreja e pela aristocracia, o que se perde na sociedade industrial. O subtítulo “two nations” faz referência as duas “nações” emergentes e distantes entre si na Inglaterra das primeiras décadas do reinado da Rainha Victória: por um lado a burguesia industrial associada à velha aristocracia em oposição aos pobres assalariados dos grandes centros urbanos.

¹⁸⁵ HUGHES, David Y. “British “scientific romance.”. *Science Fiction Studies* 41, vol. 14, part 1, March 1987, p. 4.

1896 to 1901 – the idea of a natural aristocracy of talent and intellect which rules by right of its innate superiority. In *The time machine*, which may be seen sociologically as an extension of Disraeli's contention that England had become a country of two distinct nations, Wells is still ambiguous in his attitude towards a "superior" race. The morlocks are certainly intended to be regarded with disgust, but the ineffectual eloi are scarcely to be wholeheartedly approved. They are pitied in a rather superficial way, but never fully endorsed.¹⁸⁶

No entanto, apesar das diferentes tentativas em perceber a essência dos romances científicos de Wells como meramente representativos de um debate simbólico entre classes, encontra-se efetivamente esta preocupação social manifestada em termos mais objetivos em *Antecipations*¹⁸⁷, uma obra que certamente surpreendeu seus leitores frequentes pela essência de sua proposta. O restante do meticuloso título, *Of the reaction of mechanical and scientific progress upon human life and thought*, oferece uma ideia acurada sobre os temas tratados e a abordagem mais direta empregada, como a preocupação com o futuro da ciência e tecnologia, e o engajamento objetivo com questões políticas e administrativas. Menos artístico e mais polemista, *Antecipations* coloca Wells em uma agenda de discussões sociais das quais participara timidamente até então.

Em um sentido geral, *Antecipations* propôs os primeiros exemplos compreensivos, não ficcionais, de um inumerável exercício observado em seus textos posteriores relacionados à profecia e ao utopismo como modelo histórico de reforma social. Esta abordagem não pode ser enquadrada em um quadro intelectual cuja característica central é a simples curiosidade sobre o futuro, que considera livre e randomicamente os temas e formas do porvir. Antes, aproveitando um termo frequentemente usado por Warren Wagar para definir a característica geral do pensamento de Wells no século XX, ele foi um utopógrafo (*utopographer*), um designer profissional de sociedades ideais.¹⁸⁸

Embora *Antecipations* não tenha a forma de uma utopia clássica, pode ser lida como um texto utópico, apesar de suas considerações centrais terem aparecido de maneira semelhante em suas novelas e ensaios especulativos. Ela define uma

¹⁸⁶ HAYNES, Rosalyn. *H. G. Wells discoverer of the future*. New York: New York University Press, 1980, p. 83.

¹⁸⁷ WELLS, H. G. *Anticipations of the reaction of mechanical and scientific progress upon human life and thought*. New York: Dover, 1999.

¹⁸⁸ WAGAR, Warren. *H. G. Wells traversing time*, p. 78.

sociedade radicalmente melhor já para o século XX, traçando panoramas a serem atingidos não apenas para a Europa ou mesmo para a civilização ocidental em si, mas possivelmente para todo o planeta, transformado em uma única grande comunidade regulada.

Os dois primeiros capítulos abordam os transportes e desenvolvimento urbano, a partir de uma substituição do hegemônico sistema férreo por um conjunto de pavimentos organizados em rede, no qual circulariam diversos meios de locomoção interligados, alguns ainda até então não desenvolvidos tecnologicamente, como ônibus, trens leves, caminhões e carros pessoais, banindo completamente o cavalo e as carroças das vias arteriais. Acerca do desenvolvimento das cidades, ao contrário de boa parte das previsões e delineamentos utópicos que pressupunham cidades cada vez maiores (mais altas e densamente ocupadas), Wells sugeriu que a partir de um desenvolvimento eficiente e diversificação dos transportes, mais pessoas escolheriam os subúrbios para viver, transformando-os tematicamente, conforme sua vocação, em centros industriais, de negócios ou serviços, culturais, etc.¹⁸⁹

Os temas dominantes nos capítulos seguintes contemplam a questão da estrutura social do novo século. Muitas das referências empregadas partem de situações concretas observadas nos centros econômicos mais desenvolvidos do mundo ocidental, especialmente os Estados Unidos da América como exemplo econômico, mas sempre com a ressalva de que as abordagens econômicas e políticas realizadas são apenas precursoras de novos modelos a serem empregados. A tradicional divisão entre aristocratas e camponeses estaria fadada à extinção pelo avanço da máquina, que propiciaria o surgimento de novos elementos sociais, não necessariamente organizados em classes, no sentido tradicional do termo, mas em grupos determinados por suas funções e capacidades dentro do sistema produtivo.¹⁹⁰

Os capítulos finais descrevem o desenvolvimento tecnológico proporcionado pelas guerras modernas – que depois da implementação integral do novo sistema social não seriam mais necessárias – e o surgimento de um funcional corpo social de engenheiros e gestores, chamados de “capable men”, uma elite intelectual e

¹⁸⁹ Os capítulos 1 e 2 de *Anticipations* são, respectivamente, *Locomotion in the twentieth century* e *The probable diffusion of great cities*.

¹⁹⁰ Capítulos 3, 4 e 5: *Developing social elements*, *Certain social reactions* e *The life-history of democracy*.

administrativa responsável pela organização técnica e pragmática do complexo sistema social futuro.¹⁹¹

Um dos termos usados no capítulo final, *the new republic*, concebida como uma liga de intelectuais e engenheiros, é representativo de um modelo social que seria expandido para determinadas áreas estratégicas do mundo, e a partir destas células iniciais, a nova república se estenderia às demais regiões, formando uma governança global futura. *Antecipations* não propõe exatamente como este modelo se expandiria a partir destas células primeiras, e quais seriam as implicações imediatas desta expansão. Porém, demonstrando uma certa organicidade intelectual, Wells procurou complementar algumas destas lacunas em outro texto seminal de sua fase utopográfica: *A modern utopia*.

3.4 - Utopias estáticas e cinéticas

Em *A modern utopia*, publicada em 1905, é possível encontrar uma associação entre o Wells literato e suas recentes pretensões como reformista político. Juntamente com *The food of the Gods* (1904) e *In the days of comet* (1906), tem-se um conjunto que permitiu a Wells empregar seus talentos literários como ficcionista a serviço de seu crescente interesse em estabelecer a visão do que seria uma cientificamente planejada utopia socialista. Em outro romance científico da época, *The first men in the moon* (1901), Wells retrata outros mundos e temporalidades de uma maneira plana e estática, como se fossem sociedades plenamente formadas, a-históricas, e, por isso, imutáveis no tempo-espço.

Como notaram alguns de seus críticos, *A modern utopia* tem uma difícil classificação, pois agrega elementos de novela, romance e crítica social em uma urdidura que mistura os discursos de maneira inseparável e, por vezes, imperceptível.¹⁹² Sua narrativa intercala as considerações de uma inominada voz, que

¹⁹¹ Capítulos finais, 6, 7, 8 e 9: *War in the twentieth century*, *The conflict of languages*, *The larger synthesis* e *The Faith, morals, and public policy of the new republic*.

¹⁹² John Huntington, em seu *An H. G. Wells companion* (London: Macmillan, 1979), propõe breves ensaios analíticos a vinte e três romances e novelas, e *A modern utopia* não está entre eles. Outro importante crítico, Patrick Parrinder nota que *A modern utopia* “is not usually counted among his fictional works” e que, neste sentido, “failed to achieve canonical status (...) within the utopian genre”. PARRINDER, Patrick. “Utopia and meta-utopia”. In: *Shadows of the future: H. G. Wells, science fiction and prophecy*. New York: Syracuse University Press, 1995, p. 96 e 98. Em carta de abril de 1905 a Wells, Arnold Bennett agradeceu a ele por sua cópia de *A modern utopia*, e acrescentou que “if it was a novel I could say something useful about it, but as it isn’t, I don’t know that I can”. WILSON, Harris.

pode ser confundida com o próprio Wells, com a participação narrativa de diversos personagens, os quais se encontram em um mundo paralelo chamado Utopia (em uma clara referência a Thomas Morus), mas que se constitui, na prática, em um planeta com as mesmas proporções geográficas e populacionais da Terra, sendo seus habitantes não mais inteligentes ou capazes que os terráqueos, apenas simples e falíveis seres humanos.

No entanto, no planeta Utopia, o curso evolutivo tomou, em determinado momento, outra direção deliberadamente conduzida por seus próprios habitantes. A voz (ou seja, o narrador principal), não toma conhecimento até o nono capítulo (os anteriores são destinados à descrição do novo mundo), da diferença evolutiva entre os dois planetas. A história de ambos os mundos parece ter corrido sob os mesmos trilhos, para usar uma metáfora do próprio texto, inclusive com os mesmo eventos paralelos, porém houve uma guinada em Utopia há cerca de dois mil anos.

Os teóricos sociais que nunca tiveram oportunidade na Terra de desenvolver suas ideias, puderam em Utopia observar a ascensão de “a liberal and progressive Roman Empire that spread from Artic Ocean to the Bight of Benin, and was to know no decline and fall” (em uma referência ao estudo clássico de um de seus historiadores preferidos, Edward Gibbon). Jesus Cristo teria nascido neste Império, a exemplo de Maomé, e este período de desenvolvimento teria propiciado à civilização de Utopia “a mature without the intervention of dark ages”. Conflitos ocorreram neste espaço de tempo, porém “they were conclusive wars that established new and more permanent relations, that swept aside obstructions, and abolish centres of decay”.¹⁹³

Finalmente, há aproximadamente setecentos anos, Utopia observou a ascensão de um unificado Estado universal sob a administração de um grupo secular, de “voluntary nobility”, conhecidos como *samurai*. Esta nova organização surgiu não de uma revolução sangrenta ou inversão da ordem social estabelecida, mas gradualmente “among the clash of social forces and political systems as a revolutionary organisation”.¹⁹⁴

Em *A modern utopia* não temos uma viagem direta ao futuro, mas um possível futuro paralelamente estabelecido, algo semelhante ao conceito do multiverso no

Arnold Bennett and H. G. Wells: a record of a literary friendship. Champaign: University of Illinois Press, 1960, p. 117-118.

¹⁹³ WELLS, H. G. *A modern utopia*. London: Penguin Classics, 2005, p. 260-261.

¹⁹⁴ *Idem. Ibidem*, p. 27.

quadro teórico quântico, um futuro implícito ao próprio passado utopiano, que em alguma medida se confundiu com o passado humano, mas que seguiu seu curso evolutivo/social em uma escala temporal de centenas de anos, nos moldes eticamente propostos por Thomas Huxley e pelo próprio Wells em seus primeiros ensaios científicos. Não é exatamente a mesma escala objetivamente proposta pelo movimento novo republicano em *Antecipations* – cerca de cem anos, vislumbrando o final do século XX –, mas uma escala associada ao tempo factível de ascensão e queda civilizacional.

A característica central do modelo utopiano é a mudança, que Wells chama de sociedade cinética, em detrimento aos modelos utópicos clássicos, tidos como estáticos, cujo futuro é apenas uma simples projeção, conforme sugere Thierry Paquot em seu estudo sobre as utopias literárias tradicionais: “O utopista não faz prognósticos. Sua convicção não se embaralha com nenhum calendário. O porvir é o presente carregado de passado, e não um futuro hipotético conjugado em condicional.”¹⁹⁵

Lyman T. Sargent lembra que em outra utopia de Wells, *Men like Gods* (1923) está presente este modelo cinético como um elemento importante para a continuidade histórica.

Many utopias are like a photograph or a glimpse of a functioning society at a moment in time containing what the author perceives to be better and designed to break through the barriers of the present and encourage people to want change and work for it. Most utopias are better at depicting change from current conditions to the utopia than the change within the utopia, and some deliberately restrict change within the utopia on the assumption that something good should not be changed without careful consideration. Still, many utopias welcome the possibility of change, as did More's Utopians on learning of Christianity, and many others follow Francis Bacon's (1561-1626) *New Atlantis* in sending people into the outside world, usually anonymously, to find whatever might be useful for the utopia, and this suggests an openness to change. History does not end with the arrival of utopia; change may be slower, but change, and thus history, will occur.¹⁹⁶

Em *Open conspiracy*, de 1928, uma espécie de resumo organizado, em tom de manifesto, de suas propostas de reforma social, Wells reforça a ideia, no nono capítulo

¹⁹⁵ PAQUOT, Thierry. *A utopia: um ensaio acerca do ideal*. Rio de Janeiro: Difel, 1999, p. 87.

¹⁹⁶ SARGENT, Lyman Tower. *Utopianism: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2010, p. 104.

intitulado *No stable utopia is now conceivable*, de que uma utopia estável, estática, como se fosse uma fotografia imóvel da felicidade, não tinha mais espaço no mundo de então.

This unified world towards which the Open Conspiracy would direct its activities cannot be pictured for the reader as any static and stereotyped spectacle of happiness. Indeed, one may doubt if such a thing as happiness is possible without steadily changing conditions involving continually enlarging and exhilarating opportunities.¹⁹⁷

Mas é em sua coletânea de ensaios filosóficos, *First and last things*, que Wells estabelece a relação entre o estático e o cinético como modelos sociais, com sua concepção de unicidade articulada ao livre-arbítrio humano. Apesar de não muito clara ou explicitamente exposta, é possível admitir também neste trecho uma relação de coerência no conjunto do seu pensamento.

Take life at the level of common sensation and common experience and there is no more indisputable fact than man's freedom of will, unless it is his complete moral responsibility. But make only the least penetrating of scientific analyses and you perceive a world of inevitable consequences, a rigid succession of cause and effect. Insist upon a flat agreement between the two, and there you are! The instrument fails. So far as this particular opposition is concerned, I shall point out later the reasonableness and convenience of regarding the common-sense belief in free will as truer for one's personal life than determinism.¹⁹⁸

Em *A modern utopia* há um fluxo incessante pelo melhoramento. Nota-se na narrativa a entonação para as mudanças, novos desenvolvimentos ou mesmo ajustes promovidos pelos *samurai*. A civilização mundial imaginada por Wells desde então jamais seria estática. Embora ele tenha promovido visões de desejáveis futuros humanos, os limites para o encerramento destes modelos propostos não são nunca delineados: não há limites possíveis mediante as possibilidades. Os utopianos tomaram para si seu próprio destino, em um grande contexto temporal cósmico estático, e seu desejo de continuidade no tempo humano prevalecerá, em constante marcha cinética, talvez para sempre.

¹⁹⁷ WELLS, H. G. *The open conspiracy*. Westport: Praeger, 2002, p. 83.

¹⁹⁸ WELLS, H. G. "Logic static and life cinetic". In: *First and last things: a confession of faith and rule of life*. London: Archibald Constable, 1908, p. 29.

Parte 2 – H. G. Wells Historiador

Capítulo 4 – Uma guerra para por fim a todas as guerras

A guerra não consiste apenas na batalha, ou no ato de lutar, mas num lapso de tempo durante o qual o desejo de rivalizar através de batalhas é suficientemente conhecido.

Thomas Hobbes – Leviatã, parte 1, cap. 13

4.1 - Guerra futura e ficção

Em agosto de 1914, momento em que parte da humanidade foi envolvida direta ou indiretamente na Primeira Guerra Mundial, H. G. Wells já havia descrito uma série de guerras particulares, muitas delas em escala global e socialmente devastadoras, em seus romances científicos, contos, textos utópicos e ensaios especulativos. Como demonstrou o escritor I. F. Clarke em *The great war with Germany (1890-1914)*, Wells não foi o único a travar conflitos imaginários anteriores, inclusive com antevistas dos atores e contextos que depois caracterizaram a Grande Guerra. Com notável popularidade, passaram a ser publicadas com mais frequência histórias seriadas, que descreviam desde ataques furtivos e localizados até invasões arrebatadoras promovidas por exércitos pátrios, concisos e tecnologicamente desenvolvidos, com indefectíveis heróis associados aos símbolos nacionais.¹⁹⁹

Entre as guerras ficcionais destacadas por Clarke no início do século XX estão *The Riddle of the Sands* (1903) de Erskine Childers e o detalhado tecnologicamente

¹⁹⁹ A previsão de um conflito em grandes proporções certamente não foi exclusividade dos círculos ficcionais, pois tornou-se tema corrente também nos meios políticos, acadêmicos e sociais. Como propôs Eric Hobsbawm, “a possibilidade de uma guerra generalizada na Europa fôra, é claro, prevista, e preocupava não apenas os governos e as administrações, como também um público mais amplo. A partir do início da década de 1870, a ficção e a futurologia produziram, sobretudo na Grã-Bretanha e na França, *sketches*, geralmente não realistas, sobre uma futura guerra. Na década de 1880, Friedrich Engels já analisava as probabilidades de uma guerra mundial, enquanto o filósofo Nietzsche, louca porém profeticamente, saudou a militarização crescente na Europa e predisse uma guerra que ‘diria sim ao animal bárbaro, ou mesmo selvagem, que existe entre nós’. Na década de 1890, a preocupação com a guerra foi suficiente para gerar o Congresso Mundial (Universal) para a Paz – o vigésimo primeiro estava previsto para setembro de 1914, em Viena –, o Prêmio Nobel da Paz (1897) e a primeira das Conferências de Paz de Haia, reuniões internacionais de representantes majoritariamente céticos de governos e a primeira de muitas das reuniões que tiveram lugar desde então, nas quais os governos declararam seu compromisso decidido, porém teórico, com o ideal de paz. Nos anos 1900, a guerra ficou visivelmente mais próxima e nos anos 1910 podia ser e era considerada iminente”. HOBBSAWM, Eric. *A era dos impérios*. São Paulo: Paz e Terra, 1988, p. 419.

The Invasion of 1910 (1906) de William Le Queux'se, além do romance alemão *Die Abrechnung mit England* (*O acerto de contas com a Inglaterra*), de 1900, escrito por Karl Eisenhart, uma expressão clara de certa convicção alemã que acreditava que a Grã-Bretanha estava deliberadamente impedindo sua expansão colonial, negando-lhe qualquer espaço entre as potências aptas a explorar as riquezas além de suas fronteiras. O infanto-juvenil *The Child's Guide to Knowledge* (1909), por sua vez, é um sintético catecismo sobre as consequências da hipotética guerra de 1915-17, na qual a Inglaterra seria derrotada para tornar-se uma província teutônica. Clarke defende que esta produção ficcional, influente e popular, está diretamente associada ao estado de animosidades crescentes entre as potências europeias nas duas décadas anteriores à 1914 e, de alguma maneira, complementa os sentidos gerais propostos pela política e relações internacionais. "Out of the politics", escreveu, "came the projections".²⁰⁰

A guerra futura, decisiva, "a próxima guerra", estavam entre as temáticas abordadas, e neste sentido, não seria exagero dizer que Wells é o principal expoente das "future wars". Apesar delas apresentarem diferentes motivações e sentidos, é possível identificar o traço comum de um alerta sobre os perigos catastróficos alcançados pela magnitude da guerra moderna. Como descreveu Wells em tom trágico, em um artigo de 1909, posteriormente parte de uma compilação de textos sobre a guerra lançados em 1914, "we have over-developed war", e enquanto os métodos de negociação e manutenção dos acordos de paz encontravam-se obsoletos e ineficientes "we have pushed forward the art of war on severely scientific (...) lines". O produto final desta agenda de ingenuidades poderia ser a ruína completa da civilização, e os ministérios da guerra não mediriam esforços para assegurar "the improvement and manufacture of the apparatus of destruction".²⁰¹

A ideia central de Clarke sobre este conjunto de antevistas ficcionais estar relacionado ao acirramento efetivo entre as nações militarizadas pode ser questionado (ou ter um contraponto) a partir da visão corrente, embasada por uma determinada

²⁰⁰ CLARKE, I. F. *The great war with Germany, 1890-1914: fictions and fantasies of the war-to-come*. Liverpool: Liverpool University Press, 1997, p. 10. Um estudo anterior e mais amplo sobre os discursos proféticos sobre a guerra foi apresentado por Clarke em *Voices Prophesying War, 1763-1984*. London: Oxford University Press, 1966. Clarke pode ser associado aos *Future Studies* norte-americanos não apenas por suas análise a respeito das projeções de guerra, mas também pelo que propôs em *The pattern of expectation, 1644 – 2001* (London: Jonathan Cape Ltd, 1979), uma abordagem histórica das previsões científicas, sociais e políticas a partir do século XVII.

²⁰¹ WELLS, H. G. "The possible collapse of civilization". In: *Social forces in England and America*, 1909, p. 387.

concepção generalista que aponta o período entre 1871 e 1914 como de branda e ininterrupta harmonia geopolítica, em contraste latente com as décadas posteriores. Esta concepção atribui às últimas décadas do século XIX a mesma conformação dos negócios internacionais observada desde o fim das guerras napoleônicas: o fato de nenhuma grande nação europeia ter-se lançado diretamente à outra em um hostil ataque militar, e de escolherem entre seus inimigos grupos coloniais que ofereceriam pouca resistência, ou mesmo nações não europeias, consideradas militarmente e tecnologicamente inferiores.

Todavia, mesmo que nenhum grande conflito bélico tenha envolvido as estruturas nacionais em larga escala, as décadas precedentes à Primeira Guerra Mundial não podem ser classificadas definitivamente como um período de paz. A começar por uma importante depressão econômica nas décadas de 1880 e início de 1890, que pode ser classificada como mundial, pois afetou diretamente a economia britânica sob a égide das políticas liberais de Gladstone, e repercutiu significativamente em todos os setores nos quais a Inglaterra atuava comercialmente. Este período observou também importantes guerras entre a Rússia e a Turquia (1877-1878), China e Japão (1894-1895), Espanha e Estados Unidos (1898), além de uma série de conflitos menores entre as nações metropolitanas e suas colônias rebeldes, que apontavam para um intermitente estado de beligerância, provavelmente sintomas de um provável colapso da chamada *Pax Britannica*.²⁰² Além disso, é necessário acrescentar que as maiores potências europeias desenvolveram, desde 1870, um estado de competição naval e militar que apesar de não terem se materializado em confrontos diretos, elevaram o estado de guerra para além dos círculos essencialmente militares.²⁰³

²⁰² O termo *Pax Britannica* é uma alusão à chamada *Pax Romana*, período de estabilidade política e militar relacionado ao Império Romano entre os séculos I a. C. e II d. C., promovido pelo autoritarismo e mantido pela força das armas. No final do século XIX, a Guerra Bôer (1899-1902) talvez tenha se configurado como a principal ameaça à hegemonia colonial inglesa, mesmo sendo travada contra colonos de origem holandesa na África do Sul, a milhares de quilômetros do centro do poder imperial. Nas palavras de G. H. Le May “durante três anos as colunas de uniforme cáqui foram desafiadas pelos atiradores bôers. A Grã-Bretanha foi humilhada, primeiro pela incompetência de seus generais e depois pelas notícias de sua desumanidade. No final das contas ela perdeu na mesa de conferências muito mais do que havia conquistado no campo de batalha – inclusive o controle do destino dos negros na África do Sul. Ver LE MAY, G. H. “A Guerra Bôer”. In: *História do século XX: 1900-1914*. São Paulo: Abril Cultural, 1968, p. 41-50. O conflito é descrito com maiores detalhes em outro estudo de Le May, *Black and white in South Africa: the politics of survival* (American Heritage Press, 1971).

²⁰³ Pode-se recorrer aos dados oferecidos pelo economista britânico William Ashworth sobre a corrida armamentista anterior à Grande Guerra, quando afirma que “os gastos militares britânicos permaneceram estáveis nos anos 1870 e 1880, tanto em termos de porcentagem do orçamento total como *per capita* em relação à população. Mas passou de 32 milhões em 1887 a 44 milhões de libras

O historiador britânico A. J. P. Taylor lembra que, por exemplo, antes de 1914 houve animosidades pouco importantes, mas que denotaram um certo estado de acirramento.

(...) em 1894 houve uma ameaça mais séria, quando a Alemanha e a França se opuseram à tentativa britânica de anexação do Alto Nilo ao Estado Livre do Congo. Foi pior ainda a situação criada em 1896, quando o Kaiser apoiou abertamente a república dos bôers na África do Sul, cuja independência encontrava total oposição dos ingleses. Mas afinal, esta interferência não resultou em maiores problemas e, em 1898, os alemães foram serenados por um plano inglês de repartição das colônias portuguesas – projeto que também não chegou a se concretizar.²⁰⁴

Taylor ainda acrescenta que em termos de política internacional a Inglaterra se isolava cada vez mais em relação às potências europeias, em pleno apogeu de seu império colonial. Para tanto, utiliza o exemplo do jubileu de diamante da Rainha Vitória, em 1897, comemorado como um assunto essencialmente concernente ao Império. “Para seu primeiro jubileu, em 1887, todos os representantes das monarquias continentais tinham sido convidados; para o segundo, foram chamados só os representantes imperiais”.²⁰⁵

Desta forma, não surpreende que um conjunto de ideias de importante penetração popular sobre as futuras guerras tenha se tornado uma espécie de lugar comum. As antecipações de Wells sobre as futuras guerras apresentam, entretanto, algumas características que, em um sentido geral, diferem deste conjunto especulativo encontrado na literatura e no imaginário popular. Em primeiro lugar, otimismo tecnológico associado a uma romantização da guerra como etapa fundamental da composição do orgulho nacional e seus heróis não acompanharam Wells em seus textos sobre guerras imaginárias. Pelo contrário, o que é possível perceber como traço geral é o medo de que uma guerra definitiva lance a civilização

esterlinas em 1898-99, e a mais de 77 milhões em 1913-14. E o crescimento mais espetacular foi o da marinha, o que não é surpreendente, pois se tratava da ala de alta tecnologia da guerra, correspondentes aos mísseis nos gastos modernos em armamentos. Em 1885, a marinha custara ao Estado 11 milhões de libras – em torno da mesma ordem de grandeza que em 1860. Em 1913-14 custou mais de quatro vezes este montante. No mesmo período, os gastos navais alemães aumentavam de modo ainda mais acentuado de 90 milhões de marcos por ano em meados da década de 1890 a quase 400 milhões. Ver ASHWORTH, W. *Economic aspects of late Victorian naval administration*. *Economic History Review*, XXII, 1969, p. 491.

²⁰⁴ TAYLOR, A. J. P. “O esplendor incômodo: o império britânico até 1902”. In: *História do século XX: 1900-1914*. São Paulo: Abril Cultural, 1968, p. 39.

²⁰⁵ *Idem*. *Ibidem*, p. 40.

em direção a um período de trevas e obscurantismo após o que descreveu, por vezes, como a destruição total dos negócios humanos. Como segunda e mais importante característica, predominava a esperança de que a guerra constituía a ocasião ideal para uma profunda mudança social, uma espécie de redimensionamento histórico que permitiria que uma clarividente classe de homens capazes, operativa e administrativamente, tomassem para si as rédeas do poder e instituíssem um governo central que, por vezes, denominou Estado Universal.

De qualquer forma, ao apresentar estas considerações, Wells não subestimou a capacidade dos Estados europeus em produzir, nos exércitos modernos, a condição para matar em uma escala sem precedentes. Sua percepção era a de que o fenômeno histórico da guerra poderia ser associado a uma determinada e inexorável condição biológica de seleção natural e luta expressa pela vida, que, em contrapartida, reunia em si condições ímpares para que o livre-arbítrio humano pudesse ser exercido orquestradamente em escala mundial.

4.1.1 - Antevisões tecnológicas: guerra e imaginação científica

Um capítulo importante da relação de Wells com a ciência está nas chamadas “antecipações” ou “antevisões”, que acabaram por se materializar em artefatos técnicos que tiveram não apenas sua constituição delineada em termos ficcionais, mas também sua aplicação, quase sempre mediadas pela guerra como contexto determinante. Se a nota marcante do discurso científico nos romances wellsianos da década final do século XIX foi a relativa impossibilidade lógica de suas proposições (o que, sob determinado ponto de vista, não as torna menos plausíveis ou “aplicáveis”), as primeiras décadas do século XX observaram uma descrição mais objetiva de técnicas, tecnologias, maquinismos ou artefatos que guardam uma ligação estreita com suas correspondentes materializações posteriores, em uma relação que podemos considerar como mútua e complementar entre imaginação e inovação tecnológica.

O contexto desta nova abordagem científica em Wells não pode ser dissociado dos eventos que contribuíram para a Grande Guerra. Nicolau Sevchenko afirma que “a Primeira Guerra Mundial foi o primeiro conflito bélico travado em termos puramente

tecnológicos”,²⁰⁶ o que acabou por gerar não apenas um choque militar entre duas forças políticas, no sentido clássico, mas ao mesmo tempo o que Walter Benjamin chamou de uma nova estética da guerra, cujos gases e metralhadoras são uma inédita forma de liquidar uma aura semelhante a que observou existirem nas obras de arte originais. Esta nova estética passa a exercer uma estranha influência sobre as pessoas, não exatamente proporcionada pela sua beleza, mas pelo que a técnica pôde produzir enquanto instrumento de poder.²⁰⁷

Notadamente, Benjamin tinha algum grau de aversão ao desenvolvimento técnico, agravado principalmente depois da ascensão na Europa entre guerras de Estados totalitários com forte orientação tecnocrática, pois acreditava que a sociedade burguesa não estava ainda suficientemente madura para transformar a técnica em um instrumento, segundo suas palavras, “capaz de esclarecer questões morais”.²⁰⁸

Assim, a partir das condições materiais de produção de cada momento histórico, principalmente nos períodos de guerra, “em que é mobilizada a totalidade dos meios técnicos do presente, preservando as atuais relações de produção”,²⁰⁹ a literatura pôde produzir representações sobre como os conflitos se manifestaram posteriormente, merecendo assim que os autores imaginativos tenham sua contribuição reconhecida dentro desse processo, pois como sentenciou o filósofo Álvaro Vieira Pinto, “o desconhecimento do caráter cultural da técnica e do verdadeiro sentido da noção de cultura leva os comentaristas a filiarem aos inventores diretamente a produção das invenções sem levarem em conta as exigências da sociedade e os fundamentos materiais onde obrigatoriamente tem de procurar apoio a imaginação inventiva”.²¹⁰

Em 1901 Wells escreveu um conto sobre uma guerra total imaginária desenrolada em algum momento não identificado do século XX: *A dream of Armageddon*²¹¹, no qual delineia um futuro sombrio e de poder tecnológico fora de

²⁰⁶ SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa*. São Paulo: Cia das Letras, 2001, p. 62.

²⁰⁷ BENJAMIN, Walter. *Magia e arte, técnica e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 62.

²⁰⁸ *Idem. Ibidem.* p. 61.

²⁰⁹ *Idem. Ibidem.* p. 195.

²¹⁰ PINTO, Álvaro Vieira. *O conceito de tecnologia*. Vol.1. São Paulo: Contraponto, 2005, p. 238.

²¹¹ O conto foi publicado na revista ilustrada semanal *Black and White*, em Londres, e posteriormente fez parte das coletâneas de contos *Twelve Stories and a dream* (o sonho em questão é justamente este conto) de 1903, editada pelo próprio Wells e no estudo introdutório de Ursula Le Guin, *Selected stories of H. G. Wells*. New York: The Modern Library, 2004. Nesta pesquisa utilizo a antiga edição *Doze histórias e um sonho* publicada pela editora Ganier no Rio de Janeiro em 1929.

controle. Seu início é ambientado em um vagão de trem, no qual estão frente a frente o narrador e um interlocutor não identificado, que é abordado abruptamente para ouvir os lamentos sobre uma série insistente de sonhos que o acompanham: sonhos intermitentes sobre a destruição total da humanidade. É interessante notar que este recurso do sonho como introdução ao contexto que quer descrever é posteriormente abandonado por Wells em suas tratativas de guerra posteriores, cada vez mais preocupadas em tornarem-se avisos preditivos antes de quimera imaginativa. Os sonhos em questão traçam uma guerra mundial com origem obscura, pois a narrativa é entrecortada por memórias e interrupções triviais do narrador, mas que tem como característica essencial ser travada em batalhas aéreas, com máquinas de guerra voadoras equipadas com armas de longo alcance e bombas de precisão. Segundo a escritora Ursula Le Guin, o que a impressiona em *A dream of Armageddon*, além da guerra aérea em si, é o uso de palavras como *aeroplane* e *propellor*, que designavam coisas que ainda não existiam, e tudo isso dois anos antes de Kitty Hawk.²¹²

No mesmo ano da primeira aparição de *A dream of Amargeddon*, Wells publicou também *Antecipations*, obra seminal que analisei no terceiro capítulo da primeira parte como representativa de uma importante guinada em sua carreira literária. Neste momento, o que interessa particularmente em *Antecipations* é o sexto capítulo, intitulado *War in the twentieth century*. A importância deste trecho reside no fato de Wells promover uma detalhada incursão sobre o fenômeno da guerra futura, em seus pormenores técnicos, políticos e sociais. Nos contos e romances científicos anteriores, a guerra desempenhava um papel secundário, como uma espécie de pretexto para criar uma situação limite, da qual poderia emergir uma nova ordem social que, no entanto, não era descrita em detalhes. As outras formas prováveis para formular tal situação social extrema, como, por exemplo, uma revolução social (pouco provável para um socialista fabiano) ou um evento natural exterior (não verossímil para um reformista social convicto de suas propostas) não foram recursos literários usuais em H. G. Wells. Esta nova ordem social deveria surgir da opção humana em concretizá-la, ou melhor, de uma determinada elite de homens capazes, que neste

²¹² LE GUIN, Ursula. *Selected stories of H. G. Wells*. New York: The Modern Library, 2004, p. 112-113. Kitty Hawk é a cidade na qual os irmãos Wright promoveram o primeiro voo controlado de um aeroplano, de aproximadamente 6 km, em dezembro de 1903. Este episódio ficou conhecido, pelo menos a partir da perspectiva norte-americana, como o primeiro voo registrado na história da aviação.

capítulo passam a figurar como os responsáveis pela instauração e desenvolvimento dos futuros negócios humanos, inclusive a própria arte da guerra.

A primeira consideração proposta por Wells aborda o papel da ciência na guerra futura, especialmente da química e da física, ao desenvolverem mecanismos e aparatos bélicos de superlativa eficiência, inclusive permitindo, pelo seu poder de destruição, um estado de não-guerra, o que de alguma forma guarda relação com a era atômica e a Guerra Fria, na qual ataques frontais poderiam causar uma destruição definitiva. Em segundo lugar, Wells chama atenção para uma mudança nas bases sociais e tecnológicas dos exércitos, estabelecendo uma conexão com os novos sistemas produtivos observados no início do século XX: a substituição da ordem laboral baseada na antiga divisão do trabalho por um conjunto de maquinismos organizados, além da supressão da obsoleta distinção hierárquica, presente nos exércitos até então, entre os *gentle* e os *simple*.

In warfare, as I have already indicated, this takes the form of the progressive suppression of the horse and the private soldier – which were the living and sole engines of the old time – by machines, and the obliteration of old distinction between leaders, who pranced in a conspicuously dangerous and encouraging way into the picturesque incidents of battle, and the led, who cheered and charged and filled the ditches and were slaughtered in a wholesale dramatic manner.²¹³

Assim, a nova guerra deixaria de lado as convenções militares anteriores, promovendo batalhas mais rápidas e direcionadas, com menos homens, que se moveriam em veículos individuais (são mencionadas inclusive bicicletas) ou para poucos soldados, armados com *machine guns* responsáveis por vários disparos por minuto, o que, paradoxalmente, diminuiria significativamente a quantidade de mortos, cobrindo áreas estratégicas maiores. Tal força militar só poderia ser combatida e superada por outra semelhante ou tecnologicamente superior.

Este quadro futuro traz consigo uma repercussão social consequente: o fim dos velhos dramas e heroísmos que marcaram as batalhas tradicionais, nas quais pessoas enfrentavam pessoas, promovendo uma inevitável tragédia humana. “It will be evident that such warfare as this inevitable precision of gun and rifle forces upon humanity, will become less and less dramatic as a whole, more and more as a whole a monstrous thrust and pressure of people against people”. Neste sentido, o grande

²¹³ WELLS, H. G. *Anticipations*. New York: Dover, 1999, p. 101.

estrategista militar, a figura associada ao comandante ou general, diretamente responsabilizado pelas glórias ou derrotas, será substituído por um corpo de técnicos e engenheiros (novamente os *capable men*, mas aqui Wells os denomina também como *efficients*) que atuam na retaguarda do *front*. “And behind the thin firing-line on either side a vast multitude of people will be at work; indeed, the whole mass of efficients in the State will have to be at work (...) the engineers will be entrenching and bringing up a vast variety of complicated and ingenious apparatus designed to surprise and inconvenience the enemy in novel ways.”²¹⁴

Esta representação da guerra do porvir é uma imagem viva da desumanização promovida pela Primeira Guerra Mundial poucos anos depois, quando determinados recursos, considerados não-humanos, mesmo em eventos extremos, passaram a ser utilizados em larga escala, como, por exemplo, o tanque, o lança-chamas e especialmente a guerra química, que Wells primeiramente associou aos marcianos em *A guerra dos mundos*, mas que se fez presente nos campos europeus introduzida pelas forças alemãs, como descreve Modris Eksteins.

A tecnologia da guerra do gás desenvolveu-se rapidamente: do cloro ao fosgênio e aos gases de mostarda. O gás mostarda era o mais letal, e novamente foram os alemães que o produziram.” Para muitos, o gás fez a Guerra entrar no reino do faz-de-conta. Quando os homens punham as máscaras, perdiam todo o sinal de humanidade, e com seus longos focinhos, grandes olhos de vidro e movimentos lentos, tornavam-se figuras de fantasia.²¹⁵

Eksteins reproduz ainda um relato distribuído em um folheto inglês de 1938 escrito por Leonard Levy, ativista de um grupo anti-gás preocupado com seu uso ainda recorrente nos conflitos europeus.

Com o uso de gás venenoso pelos alemães, a guerra tornou-se mais encarniçada, e o horror seguiu-se ao horror até que o soldado da civilização teve que se alçar a um tal nível de coragem, que deixou completamente na sombra a dos cavaleiros de outros tempos (...), enfaixado em suas ataduras químicas, perdida já toda a aparência humana, à espera não só da bala e da granada e da arma branca, mas

²¹⁴ *Idem. Ibidem*, p.104-105.

²¹⁵ EKSTEINS, Modris. *A sacração da primavera*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p. 212.

também do *Flammenwerfer*, do gás asfixiante, do gás lacrimogêneo, do gás fedorento e outros instrumentos de guerra da Alemanha.²¹⁶

Provavelmente com o intuito de evitar este tipo de uso devastador em larga escala do futuro aparato bélico, Wells sugere em *Antecipations* que posteriormente ele não pertença apenas ao Estado, ou mesmo esteja exclusivamente a serviço de seus propósitos.²¹⁷ Esta questão será revisitada nos textos produzidos durante a Grande Guerra, pois apontam para um rígido controle internacional, a partir de um organismo mundial em sistema de federação, de todo o armamento existente no planeta, regulando tanto sua produção como eventual utilização objetiva.

Ao delinear os contornos da guerra do século XX, um espaço fundamental é reservado para o que Wells chama de *aerial factor*, que antes de constituir a simples introdução de máquinas voadoras nos conflitos, representa uma subversão no espaço-tempo da guerra, pelo menos nos moldes em que era desenvolvida até então. A experiência militar aérea na época de *Antecipations* resumia-se ao uso do *captive balloon*, ou seja, do balão de ar não direcionado, utilizado especialmente para observação e mapeamento das zonas de conflito. Apesar de boa parte da historiografia militar associar frequentemente o uso em guerra do espaço aéreo ao desenvolvimento dos aviões, Wells recorda sua importante aplicação, ainda que restrita, na África do Sul, provavelmente na guerra contra os Bôers.²¹⁸ O balão militar do futuro seria carregado de armas leves, de pequena dimensão, porém de longo alcance, acompanhados de carros couraçados com holofotes e canhões de grosso calibre, que serviriam como escolta e impediriam um ataque terrestre direcionado.²¹⁹

Estes balões não poderiam mais estar ao sabor dos ventos, e certamente deveriam ser dirigíveis (*steerable*), característica que de fato foi notável nos veículos aéreos desenvolvidos posteriormente, e que também emplacou seu nome popular. Wells os denomina de *navigable balloon*, uma inovação definitiva em relação aos

²¹⁶ "Some memories of the activities of the R. E. Anti-Gas establishment during the Great War". *Foulkes Papers*, 1938. In: EKSTEINS, Modris. *A sagração da primavera*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p. 212-213.

²¹⁷ *Antecipations*, p. 106.

²¹⁸ *Antecipations*, p.107. Informações técnicas sobre o uso dos balões na Guerra Bôer podem ser encontrados em JUDD, Denis; SURRIDGE, Keith. *The Boer War*. London: John Murray, 2003.

²¹⁹ Neste trecho, Wells abre uma nota de rodapé para oferecer mais detalhes deste veículo terrestre de escolta, batizando-o de "land ironclad", e associando-o a uma espécie de tartaruga móvel, abrigada por uma couraça metálica capaz de resistir aos bombardeios e investir contra as divisões inimigas em diferentes tipos de terreno. Esta primeira menção a este carro de guerra será retomada três anos depois, no conto *The land ironclads*, que analisei em estudo anterior como antevisão precursora dos modernos tanques de guerra. Ver IACHTECHEN, Fabio L. "Os couraçados terrestres ficcionais e a invenção dos carros de guerra." In: *Anais do XXIV Simpósio Nacional de História – História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos*. São Leopoldo: Unisinos, 2007.

captive balloons conhecidos até então. Eles teriam como característica principal serem formados por um conjunto de teias metálicas, semelhantes aos peixes que usam este recurso naturalmente (*swimming-bladder fishes*), que poderiam ser comprimidas ou expandidas conforme a necessidade de incremento de velocidade, ganho de altura e deslocamento em diferentes direções.

Contudo, a guerra nos ares será decidida pelo desenvolvimento do avião, que Wells compara a tubarões aéreos, rapidamente superando os balões em funcionalidade e objetividade. Destoando do tom analítico que imprime em *Antecipations*, Wells oferece um fragmento quase literário de como imagina estas máquinas de guerra aéreas, no futuro decisivas em qualquer conflito:

One conceives them at first, each little hole with its watchful, well-equipped couple of assassins, turning up their eyes in expectation. The Wind is with our enemy, and his captive balloons have disagreeably overhead all through the hot morning. His big guns have suddenly become nervously active. Then, a little murmur along the pits and trenches, and somewhere over behind us, this *air-shark* drives up the sky. The enemy's balloons splutter a little, retract, and go rushing down, and we send a spray of bullets as they drop. Then against our aerostat, and with the wind driving them clean overhead of us, come the antagonistic flying-machines. I incline to imagine there will be a steel prow with a cutting edge at either end of the sort of aerostat I foresee, and conceivably this aerial ram will be the most important weapon of the affair. When operating against balloons, such a fighting-machine will rush up the air as swiftly as possible, and then, with a rapid contraction of its bladders, fling itself like a knife at the sinking war-balloon of the foe.²²⁰

A guerra futura será marcada por uma forçosa submissão rápida dos exércitos tecnologicamente inferiores, pois sua natureza indecisa, que marcou diversos conflitos anteriores, será superada por um jogo célere de eventos previsíveis e consequências inevitáveis, quase que esquematicamente pré-organizados na nova estratégia militar. “War is being drawn into the field of the exact sciences”²²¹, sentenciou.

²²⁰ *Antecipations*, p. 109. A associação que Wells promove entre as futuras aeronaves de guerra com tubarões, quer pela sua velocidade, deslocamento rápido em várias direções ou mesmo pelo poder de destruição, é uma imagem que de fato foi aproveitada na II Guerra Mundial na pinturas de alguns aviões utilizados no conflito. Com bicos alongados pintados como tubarões, os modelos utilizados pelos *Flying Tigers*, divisão do *1st American Volunteer Group* (AVG), tornaram-se uma das mais icônicas imagens de guerra dos século XX, criando uma estética militar chamada *nose art*. Esta divisão atuou em defesa do território chinês em combate ao avanço japonês no Pacífico, tendo suas operações iniciadas poucas dias após o ataque a Pearl Harbor, em 1941.

²²¹ *Antecipations*, p. 116.

Assim, antes de um capricho de um monarca ou um desejo embasado em sentimentos nacionais em demonstrar, por exemplo, superioridade civilizacional ou cultural, as futuras guerras poderiam ser inclusive evitadas, quando as forças em xeque apresentarem seus recursos e demonstrarem ou não a viabilidade do conflito. “Save for national lunacy, it will be brought about by side that will win, and because that side knows that will win”²²². Em suas conclusões, Wells se aproxima do biólogo evolucionista que foi de fato quando afirma que “the fight will never be in practice between equal sides, never be that theoretical deadlock we have sketched, but a fight between the more efficient and the less efficient, between the more inventive and the more traditional.”

Para ele, as futuras guerras, antes de tudo, dependerão da formação estratégica de uma classe de “efficient and capable men”, um grupo humano educado sob a égide de uma sociedade tecnoburocrática e centralizada, e não mais no tradicional ato de arregimentar e treinar militarmente grandes massas desinformadas. A guerra do porvir será decidida, em primeiro plano, nos centros de conhecimentos e nas universidades.

Por fim, um exemplo que tem relação mais próxima com a Grande Guerra pode ser encontrado no seu tardio romance científico, *The world set free*²²³ de 1914, no qual o mundo é abalado por uma guerra nuclear sem precedentes. Se não é um dos mais importantes romances de Wells, ou pelo menos não figura entre os mais importantes fragmentos de sua ficção, é frequentemente lembrado por seus elementos proféticos e apreciado por seus pares envolvidos com a física nuclear da primeira metade do século XX.

Embora Wells tenha declaradamente atribuído a inspiração para escrever *The world set free* a partir da leitura de *The Interpretation of radium* (1909), de Frederick Soddy²²⁴, por volta de 1913, quando o romance foi escrito, não existiam ainda propostas concretas para a divisão atômica e seu consequente uso enquanto possível fonte energética. No romance de Wells, o ano de 1933 foi escolhido como o momento

²²² *Idem. Ibidem*, p.118.

²²³ A edição utilizada nesta pesquisa recebeu o título (talvez mais chamativo comercialmente) de *The last war*, pertencente à coleção *Bison Frontiers of Imagination* (Lincoln: University of Nebraska Press, 2001). As demais edições receberam seu título original.

²²⁴ Frederick Soddy trabalhou no Canadá entre os anos 1902 e 1903 com Ernest Rutherford, quem primeiro estabeleceu a moderna ideia do átomo em suas subdivisões: um pequeno núcleo central rodeado por elétrons móveis. A epígrafe inicial de *The world set free* tem a seguinte menção: “To Frederick Soddy’s *Interpretation of radium*, this story which owes long passages to his eleventh chapter acknowledges and inscribes itself”.

em que cientistas inominados acabam por estabelecer a fissão nuclear e, por conseguinte, obter a tecnologia empregada nos armamentos usados no holocausto atômico descrito ficcionalmente em 1956. Apesar da busca pelo desenvolvimento da energia nuclear contar com capítulos anteriores, especialmente pelo acirramento armamentista experimentado pelas potências europeias no período entre guerras, exatamente o mesmo ano de 1933 representou de fato o período da descoberta por parte do casal Joliot-Curie do fósforo radioativo pelo bombardeamento do alumínio com beta-partículas, o primeiro passo na obtenção da energia atômica, o que rendeu a Frederic Joliot o Prêmio Nobel de química em 1935.²²⁵

Em *The world set free*, os cientistas descobrem uma substância fundamental ao processo nuclear, o *carolinium*, que se assemelha em suas propriedades e função ao plutônio (*plutonium*), um elemento isolado apenas anos depois e que, ao lado do urânio, constitui a combinação de combustíveis mais importantes para o desenvolvimento da energia atômica. As questões que surgem desta descoberta, como o uso atômico para obtenção de poder político, as possibilidades geopolíticas implícitas e os detalhes desta representação da força destrutiva da ciência chamaram a atenção do físico nuclear húngaro-americano Leo Szilard, que reconheceu, ao ler *The world set free*, seu efeito impressionante e a capacidade intelectual de Wells em estabelecer uma relação de plausibilidade entre imaginação e ciência.

In 1932, while I was still in Berlin, I read a book by H. G. Wells. It was called *The world set free*. This book was written in 1913, one year before the World War, and in it H. G. Wells describes the discovery of artificial radioactivity and puts it in the year 1933, the year in which it actually occurred. He then proceeds to describe the liberation of atomic energy on a large scale for industrial purposes, the development of atomic bombs, and a world war (...). He places this war in the year 1956, and in this war the major cities of the world are all destroyed by atomic bombs... This book made a very great impression on me, but I didn't regard it as anything but fiction. It didn't start me thinking whether or not such things could in fact happen. I had not been working in nuclear physics up to that time.²²⁶

Anos mais tarde, Szilard teve êxito em completar a cadeia da reação nuclear e estabelecer experimentalmente as etapas do processo. Logo se apressou em solicitar a patente da invenção, pois, segundo suas próprias palavras, “knowing what this

²²⁵ RHODES, Richard. *The making of atomic bomb*. New York: Simon & Schuster, 2012, p. 161-162.

²²⁶ SZILARD, Leo. *Reminiscences. Perspectives in American History II*. Cambridge, 1968, p. 99.

would mean – and I knew it because I had read H. G. Wells, - I did not want this patent to become public.²²⁷

4.2 – “The war to end war”: panfletos e artigos de guerra (1913 -1918)

Na Itália, por 30 anos, sob os Bórgias, tiveram guerra, terror, homicídio, sangue e produziram Michelangelo, Leonardo da Vinci e o Renascimento. Na Suíça, tiveram amor fraterno, 500 anos de democracia e paz e o que produziram? O relógio-cuco.²²⁸

4.2.1 - Guerra e competição

O fim da era eduardiana marcou o pensamento de Wells como um período em que a literatura meramente ficcional, ainda que recheada de ideias que poderiam estar na ordem do dia em qualquer círculo intelectual, acabou definitivamente perdendo espaço no contexto geral de sua produção enquanto escritor já mundialmente reconhecido. Seus posicionamentos diretos e de tom jornalístico sobre a guerra no final da década de 1910 representaram esta inclinação, que enfim tornou-se definitiva. Em uma reunião de sóbrias declarações sobre diversos temas chamada *First and last things* (1908), provavelmente o mais filosófico livro de Wells, é possível encontrar três breves excertos intitulados respectivamente *War*, *War and competition* e *Modern war*. Eles demonstram, primeiramente, que a ameaça da guerra já não era mais assunto meramente especulativo, e que a possibilidade de um conflito de proporções mundiais se fazia provável. Noticiam, ainda, sua concepção de que grandes guerras parecem ser necessárias para ensinar e disciplinar a humanidade para a formação do Estado universal posterior.

²²⁷ *Idem. Ibidem.* p. 102.

²²⁸ A frase é do diretor Orson Welles inserida no roteiro original de *O terceiro homem* (1949), adaptação do romance de Graham Greene publicado no mesmo ano. Obviamente é um exagero histórico, com algum descrédito a contribuição helvética em diversos setores da vida humana. Carlo Cippola, em seu *Máquinas do tempo* (1992), fala dos artesãos suíços construtores de relógios como uma importante corporação técnica europeia. O próprio Wells foi um admirador da política de cantões federados e a utiliza como modelo nos debates durante a constituição da Liga das Nações. O trecho se refere à guerra como uma necessidade humana, seja biológica, conforme acreditava Wells, seja como indutora do desenvolvimento tecnológico, algo que também Wells observara com atenção crítica.

Em *War*, Wells assevera que a necessidade de determinado treinamento militar é condição fundamental para que os grupos humanos recebam o direcionamento necessário para a compreensão da vida social organizada.

I do not think a discussion of a man's social relations can be considered at all complete or satisfactory until we have gone into the question of military service. Today, in an increasing number of countries, military service is an essential part of citizenship and the prospect of war lies like a great shadow across the whole bright complex prospect of human affairs. What should be the attitude of a right-living man towards his State at war and to warlike preparations?²²⁹

E complementa afirmando que este treinamento é a maior força socializadora moderna, pois a preparação para a guerra é a melhor forma de expressão da paz. “In many ways war is the most socialistic of all forces. In many ways military organization is the most peaceful of activities”.²³⁰ Porém, é em *War and competition* que suas considerações tornam-se mais claras e se aproximam de seu pensamento bioevolutivo. A guerra seria meramente o resultado social de uma condição natural de violência entre seres da mesma espécie, o que no caso humano é potencializado pela sua condição de espécie social e inteligente. A organização e o treinamento militar representariam, neste sentido, a possibilidade de tornar este ímpeto inato uma atividade humana organizada e, por mais paradoxal que possa parecer, com fins sobretudo pacíficos.

Esta organização não significaria abolir completamente a competição entre os seres humanos, pois ela representa uma condição ao progresso da vida, mas a promoção de um direcionamento inteligente desta competição, o que inclui o modelo socialista de produção. Para Wells, os socialistas em geral não haviam percebido que esta condição natural não seria simplesmente extinguida por mecanismos artificiais, por mais profunda que fosse a revolução social.

I am very clear in my mind on this perpetual need of competition. I admit that upon that turns the practicability of all the great series of organizing schemes that are called Socialism. The Socialist scheme must show a system in which predominance and reproduction are correlated with the quality and amount of an individual's social contribution, and so far I acknowledge it is only in the most general terms that this can be claimed

²²⁹ WELLS, H. G. “War”. In: *First and last things*, p. 168.

²³⁰ *Idem. Ibidem*, p. 168.

as done. We Socialists have to work out all these questions far more thoroughly than we have done hitherto. We owe that to our movement and the world.²³¹

Em *Modern war*, Wells aponta que o perigo mais importante não está no desenvolvimento das tecnologias de guerra em si, mas nas forças indisciplinadas que promovem o funcionamento deste conjunto tecnológico. Não se trata de uma reificação deste aparato de guerra, mas da constatação de que a imprensa, os governos nacionais, as instituições financeiras e os organismos internacionais são inferiores ao desenvolvimento da técnica, ou seja, não é a tecnologia que precisa ser refreada, mas as ideias que carecem de ser aperfeiçoadas.

Esta concepção representa, para Wells, uma espécie de resumo do que vislumbrou como a história humana como um todo, uma luta constante a partir de determinadas tentativas de organização para a competição e, de sua época em diante, uma história enquanto concepção futura que substituiria esta coletiva luta cega por uma organização direcionada e coletivamente inteligente, que promoveria o contínuo desenvolvimento da vida.

4.2.2 - Uma guerra de ideias, que com ideias deveria ser combatida

Quando a guerra contra a Alemanha e demais países da Aliança eclodiu, no início de agosto de 1914, certamente não foi uma surpresa para H. G. Wells, bem como para a maioria dos observadores, inclusive menos atentos, das relações internacionais europeias dos dez ou quinze anos anteriores.²³² O que talvez os tenha surpreendido foi a velocidade e violência com que ela se alastrou, instaurando-se definitivamente no contexto europeu em poucas semanas, o que impossibilitaria uma solução rápida, como parte dos comentaristas sugeria que acontecesse.²³³ O próprio

²³¹ *Idem. Ibidem*, p. 173.

²³² Wells, em um panfleto posterior, *Delusions about world peace*, publicado em *The way the world is going* (1927, p. 19), contrariando a afirmação inicial deste parágrafo, confessa que “I was taken by surprise by Great War. Yet I saw long ahead it could happen, and wove fantastic stories about it, I let my imagination play about it, but at the bottom of my heart I could not feel and believe it would really be let happen”.

²³³ A crença em uma solução rápida e definitiva para a guerra, tanto por parte dos alemães quanto por parte dos Ententes estava embasada, principalmente, nas experiências de guerra de incursão anteriores. O general prussiano Karl Von Clausewitz, uma referência do pensamento militar moderno alemão, propunha que as chances de uma vitória definitiva aumentariam sobremaneira a partir de uma “batalha decisiva”, como primeiro objetivo em uma guerra de agressão direta. Ocupar o território e minar as reservas energéticas inimigas, por exemplo, deveriam ser objetivos secundários: o ideal seria

Wells registrou esta surpresa posteriormente, pois quando havia escrito *The war in the air* sustentava a convicção de que a inevitável introdução de máquinas voadoras como protagonistas de uma guerra tridimensional promoveria o fim dos *fronts* e as tornaria, em curto prazo, conclusivas. “I had reasoned that air warfare, by making warfare three dimensional, would abolish the war front and with that the possibility of distinguishing between civilian and combatant or of bringing a war to a conclusive end”.²³⁴

Assim como Wells, seus compatriotas acompanharam atentamente os primeiros embates, não apenas como observadores distantes, mas enquanto partícipes efetivos de uma batalha que poderia a qualquer momento estar muito próxima de suas realidades, inclusive fisicamente. Londres passaria em algumas semanas a ser bombardeada e a marinha alemã já havia tomado boa parte do mar do norte. Kent, o subúrbio ao sul do Tâmesa onde Wells nasceu e morou por anos seria fatalmente um dos primeiros alvos aliados.

David Smith propõe que, no decurso dos primeiros meses de guerra, alguns padrões ideológicos foram comuns aos britânicos, como, por exemplo, a confirmação manifesta de uma determinada aversão social aos alemães, bem como uma onda de crenças religiosas reprimidas, especialmente depois das primeiras derrotas francesas. De uma maneira geral, estas duas grandes manifestações se fundiram em um discurso comum em torno de uma paz que um dia deveria prevalecer. Wells, a princípio um cético sobre as manifestações deste espírito coletivo de seus concidadãos – acrescido do entusiasmo promovido pela propaganda de alistamento – não esteve imune a ele e, em alguns momentos, o incitou em seus artigos e panfletos.²³⁵

precipitar a decisão de atacar como elemento surpresa e tudo que arrastasse o conflito deveria ser evitado. Tais suposições foram delineadas em meio às guerras napoleônicas, mas mantinham-se importantes referências em estratégia militar. Sobre a questão ver TUCHMAN, Bárbara. *Os canhões de Agosto*. Rio de Janeiro: Bruguera, 1969, p. 27. Um argumento sobre a ausência de uma preparação estratégica para um conflito mais prolongado por parte dos envolvidos está no que o historiador militar John Keegan chama de “*front doméstico*”, ou seja, o suprimento de mão-de-obra na produção, lacuna deixada pelos combatentes, cujo retorno era aguardado em poucos meses. “Crises agudas de falta de mão-de-obra instalaram-se repentinamente, e não foram solucionadas até que as mulheres comessem a substituir os homens tanto nas fábricas como nos campos. Também houve uma imediata e severa escassez de suprimentos em alguns depósitos militares, principalmente munições para armas de grande porte. Os países planejaram e abasteceram-se com o necessário para uma guerra curta. Quando o conflito se prorrogou, eles foram pegos desprevenidos”. KEEGAN, John. *História ilustrada da Primeira Guerra Mundial*. São Paulo: Ediouro, 2005, p.118.

²³⁴ WELLS, H. G. *Experiment in autobiography*, p. 455.

²³⁵ SMITH, David. *H. G. Wells: desperately mortal*. Yale University Press, 1986, p. 217-218.

Mesmo assim, os anos entre 1914 e 1918 foram paradoxalmente proveitosos para Wells como escritor, independente do stress físico e emocional que porventura o acompanharam.²³⁶ Sua produção intelectual teve um importante incremento neste período, o que significa oito ou nove romances, muitos tendo como contexto a Grande Guerra, cinco coletâneas de seus textos jornalísticos e um número (hoje) incontável de pequenos artigos.²³⁷

Além disso, tomou parte em diferentes organizações institucionais, como por exemplo a *British Science Guild*, com o objetivo de reformar o currículo inglês formado ainda a partir do *Education Acts* de 1870. Sua participação esteve direcionada aos debates sobre a biologia e ciências naturais, mas manifestadamente seu interesse pessoal neste momento esteve voltado para o ensino da história, como será evidenciado adiante. Também atuou como convidado no *Foreign Office*, o equivalente inglês ao Ministério das Relações Exteriores, e foi membro assíduo dos grupos e instituições que tomaram parte das primeiras discussões sobre a formação de uma liga de nações, causa que advogou, como uma das primeiras vozes, desde o início da guerra.

O esforço de guerra formou em Wells uma espécie de matriz intelectual que congregava um conjunto caleidoscópico envolvendo religião, poder político internacional, horrores de guerra e educação universal. Este período representa o início de uma fase de comprometimento mais direto com a ideia de um governo mundial, cujos princípios estão no controle da produção e comércio de armas, revisão dos métodos de guerra e, principalmente, na promoção de uma educação integral livre

²³⁶ Por exemplo, seu terceiro filho e futuro biógrafo, Anthony West, fruto de um notório caso extraconjugal com a escritora Rebecca West, nasceu em agosto de 1914, no exato final de semana em que a guerra começou. Pessoalmente, as informações que podem ser identificadas sobre seu estado físico e mental durante a Grande Guerra são mínimas e pouco relevantes. O que Wells aparenta é uma personalidade resoluta em mudar seus hábitos e comportamentos, como, por exemplo, sua recusa em mudar-se da casa em que vivia nesta época em *East Globe*, uma região que poderia ser bombardeada a qualquer momento por um *raid* alemão. A exceção está em um pequeno trecho de sua autobiografia em que confessa estar perdendo parte dos cabelos nos difíceis meses de 1916: "I was so worried and my nerves were so fatigued that I was presently afflicted with *allopezia areata*, well now in the flying corps of those days as an anxiety disease, in which the hair comes out in patches". *Experiment in autobiography*, p. 591.

²³⁷ Os romances do período são *The Wife of Sir Isaac Harman* (1914), *The World Set Free* (1914), *Bealby: A Holiday* (1915), *Boon* (1915), *The Research Magnificent* (1915), *Mr. Britling Sees It Through* (1916), *The Soul of a Bishop* (1917), *Joan and Peter: the story of an education* (1918) e *The undying fire* (1919), escrito ainda em 1918. Panfletos, artigos, e coletâneas: *The War That Will End War* (1914), *An Englishman Looks at the World* (1914), nos Estados Unidos publicado no mesmo ano com o título *Social Forces in England and America*, *The War and Socialism* (1915), *The Peace of the World* (1915), *What is Coming?* (1916), *The Elements of Reconstruction* (1916), *God the Invisible King* (1917), *War and the Future (Italy, France and Britain at War)* (1917) e *In the Fourth Year* (1918).

das amarras do nacionalismo à maneira europeia, expressa mais detalhadamente em um livro de 1918 que pode ser denominado como um “romance educacional”: *Joan and Peter, a story of an education*, e em sua *História universal* de 1919. Ao fim da guerra, Wells observou na história (conhecimento sobre o passado, disciplina escolar e historiografia) a chave que dava sentido a matriz intelectual que o acompanhou nesta fase.

É possível identificar nesta profusão de textos do período de guerra a emergência de um novo Wells. Os exemplos anteriores, seja nos romances científicos ou nas obras utópicas, denotavam um socialismo cientificista cujas fronteiras se confundiam com as da própria ilha britânica, apesar de seus esforços e posicionamentos notadamente internacionalistas. O escritor que viveu física e intelectualmente a guerra, mesmo permanecendo, como dificilmente poderia deixar de ser, um *Englishman*, direcionou seu olhar para uma organização mundial da mentalidade humana, do conhecimento, das relações étnicas, dos negócios e transportes. As questões vitorianas, como os desentendimentos com os Fabianos sobre o ideal socialista, ou as rugas públicas trocadas com Henry James sobre a natureza do romance pareciam, naquele momento, questões que a guerra provou serem triviais e secundárias.

Os exemplos citados, especialmente envolvendo guerras imaginárias, denotam uma visão geral da guerra como um fenômeno naturalizado para Wells, uma parte condicionante do processo evolutivo. Mesmo sua postura diante da necessidade imanente da guerra ter se tornado no mínimo hesitante, o que pode ser observado pelas severas ressalvas a um determinado conjunto de ideias que representavam o que era genericamente chamado de “a ameaça alemã”, a noção da guerra como necessária ainda persistiu nos anos anteriores ao conflito. Tal característica é perceptível, quando, entre 1911 e 1912, propôs uma série de jogos de guerra destinados à crianças e adolescentes, a princípio com propósitos de entretenimento, mas mesmo assim um sinal inequívoco da presença da guerra como elemento comum da vida do europeu no início do século XX.²³⁸

²³⁸ Os livros são *Floor games*, de 1911, que engloba também uma série de brincadeiras de tabuleiro as quais experimentou com seus filhos e *Little wars* de 1912, que propõe a organização de exércitos antagônicos, o aproveitamento de brinquedos, bonecos e veículos em miniatura, além de propor uma série de estratégias militares para ambientes internos e externos. Ambos os livros obtiveram grande sucesso editorial e até hoje são considerados peças raras nas lojas especializadas, pois são avaliados por um determinado público especializado como precursores dos futuros RPGs de guerra. Sua popularidade pode ser verificada no estudo proposto por David Smith, “Little wars for little people”,

Nestes mesmos anos em que inocentes batalhas foram travadas em jardins e salas de estar europeias, encontram-se excertos que demonstram a consciência de Wells sobre o que efetivamente compunha a “ameaça alemã”. Ressaltou, por exemplo, a capacidade germanica em fabricar microscópios mais eficientes e baratos, um passo importante para o progresso estratégico da ciência laboratorial no início do século XX, e compartilhou seu entusiasmo moderado com o desenvolvimento social alemão em dois periódicos franceses. Nestas impressões, mencionou a grandeza da Alemanha medieval, que se estendeu até a época moderna. Contudo, um desvio nesta corrente de progresso caracterizou a nação germânica nas últimas décadas do século XIX, tornando-a um Estado imperial de potencial temerário.²³⁹

Algumas declarações semelhantes foram apresentadas em uma longa resenha do livro de Ford M. Hueffer, *When blood is their argument: an analysis of prussian culture*, de 1915. Neste texto, publicado no mesmo ano pelo *Daily Chronicle*, Wells reforça que a luta, em essência, é contra os fundamentos ideológicos do Estado imperial alemão e não contra seu povo: “...we fight not to destroy a nation, but a nest of evil ideas”. Sua abordagem propõe que esta grandeza ressaltada foi maculada por uma nociva tradição cristã que produziu uma forte fé comum, porém pouco intelectualizada. O resultado se traduz no que classifica como um dos “presságios ideológicos mais obscuros da Europa”: a associação entre o Kaiserismo e o Kruppismo como elementos centrais articuladores do moderno estado alemão.²⁴⁰

Uma série de considerações públicas sobre o que viria a ser da Europa caso a guerra viesse a se concretizar foram delineadas em três pequenos artigos publicados pelo *Daily Mail* em abril de 1913. Neles, Wells atacou diretamente a indústria militar alemã, mas sugeriu que o mundo britânico não participasse de uma inócua corrida armamentista. Sua advertência propunha que as esperanças inglesas não se baseassem em submarinos ou couraçados, pois a conscrição levaria ao inevitável endividamento e comprometimento das funções do Estado. Apesar de ser um discurso comum, especialmente no terceiro texto *The balance of presente and future*, Wells

Arete, outono de 1985 ou, por exemplo, pela escritora londrina Cynthia Asquith, que no livro de memórias *Happy I may remember*, de 1950, recorda como uma de suas principais lembranças de infância jogar por horas com seus irmãos e primos a partir das estratégias de *Little wars*.

²³⁹ WELLS, H. G. “*Enquête sur l’influence allemande*”. *Mercure de France*, n. 1, 1903 e WELLS, H. G. “Ce qu’on pense d’Allemagne”. *Le Courrier Européen*, 10 de outubro de 1905.

²⁴⁰ WELLS, H. G. “The perversion of Germany: a study in educational organization”. *Daily Chronicle*, março de 1915. Kruppismo se refere ao processo industrial bélico alemão, intensificado no final do século XIX a partir das contribuições, em termos tecnológicos, realizadas por Friedrich Alfred Krupp e seus colaboradores na fabricação de metralhadoras, carros de guerra e, posteriormente, submarinos.

sugeria que o caminho para o enfrentamento do estado de beligerância estaria no investimento em laboratórios (área na qual reconhecia a superioridade alemã), em estações experimentais de agricultura, em pesquisa aplicada, melhora da educação científica e promoção das engenharias em geral: estas seriam as condições gerais de uma preparação adequada e permanente para a guerra.²⁴¹

Entre 1913 e meados de 1914 outros onze artigos foram publicados, e tinham como proposta geral estabelecer uma direção para as ações britânicas durante a guerra, enfim, uma abordagem mais objetiva dos problemas imediatos, além de diversos apontamentos. Wells sugeriu, por exemplo, que houvesse o fim da estocagem de alimentos por parte de setores da produção, afirmando que antes do exército alemão, a ameaça primeira advinha da podridão moral da própria aristocracia nacional. Insistiu também na realização de uma conferência mundial após o conflito, ressaltando que o primeiro a sofrer profundas mudanças estruturais seria o próprio império britânico. Desvelou com maior profundidade a ideia de que a condição essencial para uma paz definitiva estaria no controle e regulação governamental da produção de armas e o fim do comércio privado, usando novamente o exemplo do que chamou de Kruppismo alemão como indústria e tecnologia bélica com fins apenas lucrativos. Propôs também um redesenho do mapa da Europa, sob critérios outros que não mais o Estado-nacional como sinônimo de representação étnica ou política. Chamou à participação os Estados Unidos, considerados como *player* decisivo para a solução do conflito, mesmo anos antes de sua participação real. Tentou informar os britânicos sobre a situação na Rússia, sobre a possibilidade de uma guerra étnica posterior nos Balcãs e, por fim, encerra esta notável série de artigos ressaltando que esta era uma guerra de diferentes culturas, enfim, uma “guerra de ideias.”²⁴²

We have to spread this idea, repeat this idea, and *impose upon this war* the idea that this war must end war. We have to create a wide common conception of a re-mapped and pacified Europe, released from the

²⁴¹ Os artigos são “The common sense of conscription,” “Put not your trust in dreadnoughts” e “The balance of present and future”. *Daily Mail*, 7, 8 e 9 de abril de 1913, respectivamente. Estes textos foram agrupados e impressos no mesmo ano, em forma de panfleto, sob o título de *War and common sense*.

²⁴² Os textos mencionados foram publicados no *Daily Chronicle* nos dias 7, 10 e 13 de agosto e 3 de setembro. Também no *Daily News*, nos dias 14 de agosto e 7 de setembro e no *Nation* em 22 de agosto, todos em 1914. Os onze trechos foram convenientemente organizados, no início de outubro, e publicados em forma de livro, obra que se tornou bastante popular e representante do pensamento de Wells sobre a guerra: *The war that will end war* (1914).

abominable dangers of a private trade in armaments, largely disarmed and pledged to mutual protection.²⁴³

No entanto, a questão central permaneceu essencialmente a mesma: como arregimentar e convencer um conjunto maior possível de pessoas, não apenas os chefes de estado, diplomatas, militares e representantes das instâncias de poder – indivíduos que haviam falhado clamorosamente em frear o esforço de guerra – como fazê-los perceber a necessidade de mudanças sociais profundas e, em especial, a importância da ocasião que se delineava? Wells sabia que esta era uma tarefa hercúlea, onerosa demais para ser cumprida por uma só pessoa cujas armas, antes mesmo do discurso falado, se resumiam à pena e ao papel. Mesmo assim, movido por uma consciência definitivamente delineada sobre a importância futura destes objetivos, lançou-se integralmente à tarefa.

4.3 - A guerra definitiva

*This is already the vastest war in history. It is war not of nations, but of mankind. It is a war to exorcise a world-madness and end an age.*²⁴⁴

Este intenso fluxo inicial de textos e ideias não permaneceu o mesmo nos anos seguintes, e passou a acompanhar a morosa e sangrenta guerra de trincheiras, especialmente na França e no *front* leste. No natal de 1914 as notícias apontavam para um conflito que não terminaria rapidamente, embora não houvesse uma ameaça clara de invasão à ilha britânica.²⁴⁵ Ainda no ano novo Wells retomou seu trabalho jornalístico, após um interlúdio para a publicação de *The wife of sir Isaac Harman*. Sua

²⁴³ WELLS, H. G. *The war that will end war*. New York: Duffiel & Company, 1914, p. 97. No mesmo trecho, Wells reforça a mesma concepção de que esta era uma guerra de ideias, ressaltando como filosofias vãs e ideais tolos podem ser socialmente danosos. “All the realities of this war are things of the mind. This is a conflict of cultures, and nothing else in the world. All the worldwide pain and weariness, fear and anxieties, the bloodshed and destruction, the innumerable torn bodies of men and horses, the stench of putrefaction, the misery of hundreds of millions of human beings, the waste of mankind, are but the material consequences of a false philosophy and foolish thinking.”

²⁴⁴ WELLS, H. G. *The war that will end war*, p. 35.

²⁴⁵ Mesmo assim, David Smith lembra que o fim do ano em Londres foi marcado por ataques aéreos rápidos, “a few hit-and-run raids”, e bombardeios às instalações portuárias em Hartlepool, o que causou alguma apreensão social. H. G. Wells *desperately mortal*, p. 221.

atenção se voltou para uma discussão pormenorizada sobre o futuro institucional do pós-guerra, além de propor algumas questões práticas que envolviam o uso da ciência como base da estratégia militar, uma forma mais direta de por fim aos enfrentamentos rapidamente.²⁴⁶

Porém, as principais questões foram mesmo apresentadas em *The war that will end war*, seu principal texto de guerra, inclusive pelo fato de seu título ter se tornado uma espécie de ideia comum²⁴⁷ – “the title has become proverbial”, percebeu Wells anos depois – mas também pelas ideias centrais que o compõe, e que foram desenvolvidas durante e depois da guerra.²⁴⁸

A convicção definitiva de que o Império Britânico estava em guerra parte do primeiro argumento do artigo inicial em *The war that will end war*: a deliberada invasão alemã à Belgica e Luxemburgo.

The cause of this war was the invasion of Luxemburg and Belgium. We declared war because we were bound by treaty to declare war. We have been pledged to protect the integrity of Belgium since the kingdom of Belgium existed. If the Germans had not broken the guarantees they shared with us to respect the neutrality of these little States we should certainly not be at war at the present time. ²⁴⁹

²⁴⁶ Wells propôs o bombardeamento do Canal Kiel, estratégico para a marinha alemã no Mar do Norte ao evitar a necessidade e contornar a Península da Jutlândia (o que os forçaria a um confronto em mar aberto). Sugeriu também o direcionamento de armas de longo alcance para bombardear Metz e uma série de ataques aéreos estratégicos ao território alemão. Estas ideias estão nos textos “If England is raided: the civilian force”, *Daily Chronicle*, 12 de dezembro de 1914 e “Looking ahead: the organization of foresight in Great Britain”, *Daily Chronicle*, 19 de janeiro de 1915.

²⁴⁷ O escritor francês Anatole France, com quem Wells manteve uma amizade literária nos anos anteriores à guerra, escreveu um artigo em 1914 chamado *Debout pour la Dernière Guerre*, e insistiu para que Wells fizesse sua tradução para o público anglo-saxão. Os títulos e seu conteúdo trazem consigo a ideia implícita de que esta era a última e necessária guerra: *Let us arise and end the war*. Em um determinado trecho, France afirma que as profecias anteriores de Wells estariam erradas apenas pelos sujeitos envolvidos, pois não eram os marcianos a orquestrarem a conquista mundial, mas sim professores alemães. Ver STEPHENS, Winifred. (ed.) *The book of France: in aid of the French Parliamentary Committee's Fund for the relief of the invaded departments*. London: Macmillan; Paris: Champion, 1915.

²⁴⁸ Apesar da força simbólica que a expressão-título pode ter adquirido, de uma guerra final, uma guerra pela civilização, Wells percebeu logo nos primeiros movimentos que esta não era uma ideia que vingaria efetivamente. Na verdade, tratava-se simplesmente de uma ideia, sem correspondência prática. Apesar de parecer até certo ponto popular e não de sua exclusividade, os meses iniciais de indefinição impuseram a certeza de sua esterilidade real, motivada, entre outros fatores, por uma determinada concepção arraigada de história que impediria um rumo diferente daquele que se delineava. Wells comenta que “the flaming actuality was simply this, that France, Great Britain and their allied powers were, in pursuance of their established policies, interests, treaties and secret understandings, after the accepted manner of history and under the direction of their duly constituted military authorities, engaged in war with the allied central powers (...) We are fighting for ‘King and Country’ and over there they were fighting for ‘Kaiser and Fatherland’”. *Experiment in autobiography*, p. 570. (Grifo meu)

²⁴⁹ WELLS, H. G. *The war that will end war*, p. 9.

Nesta afirmação, Wells aponta uma causa imediata, a violação de um acordo internacional de proteção mútua, mas que não necessariamente se confunde com o objeto da guerra em si e, mais importante, não delinea as consequências resultantes do ato de invasão. Outras causas são também identificadas, mas esta afirmação clara, de uma causa cujas consequências podem ser direcionadas aponta uma forma de raciocínio histórico que pode ser associado ao seu discurso historiográfico, em especial o construído após a Grande Guerra. Suas considerações sobre a guerra como um fenômeno natural, inserida em um contexto bioevolutivo, parte da escala cósmica com características que podem inclusive ser previstas e diagnosticadas, mas, ao mesmo tempo, uma vez que o acontecimento em si tem sua essência conduzida, manipulável, humanamente construída, sua natureza pode ser direcionada por um esforço da consciência humana coletivamente orquestrada.

A referência para seus argumentos sobre o controle irrestrito do comércio de armas é o que chama de “Krupp business” na Alemanha, mas que se configura como uma ameaça também enquanto ideia disseminada entre as nações. Outros grandes fabricantes de armas ingleses e europeus em geral foram também objeto de seus questionamentos, mas os grandes culpados foram os Estados nacionais em permitir, e mesmo financiar, fabricantes privados de armas, que transformaram seus negócios, entre o final do século XIX e início do XX, a partir do emprego de métodos industriais associados à tecnologia aplicada.²⁵⁰ Com armamentos sendo fabricados em larga escala a partir de modelos produtivos baseados no lucro privado, os futuros acordos internacionais de paz estariam comprometidos pelo *lobby* exercido pelos grandes *traders* e, em segundo lugar, estaria mantido um estado de conveniência desfrutado

²⁵⁰ O economista canadense-americano J. Kenneth Galbraith, em um artigo de 1967 no qual discorre sobre os imperativos da tecnologia, procura demonstrar, a partir do exemplo da ascensão meteórica da *Ford Motor Company* nas primeiras décadas do século XX, como a tecnologia, enquanto “aplicação sistemática de conhecimento científico com fins a resolver problemas práticos”, promove a capacidade de incremento da produção com base no planejamento, investimento de capital, subdivisão das tarefas e associação delas a determinadas áreas do conhecimento e suas especializações. Galbraith comenta que a Primeira Guerra Mundial marcou o momento de aceleração desta transição que se iniciara alguns anos antes, e que tinha nos modelos fabris tayloristas, com resquícios ainda da Revolução Industrial, seu período antecessor. Como exemplo, ele comenta que “as exíguas máquinas voadoras da Primeira Guerra Mundial, construídas para carregar um ou dois homens e uma arma, foram projetadas e postas em combate em questão de meses. Uma potência industrial de primeira grandeza levaria, no mínimo, vinte anos para criar uma frota moderna (...), com porta-aviões movidos a energia nuclear e um complemento adequado de aeronaves e mísseis, juntamente com submarinos nucleares, contratorpedeiros, navios auxiliares e bases e sistema de comunicação de apoio”. Ver GALBRAITH, J. Kenneth. Os imperativos da tecnologia. In: *O novo estado industrial*. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 25-26.

pelos governos nacionais, que poderiam, segundo Wells, dissimular os números relativos ao comércio bélico internacional.²⁵¹

Em *The Peace of the World*, de 1915, aponta outro problema central abordado nos primeiros anos da guerra: a diplomacia secreta.

No one who has followed the diplomatic history of the negotiations that led to this war can doubt that if there had been no secret treaties but instead open proclamations of intention and an open discussion of international ambitions, the world might have been saved this catastrophe.²⁵²

A deficiente diplomacia seria resultado do sistema de cortes europeu, essencialmente anti-democrático em sua estrutura imperial mantida por gerações de monarcas estabelecidos por intermináveis dinastias. Seu alvo foi notadamente a dinastia dos Hohenzollern na Alemanha e seu suporte ao *Krupp-Kaiserism*, um modelo fundamentado no imperialismo e no espírito armamentista que os desdobramentos da guerra poderiam espalhar por outros países. Mesmo assim, apesar das efusivas vozes xenófobas que atacavam etnicamente o *ethos* alemão, especialmente inglesas e francesas, Wells faz questão de ressaltar novamente que o combate deveria ser feito ao modelo imperialista alemão, ou seja, a um conjunto expresso de ideias, e não ao seu povo.

We are fighting Germany. But we are fighting without any hatred of the German people. We do not intend to destroy either their freedom or their unity. But we have to destroy an evil system of government and the mental and material corruption that has got hold of the German imagination and taken possession of German life. We have to smash the Prussian Imperialism as thoroughly as Germany in 1871 smashed the rotten Imperialism of Napoleon III. And also we have to learn from the failure of that victory to avoid a vindictive triumph. This Prussian Imperialism has been for forty years an intolerable nuisance in the earth. Ever since the crushing of the French in 1871 the evil thing has grown and cast its spreading shadow over Europe.²⁵³

²⁵¹ WELLS, H. G. *The war that will end war*, p. 13.

²⁵² WELLS, H. G. "The peace of the world". *New York Times*, 21 de fevereiro de 1915, p. 37. O texto original foi publicado na *New Review*, em março de 1915.

²⁵³ WELLS, H. G. *War that will end war*, p. 11.

Enfim, os textos compilados em *The war that will end war* abordam como causas diretas da guerra três grandes temas relacionados: um deficiente e nacionalista concerto internacional baseado em diplomacia secreta, a produção privada de armamentos e as velhas estruturas monárquicas de poder na Europa. Alguns eventos isolados poderiam ser listados como possíveis causas da guerra, como o assassinato do arquiduque austríaco em Sarajevo, tradicional menção histórica que institui o fato como principal desencadeador do conflito, mas Wells defende que estes três fatores articulados, que trabalharam por anos contra o interesse público, causando um sentimento de mal estar público e de confusão mental geral, foram, desta forma, responsáveis pelo conflito.²⁵⁴ Ao mesmo tempo em que identificou as ideias determinantes da catástrofe europeia, Wells dedicou seus esforços nos primeiros anos de guerra elaborando uma lista de objetivos, com enfoque preferencial no pós-guerra, que envolveria não apenas as nações beligerantes, mas um grande acordo mundial.

4.3.1 - Redesenhando o mapa da Europa: o destino dos impérios

As sugestões de Wells para uma melhor compreensão das adequações do pós-guerra delineadas em *War that will end war* podem ser enquadradas em quatro grandes temas centrais: a necessária revisão do mapa da Europa, o reordenamento/reorganização das estruturas de poder que desse lugar aos impérios monárquicos, o desarmamento e controle estatal da produção bélica e, por fim, o estabelecimento de uma liga de nações livres.

A primeira questão discutida tem uma relação com a maneira como os estados nacionais europeus foram formados, especialmente após as Guerras Napoleônicas, em geral resultados de conquistas militares ou negociações entre as grandes potências que abarcaram territórios e contingentes populacionais que não

²⁵⁴ Em sua autobiografia, Wells faz menção à crise de Agadir, em 1911, como uma causa importante para o acirramento militar na Europa, quando afirma que “The onset of the Great War hung us portentously over us all throughout the three years between the Agadir incidente (July 1911) and the invasion of Belgium in August 1914”. *Experiment in autobiography*, p. 568. A França enviou tropas ao Marrocos em 1911 com o intuito de sufocar uma revolta popular. Em contrapartida, com receio de uma expansão da influência francesa no norte da África, a Alemanha enviou ao estratégico porto marroquino de Agadir uma canhoneira, num claro sinal de disposição ao conflito pelo controle da região. Desta vez a diplomacia obteve êxito, e as divergências foram provisoriamente solucionadas pelo Tratado de Fez, de 1912, quando a França assumiu o controle efetivo do Marrocos como um protetorado e a Alemanha, em contrapartida, recebeu a posse de parte do Congo francês.

necessariamente se identificavam com a bandeira, língua ou símbolos pátrios de seus conquistadores.

Segundo John Partington, o princípio da autodeterminação nacional emerge na Europa apenas com as políticas liberais, voltadas também aos negócios internacionais, comandadas pelo primeiro-ministro britânico liberal William Gladstone, a partir da década de 1880. Este crescimento das consciências nacionais entre as populações e minorias que não se identificavam com seu Estado-nacional causou bastante apreensão entre as potências imperiais, particularmente a questão nos Balcãs, repleto de minorias étnicas e religiosas que viveram boa parte de sua existência sob a égide de impérios como o Grego e o Otomano. “The Balkan Wars of 1913-14 were evidence of the strength of minority feeling in Europe and the assassination of the Austrian Crown Prince, Archduke Franz Ferdinand, by a Serb nationalist which triggered the outbreak of the Great War in 1914 moved many liberal thinkers to consider the place of minority populations in postwar Europe.”²⁵⁵

Wells acreditava que um imprescindível redesenho do mapa da Europa deveria ser uma estrutura aceitável por todas as nacionalidades. Esta ideia não significava uma definição permanente, mas uma forma de manutenção da paz, criando bases legais para que estes grupos minoritários, se não fossem contemplados com um Estado-nacional, pudessem reivindicar, mediante representação direta, qualquer que fosse a questão de seu interesse em uma futura liga de nações livres, que contemplaria uma espécie de parlamento e também um tribunal internacional. Não se trata, portanto, de uma defesa do tradicional modelo de Estado-nacional pré-guerra, como talvez possa transparecer, mas uma espécie de alternativa possível para a transição, com o propósito de contemplar todos os envolvidos em uma complexa negociação geopolítica.

Em *War that will end war*, Wells procurou inclusive pontuar as nacionalidades que mereceriam seu espaço político e territorial melhor definidos. “I would suggest that the three fragments of Poland should be reunited”, o que significaria o fim do domínio alemão, russo ou austro-húngaro. Em outro trecho, afirmou: “I propose that we set before ourselves as our policy the unification of that larger Rumania which includes Transylvania”.²⁵⁶ No romance *Mr. Britling sees it through* (1916), um livro em que Wells

²⁵⁵ PARTINGTON, John. “Seeking victory from the jaws of disaster: H.G. Wells and the Great War”. *Undying Fire: the journal of H. G. Wells society*, 2003, p. 69.

²⁵⁶ WELLS, H. G. *War that will end war*, p. 55.

expôs suas considerações e sentimentos sobre a guerra em formato ficcional, o personagem principal e possível *alter-ego* sugere que os búlgaros tenham destino semelhante. “The Treaty of Bucharest was an evil treaty. It must be undone. Whatever this German King of Bulgaria does, that treaty must be undone and the Bulgarians united again into one people.”²⁵⁷ Esta passagem demonstra a opção de Wells por uma futura paz não vingativa, pois apesar da Bulgária ter sido uma aliada alemã, os arranjos pós-guerra deveriam se basear no que propõe Mr. Britling: “They must have themselves, whatever punishment they deserve, they must have nothing more, whatever reward they win”.²⁵⁸ Este princípio deveria se estender a todos os envolvidos, conforme carta enviada em 1917 a um desconhecido destinatário norte-americano, na qual Wells reivindicou “the liberation of Armenia, Arabia and Palestine from Turkish misrule,” e a “home-rule or autonomy for the Tchecoslovak peoples”, em relação ao Império Austro-Húngaro.²⁵⁹

Para estes países, a solução político-administrativa apresentada seria sua transformação em um conjunto organizado de pequenas confederações, seguindo os moldes suíços do sistema de cantões. Este modelo se aplicaria aos Balcãs, aos húngaros e aos povos eslavos de maneira geral, de forma a promover uma inédita representatividade internacional, ao mesmo tempo em que garantiria a segurança institucional e o direito destes povos de terem vozes audíveis nos futuros órgãos reguladores mundiais. Neste mesmo sentido, em *What is coming* (1916) Wells sugere, por exemplo, que esta seria a solução possível para a antiga divergência entre católicos e protestantes na Irlanda. Sua intenção era discutir a possível ideia de que os povos que viviam sob regimes imperiais tenderiam a ser menos repressivos quando alguma autonomia lhes fosse proporcionada.²⁶⁰

Este novo desenho não implicaria na divisão da Alemanha, mesmo que isso impusesse que territórios anteriormente franceses, dinamarqueses, poloneses ou tchecos retornassem às suas origens étnicas. Nos textos de guerra, apesar de culpar diretamente a Alemanha pelas hostilidades e beligerância, seu desmembramento em momento algum foi cogitado. Pelo contrário: com a manutenção da Áustria como um território de influência sociocultural alemã, a região europeia que contemplaria os

²⁵⁷ WELLS, H. G. *Mr. Britling sees it through*. New York: Macmillan, 1916, p. 394.

²⁵⁸ *Idem. Ibidem*, p. 394.

²⁵⁹ WELLS, H. G. “To an unknown address.” 19 de maio de 1917. In: SMITH, David. *The Correspondence of H.G. Wells: Volume 2, 1904-191*. London: Pickering and Chatto, 1998, p. 510.

²⁶⁰ WELLS, H. G. *What is coming? A forecast of things after the war*. London: Cassell, 1916, p. 195.

povos de língua alemã remontaria praticamente aos moldes anteriores à guerra, sem prejuízos a sua autonomia enquanto nação. Em uma comparação com a França napoleônica, a futura Alemanha “will be a revolutionary Germany, as sick of uniforms and the Imperial idea as France was in 1871, as disillusioned about predominance as Bulgaria is to-day”²⁶¹

Ao propor um novo sentido para a autodeterminação nacional dos povos europeus, a atenção de Wells se voltou para a questão dos impérios e sua estrutura de poder. Seu argumento central propunha que os povos subjugados, como os componentes do Império Austro-Húngaro ou do Império Otomano foram, ao mesmo tempo, significativamente ‘civilizados’, aproveitando o termo por ele utilizado, e poderiam desta forma, promover sua autonomia e gestão. O mesmo poderia ser aplicado aos demais exemplos de sua época, como os impérios português, alemão, holandês, francês e, especialmente, o britânico. Wells tinha ciência da diversidade colonial sob a tutela das potências metropolitanas, e do mosaico cultural que elas formavam, conforme manifestou em *What is coming?*²⁶² Entretanto, sua proposta de federação mundial necessariamente teria a participação equânime dos povos que se apresentariam a partir de uma representação político-administrativa. Assim, pode-se inferir que a crítica de Wells ao imperialismo do século XIX, cujo modelo colonial britânico provavelmente seja o maior símbolo, não está em questionar os fundamentos antropológicos de sua época, que ainda estabeleciam uma espécie de hierarquia cultural e uma possível evolução civilizacional dos considerados selvagens ou bárbaros. A base do seu argumento está na possível falta de legitimidade e representatividade de um povo subjugado em um modelo federado de nações, que seria impossível com a manutenção das estruturas imperiais de sua época.²⁶³

Em 1917, Wells antecipou uma de suas bandeiras posteriores ao defender uma política educacional para os povos coloniais sem a intervenção restritiva dos poderes

²⁶¹ WELLS, H. G. *The war that will end war*, p. 21.

²⁶² “Almost all the great States of Europe are in possession, firstly, of highly developed territories of alien language and race, such as Egypt; and, secondly, of barbaric and less-developed territories, such as Nigeria or Madagascar”. WELLS, H. G. *What is coming?* p. 14.

²⁶³ Por exemplo, em *In the Fourth Year*, Wells assevera que “It is the open intention of Great Britain to develop representative government where it has not hitherto existed, in India and Egypt, to go on steadfastly increasing the share of the natives of these countries in the government of their own lands, until they too become free and equal members of the world league. [...] The extra-national ‘possessions,’ the so called ‘subject nations’ in the Empires of Britain, France, Italy, and Japan, are, in fact, possessions held in trust against the day when the League of Free Nations will inherit for mankind.” WELLS, H. G. *In the fourth year: anticipations of a world peace*. New York: MacMillan, 1918, p. 82-83.

centrais constituídos, mas que, em contrapartida, mantivesse os idiomas e aspectos culturais comuns (notadamente, os do colonizador), pois este seria o ponto central de uma necessária unificação destes povos. Ao mesmo tempo, utilizando o exemplo africano, Wells defendeu também uma espécie de lei comum a todos enquanto cidadãos de um grande e compartilhada comunidade, uma espécie de declaração universal de direitos: “a common law for Africa, a general Declaration of Rights, of certain elementary rights, and we want a common authority to which the black man and the native tribe may appeal for justice”²⁶⁴

Esta paz representativa não poderia depender exclusivamente da boa vontade das potências que iriam capitanear os acordos pós-guerra. Para prevenir qualquer retorno ao estado anterior de beligerância e acirramento geopolítico, Wells defendeu, em *War that will end war* e em outros texto de guerra, um controle efetivo da fabricação e comércio de armas como condição fundamental para uma possível autodeterminação dos povos. O controle efetivo seria de responsabilidade dos governos envolvidos nos esforços de paz, e só esta autoridade representativa poderia fabricar e vender armas, desde um simples revólver a um couraçado militar, tudo sob o controle de organismos internacionais de segurança. Esta proposta foi claramente delineada nos seguintes termos:

Let me set out the suggestion very plainly. All the plant for the making of war material throughout the world must be taken over by the Government of the State in which it exists; every gun factory, every rifle factory, every dockyard for the building of warships. It may be necessary to compensate the shareholders more or less completely; there may have to be a war indemnity to provide for that, but that is a question of detail. The thing is the conversion everywhere of arms-making into a State monopoly, so that nowhere shall there be a ha'porth of avoidable private gain in it. Then, and then only, will it become possible to arrange for the gradual dismantling of this industry which is destroying humanity, and the reduction of the armed forces of the world to reasonable dimensions. I would carry this suppression down even to the restriction of the manufacture and sale of every sort of gun, pistol, and explosive. They should be made only in Government workshops and sold only in Government shops; there should not be a single rifle, not a Browning pistol, unregistered, unrecorded, and untraceable in the world. But that may be a counsel of perfection. The essential thing is the world suppression of this abominable traffic in the big gear of war, in warships and great guns.²⁶⁵

²⁶⁴ WELLS, H. G. *In the fourth year*, p. 46. Política endossada pelo *Labour party* em 1917.

²⁶⁵ WELLS, H. G. *The war that will end the war*, p. 44-45.

O organismo internacional ao qual Wells faz referência, responsável pelo fim do imperialismo e pelo novo mapa da Europa, pelo controle de armas e por uma nova fase nas relações internacionais não seria resultado de um conjunto de iniciativas isoladas, um agregado de entidades e instituições independentes, querelando por seu espaço e impondo sua perspectiva sobre a configuração do novo mundo. Este organismo colocaria em pé de igualdade representativa os impérios constituídos bem como os povos coloniais, mesmo os menos desenvolvidos, impondo uma nova era à diplomacia mundial. A esta ideia comum, defendida desde os princípios da guerra como uma Conferência Mundial, Wells denominou *de League of Free Nations*.²⁶⁶

4.4 – A formação da Liga das Nações: a ideia de um organismo mundial permanente

Se for possível enquadrar em diferentes fases a influência da Primeira Guerra Mundial sobre o pensamento de H. G. Wells, sem dúvidas os desdobramentos de 1916 representam um momento de maior pessimismo sobre um fim rápido. Esta esperança se perdia no horizonte das sangrentas batalhas, como *Somme* e *Verdun*, mas também representou um momento de ativa esperança no que poderia ser realizado quando o conflito acabasse. De fato, sua atividade intelectual torna-se menos especulativa e detratora das causas do conflito e seus esforços concentraram-se, por um lado, na atuação institucional e na elaboração de uma proposta de conferência para o pós guerra.

Em sua autobiografia, Wells comenta que os primeiros anos de guerra representaram uma revisão dos valores e visões de mundo constituídas, além da instabilidade da ordem social que muitos acreditavam ser inabalável, enfim, em suas palavras, também uma oportunidade ímpar de mudanças: “It was also a revelation of the possibilities of fundamental reorganization that were now open to mankind – and

²⁶⁶ Partindo do princípio que esta era uma guerra sem precedentes, cuja velha diplomacia era responsável e um novo tipo de encontro institucional se fazia necessário, Wells sentenciou que “This war is not going to end in diplomacy; it is going to end diplomacy. It is quite a different sort of war from any that have gone before it. At the end there will be no Conference of Europe on the old lines at all, but a Conference of the World”. WELLS, H. G. *The war that will end the war*, p. 38-39.

of certain extraordinary weaknesses in the collective mentality.”²⁶⁷ Nesta época, enquanto seus esforços se concentraram em questionar o imperialismo dos Hohenzollerns, admitiu ter produzido artigos extremamente beligerantes e inconsistentes, que alcançaram boa popularidade e recepção, não apenas na Europa mas também nos EUA, onde foram publicados quase sincronicamente, e que o tornaram uma espécie de autoridade involuntária em assuntos de guerra, o que explica em parte seu contínuo interesse pelo tema.²⁶⁸

Se em 1914 a ideia do futuro rearranjo mundial era ainda apenas uma ideia em meio a tantas outras, é possível encontrar, por exemplo, no ensaio *The peace of the world* (1915), a defesa da característica essencial do congresso universal que se impunha enquanto condição de paz definitiva: esta organização deveria ser permanente.

There is no reason whatever why this Conference should dissolve; why it should not become a permanent Conference upon the interrelations of the participating Powers and the maintenance of the peace of the world. It could have a seat, and officials, a staff, and a revenue of its own; it could sit and debate openly, publish the generally binding treaties between its constituent Powers, and claim for the support of its decisions their military and naval resources.²⁶⁹

Esta premissa representa, portanto, a semente da futura organização, do que posteriormente se convencionou chamar de “liga de nações”, acrescida, como veremos, das ideias “livre”, “autônoma”, “independente”, mas que mantinha a “nação” como conceito agregador. Ela deveria ser permanente, pois Wells não considerava motivos substanciais para que ela se dissipasse após a conclusão das negociações mais imediatas, transformando-se num parlamento definitivo, com poderes de Estado e representação proporcional. Neste modelo, “Each Power could appoint its representatives through its Foreign Office” e, ao mesmo tempo, “the predominance of the greater Powers could be secured either by the representatives having multiple votes according to the population represented, or by some sort of proportional representation”.²⁷⁰

²⁶⁷ WELLS, H. G. *Experiment in autobiography*, 569.

²⁶⁸ *Idem. Ibidem.* p. 570.

²⁶⁹ WELLS, H. G. *The peace of the world*, p. 30.

²⁷⁰ *Idem. Ibidem*, p. 30-31.

Ao menos nos textos de guerra, Wells em nenhum momento advogou o fim inequívoco do Estado-nação como modelo administrativo, apesar de perceber no nacionalismo um conjunto de ideias que deveriam ser combatidas. Isso pode ser notado em sua sugestão de adoção do modelo federado norte-americano para o futuro concerto entre as nações. Sua admiração pelos Estados Unidos estava além da percepção da pujança socioeconômica apresentada nos primeiros anos do século XX, mas também pelo sistema político desenvolvido desde do processo de independência e que tinha na liberdade e autonomia seus sentidos primordiais. Formulações que ilustram esta inspiração são encontradas em *Mr. Britling sees it through*, na passagem final em que o personagem principal discorre sobre as possíveis soluções políticas para o mundo pós guerra, ao sugerir que “(...) every sort of district that has a character of its own must have its own rule; and the great republic of the United States of the World must keep the federal peace between them all. That’s the plain sense of life; the federal world-republic”.²⁷¹

A possível liga teria também influência militar sobre seus partícipes, e qualquer divergência não resolvida em meios institucionais poderia ser objeto de intervenção armada, autorizada pelo conjunto colegiado das nações. Esta influência militar organizada pela Liga deveria, a curto prazo, diminuir a força estratégica exercida pelos Estados nacionais e seu apetite imperialista. Nos mesmos moldes sugeridos posteriormente em *Shape of things to come* (A história do futuro), uma espécie de polícia do ar e do mar deveria ser criada, assim como o controle efetivo dos transportes e comunicações em escala global. Por fim, ainda especulando sobre a formatação e papel da futura liga, Wells sugere que ela funcione como uma corte de assuntos internacionais, mais efetiva do que Haia e outras tentativas anteriores neste sentido. Em *In the fourth year*, procura ilustrar tal situação a partir do exemplo de povos subjugados que não teriam, em outro modelo jurídico internacional, a quem recorrer.

Could a Greek village in Bulgarian Macedonia plead in the Supreme Court? Could the Armenians in Constantinople, or the Jews in Roumania, or the Poles in West Prussia, or the negroes in Georgia, or the Indians in the Transvaal make such an appeal? [...] Personally I

²⁷¹ WELLS, H. G. *Mr. Britling sees it through*, 395.

should like to see the power of the Supreme Court extend as far as this.²⁷²

A Liga deveria ter um caráter popular, e seu sentido e função deveriam ser compreendidos por todos. Seria pouco produtora a manutenção de um modelo diplomático internacional nos moldes anteriores à 1914 e, neste sentido, sua constituição deveria ser acompanhada de uma clara e massiva exposição de seus propósitos junto ao público comum. “The League of Nations, if it is to have any such effect as people seem to hope from it, must be, in the first place, understood of the people. It must be supported by sustained, deliberate explanation, and by teaching in school and church and press of the whole mass of the peoples concerned”.²⁷³

Esta compreensão dependeria da criação de um sentido compartilhado de internacionalismo, fraternidade e cooperação mútua, uma visão notadamente de longo prazo, mas que tinha na guerra a oportunidade definitiva para seu início. Embora seja possível encontrar o princípio destas formulações em seus textos anteriores, tanto nos textos estudantis e em suas primeiras proposições científicas, bem como em sua ficção científica da transição dos séculos XIX e XX, parece plausível supor que o advento da guerra, assim como provocou no desenvolvimento tecnológico e industrial, promoveu no pensamento de Wells a aceleração e desenvolvimento prático de um conjunto de ideias que se manifestaram dissipadamente em escritos anteriores.²⁷⁴

No cerne da questão estava a história enquanto área de conhecimento que carecia de uma revisão estrutural, pois sua formulação e ensino eram responsáveis diretos por uma inequívoca distorção do passado e incentivo ao estado beligerante e nacionalista no qual estavam imersas as potências europeias. Qualquer movimento de conscientização internacionalista tinha, para Wells, um conjunto de ideias a ser reformulado: a historiografia de inspiração nacionalista.

²⁷² WELLS. H. G. *In the fourth year*, p. 31.

²⁷³ *Idem. Ibidem*, p. 22.

²⁷⁴ Warren Wagar definiu o período entre *Antecipations* e o fim da Primeira Guerra Mundial como a consolidação de uma visão mais clara da relação entre passado e futuro, a partir da qual o olhar panorâmico de Wells concebia uma conexão entre as duas temporalidades como a chave para a necessária compreensão e reconstrução do mundo pós-guerra. “But between 1901 and 1918 Wells had done his best to take the measure of armed conflict in the modern world. His record of anticipating the course of events in the murderously frustrating muddle of the Great War was not outstanding, but all said and done, he had foreseen more than most. And he did look ahead, in his major wartime writings, to a new world order that might involve and mature and prevail over the course of centuries. He persisted in traversing time and imagining the best possible future of humankind. His errors, shortcomings, and prejudices notwithstanding, Wells at war spoke for us all. WAGAR, Warren. *H. G. Wells traversing time*, p.161.

4.4.1 – *War aims* e a formação da *League of Free Nations Association*

No decurso da guerra, Wells teve contato direto com os responsáveis britânicos por organizar os esforços de guerra aliados. Como vimos, ele contribuiu com diversos artigos e cartas, especialmente aos periódicos londrinos, os quais eram também utilizados, por vezes involuntariamente, pelo governo britânico em sua propaganda de guerra, como uma espécie de discurso oficial corroborado por um reconhecido homem de letras. Em viagens nesta época, além da visita ao *front* na Itália e França, teve encontros com o general francês Joseph Joffre²⁷⁵ e com o rei italiano Vittorio Emanuele III²⁷⁶, com quem discutiu possibilidades para o fim do conflito e questões diplomáticas.

Além disso, sua contribuição ficcional foi aproveitada como inspiração para o desenvolvimento de artefatos militares, cujo tanque de guerra se apresenta como o caso mais notório. Porém, outro exemplo menos conhecido ilustra bem a participação direta de Wells no esforço de guerra, além da notória contribuição intelectual. Em um

²⁷⁵ Após o encontro com o general Joffre, Wells anotou em seus textos que registraram a passagem pelo *front* em 1916 que sua época, cada vez mais, se caracterizava pela incapacidade de produzir grandes líderes, e que Joffre seria um exemplo dos “homens capazes”, que buscou apresentar em diferentes oportunidades, como pessoas com condições de dizer aos demais os rumos a seguir, mas que ele era uma exceção, pois estava ligado às antigas tradições políticas e militares. Ver *War and the future: Italy, France and Britain at war*. New York: Quiet Vision, 2008, p. 5-7. Para uma noção mais aproximada do que pensava Wells, em seu estudo sobre a questão do herói na história, Sidney Hook aponta a *new history* norte-americana (sabemos que não exclusiva ou pioneiramente) como responsável por uma revisão da ideia do que seriam os heróis na história, ou seja, quais os grandes homens a serem seguidos como “exemplos” históricos, responsáveis pelas importantes mudanças sociais e econômicas. Autores como James Harvey Robinson propunham remover reis, presidentes, estadistas e generais para substituí-los, por exemplo, pelos grandes industriais e pensadores da ciência e filosofia, um processo complexo devido às concepções históricas anteriores tenderem a valorizar frequentemente o indivíduo em relação ao seu contexto. HOOK, Sidney. *The hero in history: a study in limitation and possibility*. Boston: Beacon Press, 1955, p. 9.

²⁷⁶ Em seu encontro com o rei Emanuele, Wells registra que sua impressão foi a de um monarca com notória entonação ao fatalismo, provavelmente um sentimento munido pelas informações pouco animadoras do desempenho militar italiano em meados de 1916. Wells recorda que a impressão mais marcante deste encontro foi a preocupação do rei em resgatar dois soldados cujos irmãos haviam morrido em batalha. Coincidentemente, ambos tinham outros três irmãos mortos em combate e eram os únicos sobreviventes das respectivas famílias entre os combatentes. A intenção do rei era mostrar complacência à família e tornar o sobrevivente uma espécie de herói de guerra. Ver *War and the future*, 2008, p. 9. Esta passagem se assemelha ao enredo dirigido por Steven Spielberg em “O resgate do soldado Ryan” (*Saving Private Ryan*), filme de 1998. Porém, a inspiração para o roteiro de Robert Rodat foi a morte dos irmãos Allison durante a Guerra Civil Americana, que receberam um monumento em Port Carbon, Pensilvânia. Disponível em <http://48thpennsylvania.blogspot.com.br/2014/06/the-48th150th-agnes-allisons-sacrifice.html>, acesso em 04/04/2015.

sonho após sua viagem ao *front*, cuja impressão era de desolamento pela falta de suprimentos adequados e pelas péssimas condições sanitárias nas trincheiras, Wells imaginou um sistema de teleféricos de postes em T (*a mobile telpherage system*), movidos por um motor simples à combustão – que poderia ser de um caminhão, por exemplo – cuja função era abastecer as trincheiras de maneira simples e mecânica, sem os riscos materiais e possíveis perdas humanas que os sistemas de abastecimentos anteriores apresentavam. Sua visualização de cima era mínima e sua condição de ser facilmente desmontável e transportado fez do teleférico móvel um instrumento útil em determinados momentos. De fato, após um encontro com Winston Churchill, a ideia foi levada adiante e transformou-se em um novo modelo britânico de abastecimento militar.²⁷⁷

No entanto, a contribuição mais importante de Wells ao governo britânico foi sua passagem pelo Ministério da Propaganda na época em que foi dirigido pelo empresário das comunicações, Lord Northcliffe, proprietário do *Times*, *Daily Mail* e *Daily Mirror*, jornais nos quais Wells publicou grande parte de seus textos de guerra. Sua cooptação para o ministério certamente esteve relacionada à profusão de ideias contidas em seus artigos, apesar de sua entonação ao republicanismo e suas críticas contumazes à monarquia e suas estruturas de poder. Wells fez parte de um grupo de inteligência ligado ao *Advisory Committee* que funcionava em uma mansão secreta, a *Crewe House*. É difícil determinar com exatidão quais eram suas reais atribuições, pois não existem fontes que detalham tais atividades, mas de fato entre meados de 1917 e julho de 1918 esteve diretamente envolvido com um setor que pensava a propaganda de guerra direcionada aos alemães, segundo pesquisador das atividades da *Crewe House*, Sir Campbell Stuart.²⁷⁸

²⁷⁷ Em sua autobiografia, Wells comenta que “He (Churchill) saw my points and put me in touch with *capable men* to supplement my mechanical insufficiency. Upon his instructions, E. Haigh, who was the Ministry of Munitions, set the Trench Warfare Department in motion, and a temporary lieutenant Leeming – I think from Lancashire – worked out the apparatus with a group of men and made a reality of my dream. We invented a really novel war accessory”. *Experiment in autobiography*, p. 585. (Grifo meu). O tenente Leeming acabou tendo seu nome anotado como responsável pelo novo aparato. Uma descrição do “*Leeming*” *Portable and Collapsible Aerial Ropeway* foi registrada, com projetos e fotografias, nos arquivos do *Ministry of Munitions* em 26 de novembro de 1917. *Wells Collection – RBML - UIUC, section 6, box 49a*. A questão também foi analisada por Rose Tilly, que sugere que o mesmo sistema seria utilizado ainda no final do século XX. Ver TILLY, Rose. “The search of Wells’s ropeways”. *Wellsian*, n. 9, 1986, p. 18-22.

²⁷⁸ Ver STUART, Campbell. *The secrets of Crewe House: the story of a famous campaign*. London: Hodder & Stoughton, 1921.

De fato, Wells produziu um memorando com os objetivos britânicos de guerra durante sua passagem pelo ministério, e esta talvez tenha sido sua maior contribuição neste sentido. O *Memorandum of Crewe House* (1918), como ficou conhecido, foi tornado público enquanto um documento do Ministério da Propaganda e teve o endosso do *Foreign Office*, o que significa em essência que seu conteúdo, apesar de atribuído diretamente a Wells, foi tratado como uma declaração oficial dos ideais aliados para o pós-guerra. “It has become a manifest that, for the purposes of an efficient pro-Ally propaganda in neutral and enemy countries, a clear and full statement of the war aims of the Allies is vitally necessary”²⁷⁹, dizem as primeiras linhas do manifesto.

Neste documento, é possível encontrar um resumo de outras intenções de Wells que já foram apontadas como, por exemplo, a defesa em relação à agressividade alemã em sua política imperial, além do delineamento dos papéis atribuídos à futura liga de nações a ser constituída, ou seja, se encontra neste documento provavelmente a primeira admissão do Estado britânico de que uma simples conferência de paz nos moldes tradicionais não seria suficiente para solucionar os problemas gerados pelo conflito. Wells aponta que a futura liga deveria manter, em primeiro lugar, uma lei comum como garantia de paz, o que implicaria na constituição de um tribunal com poderes resolutivos. Em segundo lugar, deveria exercer o papel de proteção das comunidades humanas mais frágeis, dando-lhes condições de representação proporcional, segurança militar e institucional por meio do controle da produção e comércio de armas. Por fim, o memorando propõe que um grupo de nações, as mais desenvolvidas tecnológica e socialmente, deveria compor um conselho que iria deliberar sobre a pertinência ou necessidade do grupo de nações entrar em uma futura guerra. Este conselho, cujos propósitos se assemelham ao organismo atual mantido pela ONU, seria composto pelos EUA, Gra-Bretanha, França, Japão e pela própria Alemanha, com alguma possibilidade por parte do Império Austro-Húngaro, provavelmente mediante algumas condições não delineadas.²⁸⁰

O ano de 1918 também marcou a profusão de diferentes ideias sobre os rumos da paz e quais seriam os meios pelos quais ela seria tratada. O livro de Theodore

²⁷⁹ WELLS, H. G. “*Memorandum of War Aims*”, 1918, p. 600.

²⁸⁰ *Idem. Ibidem*, p. 601.

Malburg, *Development of a League of Nations ideia*, de 1932, procurou mapear os diversos debates em torno da constituição da liga enquanto ainda proposta isolada, mas sugere que a criação do termo *League of Nations* ou *League of Free Nations* tem origens nos Estados Unidos e provavelmente reforça a proposta do presidente americano Woodrow Wilson sobre uma liga não interventora.²⁸¹ Wells argumenta que as origens inglesas do termo estiveram associadas a um grupo de intelectuais reunidos sob a influência de Walter Rea, que fundaram em 1915 a *League of Nations Society*. Esta associação foi depois, em 1918, transformada na *League of Free Nations Association*, uma entidade já bastante representativa, que contava com a participação de diversos setores da sociedade britânica. Além disso, uma série de estudos sobre a viabilidade da liga começavam a tornar-se comuns e alcançaram relativa popularidade.²⁸²

Como resultado de sua participação na *League of Free Nations Association*, Wells esteve envolvido no final de 1918 com um grupo de pesquisa ligado à associação e que produziu dois importantes textos: *The way to the League of Nations* e *The idea of a League of Nations*, ambos publicados no início de 1919 com a intenção

²⁸¹ O presidente Wilson frustrou os esforços ingleses de constituição da liga ao não aceitar o formato proposto por Wells e seu grupo. Ao invés disso, propôs uma política de atuação internacional baseada em 14 pontos, curiosamente com diretrizes bastante próximas do que Wells propunha, sem, no entanto, delegar poderes legais e militares permanentes à futura liga, o que na prática esvaziou os eventos de discussão sobre sua composição em 1919 e a enfraqueceu substancialmente nos anos subsequentes. David Smith (*Desparately mortal*, p. 551) reproduz em sua biografia uma carta de 1917 a um remetente norte-americano desconhecido na qual Wells elenca 13 pontos que iriam fazer parte de seu memorando na *Crewe House*, mas acabaram retirados antes da publicação. De fato, são bastante semelhantes, apesar de mais objetivos, ao que propôs o presidente Wilson. São eles:

- 1-liberation and compensation of Belgium by Germany;
- 2-liberation of invaded areas of France, including those from 1871;
- 3-reunion of Trentino and Trieste with Italy;
- 4-liberation of Poles, including Posen and Galicia;
- 5-liberation of Servia and servian peoples;
- 6-(não consta na carta);
- 7-evacuation and restoration of Romania;
- 8-liberation of Armenia, Arabia and Palestine from Turkish misrule;
- 9-abandonment of imperialism aggression by Germany;
- 10-a free access to Mediterranean for Russia;
- 11-home rule or autonomy of Czechoslovak peoples;
- 12-a permanent league of nations;
- 13-some control of international shipping.

Para efeito de comparação, os famosos *fourteen points* do presidente norte americano podem ser encontrados em < http://avalon.law.yale.edu/20th_century/wilson14.asp>, acessado em 19/04/2015.

²⁸² Entre os textos dedicados à formatação e papel da futura liga, pode-se destacar o detalhado estudo de Henry Noel Brailsford, *A League of Nations* (1917), no qual promove uma série de considerações sobre a necessidade de um controle bélico e imperial por parte da liga, além do *The League of Nations*, de Frederick Pollock (1920) e o *The League of Nations and the democratic ideia* (1918) do prof. Gilbert Murray, colaborador de Wells meses depois na revisão da *História Universal*.

de servir como parâmetro para os debates e processos de formação da liga. No trecho inicial de *The ideia of a League of Nations*, a apresentação procura demonstrar este papel informativo trazido por especialistas em diferente áreas.

A small group of qualified Englishmen have long been working toward Universal Peace from an angle of their own. Forming the League of Free Nations Association they have divided the principal problems among experts, for extended study, appraisal and suggestions for solution. These inquiries, eventually to be published in book form, will, in the Atlantic's belief, form a highly important treatise on World Peace; but, in the meantime, the group has united in the compilation of the following article, which may well serve as an introduction to all attempts at a League of Nations.²⁸³

O fim da Grande Guerra representou também um período de grandes esperanças, e estes panfletos finais traduzem este esforço derradeiro em demonstrar a necessidade de um entendimento comum, preferencialmente a partir de uma história comum dos povos humanos. Eles resumem a crença de Wells sobre o fato de a história, e como ela era ensinada, ter tido uma importante parcela de responsabilidade pelo advento da guerra. Esta distorção do passado é abordada em *The ideia of a League of Nations*, em passagens que demonstram que a historiografia de fronteiras nacionais havia produzido um discurso histórico que servia apenas a confirmar o *status quo* imperial e beligerante no qual estavam imersas as potências europeias.

A desilusão proporcionada pelo malogro da Liga em seu nascedouro despertou em Wells e no grupo que o acompanhava o sentimento de que as respostas que buscou arduamente para explicar o contexto europeu das primeiras décadas do século XX estavam no passado. Uma nova história estava por ser escrita, na qual as ideias tomariam espaço central e a multiplicidade étnica e social da humanidade deveriam ser equitativamente contempladas. Sua ideia primeira foi aproveitar os debates formadores da proposta de uma liga de nações para sugerir que tal história da humanidade fosse produzida por um grupo de mentes coordenadas, o que não foi possível concretizar, seja pelo tempo e esforço a serem empreendidos, seja pela falta de *expertise* em se lidar com um campo no qual apenas Gilbert Murray atuava

²⁸³ *The ideia of a League of Nations*. Boston: The Atlantic Monthly Press, 1919. Os colaboradores foram Viscount Bryce, William Archer, Gilbert Murray, H. Wickham Steed, Lionel Curtis e J. A. Spender, tendo Wells como presidente.

profissionalmente. Assim, Wells esteve neste momento com um grande desafio à frente: deveria ele, como biólogo de formação e escritor, por iniciativa exclusivamente sua tomar as rédeas deste monumental projeto de reescrita temática e metodológica da história humana? A resposta, contrária a qualquer avaliação exclusivamente racional da questão, foi sim.

Capítulo 5 - Educação *versus* catástrofe: a pedagogia historiográfica de um iconoclasta

*The history of civilization is really the history of (...) hesitations and alterations, manifestations and reflections in this mind and that, of a very complex, imperfect, elusive idea, the Social idea (...) struggling to exist and realize itself in a world of egotisms, animalisms, and brute matter.*²⁸⁴

5.1 – H. G. Wells, professor da humanidade ou “Um veneno chamado história”

No fim da década de 1930, H. G. Wells, perto dos setenta e cinco anos de idade, esteve novamente defronte a uma ameaça de guerra no continente europeu que, mesmo antes de seu início, era possível supor, seria também de proporções mundiais. Mesmo tendo já previsto este trágico evento em sua ficção e vivido intensamente suas consequências, os desafios que se apresentavam não poderiam mais ser enfrentados com a mesma disposição anterior, não apenas pela idade avançada, mas pelo conjunto de acontecimentos decepcionantes que marcaram os anos pós Primeira Guerra Mundial. A Europa parecia cair nos mesmo erros, aparentemente cíclicos e inexoráveis, assemelhando-se a um traumático porém pouco instrutivo passado. Ao mesmo tempo, Wells claramente se resignava mais e mais em suas propostas reformistas. Os apontamentos principais, ao fim de sua vida, são notadamente pessimistas.²⁸⁵

Mesmo assim, algumas das ideias centrais que o acompanharam durante sua trajetória intelectual não foram, supõe-se, em nenhum momento descartadas, e em

²⁸⁴ WELLS, H. G. “The so-called science of sociology”, publicado originalmente no *Independent Review* 6 (maio de 1905); disponível na coletânea *An englishman looks at the world*. London: Cassel, 1914, 192-206.

²⁸⁵ O último livro de Wells, *Mind in the end of his tether* (1945), tem apenas quarenta e cinco páginas, que reforçam sua tese sobre a necessidade de maior cooperação humana como condição de sobrevivência biológica, em tom bastante severo e pessimista, condizente com os momentos finais da Segunda Guerra Mundial. Em 1946 Wells teria afirmado a Ernest Baker que seu epitáfio deveria ser: “Goddamn you all, I told you so!”, o que de fato não se concretizou em lápide pois suas cinzas foram atiradas ao mar, decisão sugerida por Anthony West e acatada pelo filho mais velho, G. P. Wells, após a leitura de uma passagem de Tono Bungay durante o velório, cujo encerramento indicava que esta era a melhor escolha, pois se alinhava à suas convicções intelectuais. “We are all things that make and pass, striving upon a hidden mission, out to the open sea.” WEST, Anthony. *H. G. Wells: aspects of a life*, p. 154.

um sentido geral podem ser notadas no conjunto de seus escritos ao longo da primeira metade do século XX. É o caso, por exemplo, da proposição de uma revolução mundial e da sua crítica ao modelo de Estado-nacional, acompanhados frequentemente de considerações sobre o papel da história enquanto conhecimento neste processo. Em uma palestra de 1938 chamada “The poison called history”, uma vez mais Wells trouxe à tona os problemas relacionados à produção e difusão do conhecimento histórico como, em parte, responsáveis pelo novo conflito mundial que se aproximava, pois o modelo nacional e imperial, sustentou ele, era meramente incidental dentro da ampla perspectiva histórica que propunha.

We must no deal with states, nations and empires as primary things which have to reconciled and welded together, if we want world peace, we must deal with these divisions as secondary things which have appeared and disappeared almost incidentally in the course of a larger and longer biological adventure. Education can wipe them out completely. ²⁸⁶

Aqui é possível perceber o papel central de uma historiografia diferente da imposta pelos “artificiais” modelos políticos de organização humana como fundamental para o estabelecimento de uma paz consistente, preparando os jovens para além do paroquialismo usual, característico de suas formações. Esta seria a única maneira de promover uma organização diferente, por exemplo, da natimorta Liga das Nações, “that little bit of a paper hat on the top, not of a Colossus, but of a squirming heap of patriotisms.”²⁸⁷

Em plena Segunda Guerra, em 1942, Wells anunciou pela última vez e com riqueza de detalhes um programa organizado com vistas à uma revolução mundial. O título deste manifesto – um tanto clichê, mas bastante significativo – é *Phoenix*, já que enxergava na história mundial um contínuo movimento de desejo de unificação humana, que cada vez malgrado ressurgia tão forte quanto anteriormente. Este movimento pôde ser observado, por exemplo, na liderança de Jesus e sua influência intelectual em relação aos nazarenos ou na formação do Império Romano, um

²⁸⁶ WELLS, H. G. “The poison called history”. In: *Travels of a republican radical in search of hot water*. Harmondsworth: Penguin Books, 1939, p. 99. Este artigo foi preparado originalmente para *League of Nations Union International Conference of Teachers*, em Londres. Foi também lido por Wells em Camberra, Austrália, em 1939, em uma reunião da *Education Section da Australia and New Zeland Association for the Advancement of Science*, o que explica o “hot waters” do título do livro em que esta palestra foi incorporada, pois ele reúne outros textos destinados ao público australiano.

²⁸⁷ *Idem. Ibidem*, p. 121.

exemplo de estrutura político-administrativa unificadora ao congregar, mesmo pela imposição da força, diferentes culturas humanas. Wells sugere em *Phoenix* que

(...) the intellectual history is very largely a record of the current efforts of exceptional, indignant men, who found life based in servitude insufferable and intolerable, and who set out to change it, just as *national history* is one long record of the wars, invasions, usurpations, betrayals, murders and persecutions that have defeated their efforts and prolonged the racial martyrdom.²⁸⁸

O sentido de *intellectual history* proposto por Wells difere conceitualmente daquele que inicialmente foi abordado como um relação contextual entre “*clusters* de ideias”, a partir de Franklin Baumer, pois obviamente não interessava a Wells o campo historiográfico em si – por sinal ainda em formação, ao menos em sua conformação norte-americana observada em meados do século XX. O sentido sugere a identificação conceitual de um fenômeno histórico que procurou apresentar em sua *História universal*, relativo não apenas ao mundo antigo, mas também presente em outros contextos, como um discurso historiográfico fundamental à compreensão dos fenômenos de sua época e alternativo ao modelo nacionalista de conhecimento histórico.

O caminho para esta nova compreensão da história como um grande movimento intelectual humano estava na reformulação emergencial dos currículos e processos educacionais como um todo. Como escreveu logo após o início da Segunda Guerra, “I believe that the crazy combative patriotism that plainly threatens to destroy civilization today is very largely begotten in (...) school history lessons”, o que o levou a seguinte conclusão:

I think that the less young children have either in or out of school of what has hitherto figured as history, the better (...) I suggest that the sooner we get that unpleasant stuff out of schools (...) the nearer our world will be to a sane outlook upon life.²⁸⁹

²⁸⁸ WELLS, H. G. *Phoenix: a summary of the inescapable conditions of world reorganisation* London: Secker & Warburg, 1942, p. 31.

²⁸⁹ WELLS, H. G. *World Brain*. London: Watts, 1938, 110-111.

Este tipo de ensino de história, que exerce sua influência de maneira a formar gerações de cidadãos com vistas à dissidência e autoafirmação nacional, seria, para Wells, uma espécie de veneno que a história destilava quando mal direcionada.

5.1.1 – História, educação e (in)doutrinação

“Human history becomes more and more a race between education and catastrophe”²⁹⁰ Esta sentença, que aparece na parte final do último capítulo da *História universal*, tornou-se, em meio à grande produção bibliográfica de Wells, sua citação mais importante e reproduzida ao longo dos anos. Sobre a frase, frequentemente isolada de seu contexto e sentido essencial, Warren Wagar comentou que não representa muito em termos de inspiração ou mesmo tornou-se representativa de qualquer verdade. Ela apenas sugere que se todos tiverem acesso à uma boa educação, se todos tiverem a oportunidade de compartilhar conhecimento e habilidades, a humanidade poderia abdicar da avidez e da beligerância, prevendo assim futuros desastres de proporções mundiais.²⁹¹

Esta celebrada frase foi escrita pouco antes de Wells finalizar a conclusão da *História universal*, no final de 1918, momento em que suas explicações sobre as causas da Grande Guerra certamente não seriam ainda historicamente profundas e/ou suficientes. O conflito havia sido marcado por um acirramento competitivo entre as potências europeias, e se estendeu para um forte apelo popular pela defesa nacional e necessidade da guerra. Para entender as características gerais deste processo e responder aos porquês sugeridos pela aceitação em massa do estado de guerra, outra sentença familiar e também bastante reproduzida resume uma linha de análise: “All human history is fundamentally a history of ideas”.²⁹²

Em um sentido geral, a Grande Guerra teria produzido o efeito devastador porque teve, não apenas na ignorância e falta de sensibilidade política dos diplomatas e governantes europeus um fator essencial, mas porque cada nação envolvida direcionou milhões de estudantes para uma perspectiva cívica e patriótica, baseada

²⁹⁰ WELLS, H. G. *The outline of history*, Macmillan, 1920, p. 594.

²⁹¹ WAGAR, Warren. *H. G. Wells traversing time*, p. 162.

²⁹² WELLS, H. G. *The outline of history*, p. 1031. “All human history is fundamentally a history of ideas. Between the man of to-day and the Cro-Magnard the physical and mental differences are very slight; their essential difference lies in the extent and content of the mental background which we have acquired in the five or six hundred generations that intervene”.

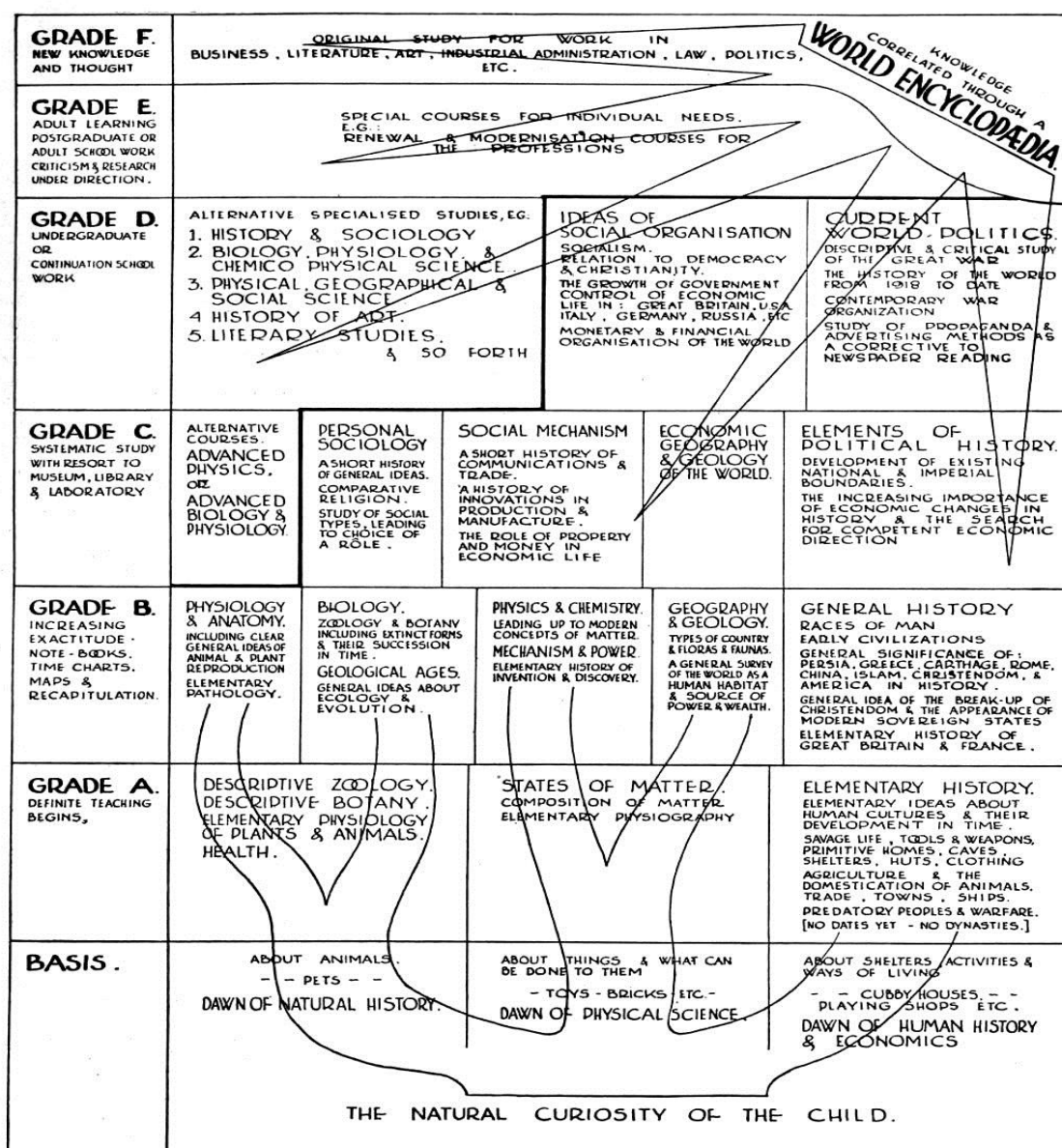
em um ensino da história metodológica e factualmente organizado sob uma perspectiva nacionalista²⁹³, ou seja, a partir de uma língua pátria, respeitando fronteiras físicas/geográficas, e construído a partir de símbolos, líderes e mártires que reforçaram a importância do local de nascimento e pertencimento como valores fundamentais à própria existência. Usando alguns termos recorrentes no pensamento de Wells, as jovens e impressionáveis mentes foram impregnadas pelo veneno do nacionalismo, e por conseguinte o solo europeu foi manchado pelo sangue destes desenganados inocentes a partir de uma justificativa central infundada e sem sentido histórico.

Em sua concepção, acreditava no avanço da ciência moderna e no triunfo do método científico como fundamentos do conhecimento necessário à reestruturação social que advogava. Todavia, este conhecimento era até então obtido por critérios provisórios, e sujeito a mudanças e correções induzidas pelo próprio desenvolvimento da ciência. Assim que a comunidade científica pudesse se tornar também universal, os mesmo critérios básicos para o estabelecimento do “verdadeiro” e do “falso” seriam igualmente compartilhados, produzindo um corpo de conhecimentos que transcenderia fronteiras nacionais, culturas locais e a individualidade de cunho liberal. Este conjunto formaria um novo currículo mundial, no qual a história deveria estar evidentemente em local privilegiado.

Assim, em qualquer lugar do mundo, independentemente de sua origem étnica, cultural ou religiosa, os que forem submetidos a este conjunto curricular que dava especial atenção ao processo natural, bioevolutivo e histórico, teriam inevitavelmente a mesma capacidade de desenvolvimento e visão de mundo, o que facilitaria uma conjunção dos caminhos humanos entorno da unificação. A menos que se compartilhe dos ditames do positivismo vitoriano, é necessário considerar que o que Wells propõe como significado essencial de “educação” tem traços claros de um processo de

²⁹³ Me refiro ao nacionalismo como um sentimento compartilhado de pertencimento, que em linhas geral pode ser traduzido pelo que Eric Hobsbawm identificou a partir de três critérios constitutivos: a associação histórica a um Estado existente ou de passado recente e razoavelmente durável; uma elite cultural longamente estabelecida, que possua um vernáculo administrativo e literário escrito; e, por fim, uma provada capacidade para a conquista. “Não há nada como um povo imperial para tornar uma população consciente de sua existência coletiva como povo, como bem sabia Friedrich List. Além disso, no século XIX, a conquista dava a prova darwiniana do sucesso evolucionista enquanto espécies sociais.” HOBBSAWM, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito, realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 49-50.

indoutrinação,²⁹⁴ ou seja, sua proposta sugere uma substituição dos valores contidos nos diversos sistemas educacionais nacionais por um conjunto de ideias baseadas em um cosmopolitismo científico-humanista, um todo homogêneo obtido e organizado sob os auspícios de um modelo científico universal.



THE INFORMATIVE CONTENT OF EDUCATION

LANGUAGES AND SYMBOLS (MATHEMATICS), SKILLS, MUSIC, MORAL, MANUAL & PHYSICAL TRAINING ARE NOT CONSIDERED HERE.

Imagem 3 - Esquema ilustrando "The informative content of education", conjunto de conhecimentos em forma de currículo que formariam a base de uma pretensa enciclopédia mundial, uma das formas de controle e difusão do saber no futuro Estado-mundial. Como nota-se, a história tem um lugar

²⁹⁴ Esta definição de indoutrinação e sua associação à proposta educacional de Wells é feita por Warren Wagar em H. G. Wells and the world state, p. 163.

*fundamental nesta estrutura curricular, constituindo uma de suas raízes. O quadro faz parte de uma conferência para a “Educational science section” da British Association for the Advancement of Science, proferida em setembro de 1937, em Nottingham. Posteriormente, o texto foi incorporado a World Brain (1938), como um de seus capítulos.*²⁹⁵

5.1.2 - Educação laboratorial e experimental

Wells em momento algum parou de pensar em si mesmo como educador, apesar de sua influência em relação à produção histórica e seu ensino, especialmente no contexto anglo-saxão, ter se limitado principalmente à época da publicação de *Outline of history*. A abordagem de sua obra raramente, nos dias de hoje, faz menção a ele como um educador, e esta condição, pode-se dizer, vem deste sua morte, como notou o *Times Literary Supplement* de Londres no obituário publicado em 1946: “There was a time when Wells spoke more clearly than any other man to the youth of the world.” Este tempo, segundo o *Times*, se foi junto com sua influência como reformador social.²⁹⁶

O ser professor, ou melhor, o tom professoral que Wells propôs em parte de sua obra é uma consequência de sua postura em relação à observância da necessidade de aplicação prática de suas ideias, desde a fase em que passou a especular mais diretamente sobre a conjuntura social e seu futuro. Ser visto como um professor conferia uma maior força discursiva para suas ideias. Com exceção dos apontamentos em sua autobiografia sobre as condições da educação britânica nas duas últimas décadas do século XIX, sua atenção para a educação formal como parte fundamental de seu ideário está relacionada com seus textos sociais do início do século XX.

²⁹⁵ WELLS, H. G. “The Informative Content of Education”. *Survey Graphic*, November 1937, Vol. 26, n. 11.

²⁹⁶ *The Times Literary Supplement*, 17 de agosto de 1946, p. 391. A notável exceção à mencionada ausência de estudos sobre Wells enquanto educador está em OSBOURNE, Ken. “One great epic unfolding”: H.G. Wells and the interwar debate on the teaching of history. *Historical Studies in Education/Revue d'histoire de l'éducation*, n. 26, vol. 2, 2014. Outras passagens que mencionam a pouca influência do pensamento wellsiano sobre a educação britânica podem ser encontradas em George Orwell, “Wells, Hitler and the World State,” In: ORWELL, Sonia & ANGUS, Ian (eds.) *The Collected Essays, Journalism and Letters of George Orwell*, vol. 2. London: Secker & Warburg, 1968, p. 143 e na revisão literária proposta pelo escritor Sinclair Lewis, “A generation nourished on H.G. Wells”. *New York Herald Tribune*, 20 de outubro de 1926.

Neste período, a idade escolar de seus filhos fez com que ele e sua esposa estudassem detalhadamente instituições que se adequassem com às suas aspirações educacionais, enquanto organizavam um processo experimental em sua própria casa, a partir da contratação de professores e tutores de diferentes áreas, além da participação de importantes especialistas de seu círculo de amizades na formação dos jovens Wells.

A escola escolhida foi a *Oundle School*, uma instituição experimental que oferecia educação fundamentada em um currículo individualizado e preparado a partir das necessidades pessoais de pais e alunos. Além disso, provavelmente, o que atraiu Wells foi sua proposta educacional baseada em um ensino mais técnico, científico e laboratorial, em detrimento ao classicismo característico da escola pública britânica. Seu diretor, F. W. Sanderson, permitiu a influência de Wells em alguns temas concernentes à estrutura curricular e física de *Oundle*, algo além do que usualmente os pais de alunos faziam como parte da dinâmica institucional. Por exemplo, o ensino da língua russa foi incorporado por sugestão de Wells após sua primeira viagem a Moscou, em 1914.²⁹⁷

Assim que a Grande Guerra findou outros se juntaram a Wells e Sanderson em uma campanha mais direta para promover uma educação cuja característica principal era a ampla base científica na qual ela seria fundamentada, não apenas para as escolas privadas, mas especialmente com vistas a reformar os currículos da educação pública, o que ampliaria significativamente seu alcance social em fins da Era Vitoriana. Ray Lankester tornou-se, nesta época, presidente do *Committee on the Neglect Science*²⁹⁸, um grupo que teve uma atuação mais ou menos constante desde 1905 a partir da iniciativa de Lord Milner e que buscava, além de reformas estruturais para a ampliação do acesso popular à educação formal, um maior espaço para as ciências nos currículos ingleses. Por volta de 1915, R. A. Gregory tornou-se presidente da *British Science Guild*, organização educacional com propósitos semelhantes ao comitê dirigido então por Lankester. Estas duas instituições capitanearam um

²⁹⁷ Sanderson e Wells tornaram-se amigos próximos, fato atestado pela extensa correspondência que trocaram desde meados da década de 1910. Em *Russia in the shadows*, de 1921, livro sobre suas impressões pós-revolução de 1917, resultado de nova visita a Moscou a convite de Máximo Gorki, Wells descreveu a participação de seu filho mais velho, George Phillip, que além de documentar fotograficamente a viagem, serviu como tradutor em vários encontros, o que Wells comenta ter sido de grande utilidade e, certamente, resultado das aulas na *Oundle*.

²⁹⁸ Sobre a atuação do comitê em promover uma educação básica fundamentada nas ciências exatas e naturais, ver MAYER, Anna-K. "Reluctant technocrats: science promotion in the neglect-of-science debate of 1916-1918". *History of Science*, vol. 43, p.139-159.

processo de inclusão científica nas escolas, especialmente da ciência experimental, e advogaram a construção de laboratórios, que hoje poderíamos chamar de multidisciplinares, como fator essencial para esta promoção.

O *Committee on the Neglect Science* organizou uma reunião para cerca de duzentos cientistas e pesquisadores em 3 de maio de 1916, na *Linnaean Society* de Londres. O poeta Robert Bridges, vice-chanceler da *Cambridge University* abriu a seção, que tinha em Wells, Sanderson e Lankester os principais oradores. Wells falou sobre a necessidade de mais ciência experimental nas escolas, e relatou suas próprias experiências enquanto estudante primário. Lankester discutiu questões gerais em educação, especialmente como um ensino consistente produz melhores cidadãos e melhores governos, uma alusão, ainda que indireta, ao contexto de guerra. Sanderson concentrou sua exposição na apresentação de melhores arranjos e organização da instituição escolar, demonstrando, por exemplo, a necessidade de se desenvolver o que chamou de “museum of history”, um espaço no qual o desenvolvimento das artes e ciências poderiam ser ilustrados didática e dinamicamente. Um guia da *Oundle School* chamado *Guide to Experiments and Exhibits* circulou entre os participantes. A reunião teve como resultado a aprovação de uma moção exigindo, com urgência, a requisição compulsória das ciências naturais nos exames de admissão nas universidades britânicas, bem como para os concursos do serviço público. O texto da moção ressaltou que sem estas exigências contempladas, o ensino de ciências não seria desenvolvido nas escolas, pois não havia até então qualquer sentido utilitário que demandasse esta mudança estrutural.²⁹⁹

De fato, Wells não participou mais tão ativamente das duas organizações nos anos seguintes. Mesmo endossando as diretrizes de seus colegas em prol do

²⁹⁹ LANKESTER, Ray. (ed.) *Natural science and the classical system in education: essays old and new*. London, 1918. A apresentação de Wells, Sanderson e Lankester correspondem, respectivamente, aos capítulos sete, oito e nove. Em 1917, o comitê e a *British Science Guild* organizaram um encontro conjunto na *Mansion House*, em Londres, no qual Wells e H. A. L. Fisher foram os debatedores. Ver *Proceedings of The British Science Guild*, vol. XI, 1917 – *Wells's Archive – RBML-UIUC*, box 12, folder 135. A apresentação de Wells está nas páginas 75-80. Sobre a questão, Wells trocou correspondências com o historiador e especialista em estudos americanos Lord Bryce, tendo como objeto a pertinência dos estudos clássicos, pelo menos no que diz respeito ao espaço que estes conteúdos ocupavam no ensino em geral. Lord Bryce, a princípio, apresentou uma tendência a concordar com Wells em seus principais pontos de vista. Em um trecho de uma das cartas, Wells comenta que “These Greek monopolists have to get their trade and prejudices and privileges out of the way of our sons and our people and our public services. It is their share in the sacrifices of these creative days.” H. G. Wells para Lord Bryce, 27 de abril e 7 de maio de 1917. *Wells's Archive – RBML-UIUC*, box 12, folder 188.

incremento do ensino de ciências, suas armas mais efetivas continuaram sendo a pena e o papel, primeiro em sua ficção, não abandonada em meio à guerra, e posteriormente, como será abordado, em seus grandes manuais educacionais, a partir da *História universal*. Seus principais romances da época, *Joan and Peter* e *The undying fire*, foram grandes propagandas de seu pensamento para a promoção de uma moderna educação com bases universais.

*Joan and Peter*³⁰⁰ é composto essencialmente pela narrativa das experiências educacionais dos dois jovens protagonistas, na época da publicação, em 1918, apenas um pouco mais velhos que os próprios filhos de Wells. É possível encontrar também uma interessante descrição social de Londres da primeira década do século XX, além de passeios com Wells pelos museus científicos londrinos e pelos laboratórios de *South Kensington*. Porém, a maior parte é composta por uma discussão educacional a partir das experiências de Joan e Peter, primeiro no ensino fundamental (*infant school*), e depois no ensino público inglês (com uma boa descrição da educação feminina neste contexto). A guerra também faz parte da trama, e um interessante retrato analítico do quadro europeu pré-guerra é oferecido. Peter luta no conflito como aviador - uma espécie de elite técnica dentro das forças armadas na concepção de Wells. Há uma discussão sobre a exasperante experiência psicológica que a guerra causa para a juventude em geral, um tema que aparece em *Mr. Britling sees it trough* e é desenvolvido em diversas passagens da obra, e que simbolicamente representa a relação entre o incremento de um senso de destruição imputado aos jovens para satisfazer as aspirações de gerações anteriores.

Os dois jovens reencontram-se após a fim da guerra e decidem dedicar-se à reformas estruturais do sistema de ensino, tido como responsável pelo estado de coisas que culminaram no conflito. As forças ideológicas contrárias, identificadas às tradições educacionais clássicas, são trazidas à tona e compõem o quadro de ideias que Wells propõe ser um retrato dos problemas na educação britânica. A tia Charlotte Sydenham, uma das preceptoras de Joan e Peter, é quem melhor representa o anglicanismo e o tradicionalismo *tory* vitoriano, e tenta manter um padrão educacional e comportamental aos jovens, enquanto expõe suas ideias contrapostas às modernas tendências na educação. O outro tio, Oswald Stubland, é um jovem professor e mentor

³⁰⁰ WELLS, H. G. *Joan and Peter: the story of an education*. New York: MacMillan, 1921. Foi serializada nos Estados Unidos pelo *New Republic*, entre junho e setembro de 1918, apresentada pelo periódico como uma declaração de suas ideias educacionais.

de uma educação experimental que utiliza os próprios sobrinhos como modelos de implementação de novas ideias e propostas de popularização do ensino em tempos de guerra.³⁰¹

O ensino de história ocupa boa parte das considerações de Oswald sobre o modelo de educação popular ideal, ao mesmo tempo em que identifica alguns dos problemas da história enquanto disciplina escolar, pelo menos como ela era apresentada ao estudante de sua época, como um conhecimento fragmentário e que não oferece a mesma racionalidade em sua organização, especialmente se comparada a outras áreas de saber, como no trecho seguinte:

There was a smattering of Latin, a thinner smattering of Greek, a little patch of Mediterranean history and literature detached from past and future—all university history seemed to Oswald to be in disconnected fragments—but then he would have considered any history fragmentary that did not begin with the geological record and end with a clear tracing of every traceable consequence of the "period" in current affairs; there were mathematical specializations that did not so much broaden the mind as take it into a gully, modern and mediaeval language specializations, philosophical studies that were really not philosophical studies at all but partial examinations of remote and irrelevant systems, the study of a scrap of Plato or Aristotle here, or an excursion (by means of translations) into the Hegelian phraseology there. This sort of thing given out to a few thousand young men, for the most part greatly preoccupied with games, and to a few hundred young women, was all that Oswald could discover by way of mental binding for the entire empire.³⁰²

É possível perceber também a tensão posta entre o tipo de ensino de história destinado aos jovens protagonistas em sua fase escolar, como resume o trecho seguinte, recheado de pequenas historietas, quase em tom de fábulas, associadas a grandes personagens essencialmente ingleses ou tidos como fundamentais para a história da Inglaterra, e o tipo de ensino de história defendido por Oswald, que traduz as pretensões de Wells à uma historiografia mundial, descentrada do grande vulto e organizada em torno dos movimentos de ideias.

³⁰¹ Uma análise sobre as características principais destes personagens pode ser encontrada em McKILLOP, A. B. *The spinster and the prophet: H.G. Wells, Florence Deeks, and the case of the plagiarized text*. New York: Publishers Group West, 2002, p. 100 - 101.

³⁰² WELLS, H. G. *Joan and Peter*, p. 322.

Between the latest history they had read and the things that happened about them and in which they were now helplessly involved, was a gap of a hundred years or more; the profound changes in human life and political conditions brought about during that hundred years by railways, telegraphs, steam shipping, steel eastings and the like, were all beyond the scope of their ideas. For Joan history meant stories about Joan of Arc, Jane Shore, the wives of Henry the Eighth, James I. and his Steenie, Charles the Second, and suchlike people, winding up with the memoirs of Madame d'Arblay; Peter had ended his historical studies when he went on to the modern side at Caxton — it would have made little difference so far as modern affairs were concerned if he had taken a degree in history — and was chiefly conversant with such things as the pedigree of the Electress Sophia of Hanover, the Constitutions of Clarendon, the statute of Mortmain, and the claims of Edward theThird and Henry the Fifth to the crown of France. Neither of them knew anything at all of India except by way of Kipling's stories and the Coronation Durbar pictures.³⁰³

Juntamente com *Undying fire* (1919),³⁰⁴ a outra novela educacional do mesmo período, dá ênfase ao papel central da história na educação em geral. Antes de um conhecimento meramente livresco e antiquário, havia na história ensinada a função de “organização mental da sociedade”, para usar termo wellsiano, com o objetivo de promover uma melhor consciência coletiva e co-operativa, traduzida em um governo

³⁰³ WELLS, H. G. *Joan and Peter*, p. 450.

³⁰⁴ WELLS, H. G. *Undying fire: a contemporary novel*: London: Cassel and Co., 1919. Esta foi a primeira novela pós-guerra publicada por Wells, e as questões educacionais persistem como tema central. Seu subtítulo, indicando a urgência da questão, e sua dedicatória “to All schoolmasters and schoolmistresses and every teacher in the world” demonstram sua ambição, em tempos de reconstrução social, em dirigir-se aos professores em geral, pois neles estava a chave para as mudanças que almejava. O personagem central, Job Huss, é diretor de um escola progressista que se encontra em dificuldades devido à guerra. Após perder seu filho adolescente em batalha e descobrir um câncer, Huss retira-se para tratamento em um resort, onde recebe algumas visitas de autoridades e educadores que acabam transformando o livro em um grande diálogo teológico e educacional. A história, em um currículo ideal, é concebida por Huss como um conhecimento de importância anterior à própria ciência, pois um ensino de história pouco efetivo resulta em uma organização que não permitiria o pleno desenvolvimento da ciência como fundamento de sua organização. Respondendo sobre porque não focava seus esforços de reforma educacional apenas nas ciências naturais, nas palavras do próprio Job Huss (p. 204), “They solve the problems of material science in vain until they have solved their social and political problems. (...) It is no occult secret; it is a plain and demonstrable thing to-day that the world could give ample food and ample leisure to every human being, if only by a world-wide teaching the spirit of unity could be made to prevail over the impulse to dissension”. Em *Salvating of civilization* (New York: Macmillan, 1921, p. 153), Wells comenta, de uma maneira mais direta, como o conhecimento histórico, em sua concepção de um passado geológico, deve ser a base de outros conhecimentos, como uma ordem lógica na compreensão do mundo. “Upon this matter of the teaching of history,” escreveu, “I am a fanatic. I cannot think of an education as even half done until there has been a fairly sound review of the whole of the known past, from the beginnings of the geologic record up to our own time. Until that is done, the pupil has not been placed in the world. He is incapable of understanding his relationship to and his role in the scheme of things.”

eficiente e operativo, ao mesmo tempo em que contribuiria para a coexistência orquestrada social de diferentes grupos e culturas humanas.

A escritora Virgínia Woolf publicou uma resenha sobre *Joan and Peter* no *Times Literary Supplement*, ainda em 1918.³⁰⁵ É difícil precisar porque o livro lhe chamou atenção, já que as menções anteriores a Wells foram sempre indiretas, inserindo-o no grupo dos eduardianos, escritores tidos como essencialmente materialistas, cujo tratamento exterior e meramente social da realidade, para Woolf, os condenaria invariavelmente à superficialidade. Talvez a vivacidade dos jovens protagonistas tenha lhe causado alguma empatia, e o tratamento pessoal de seus problemas educacionais tenham despertado certa identificação literária.

Porém, considerou a novela por demais didática, o que a impossibilitaria como sucesso editorial, além de perceber que a educação como um proposta do império, nos moldes defendidos por Oswald Stubland, constitui tão somente um instrumento civilizacional que serviria aos propósitos práticos dentro do conjunto filosófico do próprio autor, que “belongs to that minority of Englishman who think systematically, whose ideas join on”, e que, assim como seu personagem, “built up a sort of philosophy for himself”, usada para experimentar problemas e tentar solucioná-los a partir de novas ideias, ou pelo menos como elas são compreendidas.³⁰⁶

De fato, foram livros que apesar das boas críticas não obtiveram vendas significativas. O próprio Wells confessou se apaixonar por Joan durante o processo de escrita, mas a guerra e seus empecilhos (ausência de papel, preços elevados, problemas na distribuição) impediram que as ideias contidas neles funcionassem efetivamente como um manifesto conjunto de suas ideias educacionais. Além de aparentemente não angariarem novos leitores, não repercutiram com a efetividade esperada, ou pelo menos com a urgência que o momento exigia.

Wells não esperou por nenhuma revolução educacional motivada pela reestruturação política e social europeia. É notório que a mais marcante característica sobre seu trabalho educacional foi sua decisão de passar da teoria à prática e tomar

³⁰⁵ WOOLF, Virginia. “Joan and Peter”. *The Times Literary Supplement*, 19 setembro 1918, p. 439. In: PARRINDER, Patrick. H. G. *Wells: the critical heritage*, London: Routledge, 1972, p. 244-247.

³⁰⁶ WOOLF, Virginia. “Joan and Peter”, p. 246. O escritor Thomas Hardy, que representou a importância da educação formal para ascensão social em *Judas, o obscuro* (1895), leu de forma entusiasmada *Joan and Peter* para seus filhos, ressaltando em carta ao autor sua admiração pela capacidade em perceber os detalhes da estrutura social que os envolve. (SMITH, David. *Desperately mortal*, p. 248). Lord Northcliff, além de saudar o autor pelo seu importante retrato da educação de sua época, sugeriu que Wells fizesse ele mesmo uma resenha sobre *Joan and Peter* para seu jornal, *Daily Mail*. Northcliff to Wells, 29 set. 1918. *Wells's Archive – RBML-UIUC*, box 12, folder 167.

para si a responsabilidade de uma proposta de organização e transmissão do conhecimento humano em diferentes níveis. Sua consciência sobre sua contribuição ser pouco audível em seu tempo se manifesta nos momentos em que classifica suas ideias como um conjunto de simples iniciativas organizadas,³⁰⁷ mas que assumiram posteriormente a característica de um sério projeto em larga escala, que de fato lhe trouxe novos leitores em um número certamente não imaginado, mesmo para um autor já consagrado em seus mais brilhantes anos como precursor da ficção científica.

Os primeiros passos foram destinados a uma revisão e organização do conhecimento disponível em sua época, que resultou em uma série de artigos, palestras e grandes obras de divulgação científica, especialmente entre o fim da Grande Guerra e o início dos anos 1930, chamada genericamente de “fase das *outlines*”. O resultado desta imersão educacional militante está na segunda grande obra deste gênero, *Science of life*, de 1929 e em *The work, wealth and happiness of mankind*, de 1932,³⁰⁸ porém, de maneira mais expressiva, na primeira das grandes abordagens sintéticas do conhecimento, a *História universal* de 1919.

5.2 – *Outline of history*: uma sobreposição de estratos temporais

O crítico e escritor Albert Guérard, em seu artigo “The ‘new history’: H. G. Wells and Voltaire”, como o próprio título sugere, propõe uma análise que relaciona o pensamento dos dois autores a partir de suas respectivas abordagens sobre a história. Logo na primeira passagem, Guérard comenta que “James Harvey Robinson, Hendrik van Loon, Charles Richet e H. G. Wells – a variegated company and a goodly one”, recentemente se engajaram em fazer da história um saber útil para a democracia. “This is the New History”, sentencia, ao fim da apresentação inicial.³⁰⁹

³⁰⁷ WAGAR, Warren. *H. G. Wells and the world state*, p. 135.

³⁰⁸ As primeiras edições nacionais são *A ciência da vida: saúde, doença e o destino do homem*. 9 volumes. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955 e *O trabalho, a riqueza e a felicidade humana*. Coleção Obras de H. G. Wells: a construção do mundo, vol. 7. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

³⁰⁹ GUÉRARD, Albert. “The ‘new history’: H. G. Wells and Voltaire”. In: *Scribner’s Magazine*, London, vol. 76, july-december, 1924, p. 477. A referência a Charles Richet, certamente o mais diverso entre os membros do grupo mencionado por Guérard, talvez seja por sua influência na abordagem experimental dos fenômenos da psique humana, manifestada em seu *Traité de métapsychique* (Paris, 1922). Richet pensou as questões relacionadas à formação da mentalidade humana como um todo, além do papel do prognóstico na formação dos fenômenos sociais.

Para o autor, a definição do que seria esta “nova história”, representada por um grupo sensivelmente heterogêneo e espacialmente deslocado, parte de um princípio comum: a rejeição à premissa da objetividade na abordagem do passado. Se a história for concebida como uma ciência, neutra e severamente apartidária, assim como a álgebra por exemplo, a tarefa do historiador seria facilitada, pois sua mais imediata aspiração seria “relate things as they actually happened”. Porém, quais coisas (passadas) seriam relatadas? “Here is the difficulty which makes objective history a dream”.³¹⁰ Duas coisas devem se impor, segundo Guérard, entre os fatos históricos e os leitores da historiografia proposta: primeiro, o crivo daquilo que é memorável pela mente humana, e em segundo lugar a interpretação crítica do historiador.

There can be no history without selection, no selection without criterion, no criterion without a doctrine. The doctrine may be implied, confessed or professed, chaotic or systematic, original or commonplace; but its presence at the very heart of the book can not be denied.³¹¹

Entre os que negavam esta carga de subjetividade na escrita da história, estariam os adeptos do Romantismo e do espírito histórico (provavelmente uma referência ao historicismo alemão do final do século XIX), não são exatamente o mesmo conceito, segundo Guérard, mas que por vezes andaram de mãos dadas, conduzindo reverências a um sublime passado. O caso alemão é definitivamente o mais explícito desta ode aos tempos antigos, em uma abordagem que justificava historicamente a pujança do pretenso império germânico.

Worst of all, it hurled Germany, the Germany of Kant and Goethe, the most *humane* of the all nations, into the abyss of the Bismarckian-

³¹⁰ *Idem. Ibidem*, p. 476. Ao associar a pretensão à objetividade por parte do historiador como um sonho, Guérard antecipa o tratamento dado pelo historiador norte-americano Charles Beard, um dos expoentes da *new history*, quando definiu, em um artigo de 1935, o objetivismo histórico como um “nobre sonho”. *That noble dream*, publicado pela *American Historical Association*, tornou-se um importante marco no debate sobre o relativismo histórico nos EUA. Sobre o debate de Beard com Theodore Clarke Smith e seu artigo em que defendia a possibilidade de uma verdade histórica objetiva (*Writing of American history in America*, 1934), ver STERN, Fritz. “Historical relativism” e “A new history in America”. In: *The varieties of history: from Voltaire to the present*. New York: Random House, 1973.

³¹¹ *Idem. Ibidem*, p. 476.

Hohenzollen Empire. There lived no man so historically minded as the late Kaiser, the restorer of medieval castles and medieval dreams.³¹²

Assim, associada à prevalência da objetividade, estaria também este grupo identificado ao romantismo e ao historicismo germânico promovendo uma historiografia de cunho essencialmente nacionalista, redutora do passado e responsável direta pelo acirramento bélico que resultara na Grande Guerra. Guérard cita um artigo de 1916 do prof. Henry Morse Stephens para a *American Historical Review*, no qual reclama da excessiva característica nacionalista dos mais eloquentes historiadores do XIX, que definitivamente, para ele, influenciou no comportamento do europeu comum no processo de constituição da guerra.

Woe unto us, professional historical students, professional teachers of history, if we cannot see, written in blood, in the dying civilization of Europe, the dreadful result of exaggerated nationalism as set forth in the patriotic histories of some of the most eloquent historians of the nineteenth century. May we not hope that this will be but a passing phase of historical writing, since its awful sequel is so plainly exhibited before us, and may we not expect that the historians of the twentieth century may seek rather to explain the nations of the world to each other in their various contributions to the progress of civilization, and to bear ever in mind the magnificent sentiment of Goethe: above all the nations is humanity?"³¹³

Ele termina seu artigo associando Voltaire a Wells, este aos “novos historiadores”, termo geral para se referir aos portadores de um discurso quase idêntico, que se complementam, apesar de estarem em épocas diferentes. Wells seria o principal expoente da racionalidade de sua época, usada como instrumento contra o romantismo que individualizava a experiência do passado, e que, segundo Guérard (citando Voltaire), estaria, no início do século XX, perdendo suas cores, seu glamour. “The Romantic din is rushing; and across the ruins, the message of Voltaire is reaching

³¹² GUÉRARD, Albert. “The ‘new history’: H. G. Wells and Voltaire”, p. 478.

³¹³ STEPHENS, Henry Morse. “History and nationality”. *American Historical Review*, n. 21, 1916, p. 236. Sobre a reação dos historiadores norte-americanos à Primeira Guerra Mundial, e a consequente influência do relativismo em sua produção, ver NOVICK, Peter. “Historians on the home front”. In: *That noble dream: the “objectivity question” and the american historical profession*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988, p. 111-132.

us once more, thin and clear: 'Nonsense is nonsense, a crime is a crime, however magnificent they may seem. Seek the truth, do the right, and worship no idols'".³¹⁴

A presença do nacionalismo como elemento central da produção histórica parece ser a questão mais polêmica, tanto pela recorrência com que Wells faz menção à questão em todas as oportunidades que se manifestou sobre o conhecimento histórico, como será abordado a seguir, mas também por parte de seus comentadores. Um dos que publicaram revisões sobre a *História universal*, o classicista G. Harrer, comenta que Mr. Henry A. Jones, que ganhou posterior notoriedade pela publicação de um conjunto de cartas endereçadas (e não respondidas) a Wells – *My Dear Wells* (1921) – o chama de "hater of Engand", que com sua postura não patriótica estaria propondo "to break in pieces the British Empire and to shake the foundations of civil order throughout the world."³¹⁵

Um editorial não assinado do *New York Times* chamado *History denationalized*, que por sinal faz menção a Henry A. Jones (deveras, apenas como estéril polemista do nacionalismo inglês), afirma que a *História universal* é um libelo contra um elemento histórico essencial e inegável: a ideia de nação esteve presente nos acontecimentos humanos dos últimos séculos, influenciando diretamente os rumos do progresso.

The thing Wells girds at so vivaciously is not his own people, nor any people, but the fact that throughout history nations have existed, and that progress has been so largely conditioned by the passion of nationality, patriotism. This bias is the cause of the one great inadequacy of an 'Outline', which, in so many respects, is not only adequate but amazingly stimulating. (...) The true bill against the historical outliner is that he fails to perceive that there is an immense national tragedy. (...) The historical importance of racial instinct and patriotism, the inspiring power of national heroes, is not a matter of opinion but of fact. The historian may flout it, and scout it, but he cannot rout it. (...) In small nations as in great, nationality is a fact of primary import, and those who would write history – nor to mention that other ambitious task of, Atlas-like, holding up a world – must recognize it as such. Not infrequently it has been a withering, a destructive force.³¹⁶

³¹⁴ *Idem. Ibidem*, p. 484.

³¹⁵ HARRER, G. A. "Wells on Roman History". *The Classical Journal*, vol. 18, n. 6, 1923, p. 360. Ver também JONES, Henry Arthur. *My dear Wells: being a series of letters addressed by Henry A. Jones to Mr. H. G. Wells upon bolshevism, collectivism, internationalism, and the distribution of wealth*. New York. E. P. Dutton & Co., 1921.

³¹⁶ "History denationalized". *New York Times*, September 11, 1921.

A questão da objetividade, ou da ausência dela, associada à proposta historiográfica de Wells, pode ser percebida de antemão na conferência proferida em 1937 pelo historiador norte-americano Avery Craven, especialista da *American Civil War* e temas nacionais do século XIX. Na ocasião, chamou atenção para o “exemplo horrível” da presença do autor, participando excessivamente da condução do conhecimento (“his past”, “his holds”), mas também do direcionamento temporal do processo histórico (“for the future”).

H. G. Wells (...) has become something of a “horrible example” to be held up to young historians. *He was not objective*. And that is an historical crime (...) The great trouble with his history, to be perfectly honest, was that he wasn’t skilled enough to hide the fact he had a notion of what history teaches and what the future should like be like, long before he acquired the facts for history. It takes a more highly trained and more “scholarly” writer to do that. It takes more than two years of patient toil. No man can lay claim to scholarship who deduces *his* past from the values *he* holds in the present and *for* the future, if he does it in such blunt, honest fashion. Subtlety is essence of historical soundness.

317

Por sua repercussão e polêmica, Wells foi identificado como pertencente a um grupo de historiadores – em algum momento às vezes como líder deste grupo – que detratava a historiografia e o ensino de história de cunho nacionalista, individualizante e factual, tanto por sua esterilidade metodológica em tornar a história um saber vivo, associado a vida comum das pessoas, bem como em sua impossibilidade enquanto ciência objetiva do passado, destinada à busca de verdades que seriam, antes de tudo, meras perspectivas, amiúde ligadas a instituições que professavam determinado poder. A maior expressão desta proposta histórica é, sem dúvida, a *História universal*.

5.2.1 - Contornos da história

³¹⁷ CRAVEN, Avery. “The subjective and the objective in history”. Conferência para a *Division of the Social Sciences*, University of Chicago, 20 abril 1937. In: *Gottschalk Papers*, Universities Committee on Post-War International Problems, box 12, folder 7. (Grifo meu)

“My idea was first an outline of history beginning with an account of the Roman and Chinese empires at the Christian era, and coming up to contemporary conditions”. Esta foi a aspiração inicial de Wells sobre o formato do projeto histórico que tinha em mente em 1918, um esboço menor, menos abrangente no tempo e no espaço do que concretizou no ano seguinte. Era para ser um livro de história como o de Gibbon³¹⁸, mas que incluiria o leste asiático e se estenderia até os dias de hoje, segundo suas palavras. No entanto, sua proposta foi extrapolada para uma forma de síntese histórica que os que chamou de “authoritative historians” não poderiam, por suas amarras acadêmicas e/ou metodológicas, jamais realizarem.³¹⁹

Durante a guerra, Wells confessou ter produzido um livro de notas, compondo a estrutura de uma história geral, “a note-book for my own private edification and for use in the controversies that I felt were gathering ahead (leia-se, debates pós guerra e constituição da Liga das Nações)”. Porém, apenas no fim desta passagem, Wells esclarece que seu propósito primordial não era o de publicar um livro de notas, mas sugerir um novo método histórico possível, alternativo àqueles considerados infrutíferos e esvaziados de sentido, especialmente quando confrontados com as novas necessidades de seu tempo. “The idea of writing up this note-book of how the present human situation had come about and publishing it – if only to demonstrate that there was some other method possible in history than that of sheer indiscriminate aggregation – became more and more attractive”.³²⁰

Neste processo de organização do livro de notas, que coincidiu com as reuniões do grupo inglês que produziu o *Idea of a League of Nations*, Wells sugeriu a seus colegas, especialmente os mais próximos da atividade historiográfica – Gilbert Murray, Alfred Zimmern e Ernest Baker – que produzissem em conjunto uma obra histórica como síntese dos conhecimentos disponíveis e, ao mesmo tempo, uma declaração formal ou materialização do tipo de história que o grupo discutiu como fundamentalmente necessária nos documentos diplomáticos que foram apresentados no processo de formação da Liga. Seja pelo tempo exíguo, pelos empecilhos acadêmicos ou pelo tamanho do desafio, a sugestão de Wells não foi aceita, e sua alternativa foi tomar para si a tarefa como um todo.

³¹⁸ Aqui Wells refere-se, naturalmente, à *Declínio e queda do Império Romano*, de Edward Gibbon, de 1776.

³¹⁹ WELLS, H. G. *Experiment in autobiography*, p. 613

³²⁰ *Idem. Ibidem*, p. 614.

A experiência anterior em produzir *textbooks*, como o *Textbook of biology*, um manual de biologia básica escrito nos tempos da *Normal School of Science*, e *Honours physiography*, uma introdução ao estudo da natureza no sentido proposto por Thomas Huxley, certamente lhe deu uma amostra do tipo de empreitada que a iniciativa suscitava, apesar de terem sido as primeiras de suas manifestações literárias, ou seja, cerca de trinta anos antes foi como compilador de conhecimentos básicos que Wells iniciou sua carreira como escritor.³²¹

Ele e sua esposa, Jane, concordaram em tomar um ano de suas vidas para pesquisar, formular e escrever um livro destinado a rever um modelo de história identificado como predominante até então. Me refiro à participação de Jane Wells neste processo, pois ela teve um papel fundamental na confecção de *Outline of history*, provavelmente de uma maneira mais direta do que em qualquer outra obra anterior. Jane teve aspirações literárias, mesmo antes de conhecer Wells no início do século XX, apesar de não ter levado sua atividade adiante, e alguns de seus escritos terem sido reunidos e publicados apenas após sua morte, em 1927. Jane tomou notas, as organizou e foi a primeira revisora do texto original. Além disso, a decisão de escrever o livro foi tomada em conjunto, pois as finanças do casal foram sinceramente abaladas pela guerra, e o ano dispendido em pesquisas e preparação não tinha um retorno editorial garantido, como atesta o próprio Wells.

It did not occur to me that Note-Book or Outline of History would be a particularly saleable production. I wanted to sketch out how the job might be done rather than to do it. Before I began it I had a very serious talk with my wife about our financial position. The little parcel of securities we had accumulated before 1914 had been badly damaged by the war.³²²

³²¹ *Honours physiography*. London: Joseph Hughes, 1893 e *Textbook of biology*. London: W. B. Clive and Co., 1893. Ver HUXLEY, Thomas. *Physiography: an introduction to the study of nature*. London: MacMillan and Co., 1877. Sobre o impacto da fisiografia proposta por Thomas Huxley na formação da geografia moderna em fins do século XIX, ver STODDART, D. R. "That victorian science: Huxley's physiography and its impact on geography". *Transactions of the Institute of British Geographers*, n. 66, November, 1975, p. 17 - 40.

³²² WELLS, H. G. *Experiment in autobiography*, p. 613-614. Aproveito a nota para uma menção à equivocada proposição de William Ross, um dos poucos pesquisadores de *Outline of history*, talvez o único a produzir um trabalho de maior fôlego sobre o tema, ao afirmar que Wells subvalorizou a participação intelectual e estilística de Jane no processo de escrita. (*H. G. Wells world reborn: outline of history and its companions*, p. 35) De fato, Wells não especifica os trechos em que ela teria participado mais diretamente, mas este formato se aplica também aos especialistas que lhe auxiliaram, cuja participação não aparece claramente, com exceção de algumas notas de rodapé assinadas. A contribuição de Jane Wells foi objetivamente ressaltada em *H. G. Wells in love*, terceiro volume de *Experiment in autobiography*, especificamente nos trechos finais da introdução.

O início da escrita foi próximo ao natal de 1918, e a repercussão sobre o novo livro de Wells chamou atenção do editor da *Strand Magazine*, que solicitou uma entrevista para apresentar a futura obra a seus leitores. O jornalista Arthur Lynch foi incumbido da conversa, publicada em julho de 1919. Nela, Wells comentou primeiramente que sua inspiração essencial esteve no hoje pouco conhecido *Martyrdom of man* (1872), do explorador/historiador Winwood Reade³²³. Ressaltou também que a ideia de um livro que descreveria as raças humanas esteve em sua mente por anos, talvez desde sua época de estudante, e que o protótipo foi desenvolvido nas reuniões da *League of Nations Committee*. Além disso, Wells notou que sua proposta de síntese histórica deveria contar com uma série de mapas, desenhos, fotografias e imagens diversas que interagissem e complementassem o texto, compondo o que chamou pela primeira vez de “world-cinematograph”.³²⁴

Wells e Jane fizeram boa parte da pesquisa inicial, concentrada no segundo semestre de 1918, e uma vez que o livro passou a tomar forma, no início de 1919, determinados trechos foram enviados aos colaboradores imediatos, pessoas do círculo de amigos de Wells e notórios especialistas em suas áreas de conhecimento. A presença coautoral deste grupo de trabalho, sua frequência nas notas de rodapé embasando, complementando e, por vezes, até discordando de determinadas posições que o autor fez questão de manter no texto final, enfim, a forma como contribuiu com conhecimento especializado e autoridade discursiva é uma questão que merece nossa atenção.

O núcleo central deste grupo tinha J. F. Horrabin, ilustrador responsável pelo conjunto de mapas e desenhos que ajudaram a compor o referido “world-cinematograph”. A intervenção de Horrabin foi bastante elogiada, por contribuir com a narrativa viva e literária de Wells. Em uma resenha sobre *Outline*, o escritor E. M.

³²³ READE, Winwood. *Martyrdom of man*. New York: Peter Eckler, 1872. Entre 1862 e 63, Reade realizou uma viagem exploratória pela África ocidental, e sua intenção era produzir uma revisão historiográfica que incluísse estes povos em um esquema geral de apresentação, os articulando ao Islã, ao ocidente e à própria Ásia. Todavia, seu intento inicial em articular diferentes culturas e periodizações acabou transformando-se em uma *world history*. Sua tese central, explicitada na introdução, era demonstrar que a proposta darwinista de seleção natural se aplicava, com determinadas especificidades, à formação das civilizações, e seu objeto seria mapear o desenvolvimento evolutivo da mentalidade humana, o que pretendeu chamar “The origin of mind”, uma alusão ao clássico de Darwin. Sua metodologia, assim como *Outline of history*, é essencialmente colaborativa, seja pela consulta e participação direta de especialistas, seja pela recorrência a autores consagrados para determinados temas ou períodos.

³²⁴ LYNCH, Arthur. “H. G. Wells as historian: an interview with the famous novelist whose latest work is a universal history”. *The Strand Magazine*, vol. 59, 1919, p. 464-475. *Wells’s Collection – RBML – UIUC*, box 6, folder 137.

Forster comentou que a impressão ao ler as primeiras partes é de que a natureza se apresenta em movimento, e certamente as imagens contribuíram neste sentido.

The Rocks bubbled and the sea smoked. Presently there was an intertidal scum: it was life, trying to move out of the warm water, and subsequent slides showed the various forms it took. A movement also became perceptible among the audience; one or two of the prehistoric experts, discontented at so much lucidity, withdrew.³²⁵

Abaixo, ilustração da contracapa, a reprodução do que seria a vida cotidiana de um casal neandertal. Após, outro exemplo do traço de Horrabin: representações de símbolos nacionalistas, que Wells associa a deuses tribais. A natureza viva destacada por Forster aparece de maneira mais abundante no primeiro terço de *Outline*, destinado ao mundo anterior às primeiras civilizações e sem dúvida tem nas ilustrações uma importante fonte que fomentou esta vívida impressão. As partes seguintes do livro alternam mapas, tabelas e fotografias. O conjunto das imagens não é colorido, com poucas exceções como a aqui apresentada, e contém traços mais simples e com clara função didática.

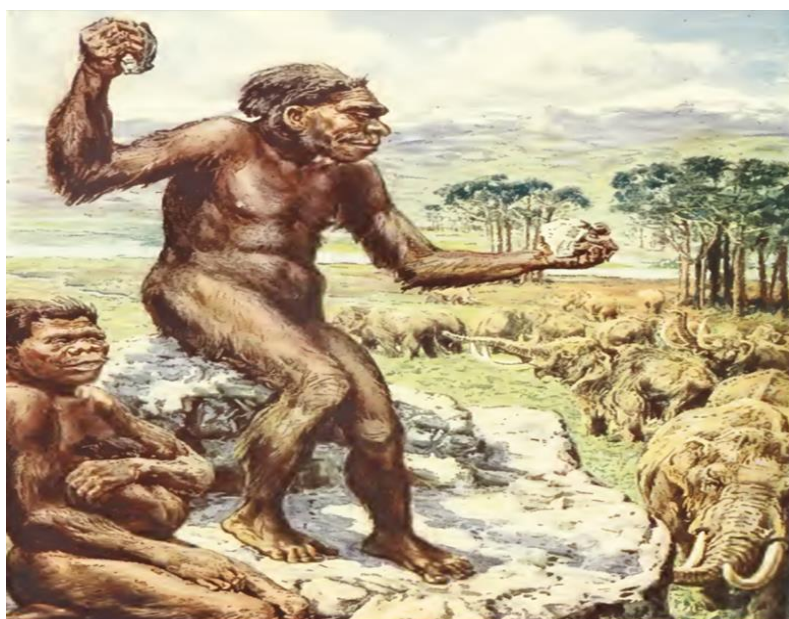


Imagem 4 – A legenda original traz as seguintes informações, hoje superadas, mas que representavam o conhecimento da época sobre a origem humana: “Neanderthal Mankind (*homo neanderthalensis*): half ape, half monkey; it ran upon its hind legs; it have clever hands; it was our ancestor.” WELLS, H. G. *Outline of history*, p. x

³²⁵ FORSTER, E. M. "The outline of history." *Athenaeum*, 2 July 1920, 42-43.



Imagem 5 – Símbolos nacionais europeus do século do século XIX, “pelos quais os homens morreriam.” WELLS, H. G. *Outline of history*, p. 901.

Fizeram parte do grupo de colaboradores Gilbert Murray, classicista britânico especializado em dramaturgia ateniense, bastante envolvido no processo diplomático durante e após a guerra e membro do comitê liderado por Wells que formulou o *Idea of League of Nations*; Sir Ray Lankester, naturalista, diretor do Museu de História Natural de Londres e notório polemista de temas científicos; Sir Henry H. Johnston, administrador colonial, explorador e antropólogo, bastante popular em sua época ao tratar especialmente de temas africanos em breves manuais; Ernest Baker, cientista político, historiador e professor do *King's College*. Participaram também Henry Seidel Canby, professor de história em Yale, R. A. Gregory, colega de Wells em *South Kensington* e editor por anos da revista *Nature*, o escritor e correspondente Arnold Bennett³²⁶ e a medievalista britânica Eileen Power, que leram os originais e repercutiram suas impressões, além uma dezena de colaboradores pontuais mencionados ao fim da apresentação.

³²⁶ Como exemplo deste processo colaborativo em *Outline*, em carta de novembro de 1919 a Arnold Bennett, Wells comenta que “I have been at the Outline of history for more than a year of fanatical toil. It is a thing of about 400.000 words. We shall never get on with our public life until we have a better historical foundation. I am trying to give something clear, true and *right*. I am sending some uncorrected galleys and early illustrations, (...) just glance over them, but *please read the introduction*.” (*Grifo do autor*) Em dezembro de 1919, quando o livro acabara de ser publicado, Bennett respondeu dizendo que esperava uma cópia autografada e comentou a repercussão favorável em Cambridge, onde uma nova sociedade sobre pesquisas educacionais estava se formando e Wells seria convidado para uma palestra inaugural sobre o ensino da história. Ver cartas 156 e 157 em WILSON, Harris. *Arnold Bennett and H. G. Wells: a record of a literary friendship*. Urbana: University of Illinois Press, 1960, p. 206-207.

É difícil precisar qual a exata participação de cada um. Este é um trabalho cujos manuscritos originais de *Outline* arquivados na *Main Library* da Universidade de Illinois Urbana-Champaign permitem pelo menos uma tentativa, mas que ainda carece ser realizado por algum pesquisador competente com este propósito.³²⁷ Mesmo assim, algumas indicações neste sentido podem ser formuladas.

Em carta de janeiro de 1920 a um remetente norte-americano, Wells ressalta a influência de Gilbert Murray sobre os trechos relativos à Antiguidade Clássica, especialmente para a Grécia, e sua discordância em alguns temas gerais. “I’ve tried there to place Greek Science in the general scheme but of course I’m a mere compiler & Gilbert Murray who is my protector in things Greek is a moralist first.”³²⁸ Pode-se perceber que ainda que compartilhem algumas ideias comuns, Murray mantém uma postura acadêmica que Wells associa a um determinado moralismo. Na introdução da última edição revisada, Wells comenta que “o autor scandalizou o professor Gilbert Murray considerando o caráter e a inteligência do ateniense comum equivalente à do *cockney*.”³²⁹ Mas apesar de conceder ao seu revisor o mais perfeito conhecimento e intimidade com o primeiro, conservou o direito de julgar pelo seu modo de ver.”³³⁰

Em outra carta, endereçada ao prof. Edward Denison Ross, linguista e pesquisador da antiguidade chinesa, diretor da *School of Oriental and African Studies* da *University of London*, Wells pediu ajuda para melhor desenvolver os temas relacionados à Ásia central e China, contextos que representavam grande lacuna “in our contemporary historical imagination in that respect”. Sua dificuldade esteve em encontrar “a good general history of China” em língua inglesa, e a Enciclopédia

³²⁷ Sobre a análise do caráter colaborativo na produção de *Outline*, David Smith sugere que “the material surrounding the collaboration is very rich, and one is tempted to discuss it in detail, as it show us much about how Wells wrote and talked. However, that must wait for someone who is prepared to use this material and the various drafts of the book in the Wells archive, and to compare the final textual changes.” SMITH, David. *Desperately mortal*, p. 556.

³²⁸ Carta (1239) de janeiro de 1920 a remetente norte-americano desconhecido. In: SMITH, David. *The correspondence of H. G. Wells, vol. III – 1919-1924*. London: Pickering & Chato, 1998, p. 27.

³²⁹ Em geral, definição dada aos habitantes dos subúrbios ao sul de Londres, pouco instruídos e de hábitos rústicos.

³³⁰ WELLS, H. G. *História universal*, p. 12. David Smith comenta que “Gilbert Murray vetted all the material on the ancient world, sending Wells translations in progress (especially the material on Aristophanes), and he also acted as a major postbox, sending on detailed comments from his colleagues at Oxford, from Arabic and French scholar friends, and others”. SMITH, David. *Desperately mortal*, p.252. Outras informações sobre a participação de Murray na História universal podem ser encontradas em THOMSON, J. K. A; TOYNBEE, Arnold. (eds) *Essays in honour of Gilbert Murray*. London: George Allen & Unwin, 1936, especialmente os ensaios de Lord David Cecil e J. L. Hammond.

Britânica, sua “fonte” primordial nestes dias intensos, não satisfazia plenamente suas necessidades mais importantes.³³¹

Ray Lankester foi especialmente útil no desenvolvimento dos trechos relacionados ao período que, já na época, queriam deixar de denominar “pré-história”, e que compõe pelo menos ¼ da obra. Ele alertou Wells, por exemplo, sobre o provável equívoco em mencionar o *Pitldown man* como possível ancestral humano, já que alguns especialistas já o consideravam uma fraude. Mesmo assim, foi mantido como exemplo pré-humano no capítulo oito, *The ancestry of men*. Lankester também supervisionou as ilustrações de Horrabin relativas a este trecho, que como foi comentado, tem traços simples e didáticos, representando fauna e flora dos grandes períodos geológicos, além dos ancestrais humanos, tudo apresentado em escala comparativa ao ser humano atual.

Sir Henry Johnston foi hóspede de Wells em *Easton Globe* durante a escrita de *Outline*, pois se recuperava de uma cirurgia. Provavelmente por isso foi o colaborador mais próximo, revisando os originais e contribuindo para as questões evolucionistas, de um ponto de vista antropológico. Ernest Baker também esteve com frequência com Wells durante a revisão, e contribuiu diretamente nos trechos sobre a Índia, inclusive fornecendo material de pesquisa sobre a dinastia Asoka (século III a.C.) e sobre o cerco a Amritsar em 1919.

A dinâmica desta produção, é possível supor pelas poucas cartas trocadas entre Wells e os colaboradores e pelas palavras de seus biógrafos Ivor Brown e Lovat Dickson³³², funcionou a partir de um esboço produzido sobre um conjunto de temas específicos, enviados assim aos participantes, que devolveram com correções e sugestões, trazidas para o corpo do texto ou transformadas em notas de rodapé assinadas. Por fim, Wells transformou este conjunto no texto final. Este processo durou até 1922, ano da terceira edição revisada, quando os colaboradores deixaram de figurar entre os coautores e suas notas foram incorporadas ou suprimidas, não apenas porque as revisões foram mais completas e acabaram por considerar as principais críticas e erros, mas também para facilitar ainda mais a leitura e tornar o livro “um verdadeiro romance da humanidade”, como o autor uma vez a ele se referiu.

³³¹ Carta (1211) de maio de 1919 a Edward Denison Ross. In: SMITH, David. *The correspondence of H. G. Wells*, p. 9.

³³² DICKSON, Lovat. *H. G. Wells: his turbulent life and times*. London: Macmillan and Co., 1971, p. 283-283 e BROWN, Ivor. *H. G. Wells*. London: Nisbet & Co., 1923, p.100-101 .

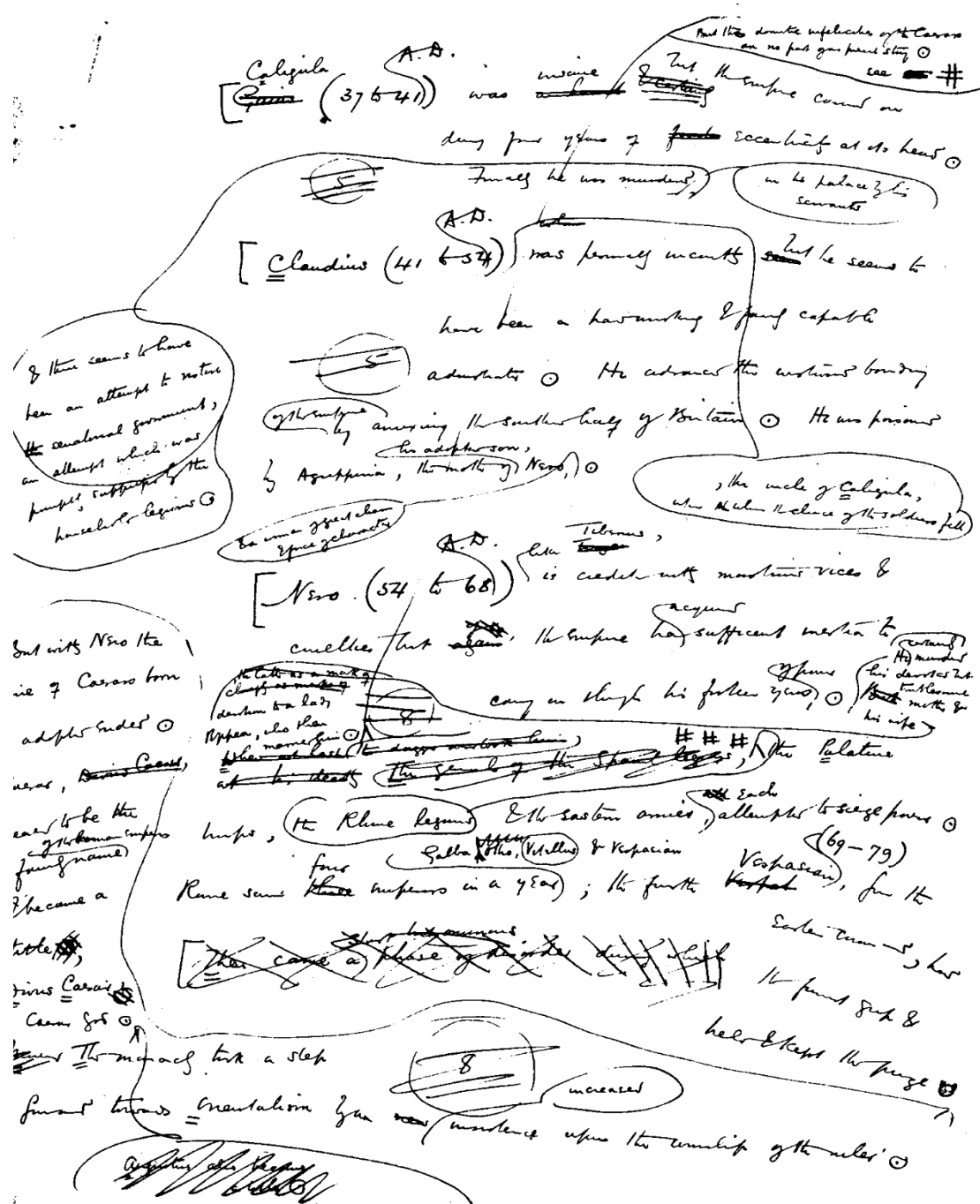


Imagem 6 - Página esboço de *Outline of history*, da criticada parte que aborda o Império Romano, demonstrando o raciocínio esquemático de Wells e como suas notas foram sendo transformadas em texto. Wells Collection, RBML-UIUC, box 8, folder 29.

O livro apareceu primeiro em dois volumes no final de novembro de 1919 (Newes), e obteve desde cedo uma excepcional vendagem, o que constituiu surpresa para todos, inclusive para o autor.³³³ A primeira reimpressão no início de 1920,

³³³ Os números de *Outline of History* foram realmente impressionantes para a época. No final de 1921, cerca de 150.000 cópias da edição integral, em 2 volumes, haviam sido vendidas na Inglaterra, e cerca de 500.000 cópias nos Estados Unidos, onde a popularidade de Wells o colocou entre os três autores

também em dois volumes, já continha uma lista de erratas, sobretudo com nomes e datas equivocadas. A segunda edição, com a primeira revisão substancial, foi publicada ainda em 1920 (Waverley; Macmillan), em apenas um volume de cerca de 1.300 páginas. Outras edições receberam contribuições de especialistas, editores, leitores, além dos próprios colaboradores principais, o que a tornou uma obra dinâmica e elevou a níveis pouco usuais, para esta época, a prática da produção cooperativa de conhecimento, incluindo o histórico, especialmente pela sua dinâmica e contínua revisão. A edição “definitiva” foi alcançada em 1923 (Cassel and Co.; Macmillan), com boa parte dos comentários e notas de rodapé incorporados ao texto. Por fim, uma quinta revisão foi publicada nos Estados Unidos em 1931 (Doubleday) e foi a base para a tradução nacional de Anísio Teixeira³³⁴ que utilizo como uma das fontes desta pesquisa.³³⁵

O termo em inglês escolhido por Wells, *outline*, pode ser traduzido como esboço, delinear ou contorno, significados que não fazem exata justiça se confrontados com sua ambição. O subtítulo, subtraído das edições nacionais³³⁶, *Being*

de não-ficção mais vendidos da década. A tradução para mais de 20 diferentes idiomas, a maioria com vendas expressivas, colocaram *Outline* entre o seletivo grupo dos livros com circulação superior a 1.000.000 de exemplares entre os anos 20 e 40. Ver TEBBEL, John. *A history of book publishing in the United States*. New York: R. R. Bowker Co., 1978, p. 34.

³³⁴ A tradução de *Outline of history* por parte da Companhia Editora Nacional provavelmente teve na figura de seu proprietário, o escritor Monteiro Lobato, a iniciativa primordial. Lobato sempre teve admiração pelas ideias de Wells, e via em seu projeto educacional um conjunto de informações úteis ao país que definia como atrasado e subdesenvolvido. Anísio Teixeira tomou a frente do projeto, também como admirador de Wells, no intuito de contribuir com sua proposta de massificação do ensino público brasileiro, a partir de um autor que compartilhava posturas semelhantes sobre a educação enquanto resultado de um processo de reconstrução da experiência, assim como seu professor John Dewey, um dos fundadores, junto com James Harvey Robinson, da *New School of Social Research*, na Universidade de Columbia.

³³⁵ WELLS, H. G. *História universal*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959, p. 13. Além da edição nacional mencionada, uso como fonte principal a edição da Macmillan (1920), que tem boa parte das principais correções e acréscimos já realizadas e ainda conta com a maioria das notas complementares originais. Uso também a edição norte-americana da Waverley (1920), bastante próxima da original de 1919, para cotejamento das principais passagens analisadas e verificação das informações alteradas posteriormente. Neste sentido, daqui em diante, ao mencionar a obra apenas como *Outline*, estarei fazendo referência a esta edição norte-americana da Macmillan.

³³⁶ O motivo em não se contemplar o título integral talvez tenha sido pelo fato de “História universal” ser uma expressão que melhor se adequa à estrutura da obra, e que por si só se apresenta ao leitor. Na prática, representa um modelo de história que se traduz como uma espécie de gênero historiográfico e que encontra paralelo em diversas outras propostas universalizantes durante os últimos séculos, praticamente desde Jacques Bossuet e seu *Discours sur l'Histoire universelle* (1681) e *Universal history* de Helmont, mencionada por Wells em *History is one*, de 1919. Este título ficou definitivo, inclusive na primeira edição portuguesa de 1956, que foi baseada na tradução brasileira anterior. Sobre a repercussão da *História universal* em Portugal, ver MOTA, José Manuel. “News from nowhere: Portuguese dialogues with H. G. Wells”. In: PARRINDER, Patrick; PARTINGTON, John (eds.) *The reception of H. G. Wells in Europe*. London/New York: Thoemmes Continuum, 2013, p. 253-256. História universal é o título base para versões em outras línguas: *Esquema de la historia universal*, título frequente no mundo hispânico; *Storia universale* e *Breve storia del mondo*, na Itália; *Esquisse de*

a *plain history of life and mankind* apresenta uma explicação melhor formulada sobre as características da obra. É possível compreender a palavra *plain* em seus dois sentidos primordiais (plano, raso, liso, ou ainda, sincero, franco) no sentido de *plainly* (claramente, abertamente), e ainda os termos “*life and mankind*” como uma alusão à história do gênero humano, desde os primeiros organismos vivos até a complexificação das relações humanas e suas instituições jurídicas, econômicas e sociais. Assim, tem-se uma explicação advinda do subtítulo que proporciona ao leitor uma compreensão mais precisa das ambições historiográficas de Wells.

No sumário de *Outline*, em linhas gerais, é possível notar o grande espaço destinado às origens da vida e da própria espécie humana. Os seis primeiros capítulos discorrem sobre a formação geológica do planeta, apresentando o surgimento da vida e a transição para as formas terrestres. Neles, o *background* científico de Wells foi mais importante, e suas convicções sobre o darwinismo como provedor de uma explicação conjectural sobre as origens e desenvolvimento da vida conduzem a argumentação. Do capítulo sete ao treze, há uma descrição sobre o processo de evolução humana, com uma narrativa que elenca os principais achados arqueológicos e paleontológicos desde a segunda metade do século XIX, e que compunham um quadro bastante limitado sobre a ancestralidade humana, obviamente se compararmos com nosso conhecimento atual. Por exemplo, as especulações mais aceitas, base das informações arroladas por Wells, sugerem que o gênero *homo* tinha uma idade aproximada de 800.000 anos, aliás a data, também aproximada, para a qual o viajante temporal de *A máquina do tempo* se desloca, uma possível sugestão do que seria, em sua época, a extensão máxima de uma temporalidade cósmica transformada em temporalidade histórica.

As primeiras civilizações são analisadas entre os capítulos quatorze a vinte, e a Antiguidade Clássica, juntamente com a ascensão do budismo no oriente, entre os capítulos vinte e um a vinte e oito. Ao explicar a importância de Buda para a formação do pensamento asiático, Wells reforça sua visão geral da história, aproximando-a à biologia e à experiência cósmica.

l'histoire universelle, em francês; *Die Geschichte unserer Welt*, ou seja, *A história do nosso mundo*, ou simplesmente *Die weltgeschichte*, como foi traduzida posteriormente em língua alemã. William Ross afirma que *Outline* foi traduzida também para o checo, norueguês, finlandês, holandês, húngaro, chinês, esloveno e sueco, entre outras línguas. ROSS, William. *H. G. Wells world reborn*, p. 13.

The teaching of history, as we unfolding it in his book, is strictly in accordance with this teaching of Buddha. There is, as we are seeing, no social order, no security, no peace or happiness, no righteous leadership or kingship, unless men lose themselves in something greater than themselves. The study of biological progress again reveals exactly the same process – the merger of the narrow globe of the individual experience in a wider being. (...) To forget oneself in greater interests is to escape from a prison.³³⁷

Adiante, como exemplo do sentido que quer imprimir à sua história, Wells faz uma observação central sobre o Império Romano ter sofrido sua derrocada por não ter compreendido a necessidade de ter todos os habitantes sob sua influência transformados em cidadãos, vivendo em uma grande comunidade organizada. Entre os capítulos vinte e nove e trinta e três, que abordam uma temporalidade que comumente associaríamos à Idade Média, observamos a formação do cristianismo³³⁸ e as Cruzadas, mas também o islamismo, as civilizações asiáticas, com grande espaço para a China e outro semelhante dedicado a Gengis Kan e o Império Mongol.

No capítulo trinta e dois Wells comete a indiscrição de afirmar que a história da Inglaterra não tinha, de fato, grande importância geral, levando em conta a perspectiva de uma história da espécie humana. Deste trecho em diante, são descritos grandes movimentos migratórios que ilustram outro importante argumento de sua filosofia da história: os povos nômades são responsáveis pelas grandes mudanças históricas, pois constituem grupos “dinâmicos” (aqui, Wells usa o termo *cinetics*, o mesmo aplicado a suas utopias anteriores), livres das amarras impostas pelo misticismo e culto às tradições, típicas dos povos que haviam se sedentarizado.

A Renascença aparece apenas no trigésimo quarto capítulo, e o que seria equivalente ao período moderno aborda a política absolutista e a formação das democracias baseadas na ideia de liberdade. A fase contemporânea começa com as guerras napoleônicas e termina com a Grande Guerra de 1914, com um capítulo final (o quadragésimo) chamado “Next stage in history”, no qual põe em prática sua

³³⁷ WELLS, H. G. *Outline of history*, p. 362.

³³⁸ Os primeiros anos da era cristã são concentrados na figura de um Jesus histórico, portador de uma mensagem de unificação e harmonia universal, um possível modelo de governança universal baseado em um conjunto de leis comuns. ‘Sooner or later mankind must come to one universal peace, unless our race is to be destroyed by the increasing power of its own destructive inventions; and that universal peace must needs take the form of a government, that is to say law-sustaining organization in the best sense of world religious; a government ruling men through the educated co-ordination of their minds in a common conception of human history and human destiny. *Idem. Ibidem*, p. 654.

entonação à conjectura para delinear um possível futuro histórico após os acordos de Versalhes.

Outline of History Sumário geral	
1 - <i>The Earth in Space and Time</i> 2 - <i>The Record of the Rocks</i> 3 - <i>Natural Selection and Changes of Species</i> 4 - <i>The Invasion of the Dry Land by Life</i> 5 - <i>The Age of Reptiles</i> 6 - <i>The Age of Mammals</i> 7 - <i>The Ancestry of Man</i> 8 - <i>The Neanderthal Man, an Extinct Race</i> 9 - <i>The Later Postglacial Paleolithic Men, the First True Men (Later Paleolithic Age)</i> 10 - <i>Neolithic Man in Europe</i> 11 - <i>Early Thought</i> 12 - <i>The Races of Mankind</i> 13 - <i>The Languages of Mankind</i> 14 - <i>The First Civilizations</i> 15 - <i>Sea Peoples and Trading Peoples</i> 16 - <i>Writing</i> 17 - <i>Gods and Stars, Priests and Kings</i> 18 - <i>Serfs, Slaves, Social Classes and Free Individuals</i> 19 - <i>The Hebrew Scriptures and the Prophets</i> 20 - <i>The Aryan-speaking Peoples in Prehistoric Times</i> 21 - <i>The Greeks and the Persians</i> 22 - <i>Greek Thought in Relation to Human Society</i>	23 - <i>The Career of Alexander the Great</i> 24 - <i>Science and Religion at Alexandria</i> 25 - <i>The Rise and Spread of Buddhism</i> 26 - <i>The Two Western Republics</i> 27 - <i>From Tiberius Gracchus to the God-Emperor in Rome</i> 28 - <i>The Caesars between the Sea and the Great Plains of the Old World</i> 29 - <i>The Beginnings, the Rise and the Divisions of Christianity</i> 30 - <i>Seven Centuries in Asia (Circa 50 B.C. to A.D. 650)</i> 31 - <i>Muhammad and Islam</i> 32 - <i>Christendom and the Crusades</i> 33 - <i>The Great Empire of Jengis Khan and Its Successors</i> 34 - <i>Renascence of Western Civilization</i> 35 - <i>Princes Parliaments and Powers</i> 36 - <i>The New Democratic Republics of America and France</i> 37 - <i>The Career of Napoleon Bonaparte</i> 38 - <i>The Realities and Imaginations of the Nineteenth Century</i> 39 - <i>The International Catastrophe of 1914</i> 40 - <i>The Next Stage of History</i> <i>Chronological Table from 800 B.C. to 1920</i>

Tabela 1 – Quadro com o sumário de *Outline of history* (Macmillan edition, 1920), contendo apenas os títulos principais de cada capítulo.

A introdução contém importantes chaves de leitura para a compreensão da obra, uma espécie de orientação geral na qual Wells conduz o leitor às especificidades da obra, suas motivações imediatas, relacionadas à guerra e a pouca efetividade na conformação da Liga das Nações, e a apresentação dos colaboradores e de seus predicados como autor, inclusive os de historiador diletante e pouco familiarizado aos métodos historiográficos considerados academicamente adequados à sua época. Este trecho traz a seguinte epígrafe de Friedrich Ratzel, retirada de *History of mankind* (1898), e que segundo Wells, se não fosse, a despeito do título, muito mais uma história natural do mundo, poderia ser o seu definitivo modelo inspirador para uma filosofia da história da espécie humana.

A philosophy of the history of the human race, worthy of its name, must begin with the heavens and descend to the earth, must be charged with the conviction that all existence is one—a single conception sustained from beginning to end upon one identical law.³³⁹

Esta premissa temporal, que deve ter seus princípios identificados com o próprio início da vida natural, não constitui propriamente uma filosofia naturalista da história, destinada ao estabelecimento de leis de causalidade na suposição da possível identificação/apreensão da repetição dos fenômenos no processo histórico. Na verdade, ela corrobora a visão de Wells de uma unidade inequívoca em todas as coisas vivas, e a dinâmica das relações entre este conjunto de seres vivos no tempo e espaço constitui um processo impossível de ser apreendido em âmbito humano, formando uma única verdade cósmica, a grande lei a que Ratzel se refere.

A ideia central de *Outline* pode ser resumida na passagem final do capítulo 23, *The career of Alexander the Great*, no qual encerra sua abordagem sobre formação da civilização grega. Segundo Wells, este é um ponto crucial da história humana, pois a partir de então o grande movimento da história pode ser sintetizado nas três grandes ideias estruturais que promoveram a universalização humana, por meio, primeiramente, da generalização do conhecimento, no qual os gregos desempenharam papel central, e, em segundo lugar, da religião, que entre os povos semíticos e babilônicos deixou de ser uma experiência de adoração obscura para transformar-se em religião universal. Por fim, serão abordados os primeiros grandes impérios da humanidade, e a ideia de uma política comum entre os seres humanos pôde então ser observada em diferentes momentos históricos, um processo que caminha para a interdependência e a formação de uma governança mundial.

So by the beginning of the third century B.C. we find already arisen in the Western civilization of the old world *three of the great structural ideas* that rule the mind of contemporary mankind. We have already traced the escape of writing and knowledge from the secrets and mysteries and initiations of the old-world priesthoods, and the development of the idea of a universal knowledge, of a universally understandable and communicable history and philosophy. We have taken the figures of Herodotus and Aristotle as typical exponents of this first great idea, the idea of science—using the word science in its widest and properest sense, to include history and signify a clear vision of man in relation to the things about him. We have traced also the generalization of religion

³³⁹ WELLS, H. G. *Outline of history*. London: Macmillan, 1920, p. vi.

among the Babylonians, Jews, and other Semitic peoples, from the dark worship in temples and consecrated places of some local or tribal god to the open service of one universal God of Righteousness, whose temple is the whole world. And now we have traced also the first germination of the idea of a world polity. The rest of the history of mankind is very largely the history of those three ideas of science, of a universal righteousness, and of a human commonweal, spreading out from the minds of the rare and exceptional persons and peoples in which they first originated, into the general consciousness of the race, and giving first a new colour, then a new spirit, and then a new direction to human affairs.³⁴⁰

Como disse em um trecho posterior, “History is the beginning and core of all sound philosophy and all great literature...”, ou seja, a história não é simplesmente um conjunto de conhecimentos compilados antiquariamente ou mesmo didaticamente transpostos, com função específica de ensinar/formar determinado grupo social, mas acima de tudo uma forma necessária de atribuir sentido ao conjunto das experiências do passado para um melhor aproveitamento posterior dos resultados pela nossa espécie.

5.2.2 – “The earth on which we live is a spinning globe”

Esta é a frase inicial do primeiro capítulo da edição original, seguida de uma apresentação geológica da idade e tamanho da Terra, uma apresentação comparativa com as demais estrelas conhecidas do universo, oferecendo ao leitor comum informações técnicas sobre as dimensões e funcionamento do cosmos conhecido até então. A esta apresentação em máxima escala temporal, Wells achou necessário acrescentar, a partir da edição de 1931, um trecho anterior, no qual explica como a ciência de sua época chegou aos conhecimentos que apresenta.

Processou-se, nos últimos cem anos, um extraordinário alargamento das ideias humanas a respeito do universo em que o homem vive. Ao mesmo tempo, diminuiu-se lhe talvez, a importância como indivíduo. Aprenderam os homens que eles nada mais são do que partículas de um todo mais vasto, mais duradouro e mais admirável, do que pudessem sequer suspeitar ou sonhar os seus ancestrais.³⁴¹

³⁴⁰ *Idem. Ibidem*, p. 196. (Grifo meu)

³⁴¹ WELLS, H. G. *História universal*, p. 19.

Quando Wells menciona os últimos cem anos como um tempo de clarividência sobre alguns fenômenos do mundo pouco compreendidos até então, sugere que a ciência do século XIX foi profícua o suficiente para estabelecer uma transição em relação aos métodos de obtenção de conhecimento científico anteriores. Ele se refere à uma série de descobertas, paleontológicas e arqueológicas (e aos exames laboratoriais que permitiram sua maior precisão *demonstrativa*), à geologia de Charles Lyell, aos estudos genéticos de Mendel, ao impacto que as teorias de Darwin impuseram ao universo intelectual europeu, enfim, ao que o chamado “século da ciência” propôs no sentido de alargar o conhecimento humano sobre suas origens e desenvolvimento.

Como exemplo da precariedade anterior do debate sobre as origens do universo e da humanidade, Wells aponta um livro, também chamado nesta edição em português de *História Universal*³⁴², publicado no final do século XVIII em Londres, e que ocupa seu início com a delimitação precisa da criação do mundo.

Na *História Universal*, publicada em Londres, em 1779, afirmava-se que o mundo fora criado no ano de 4004 a. C., e (com amável exatidão) no equinócio do outono, coroando a obra da criação, a fatura do homem no Éden, à margem do Eufrates, exatamente dois dias de viagem acima de Basra. O crédito dado a tais assertos provinha da interpretação excessivamente literal da narrativa bíblica. São poucos hoje, mesmo entre os mais sinceros crentes na inspiração da Bíblia, que aceitam tais afirmações como positivas.³⁴³

Obviamente, ele mesmo não está isento de equívocos, o que foi atestado pelas sugestões e intervenções realizadas após a primeira edição, mas também pelas limitações que a própria ciência de seu tempo lhe impunham. Wells especula que a Terra tem cerca de 2 bilhões de anos, uma estimativa que atinge a casa dos bilhões mas não se aproxima dos 4,5 bilhões avaliados atualmente; pressupõe que Terra e

³⁴² Nesta citação Wells provavelmente faz referência à obra ilustrada *Universal history: from earliest accounts to the present time*, publicada por conhecidas casas editoriais inglesas do período, como Murray, Lower, Crowd, Newbery, entre outras. Outros exemplos de construção histórica neste formato universal com inspirações providencialistas podem ser observados com relativa frequência, seja em períodos anteriores, como nos *Discursos sobre a história universal* de Bossuet, no século XVII, ou na *História Universal* de Cesare Cantù, em meados do século XIX.

³⁴³ *Idem. Ibidem*, p. 22.

Lua surgiram juntas — hoje, as melhores evidências disponíveis mostram que a Lua surgiu milhões de anos após a Terra ter começado a ganhar forma; Wells diz que os astrônomos supõem que as nebulosas espirais avistadas por meio de telescópios são sistemas solares em formação — hoje, sabe-se que são outras galáxias, contendo centenas de bilhões de estrelas. Em 1924 Edwin Hubble apresentou a prova definitiva de que as “nebulosas espirais” eram aglomerados de estrelas incrivelmente distantes de nós, a partir das observações em seu telescópio.

Nos capítulos sobre a origem da vida, o leitor é informado de que não existem registros fósseis de seres vivos na Terra anteriores a 800.000 anos. Apesar da possibilidade em se especular origens mais antigas, Wells se apegue aqui ao conhecimento cientificamente reconhecido, que consegue estabelecer uma linhagem estrutural entre este ancestral e o *homo sapiens*. O homem de Piltdown, que Lankester alertou ser uma possível fraude em 1918, foi tratado pela ciência como um importante fóssil homínídeo, e denunciado como equívoco apenas em 1953, quando se comprovou que a mandíbula encontrada junto ao crânio era de um grande símio.

Mesmo assim, a tônica desta importante parte inicial de *Outline* é ser o mais precisa e intelegível possível, um esforço didático em transpor um conjunto de conhecimentos obtidos cientificamente a partir dos avanços em diversas áreas do saber ao longo do século XIX, e tidos como o “estado da arte” das ciências naturais e biológicas, para orientar o leitor comum, o *Mr. Everyman*, explicando condensadamente as origens do planeta, da vida e do ser humano. Neste sentido, Wells realizou uma tarefa complexa com esmero e objetividade, inclusive reconhecida por seus críticos, que normalmente consideram este trecho o mais preciso historicamente em toda a obra.

5.2.3 – A aurora da história

Ao fim do período Neolítico e acompanhando o surgimento das primeiras civilizações, Wells usa a expressão “the dawn of history” para definir o momento em que o ser humano passa definitivamente a estabelecer um convívio social organizado e consolida, portanto, as condições de unidade sugeridas adiante. Nos trechos iniciais, é abordado o surgimento das primeiras concepções religiosas a partir de uma explicação psicológica, baseada no que chamou de “fear of the old man”, base dos mitos e lendas em torno das quais as primeiras manifestações da religião humana

foram concebidas. Uma vez que o homem passou a tomar alguma consciência sobre sua necessidade pessoal por proteção, direção e de uma força interna além do seu próprio poder, há o surgimento do sacerdote, que passará a normatizar e intermediar estas manifestações de fé. “Confusedly, in response to that demand, bold men, wise men, shrewd and cunning men were arising to become magicians, priests, chiefs and kings.”³⁴⁴ O templo, o padre e o sacrifício são vistos como sintomas de um declínio moral das religiões, antes marcadas por uma simplicidade e pureza não mais observadas, para um sistema de superstições, dogmas e tradições.

A essência do cristianismo é apresentada, em sua maior parte, pela grande revolução social perpetrada por Jesus de Nazaré, que Wells sugere ser um personagem histórico, portanto datado e integrado à dinâmica histórica em uma época em que os manuais concentram sua atenção na expansão da civilização imperial romana. Sua abordagem sugere que o evangelho proclamado por Jesus constituiu uma manifestação contra o egoísmo individualista, ao mesmo tempo em que denunciava o lucro privado.³⁴⁵

Um importante espaço é destinado ao surgimento do Budismo. “The fundamental teaching of Gautama (...) is clear and simple and in the closest harmony with the modern ideas.” Assim como as origens do cristianismo são apresentadas como um período de ideias harmônicas, provavelmente semelhantes, guardadas as proporções devidas, àquelas necessárias ao fim da Grande Guerra, o budismo também é historicamente apresentado como portador de uma boa nova que poderia ser bastante frutífera se alguns de seus princípios fossem mais difundidos em sua época. Buda teria sido “a good-looking, capable young man of fortune” que desenhou um plano para uma vida emancipada, o que se adequa bem aos que Wells sugere em termos educacionais para seu tempo.³⁴⁶

A partir destas considerações é possível entender porque Wells dedica menos espaço às artes e religiões da Antiguidade oriental, como a egípcia ou mesopotâmica, pois suas manifestações seriam baseadas em tradições e superstições mais obscuras, normalmente associadas ao politeísmo, tidas como portadoras de uma mentalidade social atrasada. Manifestações como o auto-castigo e o sacrifício de pessoas e animais estariam ligadas ao um tipo racial congênito, o “dark-white (and

³⁴⁴ *Outline of history*, p. 66.

³⁴⁵ *Idem. Ibidem*, p. 283-290.

³⁴⁶ *Idem. Ibidem*, p. 364-365.

brown skinned) Mediterranean race”, dono de um temperamento essencialmente supersticioso.³⁴⁷ De fato, Wells submete seu raciocínio a um racialismo comum a determinados grupos intelectuais de sua época, e sua história não é exceção ao manifestar posições que consideram, por exemplo, os arianos e mongóis, dinâmicos e conquistadores, como mais aptos à cooperação e desenvolvimento social.

A ideia de um processo emergente de cooperação internacional e harmonia social baseada em uma ética altruísta e na emancipação intelectual humana ganha contornos mais definidos durante período que chamamos “Idade Média”. A unificação papal no fim do Império Romano é positivamente avaliada como um processo que veio a traçar um elemento cultural comum a territórios anteriormente unificados por Roma. Wells percebe as Cruzadas como a manifestação de um desejo comum à cristandade. “Here is the a universal response of indignation at the story of a reemote wrong, a swift understanding of a common cause for rich and poor alike.” Mas a Igreja de Roma, enfim, teria falhado em levar a proposta unificadora do cristinismo primitivo adiante, transformando sua estrutura em um complexo burocrático e de poder. “We have seen the Roman Republic wrecked, and here we see the church failing in its world mission very largely through ineffective electoral methods.”³⁴⁸

Chega-se aqui a um ponto central desta análise, que não pretende seguir *pari passu* a tábua cronológica de *Outline*, mas apenas analisar alguns pontos-chave para a compreensão da essência do discurso histórico de Wells. Pensando em sua organização, daqui em diante, ou seja, do Renascimento, Grandes Navegações e Reformas Religiosas até o fim da Primeira Guerra Mundial, tem-se cerca de ¼ da obra. Se esta característica for comparada com as tradicionais propostas de história universal, este é um rearranjo temático e temporal digno de nota.

Um elemento comum a toda história da humanidade apresentada por Wells até este momento consiste na relação de contradição entre os hábitos dos povos nômades e sedentários, um processo iniciado desde o fim do Neolítico e que estendeu suas consequências por boa parte da história.

From the beggining of history the nomad and the settled people have been in reaction. We have told of the Semitic and Elamite raids upon Sumeria; we have seen the Western empire smashed by the nomads of

³⁴⁷ *Idem. Ibidem*, p. 191-194.

³⁴⁸ *Idem. Ibidem*, 648-655.

the Great Plains, and Persia conquered and Byzantium shaken by the nomads of Arabia. Whenever civilization seems to be choking amidst its weeds of wealth and debt and servitude, when its faith seems rotting into cynicism and its powers of further growth are hopelessly entangled in effete formulae, the nomad drives in like a plough to break up the festering stagnation and release two new beginnings. The Mongol aggression, which began in the thirteenth century, was the greatest, and so far it has been the last, of these all destructive reploughings of human association.³⁴⁹

Assim, nomadismo e sedentarismo representam dois ideais sociais distintos, postos em oposição por Wells, e são definidos pelo que chamou de *communities of faith and obedience*, como as primeiras civilizações, e as *communities of will*, representadas desde os princípios da história principalmente pelos povos nórdicos, hunos e mongóis. O espírito nômade, seja germânico ou semítico, “is more willing and more erect than that of the settled folk,”³⁵⁰ ou seja, as grandes mudanças, a criatividade, a iniciativa, o dinamismo social são associados ao modo de vida nômade e explorador. O nomadismo seria uma espécie de termo alternativo, e anterior ao conceito de civilização, enquanto os povos sedentários forjaram sua estrutura social e cultural em tradições e misticismo como elementos centrais de sua perpetuação. Esta separação, que permeia toda a obra, é retomada por Wells na conclusão de *Outline*.

In this *Outline* we have sought to show two great systems of development interacting in the story of human society. We have seen, growing out of that later special neolithic culture, the heliolithic, culture in the warmer alluvial parts of the world, the great primordial civilizations, fecund systems of subjugation and obedience, vast multiplications of industrious and subservient men. We have shown the necessary relationship of these early civilizations to the early temples and to king-gods, and god-kings. At the same time we have traced the development from a simpler neolithic level of the wanderer peoples, who became the nomadic peoples, in those great groups the Aryans and the Hun-Mongol peoples of the north-west and the north-east and (from a heliolithic phase) the Semites of the Arabian deserts. Our history has told of a repeated overrunning and refreshment of the originally brunet civilizations by these hardier, bolder, free-spirited peoples of the steppes and desert. We have pointed out how these constantly recurring nomadic, injections have steadily altered the primordial civilizations both in blood and in spirit; and how the world religions of to-day, and what we now call democracy, the boldness of modern scientific inquiry and a

³⁴⁹ *Idem. Ibidem*, p. 666.

³⁵⁰ *Idem. Ibidem*, p. 667.

universal restlessness, are due to this “nomadization” of civilization. The old civilizations created tradition and lived by tradition. To-day the power of tradition is destroyed. The body of our state is civilization still, but its spirit is the spirit of the nomadic world. It is the spirit of the Great Plains and the high seas.

5.2.4 - A *short(er) history*: uma breve história do mundo

Em seu estudo biográfico, David Smith reproduziu uma fotografia de um protesto em 1923. Nela, um grupo de indianos caminham em fila, vestidos convenientemente em trajes ocidentais, marchando pela lateral de uma movimentada rua londrina. No final da fila, dois homens sustentam uma grande faixa com a seguinte inscrição: “Down with H. G. Wells’ Short History of the World”. Smith comenta que o tratamento dado à Índia moderna por Wells, expresso na frase – “An autocracy without an autocrat”, provavelmente motivou este fortuito ataque.³⁵¹



Imagem 7 - Indianos protestando contra *Short history of the world*, 1923. Acervo da BBC Hulton Picture Library.

³⁵¹ SMITH, David. *Desperately mortal*, p. 252

Neste sentido, nacionalistas indianos podem ter percebido a abordagem histórica de Wells um tanto ofensiva, pois ela dá mais ênfase ao islamismo e budismo como grandes movimentos de ideias que proporcionaram uma unificação cultural entre diferentes povos. Porém, esta é uma formulação pertinente à *História Universal*, na qual é possível identificar algumas passagens, ainda que breves, a respeito da Índia nos séculos XIX e XX. Em *Short history*, estas menções desaparecem quase que completamente. Mesmo o cerco de Amritsar e causa separatista indiana, mencionados na *História universal*, e sobre os quais Wells demonstrou especial simpatia, foram retirados da versão condensada.

Este episódio demonstra como, de fato, a *Short history* se apresenta como um texto reduzido. Ao comparar as duas edições originais – a versão típica de *Outline of history* em um único volume de pouco mais de mil páginas, e a primeira edição de *Short history*, com 425 páginas – é de se supor que mesmo que alguns dos mapas, ilustrações e fotografias tenham sido retirados, parte do conteúdo não apenas sofreu alterações em sua forma, mas foi literalmente suprimido e transformado.

Wells insiste que ela foi reescrita, e portanto, trata-se de um novo livro. Em determinada passagem do breve prefácio comenta que “(...) sua finalidade principal é suprir as necessidades de um atarefado leitor comum, muito exaurido para estudar em detalhe os mapas e as linhas de tempo da *História universal*, que queira refrescar e reparar suas concepções desbotadas ou fragmentárias a respeito da grande aventura da humanidade.” E segue ressaltando aquela que talvez seja a principal característica de sua historiografia, quando afirma que “Não é um resumo ou uma condensação da obra anterior. Nos termos de sua proposta, a *História universal* não admite condensação adicional. Planejada e escrita em separado, esta é uma História bem mais genérica.”³⁵²

Assim, é possível supor que Wells pensava a *História universal* como um núcleo central e indivisível, sem resumos possíveis a partir de sua estrutura original. Este é um novo livro, que na verdade permite o movimento contrário, ou seja, o da expansão e complementação, uma história dinâmica e em constante construção que acompanha seu raciocínio utópico de reforma social.

David Smith insiste que o formato e propósito de *Short history* tinham por objetivo transformá-la em uma espécie de manual didático escolar, como de fato foi

³⁵² WELLS, H. G. “Prefácio”. *Breve história do mundo*. Porto Alegre: LP&M, 2011, p. 11.

usada na Grã-Bretanha, particularmente. Porém, a edição norte-americana de 1922 tem um claro formato comercial, com papel liso, capa dura e fotografias/ilustrações bastante claras e bem definidas. As ilustrações originais de Horrabin foram retiradas. Efetivamente, não há nenhuma menção em sua apresentação ou comentários sobre seu possível uso didático. Mas mesmo assim, pela sua popularidade e repercussão, é possível inferir que *Short history*, mais direta, coerente e objetiva, tenha sido utilizada como material de apoio ao ensino de história também nos Estados Unidos.

No entanto, a percepção de que os fins intelectuais de *Short history* são mais modestos que sua obra originária se apresenta ainda no prefácio. Wells afirma que sua condensação (ou reescrita) deve “ser lida como um romance”, pois se trata de “uma exposição, despojada de elaborações ou complicações, dos conhecimentos que temos até hoje sobre história”. Ela serve como uma “incursão preparatória, antes que se empreenda a leitura da *História universal* do autor, que é muito mais complexa e explícita.”³⁵³ É justamente nesta comparação entre as duas obras que o leitor pode perceber Wells como proponente de um governo mundial centralizado e que concebe uma visão universal da história como um requisito essencial neste sentido. Apenas na versão completa, é possível perceber a concepção central de que a história é um movimento direto e inexorável, na qual o passado é apresentado como um conjunto de ideias e movimentos em direção a uma organização humana unificada.

Ao reescrever sua principal obra historiográfica, Wells claramente evitou, ainda que não completamente, o tom filosófico-especulativo que a caracterizou, pelo menos a partir de uma leitura mais atenta ou especializada. Não há, por exemplo, nenhuma tentativa de direcionar o leitor nas primeiras passagens de *Short history*, na medida em que sua organização e desenvolvimento tentam se aproximar de uma obra histórica mais “tradicional”, na qual os fatos são meramente apresentados, ou mesmo encadeados em uma estrutura que ainda privilegia a relação concomitante entre diferentes, e por vezes, espacialmente distantes civilizações. É possível supor que este novo arranjo tenha uma relação com o volume de críticas sofridas pelas primeiras edições de *Outline*, que não foram apenas direcionadas aos eventuais equívocos factuais reconhecidos por Wells e seus colaboradores, mas também podem ter motivado a (re)escrita de uma historiografia mais técnica, menos especulativa, que não se apresentasse majoritariamente como um panfleto pós-guerra, ou seja, com

³⁵³ WELLS, H. G. “Prefácio”. *Breve história do mundo*, p. 11.

duração histórica datada, mas de uma obra para as futuras gerações, a ser analisada e complementada continuamente. Comentando esta característica de *Short history*, William Ross ressalta que

Wells presented a streamlined history, one which the casual or harried reader should have found much more enjoyable. But, for whatever reason, he did virtually nothing to lead the reader into a perception of the need for human unity or to see history as an inexorable progress toward that goal.³⁵⁴

Apenas no último capítulo de *Short history*, chamado “A reconstrução política e social do mundo”, é possível perceber a premissa anterior de que a tendência da evolução, associada ao progresso humano, é promover um inevitável governo mundial, e apenas nas últimas duas páginas Wells fez menção à sua tese sobre “a história como um único processo (...), quando observamos a constante luta da vida por mais visão e mais controle”, e assim, “podemos enxergar, em suas proporções verdadeiras, as esperanças e os perigos do tempo presente”.³⁵⁵

5.3 – Como uma história universal pode dizer algo ao mundo: recepção, crítica, revisão.

Gutman stopped whispering. His sleek dark eyes examined Spade's face, which was placid. The fat man asked: "Well, sir, what do you think of that? "I don't know." The fat man smiled complacently. "These are facts, historical facts, not schoolbook history, not Mr. Wells's history but history nevertheless.

The maltese falcon, Dashiell Hammett³⁵⁶

O diálogo entre as personagens do filme *O falcão maltês* (1941), baseado na obra homônima de Dashiell Hammett escrita em 1930, tem o objetivo de provar a veracidade do falcão, uma estátua que traz consigo algumas jóias encrustadas que

³⁵⁴ ROSS, William. *H. G. Wells's world reborn: the Outline of History and its companions*. Selinsgrove: Susquehanna University Press, 2002, p.117.

³⁵⁵ WELLS, H. G. *Breve história do mundo*, p. 363-365.

³⁵⁶ HAMMETT, Dashiell. *The maltese falcon*. New York: Random House, 1992, p. 122.

despertam a cobiça de várias pessoas, base do enredo deste *thriller* policial que deve sua popularidade em especial às suas adaptações cinematográficas. No entanto, a distinção feita por Mr. Gutman a respeito do tipo de história que usa para convencer seu interlocutor sobre a existência do falcão tem como contraponto a história de Mr. Wells, segundo ele um livro escolar, que não pode ser tratado como matéria séria, algo baseado em fatos históricos, relegando-o nas entrelinhas ao plano inútil (para suas pretensões) da ficção.³⁵⁷

O diálogo atesta a relativa popularidade que a *História universal* de Wells mantinha ainda nos anos 40, como referência de um manual de história popular e, provavelmente, em outra instância, de um tipo de ideia sobre a história, com formato e pretensões bastante específicas dentre as possibilidades historiográficas que se apresentavam.

A função da *História universal* como um livro de instrução popular e, ao mesmo tempo, de formação de uma determinada consciência histórica que preparasse seus leitores para uma mentalidade republicana em escala mundial, partia de dois princípios comuns: da crença na ciência como racionalidade condutora da humanidade e da força transformadora de um processo educacional com sólida base científica. Ainda sob influência Fabiana, Wells acreditava em uma lenta e progressiva mudança social, que adquiriu contornos mais urgentes pelo processo da guerra, mas que dependia fundamentalmente da participação do cidadão ordinário, *Mr. Everyman*, como o definiu em *Outline*. Sua autonomia em buscar um sentido para o conhecimento histórico e, ademais, sua participação direta neste mesmo processo, como um agente ativo de seu destino, eram os auspícios wellsianos: “The drama becomes ourselves”, é uma das derradeiras passagens do último capítulo de sua história.³⁵⁸

³⁵⁷ FLUET, Lisa. *Modernism and disciplinary history: on H. G. Wells and T. S. Eliot*. Twentieth Century Literature, Fall, 2004, p. 3.

³⁵⁸ *Outline*, p. 1289. Ao usar o termo *everyman* neste sentido, e mais, ao propor seu entendimento como sujeito histórico ativo, Wells antecipa um debate posterior, que ganhou contornos mais claros em um artigo de Carl Becker lido em 1931 para a reunião anual da *American Historical Association*, da qual era presidente. O texto foi intitulado *Everyman his own historian*, e nele Becker tenta demonstrar que o conhecimento histórico, assim como para seus pares da *new history* americana, tinha uma função social inequívoca, e desta forma só teria pertinência se fizesse sentido ao sujeito comum. Era fundamental também que o conhecimento histórico produzido também estivesse relacionado àquilo que os diferentes estratos sociais apresentariam como uma espécie de demanda de sentido temporal. “If the essence of history is the memory of things said and done, then it is obvious that every normal person, Mr. Everyman, knows some history. Of course we do what we can to conceal this invidious truth. Assuming a professional manner, we say that so and so knows no history, when we mean no more than that he failed to pass the examinations set for a higher degree; and simple-minded persons, undergraduates and others, taken in by academic classifications of knowledge, think they know no history because they have never taken a course in history in college, or have never read Gibbon’s

A popularidade de *Outline* e de outras “enciclopédias” populares foi objeto de estudo por parte da historiadora cultural americana Joan Shelley Rubin, que associa o sucesso deste tipo de conhecimento, sob perspectiva editorial, à ascensão de uma nova classe média com diferentes expectativas culturais a partir dos anos posteriores à Grande Guerra. Rubin usa o termo *middlebrown culture* pra definir este grupo com aspirações sociais diferentes dos *genteel*, apegados às tradições do século XIX, mas que compartilhavam a ênfase na aquisição e manifestação da cultura como parte formadora do caráter individual.³⁵⁹

Ela reproduz um editorial do New York Times, que resume as aspirações por informação desta nova classe média, e como o uso de três técnicas básicas foram importantes para arrebatá-lo este público, ao menos nos Estados Unidos.

Modest in comparison to the pitches that accompanied later “outline” ventures, the marketing effort nonetheless made generous use of three techniques. The first was the “expert” testimonial: the endorsement of newspaper columnist Dr. Frank Crane, for example, graced the initial advisements, as did quotations from reviews. The second was the display of printing and sales figures, with the implication that, unless buyers placed orders immediately, shortages would prevent them from obtaining copies. The third theme of the campaign stressed the value of owning the Outline as an aid successful social performance: not only was it ‘the most talked-about book of the year, which is in such demand that the presses can hardly supply it with sufficient rapidity’, but ‘everybody of standing reads Wells as soon as he comes out’, e ‘even the non-bookish are reading this most wonderful of Histories.’”³⁶⁰

O texto indica uma busca por performance social traduzida em performance editorial, mas também uma entonação à busca de informações seguras e não comprometidas por uma determinada elite aristocrática, identificada com um determinado tipo de conhecimento histórico que corroborava sua manutenção no poder.

Rubin trabalha ainda com outras “outlines”, como a *Story of mankind* (1921), de

Decline and Fall of the Roman Empire. No doubt, the academic convention has its uses, but it is one of the superficial accretions that must be stripped off if we would understand history reduced to its lowest terms. Mr. Everyman, as well as you and I, remembers things said and done, and must do so at every waking moment.” BECKER Carl. “Everyman his own historian”. *American Historical Review*, vol. 37, no. 2, December 29, 1931, p. 221–36.

³⁵⁹ RUBIN, Joan Shelley. *The making of middlebrown culture*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1992.

³⁶⁰ *Idem. Ibidem*, p. 32.

Hendrik van Loon, a qual Wells menciona da introdução da *História universal* como uma interessante, ainda que limitada, tentativa de organização universal da história, e *The story of philosophy* (1926), de Will Durant. Ambos autores são apresentados como populares, porque proporcionavam ao público leitor, que os reconhecia como especialistas, uma condensação de conhecimentos em linguagem simples e atrativa, adequada às demandas *middlebrown*.

Apesar de uma análise em si pertinente promovida por Rubin, dois pontos merecem ser ressaltados: esta associação com Van Loon e Durant, do ponto de vista de sua recepção e repercussão como sucessos editoriais identificados à determinada classe, não permite perceber que não era apenas uma demanda por informação e por capacidade própria de emitir julgamentos mais seguros o que explica uma obra como *Outline* permanecer durante a década de 1920 entre os livros mais vendidos do mundo. Há uma notória carência de orientação de sentido histórico nos anos pós-guerra, na acepção proposta por Jörn Rüsen, o que torna este fenômeno mais complexo do que um estudo sobre recepção, sob auspícios da teoria literária, poderia abarcar.

Em segundo lugar, há uma diferença importante entre as principais fontes de Rubin, pois apesar de todas proporem uma perspectiva sintética de um conjunto de conhecimentos, as narrativas de Loon e Durant são pouco objetivas, no sentido em que não propõem formular um conhecimento histórico (ou filosófico) efetivo, o que posso, sem dúvida, encontrar, mesmo com as restrições percebidas em *Outline*. Ambas trabalham com uma prosa viva e atraente, mas pouco efetivas quando precisam efetivamente informar, pensando em uma perspectiva historiográfica mais próxima da profissional. Como exemplo, um trecho sobre a vida na Grécia antiga, *The life of Grecece*, de Durant, que narra curiosamente o uso de jóias e adornos por parte dos gregos, mas não trata objetivamente de seus modos de vida de um ponto de vista histórico, tampouco aprofunda ideias filosóficas correlatas, mas elenca dilemas do usar e do vestir que parecem da sua própria época, o início do século XX.

Both sexes announce or disguise their incomes with jewelry. Men wear at least one ring; Aristotle wears several. The talking sticks of the men may have knobs of silver or gold. Women wear bracelets, necklaces, diadems, earrings, brooches and chains, jeweled clasps and buckles, and sometimes jeweled bands about the ankles or the upper arms. (...) Sparta regulates the

headdress of its ladies, and Athens forbids women to take more than three dresses on a journey. Women smiles at this restrictions, and, without lawyers, get around them.³⁶¹

A questão da influência de *Outline* foi abordada por Warren Wagar na parte conclusiva do trecho de sua tese no qual analisou o pensamento de Wells no período entre guerras. “How, for example, to measure the influence of *The outline of history*? O autor sugeriu que uma resposta única seria impossível. “It stretched thousand of minds, reached millions of homes; but it would take a regiment of Harvard sociologists with I.B.M. machines and perhaps a platoon of psychoanalysts to begin to discover what impact the book actually had. Even they would make only a beginning.”³⁶²

Os motivos pelos quais a história de Wells teve a surpreendente repercussão que manifestou talvez sejam mais simples de serem explicados, e neste sentido, posso me fazer valer da definição dada pelo historiador britânico A. J. P. Taylor, em um texto de 1966, ano do centenário do nascimento de Wells. Taylor se opõe ao termos biológicos impostos por Wells e recusa a subscrever o estudo sobre as sociedades passadas às mesmas leis evolutivas aplicadas aos fenômenos da natureza. Este seria um truque comum usado por alguns historiadores de sua época, ou melhor, escritores que constroem extensas generalizações sobre o passado, em suas palavras. “They talk about old societies, mature societies, even about decaying societies – useful analogies perhaps, but no more. (...) There is no reason whatever to suppose that any of this will apply to society.”³⁶³ Taylor também criticou a pretensa capacidade de *Outline* em demonstrar de que forma o conjunto organizado dos acontecimentos humanos pode ser instrumento de formação de um Estado-mundial. “It totally fails to demonstrate anything of the kind. It shows that men have always been in conflict and the rich have always exploited the poor.” Porém, reconhece sua importância ainda presente ao lembrar que *Outline* “is still read (em 1966), it is the best general survey of man’s that there is,” além de surpreendentemente afirmar, de forma solene na epígrafe inicial, que “I owe more to H.G. Wells’s *Outline of history* than to any other single book.”³⁶⁴

³⁶¹ DURANT, Will. *The life in Greece*. New York: Simon and Schuster, 1939, p. 293,

³⁶² WAGAR, Warren. *H. G. Wells and the world state*. New Haven, Yale University Press, 1961, p. 270.

³⁶³ TAYLOR, A. J. P. “The man who tried to work miracles”. In: *Politicians, socialism and historians*. New York: Stein and Day, 1982, p. 139.

³⁶⁴ *Idem. Ibidem*, p. 145,

5.3.1 – O debate historiográfico/evolutivo entre H. G. Wells e Hilaire Belloc

Em julho de 1921 Wells publicou um artigo chamado *History for everybody*, confeccionado não apenas para reafirmar suas ideias sobre história, mas especialmente para rebater algumas das várias críticas que vinha recebendo desde a publicação de *Outline*. Ele classificou seus críticos em dois grupos principais: os classicistas, e dedicou maior espaço para contra-argumentar as acusações feitas pelo professor escocês Arnold Gomme, e os católicos, representados especialmente pelo arcebispo de Liverpool Richard Downey³⁶⁵ e pelo escritor Hilaire Belloc.

Sem dúvida, dentre os que mais repercutiram e criticaram as ideias históricas de Wells, está o grupo ligado à Igreja, pois especialmente Belloc persistiu pelos anos seguintes em manter um debate público sobre a pertinência da visão biológica sobre a história. Wells reconheceu a força deste ataque, e por isso ele foi fomentado também de seu lado com respostas subsequentes aos principais questionamentos. No entanto, David Smith comenta que Belloc, de fato, pouco influenciou Wells ou a repercussão pública sobre suas ideias. “(They) gave many people a humorous year or two as they issued their various attacks on each other, but in the long run Belloc made little impact on Wells, except to solidify his belief about Catholic philosophy.”³⁶⁶

Semanas após a publicação da reedição revisada de 1925 de *Outline of history*, Belloc publicou seguidamente uma série de vinte e quatro pequenos artigos comentando pontos específicos, notadamente no que concerne ao caráter biológico que identificou na obra. Os artigos foram publicados entre 1925 e 1926, nos periódicos *Catholic Universe*, *Southern Cross of Cape Colony* e no *American Catholic Bulletin*, para serem posteriormente compilados em forma de livro, ainda em 1926, com o título algo jocoso de *A Companion to Mr. Wells's "Outline of History"*, ou seja, para além do significado possível de *companion* como uma coletânea ou compêndio, trata-se também de uma companhia intelectual antagônica para a *História universal* de Wells.

³⁶⁵ DOWNEY, Richard. *Some errors of H. G. Wells: a catholic's criticism of the "Outline of history"*. New York: Benziger Brothers: 1921.

³⁶⁶ SMITH, David. *H. G. Wells: desperately mortal*, p. 257. Wells manifestou suas opiniões severas à Igreja católica equanto instituição em um livro de 1943, hoje raro, *Crux Ansata*. Belloc foi também jornalista e historiador, produzindo sobre história da Inglaterra, da Igreja, e questionando, como Wells, o método de produção da história em sua época. Por exemplo, ver “On a method of writing history,” *The Dublin Review*, Vol. 148, n. 298-299, 1911 e “Catholicism and History,” *The Dublin Review*, Vol. 149, n. 298-299, July/October 1911.

As considerações iniciais de Belloc são de reconhecimento à capacidade criativa e literária de Wells, porém seus elogios não se estendem para além destes singelos adjetivos.

I examined this production for the benefit of my coreligionists in the columns of certain Catholic papers. I did full justice to Mr. Wells's talent as a writer, but I exposed his ill acquaintance with modern work on Biology, with early Christian writing and tradition, with Christian doctrine itself: and, in general, his incompetence.³⁶⁷

Neste mesmo trecho, Belloc faz questão de ressaltar que este não se trata de um antagonismo pessoal, e que não busca em seu texto uma rivalidade na qual haja vencedores e vencidos. Seu intuito é denunciar, segundo sua interpretação, a inconcebível abordagem histórica de Wells que refuta a influência da tradição cristã para o passado humano.

If it be a test of literary victory over an opponent to make him foam at the mouth, then I have won hands down; but I do not regard Mr. Wells as my opponent, nor am I seeking any victory. I am simply taking a book which proposes to destroy the Faith of Christian men by the recital of pretended history, and showing that the history is bad. While praising many qualities in the book, I point out with chapter and verse that the history is uninformed. That is my point and my only point.³⁶⁸

Porém, a acusação central de Belloc em seus argumentos preliminares propõe um emocionado apelo à capacidade do leitor em perceber os severos pecados que Wells comete ao sugerir uma abordagem secular da história universal.

Well, the whole book is written quite and clearly round the object of convincing the reader, by so-called evidence, rather than reasoned argument, that there is no design in nature, and therefore no all-powerful creative God as the Author of nature; therefore, again, no revelation of such a God to men, therefore, naturally, no question of the incarnation in Jesus Christ. The Atonement is man-made nonsense: The Fall of Man never happened, the Resurrection is a foolish story, and the Eucharist a make-believe.³⁶⁹

Em grande parte de suas considerações, Belloc sugere alguns paralelos com

³⁶⁷ BELLOC, Hilaire. *A companion to Mr. Wells's Outline of history*. London: Sheed & Ward, 1926a, p. 8

³⁶⁸ *Idem. Ibidem*, p. 9.

³⁶⁹ *Idem. Ibidem*, p. 4.

situações hipotéticas, nas quais tenta exemplificar sua posição em relação à história de Wells como um ataque grosseiro às convenções históricas estabelecidas. O exemplo mais explícito é uma imaginada história do século XIX, aproveitando o modelo adotado por Wells, ou seja, *Outline of nineteenth century*, escrita por um estrangeiro. Belloc sugere que este autor distorceria os fatos históricos e julgaria excessivamente o Estado inglês, atacando suas instituições, sua língua, sua organização social, sua política colonial e econômica. Por fim, ao expor longamente suas ideias por meio deste paralelo, lança seu questionamento final, “Should we not say that the gentleman had some bias against England”? ³⁷⁰

Neste mesmo sentido, Belloc sugere que Wells faz julgamentos excessivamente negativos em relação às passagens em que a cristandade surge em sua narrativa, como nas partes em que aborda o Império Romano, e que o faz de um ponto de vista essencialmente inglês. Belloc ressalta que sua visão da história é nacional, e que este ponto de vista não é necessariamente equivocado, porém para as pretensões de Wells trata-se de um equívoco substancial.

I was careful to say that the patriotic (or national) motive was, in my opinion, an advantage to the historian; but that its great danger was limitation, and that in the particular case of Mr. Wells the limitation was so narrow as to be disastrous to a general view of Europe: making him unable to understand anything that was not of his own particular suburban world.³⁷¹

O grande equívoco final apontado por Belloc sobre a *História Universal* de Wells é sua falta de cientificidade, o que pode parecer uma contradição para quem incorporou preceitos da ciência em toda sua obra, ficcional ou não. As considerações históricas de Wells são para Belloc desprovidas de comprovação científica, em seus próprios termos, e tem seu poder de convencimento baseado principalmente em uma boa retórica, comum aos escritores imaginativos, mas que pouco contribui para a formação do conhecimento.

Mr. Wells is unscientific because he does not survey the whole of evidence upon a point, and weigh it, and especially because

³⁷⁰ *Idem. Ibidem*, p. 4.

³⁷¹ *Idem. Ibidem*, p. 5.

he is perpetually putting forward hypothesis as fact – which may be called the very criterion of an unscientific temper; because he introduces mere fiction as an illustration of supposed fact (e. g. the nonsense about human sacrifice at Stonehenge) and the material for a magazine shocker as though it were history.”³⁷²

No mesmo ano de 1926, Wells publicou um artigo no qual procurou responder em termos gerais às acusações de Belloc, *Mr Belloc Objects to "The Outline of History"*, que se propõe uma tratativa direta ao autor dos questionamentos sobre sua historiografia. Inicialmente, Wells tentou publicar estas respostas nos mesmos periódicos cristãos utilizados anteriormente por Belloc, inclusive declinando de qualquer compensação financeira, porém suas intenções de resposta foram negadas. Ao editor do jornal *Catholic Universe*, Wells enviou uma carta reclamando sua exclusão do periódico:

My dear sir,

I am sorry to receive your letter of May 19th. May I point out to you that Mr. Belloc has been attacking my reputation as a thinker, a writer, impartial historian, and an educated person four-and-twenty fortnights in the Universe? He has misquoted; he has misstated. Will your Catholic public tolerate no reply?”³⁷³

As primeiras impressões sobre o texto/resposta de Wells estão relacionadas ao tom irônico que imprime em seus argumentos, permeados por uma suposta indiferença pelas considerações de Belloc. No entanto, a carta ao editor do *Catholic universe*, bem como outras manifestações em textos posteriores, demonstram uma preocupação considerável de Wells em relação a seus detratores intelectuais, dentre os quais Belloc certamente se destacava.

I am responsible for an *Outline of History* which has had a certain vogue. I will assume that it is known by name to the reader. It is a careful summary of man's knowledge of past time. It has recently been re-issued with considerable additions in an illustrated form, and Mr. Belloc has made a great attack upon it. He declares that I am violently antagonistic to the Catholic Church, an accusation I deny very earnestly, and he has produced a "Companion" to this Outline of mine, following up the

³⁷² *Idem. Ibidem*, p. 9.

³⁷³ WELLS, H. G. *Mr. Belloc objects to "The outline of history"*. London: watts & co., 1926, p. 3.

periodical issue, part by part, in the Universe of London, in the Catholic Bulletin of St. Paul, Minnesota, in the Southern Cross of Cape Colony, and possibly elsewhere, in which my alleged errors are exposed and confuted.

374

Com argumento inicial de sua defesa, Wells aponta alguns trechos em que faz uma defesa em relação à Igreja Católica especificamente e o cristianismo de maneira geral, tentando claramente dissociar os pressupostos evolucionistas que caracterizam seu discurso histórico de alguns episódios isolados em sua história, fatos estes também reclamados por Belloc como ressaltado anteriormente.

It is with this Companion to the Outline of History that I am to deal here. It raises a great number of very interesting questions, and there is no need to discuss the validity of the charge of Heresy that is levelled against me personally. I will merely note that I am conscious of no animus against Catholicism, and that in my Outline I accept the gospels as historical documents of primary value, defend Christianity against various aspersions of Gibbon's, and insist very strongly upon the role of the Church in preserving learning in Europe, consolidating Christendom, and extending knowledge from a small privileged class to the whole community. I do not profess to be a Christian. I am as little disposed to take sides between a Roman Catholic and a Protestant (Mr. Belloc will protest against that "Roman," but he must forgive it; I know no other way of distinguishing between his Church and Catholics not in communion with it) as I am to define the difference between a pterodactyl and a bird.

375

Wells preocupa-se também em comentar as acusações sobre suas limitações enquanto um inglês pouco familiarizado com as diferentes culturas e civilizações com as quais constrói sua história, o que Wells faz questão de confirmar. "That my culture is entirely English, that I know nothing of any language or literature or history or science but that of England", pois não vê nestas limitações um impedimento para a pesquisa histórica.

No entanto, as questões centrais consideradas por Wells dizem respeito ao argumento de Belloc sobre as supostas teorias conspiratórias contra a Igreja e seus preceitos, a partir da difusão do ideário bioevolutivo inserido em seu discurso histórico. Wells tenta demonstrar os equívocos de Belloc, como, por exemplo, sua abordagem da ideia de "seleção natural", que a isolava de todas as outras teorias possíveis, pois

³⁷⁴ *Idem. Ibidem*, p. 3

³⁷⁵ *Idem. Ibidem*, p. 4.

era baseada em um senso comum, neste momento já superado nos meios intelectuais.

Por fim, o que Wells ressalta é a incapacidade de Belloc afirmar com clareza argumentativa sua concepção sobre as origens da humanidade. Ao rejeitar as proposições baseadas em critérios científicos, um hiato intelectual se abria neste processo, pois para Wells um modelo de historiografia progressiva, como ele mesmo a denomina, não excluiria a presença da espiritualidade na vida humana. Pelo contrário, argumenta Wells, que apesar de materialista, observa no conjunto de conhecimentos produzidos pela mitologia e teologia conhecimentos necessários ao cidadão evoluído do futuro.



Imagem 8 - Gravura de Alan Odle (1921), ilustrador britânico, representando um chá oferecido por Wells aos personagens históricos excluídos de *Outline*. Ilegível, no canto esquerdo superior, "Mr. Wells gives a tea party to some of those who were not included in the Outline of history." Acervo da Chris Beetles Gallery de Londres.

5.3.2 – Duas visões sobre *Outline*: Marc Bloch e Johan Huizinga

Em 1922, Marc Bloch, na época já professor em Estrasburgo, contribuiu com o debate sobre *Outline* com um artigo intitulado “Uma nova história universal: H. G. Wells historiador”. Bloch inicia seu texto ressaltando a fertilidade da obra de Wells, bem como sua capacidade em apreender o mundo à sua volta e transformá-lo em uma literatura fascinante e instigante. Reconhece a pertinência da obra, além da capacidade do autor, enquanto autodidata, em desenvolver um sentido histórico que faria inveja a muitos historiadores de profissão. Reconhece, além disso, seu objetivo em estabelecer uma unidade ao passado. “Será a história verdadeiramente susceptível de construir a base da solidariedade? Não há dúvidas. Na obscura cabala do passado, cada qual lê a lição de egoísmo ou altruísmo que quiser ler”.³⁷⁶

No entanto, Marc Bloch identifica algumas falhas na constituição da obra. A começar pela falta de isenção, da parte de Wells, no que diz respeito aos seus sucessivos julgamentos sobre o que escreve, o que não condiz com um saber cientificamente conduzido como a história acadêmica.

Esta questão é abordada objetivamente em sua *Apologia da história*³⁷⁷, no capítulo em que trata da análise histórica. Bloch é taxativo ao afirmar que existem duas maneiras de ser imparcial: a do sábio e a do juiz. Porém ambos, em sua pretensa imparcialidade, submetem sua análise à constituição da verdade histórica, um problema metodológico que associa a Ranke e à escola metódica alemã e que merece ser superado por novos modelos que, na prática, acabaram por fundar uma nova ordem na historiografia do século XX.

Bloch deixa claro também seu descontentamento em relação à omissão de Wells para com a França, em episódios como a Revolução Francesa e o período napoleônico, ou até sobre a diminuição de importância de alguns feitos franceses na I Guerra Mundial. Para ele, um espírito como o de Wells, que aspira à universalidade constantemente, incide no grave erro de prender-se a querelas nacionais, comuns desde outrora entre ingleses e franceses.

Em *Two wrestlers with the Angel* (1921), o historiador holandês Johan Huizinga

³⁷⁶ BLOCH, Marc. “H. G. Wells como historiador”. In: *História e Historiadores*. Lisboa: Teorema, 1998, p. 266.

³⁷⁷ Edição utilizada: BLOCH, Marc. *Introducción a la historia*. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

faz uma análise crítica daquelas que seriam consideradas as possíveis filosofias da história mais populares no início dos anos 1920: *A decadência do ocidente*, de Oswald Spengler e *a História universal* de H. G. Wells. Não se trata de uma abordagem essencialmente comparativa entre os dois autores, apesar de alguns paralelos serem traçados e possíveis outros puderem ser estabelecidos, além da referida popularidade que ambos atingiram e de sua explícita proposta de uma história em perspectiva panorâmica ou universal. Huizinga propõe, na verdade, uma análise pormenorizada dos problemas deflagrados por ambos ao manifestarem o tipo de abordagem histórica que formularam.

No que se refere a Wells, Huizinga reconhece primeiramente a pertinência do seu posicionamento como não especialista, ou seja, alguém não identificado com o *métier* do historiador profissional, mas que apresenta suas fontes cuidadosamente, sejam elas historiografia popular ou a Enciclopédia Britânica, enquanto Spengler “alienates us by incessant harping on his own genius and by suspicious about his sources”.³⁷⁸ Mas seu reconhecimento cessa em poucas linhas, quando delineia a proposta de conhecimento histórico wellsiano como desgovernada (*guideless*), e um tanto ingênua, pois sugere que o passado poderia ser revelado clara e objetivamente por um esforço coordenado. “He believes that, if we only worked at it, the past must soon render up his secrets, that it is simply a collect of hard facts, and can be “truly and clearly” understood by one and all”.

Huizinga o classifica como alguém que acredita ser a história, se não uma ciência exata, um saber a caminho de um dia tornar-se uma, cujo princípio básico remontaria ao processo de criação de leis universais. “Like so many others, he is caught in the delusion that the essence of history is to grasp the past in form of laws”.³⁷⁹ Este equívoco é completado pela abordagem geológica e paleontológica de Wells, que para Huizinga constitui seu principal erro, pois este tipo de conhecimento, mesmo interessante e importante, enquanto tratado como processo histórico não pode ser apreendido pelos nossos sentidos.

³⁷⁸ HUIZINGA, Johan. “Two wrestlers with the Angel”. In: *Dutch civilization in the seventeenth century and other essays*. London: Collins, 1968, p. 190.

³⁷⁹ *Idem. Ibidem*, p.191.

Capítulo 6 – A ideia de história em H. G. Wells

You who celebrate bygones, Who have explored the outward, the surfaces of the races, the life that has exhibited itself, Who have treated of man as the creature of politics, aggregates, rulers, and priests, I, habitant of the Alleghanies, treating of him as he is in himself in his own rights, Pressing the pulse of the life that has seldom exhibited itself (the great pride of man in himself), Chanter of Personality, outlining what is yet to be, I project the history of the future.

Walt Whitman - *To a Historian*, 1921³⁸⁰

6.1 - A história é única, e para todos

A publicação de *Outline of history* foi definitivamente um marco na carreira de H. G. Wells como escritor. Suas notórias aspirações em transformar-se em um intelectual reconhecido estavam não apenas nas histórias fantásticas, recheadas de situações limite e retórica científica, mas também nas ideias nelas (sub)textualmente contidas. Seus escritos associados à ficção científica, concentrados basicamente até 1904, ano de *First men on the moon*, formaram a visão de um “horrible novum”, nas palavras de Darko Suvin, um prospecto pouco otimista do processo sociobiológico da evolução humana.³⁸¹

No entanto, em seu conjunto, estas ideias foram identificadas pelo próprio Wells como insuficientes, no sentido de serem portadoras de pouca repercussão e penetração social efetivas. *Outline of history* representa a culminação de um processo que teve início também nos primeiros anos do século XX, de ideias mais práticas, objetivas e transformadoras. A partir de sua repercussão, Wells viu-se na obrigação de seguir sua proposta intelectual-reformadora, e debater publicamente sua visão geral da história, ou melhor, de uma nova história, como mencionou na introdução de *Outline*.

³⁸⁰ WHITMAN, Walt. *Leaves of grass*. The illustrated modern library, 1921, p. 3

³⁸¹ SUVIN, Darko. “Wells as the turning point of the SF tradition.” In: HUNTINGTON, John. *Critical essays on H. G. Wells*. Boston: G.K. Hall, 1991, p. 23-33.

É neste contexto geral que, entre 1919 e 1921 Wells dirigiu-se a alunos e professores de história, mas também a acadêmicos, especialistas e representantes do pensamento histórico de sua época, em uma série de palestras e eventos que se intensificaram na medida em que *Outline* atingia a repercussão inesperada já aludida. Também foram publicados alguns artigos nos quais exprime suas ideias centrais sobre história, além de argumentar com alguns de seus críticos sobre a natureza geral do processo de construção da obra, seus erros e, sobretudo, como deveriam estas ideias fazer parte da vida práticas das pessoas. São eles, *History is one* (1919)³⁸², *The poison called history* (1921), reimpresso em 1939 e *History for everybody*, também de 1921.³⁸³

Nos três há uma certa repetição de algumas ideias, pois antes de formarem uma sequência argumentativa, são sobretudo respostas às diversas críticas que vimos no capítulo anterior, e reafirmaram o que Wells manifestou concretamente em *Outline*, ou seja, a necessidade de um história universal, no sentido de abarcar o tempo (inclusive o denominado “pre-histórico” ou arqueológico) e o espaço (as civilizações humanas, deslocadas do olhar eurocêntrico), e um ensino que tornasse o passado uma ferramenta social de conhecimento e emancipação humana.

6.2 – H. G. Wells, um “novo historiador”

Em *First and last things*, de 1908, Wells se apresentou em tom mais reflexivo, quase filosófico, especialmente se compararmos às demais obras da época. Para os que conhecem seus primeiros ensaios especulativos sobre ciência, as ideias ali contidas não trazem novas revelações significativas. Ele mesmo, posteriormente, chamou o livro de “um conjunto de seus ossos velhos, roídos novamente.”³⁸⁴ Talvez a única questão que possa ser encarada como nova é a articulação de sua fé na

³⁸² *History is one* está integralmente disponível, a partir de tradução própria, como anexo A deste trabalho. A iniciativa se deve à raridade deste texto, cujos originais publicados pelo *Saturday Evening Post* em 1919 são provavelmente a única versão para consulta e as menções a ele são bastante raras. *Wells Archive, RBML, UIUC, box 8, folder 89*.

³⁸³ “History is one”. *Saturday Evening Post*, 1919; “History for everybody”. *The Yale Review*, vol. 10, n.4, 1921, p.673-704 e “The poison called history”. In: *Travels of a republican radical in search of hot water*. Harmondsworth: Penguin Books, 1939, p. 89 – 121. Há também um quarto artigo publicado pela editora Cassel, *The new teaching of history, with a reply to some recent criticisms of the Outline of history*, também de 1921, que infelizmente não consegui encontrar, sequer nos arquivos de Wells na Universidade de Illinois.

³⁸⁴ *Experiment in autobiography*, p. 180.

possibilidade da humanidade encontrar uma oportunidade histórica de ascensão com, por assim dizer, a consideração de que nem tudo se resume as leis físicas ou naturais, enfim, a atribuição da explicação de alguns fenômenos à uma mística exterior a nós, impossível de ser desta forma apreendida. Se o universo é composto por uma grande ordem, um cosmos, portanto tudo nele importa. “I assert therefore that I am important in a scheme, that we are all important in that scheme, that the wheel smashed frog in the road and the fly drowning in the milk are important and correlated with me.” Na mesma passagem, Wells ressalta que não pode, e na verdade jamais poderia, tomar conhecimento da natureza final deste grande esquema universal: “There I become a Mystic.”³⁸⁵

Se absolutamente tudo o que existe tem um lugar e um propósito, inclusive ele mesmo enquanto indivíduo inserido neste grande jogo cósmico, a completa disjunção entre o “cosmic process” e o “ethical process” proclamadas por seu professor, Thomas Huxley, (e aparentemente aceita por Wells em seus primeiros ensaios) não pode ser definitiva, afinal. De fato, sua concepção da história humana parte de uma abordagem da violência local do período paleolítico para uma fase de cooperação mundial que se iniciava em sua época, com diversos exemplos, durante os séculos, desta tentativa de organização universal, política e social. Na análise sobre *Antecipations*, em *War and competition*, foi ressaltado o fato de Wells ter classificado a violência como uma fase necessária para o processo evolutivo, tanto para o desenvolvimento animal quanto humano. Assim, seguindo suas impressões, é possível perceber que mesmo elencando diversas passagens da história como possíveis momentos de unificação e estabelecimento de uma harmonia universal, em essência ela foi marcada por milênios de competição armada entre os povos, expurgando os fracos e ineficientes em detrimento aos mais fortes e adaptáveis.

Contudo, apesar desta “aparente” oposição, os processos cósmico e ético se configuraram, para Wells, em uma tensão possível que explicaria articuladamente os fenômenos naturais e humanos, pois todos partem de um princípio natural comum: há um universo, único e estático, que sempre existiu e existirá, no qual estão alocadas nossas noções mais gerais de tempo e espaço, e, em um mesmo plano (e ao mesmo

³⁸⁵ WELLS, H. G. *First and last things: a confession of faith and rule of life*. New York: Putnam, 1908, p. 66. Como ele mesmo acrescentou, em 1931, sobre o ponto em que a racionalidade científica esbarra em suas próprias possibilidades, “With the minds such as ours the ultimate truth of things is forever inconceivable and unknowable.” Ver *The work, wealth and happiness of mankind*. New York: Garden City, 1931, p. 82.

tempo) há o elemento da unicidade do ser, mutável, dinâmico, que se aplica, do ponto de vista histórico, às pessoas e coisas do mundo, e que pode ser direcionado pela cooperação e inteligência humanas. Estes dois estratos temporais, antes de concepções opostas, fazem parte de um mesmo processo, que poder ser traduzido em história.

Como Wells propôs em *The universe rigid*, também cada evento é único, portanto, *cada* objeto e coisa viva estão submetidos a mudanças em *todos* os momentos de sua existência – mudanças estas que presumivelmente não podem ser completamente predizíveis, nem pela mais apurada aplicação do método científico. Mas, para cada ser humano individual, todo o instante se configura também como uma oportunidade de formatar ou direcionar o curso dos eventos. Do ponto de vista da humanidade enquanto totalidade, a história seria um processo incessante de mudança e realização, para o bem ou para o mal, de acordo com a multiplicidade das mudanças e escolhas individuais. O tempo, desta forma, não poderia ser traduzido alegoricamente como um círculo, mas em um dinâmico desvelamento das múltiplas potencialidades humanas, uma dimensão necessária à compreensão do ser no tempo/espaço assim como altura, largura e profundidade. Assim, de forma alguma a história poderia se repetir em si mesma. O tempo se move em uma única direção porque cada fenômeno passível de ser submetido ao escrutínio da razão humana é único.

Sobre a questão da unicidade em Wells, Warren Wagar comentou que esta posição, direcionada à historiografia, é ilustrada pelo historicismo alemão do final do século XIX, segundo ele, uma proposta teórica que não se configurava, como algumas autoridades sugeriam, em um movimento que advogava leis imutáveis para a história, determinando as condutas humanas. Antes, formaram uma importante expressão da relatividade de todos os eventos em seu contexto temporal único. “All things”, menciona Wagar,

(...) had no fixed ‘nature’ but only a ‘history’, and could be understood only through empathetic reenactment of their concrete behavior in specific places at specific moments in time. The writing of history was accordingly a function not of the natural sciences (*Naturwissenschaften*) but of the cultural (or ‘spiritual’) sciences (*Geisteswissenschaften*), devoted to exploration of the ways of human mind and will (*der Geist*).³⁸⁶

³⁸⁶ WAGAR, Warren. *H. G. Wells traversing time*. Middletown: Wesleyan University Press, 2004, p. 44.

Certamente Wagar não considerava Wells um historicista, no sentido clássico do termo, e sequer propôs enquadrá-lo em uma corrente teórica com a qual não apresenta afinidades intelectuais manifestas. Adiante, após a comparação que se limita à questão da unicidade do fenômeno, acrescenta que “practitioners of historicism rarely entertained a belief in general human progress, or for that matter retrogression, and they might have scoffed at the positivism implicit in Wells’s *Discovery of future*.” Mas conclui afirmando que esta é uma analogia possível, na medida que “in their own fashion they too had rediscovered the uniqueness of all events and the rectilinearity of time.”³⁸⁷

Em um sentido oposto da sugestão de Warren Wagar, Cliona Murphy,³⁸⁸ em um texto para a *Wellsian*,³⁸⁹ relaciona Wells e sua história a correntes de pensamento histórico, na época ainda em formação no início do século XX. Sua opinião é a de que a *História Universal*, em sua motivação e formato, está diretamente relacionada com a guerra e ao estado de ânimo geral no qual o europeu médio se encontrava ao seu fim. Murphy lembra a expressão utilizada por Wells, “King and Country history”³⁹⁰, para definir o ensino de história em sua época, e sua entonação a perceber o início da História da Inglaterra não pelo viés das instituições de poder, mas pelo que sugeria ser mais importante, como por exemplo, o desenvolvimento da alquimia por meio do estudo dos hábitos culinários ou dos remédios e da medicina nos princípios da chamada Baixa Idade Média.³⁹¹ Além disso, lembra que Wells sugere em *Position called history* que os historiadores deixem de lado marcos artificiais em sua abordagem do passado, como estados, nações e impérios, considerados como forças primárias e, por vezes, preexistentes, para promover a análise daquilo que pode, à

³⁸⁷ *Idem. Ibidem*, p. 45.

³⁸⁸ Professora associada do departamento de história da *California State University – Bakersfield*.

³⁸⁹ O *Wellsian* é o jornal da *H.G. Wells Society* na Inglaterra, sediado no *Department of English Studies* da *Durham University*. O jornal foi responsável por aquele que provavelmente foi o maior encontro sobre H. G. Wells, em 1986, em Londres, e culminou na publicação de PARRINDER, Patrick; ROLFE, Christopher (Orgs). *H. G. Wells under revision: proceedings of the International H. G. Wells Symposium, London, July 1986*. London: Associated University, 1990. Atualmente encontra-se sem novas edições desde 2011.

³⁹⁰ *Experiment in autobiography*, p. 614.

³⁹¹ MURPHY, Cliona. “H. G. Wells: his history, the people and the historians.” *The Wellsian*, n. 19, winter 1996, p. 37.

primeira vista, ser considerado incidental, mas que ganha sentido quando percebido dentro da grande aventura biológica humana.³⁹²

Mas a questão central está na afirmação de que Wells, ao propor uma história universal e não se furtar ao debate público sobre seu modelo de história, antecipou um diálogo que poderia ser travado – ainda que indiretamente – com escolas de pensamento histórico posteriores. A primeira delas foi com os *Annales*, no final da década de 1920, e sua proposta de uma história das mentalidades, seguida da ideia de enquadrar as pessoas e fenômenos em grandes quadros, ou o que eles passaram a chamar de *longue durée*.³⁹³

A autora, naturalmente, escreve para um público não especializado em história, e sim para wellsianos, ou em última instância para o público do jornal em geral. Assim, não recuso a associação feita por Murphy, apegada principalmente à ideia de que ambos, Wells e os *Annales*, propunham grandes recortes temporais. Mesmo assim, é importante ressaltar a descrição cronológica e conceitual problemática sobre a escola histórica francesa, atribuindo o termo genérico *mentalité* às origens do movimento no final dos anos 1920, sem mencionar que apesar de não ser uma associação impossível, foi apenas nos anos 1970 que as mentalidades, como conceito histórico norteador, ganhou impulso a partir dos *Annales*. Murphy também menciona a longa duração como um conceito associado às mentalidades, como se convivessem de maneira interdependente, na mesma época. É provável que Murphy esteja se referindo ao conceito de utensilagem mental, descrito por Lucien Febvre em *Combates pela História*.

Inventariar em detalhes e depois recompor, para a época estudada, o material mental de que dispunham os homens desta época; através de um esforço de erudição, mas também de imaginação, reconstruir o universo, físico, intelectual, moral, no meio do qual se moveram as gerações que o precederam; tornar evidente, de um lado, a insuficiência das noções de fato sobre tal ou tal ponto; por outro lado, o estudo da natureza engendraria necessariamente lacunas e deformações nas representações

³⁹² *Idem. Ibidem*, p. 40.

³⁹³ MURPHY, Cliona. “H. G. Wells: his history, the People and the historians”. *The Wellsian*, n. 19, winter 1996, p. 37. “He anticipates later schools and theories of history in his theoretical and historical writings. The first of these the French *Annales* School which emerged in the late 1920s. Its proponents attempt to create a history of *mentalités* and endeavored to place people and events in the context of the big picture or what they called the *longue durée*. The *Annalistes* focused on large blocks of time and space. Wells consistently advocated that man should be placed in the context of the whole world historically and geographically.”

que certa coletividade histórica forjaria do mundo, da vida, da religião, da política.³⁹⁴

Desta forma, Febvre traz uma proposta que à época tinha como função aventar uma alternativa ao fato histórico como objeto central do trabalho do historiador, além de ressaltar a necessidade de se estabelecer uma abordagem interdisciplinar como forma de abarcar esta consciência coletiva, congregando principalmente as ciências sociais emergentes, a linguística, filosofia e psicologia em um diálogo conceitual e metodológico com a história.

Cliona Murphy sugere ainda que Wells desenvolveu uma história que trouxe à tona a questão ambiental, o feminismo e uma abordagem não eurocêntrica defendida depois pelos *ethnic historians*, ou aquilo que se convencionou chamar de *postcolonial studies*, ou seja, movimentos ligados à história cultural na segunda metade do século XX. Além disso, Wells trabalha com uma periodização histórica que quebra a lógica linear e que enquadra a história em grandes recortes cronológicos (Antiga, Medieval, Moderna, etc.),³⁹⁵ ou seja, trata-se de uma perspectiva alternativa que o liga aos historiadores modernos, mesmo que eles não o reconheçam como tal, um “outsider in this mainstream”, em suas palavras.³⁹⁶

As duas ideias, retiradas de seus contextos originais, se apresentam aqui sobrepostas como uma aparente contradição, pois representam sentidos bastante díspares sobre o conhecimento histórico atribuídos a um autor, que sequer historiador profissional foi e não alimentou em nenhum momento esta pretensão. No entanto, elas não estão equivocadas em essência, pois em seus contextos apresentam alguma pertinência para a análise que proposta sobre Wells historiador e que merece alguns desdobramentos melhor aprimorados.

Primeiramente, se é possível pensar as características de Wells como historiador em um determinado contexto intelectual de produção historiográfica, ele

³⁹⁴ FEBVRE, Lucien. *Combats pour l'histoire*. p. 218 *apud* RAMINELLI, Ronald. “Lucien Febvre no caminho das mentalidades”. *Revista de História*. São Paulo, n. 122, p. 97-115, jan/jul de 1990, p. 109.

³⁹⁵ Neste sentido, Carl Becker sugeriu o mesmo em sua resenha sobre *Outline*, de 1921, quando comentou que, ao ler o livro, é possível esquecer as velhas marcas cronológicas que tradicionalmente organizam a história. “The table of contents does not contain those familiar terms by which we save ourselves the trouble of taking thought – Ancient History, Medieval History, Modern History, Medieval Church, Medieval Empire, Protestant Reformation.”, BECKER, Carl. “Mr. Wells and the New History”. *The American Historical Review*, Vol. 26, No. 4, July 1921, p. 645.

³⁹⁶ MURPHY, Cliona. “H. G. Wells: his history, the People and the historians”, p. 38.

está relacionado a um movimento de renovação/revisão dos pressupostos do fazer histórico que se manifestaram essencialmente nos primeiros anos do século XX e que recebeu a genérica denominação de *Nova História*.

É o que sugere, por exemplo, Gertrude Himmelfarb, ao afirmar que este é um movimento que teve suas origens associadas a determinadas reações heterogêneas ao “paradigma tradicional”, e, portanto, é plausível sugerir que há uma “old new history”, observada nas primeiras décadas do século XX, e uma “new new history”, associada aos movimentos de renovação temática e metodológica na historiografia francesa, chamados de desconstrutivistas.³⁹⁷ Em *New history and the old*, sua proposta de uma “história da nova história”, Himmelfarb aponta Wells como exemplo de historiografia possível de ser relacionada aos primeiros movimentos identificados como propositivos de uma nova história.

H. G. Wells published an un-Victorian and irreverent version of the new history in the form of an Outline of History, in which a world-historical figure like Napoleon was seen strutting upon the crest of history like a ‘cockerel on a dunghill’. Determined to democratize history as well as debunk it (‘demystify’, the Marxist would say), Wells described his history as the ‘common adventure of all mankind’, of all classes and all nations. And he was pleased to report that his book was not only about the common man, it was for the common man, the common reader – in the evidence of which he cited the sale of over two million copies in the little more than a decade.³⁹⁸

A historiadora norte-americana lembra que *Outline*, embora tenha sido recebida com pouco entusiasmo geral pelos centros de pensamento histórico mais importantes, teve uma importante repercussão nos Estados Unidos e, em geral, ninguém pôde na época ignorar seu trabalho ou mesmo suas teses sobre história. A resenha de Carl Becker para a *American Historical Review*, ele mesmo identificado como um “novo historiador”, é lembrada por Himmelfarb para atestar esta repercussão. Porém, mesmo compartilhando do espírito geral de seus colegas em saudar *Outline* como uma iniciativa correspondente aos propósitos gerais da *new history*, Becker confessou que Wells seria “too new for his tastes, too insistent upon

³⁹⁷ HIMMELFARB, Gertrude. “Some reflections on the New History.” *The American Historical Review*, vol. 94, n. 3, June 1989, p. 661-662.

³⁹⁸ *Idem*. *The new history and the old*. Cambridge: The Belknap Press, 1987, p. 2. Sobre o número de vendas ressaltado pela autora, a edição de *Outline* referida, de 1971, baseada na revisão de 1932, trouxe no prefácio um comentário de Wells sobre a repercussão da obra durante toda a década de 1920, e os dados de dois milhões de cópias vendidas abrangem este período.

judging the past by the standards of the present – or rather by Wells’s vision of the future, when the “Great Society”, the “Federal World State”, would have ushered in a truly democratic and universal era.”³⁹⁹

Ao fim desta introdução aos primórdios da *new history*, Himmelfarb endossa a relação possível de Wells com os historiadores progressistas⁴⁰⁰ de sua época, quando afirma que “In 1900 he (Wells) offered a prospectus for a history of mankind that would take into account all forces of social change: biologic, demographic, geographic, economic,” e em seguida, lembra do nascimento dos *Annales* como repercussão deste processo hererogêneo anterior: “(...) the French had already started to produce that new breed. The *Annales d’histoire économique et sociale* was founded in 1929 in opposition to the political and diplomatic historians who dominated the academic establishment – the Sorbonnists, as they were contemptuously called.”⁴⁰¹

6.2.1 - *New history, nouvelle histoire*: a nova história e o “paradigma tradicional”

Um resumo semelhante sobre as origens da “nova história” é oferecido por George Iggers, pois na virada do século XIX para o XX, período que poderia representar o triunfo da “scientific school”, seus pressupostos teóricos e metodológicos foram submetidos a uma severa crítica em boa parte do mundo ocidental, incluindo a Alemanha.

Almost simultaneously Karl Lamprecht in Germany, the contributors to Henri Berr’s *Revue de synthèse historique* e Emile Durkheim’s *Année sociologique* in France, Frederick Jason Turner and such advocates of a “New History” as James Harvey Robinson and Charles Beard in the United States began to question historical sciences as it was practiced in the late nineteenth century.⁴⁰²

³⁹⁹ *Idem. Ibidem*, p. 3.

⁴⁰⁰ Termo consagrado posteriormente por Richard Hofstadter para definir o grupo inicial de historiadores norte-americanos ligados à *new history*. Na obra em questão, analisa três obras/autores que considera referenciais para a formação do campo nos Estados Unidos, entre o final do século XIX e início do XX: *The significance of the frontier in American history* (1894), de Frederick Jason Turner, *An economic interpretation of the Constitution of the United States* (1913), de Charles Beard e *Main currents in American thought* (1927), de Vernon L. Parrington.

⁴⁰¹ *Idem. Ibidem*, p. 3.

⁴⁰² IGGERS, George. *New directions in Europe historiography*. Connecticut: Wesleyan University Press, 1984, p. 27.

Esta crítica era dirigida especialmente aos pressupostos considerados elitistas, pré-industriais e não democráticos, que tomavam a abordagem hermenêutica como um dos modelos essenciais para a história.

A history which concentrated on the role of persons in politics, diplomacy, and military affairs had to be replaced by a comparative social and cultural history which studied the life of the masses and did not restrict itself to the actions of individuals but attempted to analyze anonymous social process.⁴⁰³

José Carlos Reis oferece uma definição mais precisa, ainda que em uma perspectiva essencialmente francesa, da formação da nova história e sua associação com os *Annales*.

A *nouvelle histoire* representou (...) uma ruptura com a influência da filosofia sobre os estudos históricos e a opção pelo apoio teórico das novas ciências sociais; o homem deixou de ser considerado como “sujeito”, “consciência” e “produtor da história” para se tornar “objeto”, “inconsciência”, “produto da história”, embora essa sua condição de “objeto” nunca se radicalize entre os historiadores dos *Annales*, sendo apenas uma orientação geral da pesquisa⁴⁰⁴.

E, adiante, argumenta que a escola se aproveitou de um movimento anterior, descrevendo vários “abandonos”, ou seja, aquilo que foi deixado para trás por parte dos novos historiadores.

A *nouvelle histoire* significou a aceitação, por parte dos novos historiadores, das críticas dos sociólogos durkheimianos e da *Revue de Synthèse Historique*, que exigiam a aproximação da história das ciências sociais, para que ela se renovasse, se atualizasse e se tornasse também uma ciência histórica. (...) Em linhas gerais, esse rompimento com a tradição pode ser descrito assim: abandonou o pressuposto da história produzida pelo sujeito consciente através do Estado-Nação, recusando a história política, radicalizando excessivamente o projeto de Simiand; abandonou o pressuposto do estudo do singular, do específico, do irrepetível, recusando o “evento”; abandonou o pressuposto do fim que justifica todo o passado, o presente e o futuro, recusando a forma narrativa do discurso histórico;

⁴⁰³ *Idem. Ibidem*, p. 27.

⁴⁰⁴ REIS, José Carlos. *Escola dos Annales: a inovação em história*. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 37-38.

abandonou o pressuposto do sujeito consciência cívica, de si ou de classe, recusando a ação social prescrita por essas consciências; abandonou o pressuposto da história partidária, parcial, a serviço de poderes religiosos e políticos, recusando a ideologização do discurso histórico; abandonou o pressuposto do tempo cronológico, linear, irreversível, recusando o evolucionismo progressista; abandonou o pressuposto da história conhecimento do passado, recusando a “história-museu”.⁴⁰⁵

Peter Burke aborda a questão sob um ponto de vista semelhante, desvinculando o termo “nova história” do surgimento dos *Annales* para sugerir uma origem anterior. Ao propor uma resposta à questão, “quanto nova é a nova história?”, que problematiza sua análise sobre as características centrais do que seria esta “nova história”, aponta que a expressão é comumente associada aos movimentos historiográficos observados nos anos 1970 e 1980, quando a reação ao chamado “paradigma tradicional” se tornou praticamente mundial, atingindo contextos que extrapolaram a produção histórica de tradição essencialmente europeia. Para outros, a nova história estaria associada a Lucien Febvre e Marc Bloch, pois estes transformaram tais aspirações sobre o enfoque, métodos e temas da história em uma revista (os *Annales*, em 1929), atitude que promoveu uma institucionalização destes propósitos, antes dispersos, de maneira que puderam oferecer um programa organizado sobre uma possível teoria da história que pensava também o ofício do historiador.⁴⁰⁶

Burke lembra também a presença de Karl Lamprecht como um dos precursores do movimento, apontando que ele se tornou impopular na Alemanha no início do século XX ao desafiar os paradigmas tradicionais, porém sem maior argumentação sobre o que teria motivado esta repercussão negativa.⁴⁰⁷ Por fim, afirma que o termo

⁴⁰⁵ *Idem. Ibidem*, p. 66-67.

⁴⁰⁶ BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992, p. 17.

⁴⁰⁷ George Iggers argumenta que a reação à *German history* de Karl Lamprecht (obra em 12 volumes, publicada entre 1891-1909) é de certa forma surpreendente, pois ela ainda demonstra uma relação importante com os métodos e conjecturas da tradição historiográfica científica anterior, especialmente suas noções românticas de morfologia, ciclos de desenvolvimento e *psique* relacionada ao elemento nacional. Mesmo assim, Lamprecht propôs limitações à narração na construção do discurso histórico, o que pressupunha a necessidade de alguma generalização, além de sua ênfase nos fenômenos sociais e culturais em detrimento aos fatos essencialmente políticos. IGGERS, George. *New directions in Europe historiography*, p. 28. Ver também IGGERS, George; WANG, Q. Edward. “The challenge to traditional historiography”. In: *A global history of modern historiography*. New York: Pearson, 2008, DOW, Earle Wilbur. “Features of the New History: apropos of Lamprecht’s ‘Deutsche geschichte’.” *The American Historical Review*, vol. 3, April 1898, p. 431-448 e LAMPRECHT, Karl. *What’s history: five lectures on the modern science of history*. New York: Macmillan, 1905, especialmente o primeiro ensaio,

“nova história” foi utilizado pela primeira vez, com o sentido que ilustra as aspirações historiográficas que descrevemos, por James Harvey Robinson, em seu livro-ensaio de 1911 (e não 1912, com aponta Burke), intitulado *New history: essays illustrating the modern historical outlook*.⁴⁰⁸

Porém, a melhor contribuição de Peter Burke para esta debate reside em sua proposta “em prol da simplicidade e da clareza”, em estabelecer, a partir de seis pontos, as diferenças entre o chamado paradigma tradicional e a nova história. Trata-se de uma apresentação bastante sintética (que aproveito em ainda menos palavras), e que notadamente não faz justiça à complexidade da questão, mas que interessa aqui afim de situar este debate entre o antigo e novo. 1 – “De acordo com o paradigma tradicional, a história diz respeito essencialmente à política”, o que acabou por transfigurar-se em uma ampliação temática sem precedentes, especialmente no início do século XX. Praticamente tudo, sob determinadas condições, passa a ser passível de uma abordagem histórica. 2 – “Os historiadores tradicionais pensam na história como essencialmente uma narrativa dos acontecimentos, enquanto a nova história está mais preocupada com a análise das estruturas”. 3 – “A história tradicional oferece uma visão de cima, no sentido de quem tem sempre se concentrado nos grandes feitos dos grandes homens, estadistas, reis, generais ou ocasionalmente eclesiásticos.” 4 – “Segundo o paradigma tradicional, a história deveria ser baseada em documentos”, o que significa, preferencialmente, fontes escritas cuja origem tenha determinadas garantias que possibilitariam o estabelecimento da verdade histórica. 5 – O paradigma tradicional está relacionado a uma busca dos “porquês” da história e 6 – “A história é objetiva. A tarefa do historiador é apresentar aos leitores os fatos, ou, como apontou Ranke, em uma definição citada recorrentemente, dizer *como eles realmente aconteceram*”.⁴⁰⁹

Historical development and the present character of the science of history e o quinto, *Problems of universal history*.

⁴⁰⁸ BURKE, Peter. *A escrita da história*, p. 17-18. O ensaio pioneiro de James Harvey Robinson foi publicado recentemente no primeiro volume da bela coletânea *Nova história em perspectiva*, organizada por Fernando Novais e Rogério Forastieri, como apêndice aos trechos selecionados como representantes deste amplo campo historiográfico, ou seja, apesar de Robinson ser abordado na introdução como um dos primeiros a usar o termo e procurar uma definição de métodos e propósitos para a nova história, sua contribuição é apresentada, na organização geral, como secundária. Ver NOVAIS, Fernando; SILVA, Rogério Forastieri. *Nova história em perspectiva*. Vol. 1. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

⁴⁰⁹ BURKE, Peter. *A escrita da história*, p. 10-15.

Esta definição do chamado paradigma tradicional foi apresentada de forma mais objetiva por Estevão Martins, na introdução da coletânea que organizou sobre a historiografia do século XIX, ao diferenciar a historiografia positivista da chamada “escola metódica.”

Com efeito, o que se chama de “historiografia positivista” não deixa de estar interpretado por um equívoco persistente. Muitas vezes chama-se de positivista, sem mais nem menos, uma concepção da historiografia essencialmente narrativista, episódica, (factual), descritiva, fruto de uma erudição bem à moda do século XIX. Na realidade, este tipo de historiografia é o exemplo mais típico da “História tradicional”, mas não tem que necessariamente ser confundido com a historiografia “positivista”. A historiografia positivista é a dos “fatos” estabelecidos mediante os documentos, indutivista, narrativa, por certo, mas também sujeita a um “método”. (...) A escola que se costuma chamar de “positivista” pode ser também denominada – com mais propriedade – de “escola metódica”, já que sua principal preocupação era a de dispor de um método. Essa escola, que fundamentava o progresso da historiografia no trabalho metódico das fontes, sempre foi avessa a qualquer “teoria” ou “filosofia”.⁴¹⁰

6.2.2 - Notas sobre o pensamento histórico no início do século XX

O historiador britânico Geoffrey Barraclough sugere que quatro grandes mudanças influenciaram diretamente o pensamento histórico nas primeiras décadas do século XX. A primeira é a de que nada acontece mais em uma parte do mundo sem que isso acabe, de alguma maneira, impactando outras partes, ainda que indiretamente. A segunda está relacionada ao irresistível avanço da ciência e da tecnologia, impondo a todos novos padrões sociais e intelectuais. O terceiro ponto é o declínio da importância da Europa, não mais uma potência imperial supracontinental, e a ascensão dos Estados Unidos e, posteriormente, União Soviética como grandes influências geopolíticas mundiais. Por fim, a desintegração

⁴¹⁰ MARTINS, Estevão de Rezende. *História pensada: teoria e método na historiografia europeia do século XIX*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 12. Uma proposta de diferenciação entre as escolas de pensamento histórico do século XIX, constantes objetos de homogeneização, foi oferecida por José Carlos Reis, no capítulo A escola metódica, dita “positivista” em *A história entre a filosofia e a ciência* São Paulo: Ática, 1996, p. 11-25.

do modelo liberal e suas instituições, pelo menos nos moldes observados no século XIX.⁴¹¹

Para Barraclough, a compreensão destes fenômenos enumerados por Burke e sua influência na historiografia não podem ser apreendidos sem ter em vista quais os paradigmas anteriores em suas características essenciais. “The new trends in historical writing and research can only be properly appreciated when they are seen in the wider context of the development of historical theory and practice since the end of the nineteenth century.”⁴¹²

A relação entre escolas de pensamento histórico, especialmente quando representadas por gerações diferentes, tende a ser um processo comparativo cuja característica central se assenta na negação dos pressupostos essenciais do movimento anterior e a defesa do postulado da novidade e/ou inovação, mesmo que permanências e continuidades possam ser notadas. É o que afirmam Fernando Novais e Rogério Forastieri em sua introdução sobre a coletânea de textos dedicados à Nova História, quando notam que

(...) nesse embate às vezes áspero, cada “escola” se afirmar em detrimento da anterior, chegando mesmo, quase sempre, a deformar, simplificar, reduzir o conteúdo daquela que pretende ultrapassar. Nesse sentido, pode-se dizer que toda escola historiográfica se apresenta como “nova”, ou mesmo que foi nova em seu momento.⁴¹³

Desta forma, ao lançar-se ao fazer historiográfico, Wells tinha como um de seus objetivos refutar um determinado modelo, caracterizado pelo apego ao fato histórico e ao indivíduo representativo, ao modelo nacional, apegado a tradições e instituições seculares e ligados ao poder. Vejamos como o problema se apresentou para ele, ou seja, a que modelo de história especificamente (ensino e historiografia) Wells se referiu ao propor sua refutação.

A questão pode, inicialmente, ser pensada a partir da análise de John R. Hale sobre as importantes mudanças identificadas na historiografia inglesa no último quarto do século XIX. Usando como exemplo a produção de James Anthony Froude, particularmente *The divorce of Catherine of Aragon*, de 1891, Hale argumenta que a

⁴¹¹ BARRACLOUGH, Geoffrey. *Main trends in history*. New York: Holmes & Meier, 1979, p. 2.

⁴¹² *Idem. Ibidem*, p. 5.

⁴¹³ NOVAIS, Fernando; SILVA, Rogério Forastieri. *Nova história em perspectiva*, p. 12.

historiografia inglesa foi marcada, no século XIX, por uma característica essencialmente narrativa, com forte influência da literatura e filosofia, e praticamente dissociada da academia, cujos expoentes, além de Froude, são Thomas B. Macaulay, T. Henry Buckle, Thomas Carlyle e Henry Hallam. Segundo sua avaliação, o livro de Froude é uma das últimas grandes tentativas de uma história notadamente parcial e que se propõe a uma determinada finalidade, e cita as palavras do autor para corroborar esta proposição. “I believe the Reformation to have been the greatest incident in English history; the root and source of the expansive force which has spread the Anglo-Saxon race over the globe, and imprinted the English genius and character on the constitution of mankind”, ou seja, a definição precisa da Reforma como marco da expansão inglesa pelo mundo. Froude, admitiu, por fim, ao sugerir a força do impacto social da história, que “something of ourselves must always be intermixed before knowledge can reach us.”⁴¹⁴ Isto posto, a partir de Froude, a historiografia inglesa estaria, a partir de então, tornando-se mais precisa e científica,

(...) turning from the literary to the academic. (...) The study of history was becoming more exact, more preoccupied with sources, less philosophical. (...) The third quarter of the nineteenth century saw the foundations of modern research laid, and a series of massive blocks of scholarship raised to them. (...) The study of history became increasingly identified with the universities as its scholarly standards became more exacting. (...) It is tempting to see history itself becoming divided into Two Cultures in this period: on the one side, the professional academics, austere and unreadable; on the other, the popular but unreliable amateur.⁴¹⁵

Geoffrey Barraclough sugere ainda duas características centrais que ilustram este processo de cientificização da história na transição destes séculos, o que pode ser estendido para a historiografia inglesa: primeiramente, o surgimento de manuais de instrução dedicados a estabelecer os princípios da pesquisa crítica em história, uma forma, inclusive, de mantê-los perenes através das gerações, demarcando a emancipação da história e sua emergência como disciplina autônoma.⁴¹⁶ A segunda

⁴¹⁴ HALE, J. R. *The evolution of British historiography: from Bacon to Namier*. London: Macmillan, 1967, p. 54.

⁴¹⁵ *Idem. Ibidem*, p. 56.

⁴¹⁶ BARRACLOUGH, Geoffrey. *Main trends in history*, p. 6. O autor cita como exemplos mais representativos deste processo os manuais de Langlois e Seignobos, *Introduction aux études historiques*, de 1898 e o de Ernest Bernheim, *Lehrbuch der historischen Methode*, de 1889.

característica seria a tentativa de recolher os frutos desta história erigida sob preceitos científicos e estabelecer as fundações de um conhecimento consolidado para as futuras gerações. Um produto característico desta fase seria a *Cambridge Modern History*, planejada por Lord Acton e publicada após sua morte em 1902. Segundo Barraclough, ela foi significativa neste sentido, pois foi concebida como um processo cooperativo internacional, congregando o idealismo e o positivismo, trazendo para a esfera dos resultados práticos o pensamento histórico alemão e o de boa parte da Europa Ocidental. “*The Cambridge Modern History was intended to set the seal on the progress achieved in the nineteenth century and at the same time, in Acton’s own words, to chart and compass for the coming century*”.⁴¹⁷

A despeito de sua historiografia voltada essencialmente à nação inglesa, o neto de Thomas Macaulay, George Macaulay Trevelyan, com sua retórica histórica literária e popular, provavelmente representou, para Wells, não exatamente em termos de conteúdo histórico, mas provavelmente em forma e expressão, como deveria ser uma obra histórica. Sua formação no tradicional *Trinity College* de Cambridge e as aulas com mestres como John Seeley, um dos grandes entusiastas da história institucional do poder em fins do XIX, certamente provocaram em Trevelyan sua recusa em aceitar o modelo de história científica em voga na época. Em um ensaio de 1913, *Clio, a muse*, dirigiu-se a um dos principais expoentes da historiografia científica inglesa, J. B. Bury, para, na verdade, traçar um panorama geral da questão nos seguintes termos:

Two generations back, history was a part of our national literature, written by persons moving at large in the world of letters and politics. (...) Of recent years, the popular influence of history has greatly diminished. The thought and feeling of the rising generation is but little affected by historians. (...) The root questions can be put in these terms: Ought history to be merely the Accumulation of facts about the past? Or, one step further, ought it to be nor merely the Accumulation and Interpretation of facts, but also the Exposition of these facts and opinions *in their full emotional and intellectual value* to a wide public by the difficult art of literature? (...) Therefore, in the most important part of its business, history is not a scientific deduction, but an imaginative guess at the most likely generalizations.”⁴¹⁸

⁴¹⁷ *Idem. Ibidem*, p. 6. O trecho citado de Lord Acton está em *The Cambridge Modern History: its origins authorship and production*, 1907, p.22.

⁴¹⁸ TREVELYAN, George Macaulay. “Clio, a muse”. In: STERN, Fritz. *The varieties of history: from Voltaire to the present*. New York: Random House, 1973, p. 227-245. (Grifo do autor) O provocante ensaio de J. B. Bury sobre a definição de história científica, *The science of history*, é também reproduzido por Fritz Stern (p.209-226), e nele Bury não deixa dúvidas sobre sua posição ao declarar

Certamente, as influências historiográficas de Wells, pelo menos enquanto inspiração, estiveram muito mais em Thomas Carlyle, a quem reverenciou como referência retórica inigualável, ou em Thomas Buckle e sua visão positivista clássica da formação da civilização na Inglaterra. E entre os quais detratou como representantes retrógrados da tradição em história estariam, apesar de não diretamente nominados, os historiadores científicos de sua época. Esta pode parecer uma contradição, pois Wells enquanto entusiasta do conhecimento produzido a partir da ciência, poderia-se supor, concordaria com a validade e pertinência de uma história mais precisa e baseada em métodos e técnicas de investigação mais acurados, porém o resultado deste processo de cientificização da história produziu uma aproximação maior com as instituições de poder, uma especialização e fragmentação cada vez maior do passado humano e uma historiografia não acessível a um grande público carente de orientação de sentido temporal.

6.3 - A *new history* norte-americana

O professor Albert Menthiez, da Universidade de Paris, ao resenhar *The Jacobins, an essay in New History* (1930), de Crane Brinton, usou as seguintes palavras iniciais: “New History, which comes to us from the United States of course, declares with pride that to attain its aims it followers must be at once economics, sociologists, philosophers and journalists, altogether omniscient; in short – Americans”.⁴¹⁹ Menthiez se tornou conhecido por sua interpretação marxista da Revolução Francesa, e pela ênfase ao conflito de classes oriundo do Antigo Regime. Foi, portanto, um historiador que apesar de não estar vinculado aos *Annales* (pelo contrário, era um *Sorbonne*, como definiu Himmelfarb), tinha uma abordagem da história dependente de conceitos e métodos da economia e estudos sociais. Mesmo assim, sugere que este diálogo interdisciplinar, no qual o historiador precisa ser todos

que “history is a science, no less and no more.” Ver também BURY, J. D. *The idea of progress: an inquiry into its origins and growth*. London: Macmillan, 1920.

⁴¹⁹ BRINTON, Crane. “The ‘new history’ and ‘past everything’”. *The American Scholar*, vol. 8, n. 2, 1939, p. 144.

de uma só vez, não estava relacionado aos pressupostos historiográficos franceses que compartilhava. Era, enfim, coisa de americanos.

Pode-se inferir que um campo em formação, genericamente chamado *new history*, essencialmente caracterizado por uma reação não orquestrada em relação a um (in)determinado paradigma tradicional, e que não apresentava um receituário conceitual e programático mais aprofundado, não tenha atraído a atenção de Menthiez, que sequer o relacionou com fenômenos intelectuais semelhantes que estavam em curso na França de sua época. Ou, ainda, é possível sugerir que além da ausência deste “programa” mais objetivo, estabelecido por parte dos novos historiadores, a relação de outras áreas de conhecimento com a história talvez não parecesse tamanha novidade, ao menos não suficiente para tal denominação (*new*).

Em um artigo de 1947 sobre a repercussão, de mais de uma década, da publicação de *Study of history* (1926), de Arnold Toynbee, José Honório Rodrigues comentou que a presença, especialmente nos Estados Unidos, de Toynbee, ao lado de Pareto e Spencer, nos manuais e currículos universitários de história é um fato que não deveria causar estranheza, apesar de ser uma opção pouco lógica e lúcida. A observação de Rodrigues não estava apenas questionando a importância dada a autores que propunham uma visão mais filosófica da história, mas também reivindicava um maior reconhecimento por parte da academia norte-americana da historiografia alemã.

Num livro tão bem arrumado, mas tantas vezes ingênuo, como no de Allan Nevis (*The gateway of history*), no capítulo “As ideias na história”, considera-se Spengler, Toynbee, Pareto e Sokorin representantes da mais nova filosofia da história e da sociedade. Nem uma palavra sobre Dilthey, Rickert, Troeltsch.⁴²⁰

No mesmo trecho, há uma crítica em relação à generalização que os historiadores (norte) americanos haviam realizado, nas últimas décadas, em um aparente esforço em relacionar à *new history* exemplos da produção historiográfica do início do século XX, entre eles Toynbee e seu *Estudo de História*.

Na *História do escrito histórico*, de H. Barnes (*A history of historical writing*), livro que é um borrador de nomes, cheio de faltas, pretensões e erros (Southey no século XVI e antes de Hakluy; Saint-Simon

⁴²⁰ RODRIGUES, José Honório. *História e historiografia*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 70.

confundido com H. S. Simon) o livro de Toynbee é considerado como o mais ambicioso projeto de síntese histórica jamais tentado por um simples autor. Toynbee é para Barnes um dos mais genuínos representantes do que ele e seus companheiros americanos chamam “the new history”, que de nova nada tem.⁴²¹

Além da já mencionada formação da *new history* como campo historiográfico, chama atenção também a afirmação de José Honório Rodrigues sobre o conceito, em sua forma norte-americana, não trazer em si nenhuma novidade. Sua formação, referenciais e preferências como historiador demonstram sua ligação com a escola histórica alemã, mesmo tendo parte de sua formação e pesquisas ligados aos Estados Unidos.⁴²² Sua crítica também encontra pertinência no fato de, já na década de 1940, a *new history* ter perdido boa parte de sua repercussão inicial, e sua influência não ser mais percebida de forma significativa na historiografia norte-americana. Na época ocorriam os primeiros debates sobre História Intelectual, a partir de trabalhos como os de Paul Lovejoy, como, por exemplo, *The great chain of being: a study of the history of an idea*, 1933 e, um pouco depois, os princípios da seriação de dados que deu origem aos chamados “cliometristas”, inaugurando uma abordagem adequada ao quadro geopolítico no qual os EUA estavam inseridos após a Segunda Guerra Mundial.⁴²³

Mesmo assim, os novos historiadores americanos compuseram este importante movimento de renovação historiográfica nas primeiras décadas do século XX, movimento este no qual Wells enxergou a tradução do que aspirava como ideia de história, algo que na Inglaterra não encontrava a ressonância, na época, em um movimento organizado que se pudesse perceber como grupo, muito menos uma espécie de escola de pensamento independente.⁴²⁴ É provável que a *new history*

⁴²¹ *Idem. Ibidem*, p. 72.

⁴²² É o que pode ser observado na introdução de *Teoria da História do Brasil*, quando discorre com propriedade sobre os métodos e características dos principais historicistas alemães do final do século XIX, como base de sua proposta teórica para a historiografia brasileira. Ver RODRIGUES, José Honório. *Teoria da história do Brasil: introdução metodológica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

⁴²³ VASCONCELOS, José Antonio. *Quem tem medo da teoria? A ameaça do pós-modernismo na historiografia americana*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2005, p. 31-32.

⁴²⁴ Wells cita James Harvey Robinson e o especialista em estudos orientais da Universidade de Chicago, James Harvey Breasted, na introdução de *Outline* (Macmillan, 1920, p. 7) como responsáveis pelo livro de história mais importante sobre o qual havia tido conhecimento recente, um exemplo próximo do que gostaria de propor em *Outline*. A referência de Wells menciona uma obra em dois volumes, portanto suponho que seja *Outlines of european history*, de 1914. Outra menção aos dois é feita no parágrafo final de *History is one*, ensaio de 1919 no qual Wells defende seus pontos de vista sobre história.

norte-americana não tenha formado exatamente uma “escola”, como referido, mas o grupo em torno de Frederick Turner, Charles Beard, James Harvey Robinson Carl Becker, entre outros, inegavelmente formulou um programa objetivo de revisão historiográfica influente em sua época, além de produzir uma relevante historiografia a partir destes pressupostos, sejam eles realmente inovadores ou não. Mesmo indiretamente, *Outline* pode ser considerada (e de fato foi, por alguns novos historiadores), como uma produção integrante deste movimento, seja em método ou na organização dos conteúdos, seja em sua pretensão de impacto social sobre o presente.

É possível perceber algumas manifestações diretas desta relação de influência na introdução que Wells escreveu para *A formação da mentalidade* (*The mind in making*, 1921), de Robinson, na qual descreve o encontro que teve com ele durante a Conferência do Desarmamento de Washington (1921), chamada oficialmente de *Washington Naval Conference* ou *International Conference On Naval Limitation*, um encontro destinado a debater e impor limites à corrida armamentista naval e estabelecer as diretrizes para o uso internacional dos oceanos. Na oportunidade, Wells e Robinson, que já haviam se conhecido pessoalmente, anos antes, na Inglaterra, puderam estreitar laços e discutir ideias comuns sobre a função da história diante dos problemas políticos e sociais a serem enfrentados. Após o encontro, Wells descreveu a influência intelectual de Robinson como fundamental ao desenvolvimento das ideias históricas com as quais estava às voltas no final da década de 1920 e que, desta forma, acabara entrando para um seleto grupo de referências centrais para seu pensamento.

Tenho que o professor Robinson vai ser pra mim tão importante quanto foi Huxley na minha adolescência, e William James nos anos maduros. Robinson tomou muito do que estava em estado informe em minha consciência e modelou-o; e o espírito da escola que ele organizou deu asas a muitos dos meus sonhos. Depois da leitura de seu livro senti a mesma impressão libertadora que em outros setores obtive de Huxley e William James.⁴²⁵

Este mencionado “programa” da *new history* americana foi sinteticamente apresentado por Gerson Moura, em seu estudo introdutório sobre a historiografia

⁴²⁵ WELLS, H. G. “Introdução”. In: ROBINSON, James Harvey. *A formação da mentalidade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945, p. v.

americana, a partir das seguintes considerações gerais: primeiro, uma de suas motivações centrais estaria em produzir uma resposta ao processo de cientificização da história, que a tornou por demais especializada e pouco inteligível ao grande público. Sua produção deveria ser pautada por determinados preceitos científicos, mas a apresentação deveria ser literária. A segunda questão estava na necessidade de produzir uma história que fosse além da singularidade do fato, para um olhar sobre os fenômenos do passado sob uma perspectiva mais cultural e social. Esta abordagem implicaria a necessidade de um alargamento das fronteiras conceituais e metodológicas, abarcando a contribuição de outras ciências humanas e sociais, uma maneira de lidar com problemas contemporâneos e acentuar sua função social, um contraste com as formas consideradas pedantes de erudição histórica, voltadas exclusivamente ao passado e nele circunscritas. Para Moura,

(...) um elemento crucial para se entender a “nova história” estava na sua identificação com o espírito reformista que teve grande importância no final do século XIX e início do XX, como resposta à grande transformação urbano-industrial, de magnitude e velocidade sem precedentes na experiência norte-americana. (...) Os historiadores progressistas, queriam não apenas explicar a transformação, mas também participar dela.⁴²⁶

O modo como os novos historiadores percebiam a interdisciplinaridade foi apresentada por Harry Elmer Barnes, aluno de Robinson em Columbia e um dos defensores mais incisivos da *new history* como uma escola de pensamento histórico. Em seu *The new history and social studies* (1925), Barnes faz uma apresentação inicial dos pressupostos orientadores da nova história, dividida em propósitos, escopo e interpretação da história. Em seguida, há uma extensa exposição sobre como cada ciência nova (*new sciences*, grupo assim chamado de ciências surgidas ou consolidadas desde a segunda metade do século XIX) pode oferecer métodos, técnicas e conceitos para a história. Cada uma delas se configura em um capítulo,

⁴²⁶ MOURA, Gerson. *História de uma história: rumos da historiografia norte-americana no século XX*. São Paulo: Edusp, 1995, p. 20-23. O estudo de Gerson Moura sobre a historiografia americana foi produzido com a intenção anterior de compor uma análise sobre atuação dos brasilianistas nas universidades dos Estados Unidos, “A leitura brasilianista da história do Brasil”, obra interrompida pelo seu falecimento em 1992.

iniciando pela geografia e pela influência de Frederick Turner e o conceito de “fronteira”, na historiografia americana do final do século XIX.⁴²⁷

Sua análise segue com a apresentação da importância da psicologia, antropologia, economia, ciência política, além de um capítulo final no qual se remete a uma “social intelligence”, traduzida, em linhas gerais, por sociologia. A função destas áreas de conhecimento seria oferecer para a história um alargamento de suas fronteiras de atuação, delimitadas por uma exagerada condução científica que não permitiria uma relação mais dinâmica com os fenômenos passados, além de proporcionar um conjunto de ferramentas de análise social usuais para os novos tempos.

As ideias centrais da *new history* podem ser encontradas de uma maneira mais direta no manifesto de 1911 redigido por James Harvey Robinson, no qual expôs, ainda que brevemente, o que parecia ser um conjunto de anseios amplamente compartilhados sobre a produção da história no início do século XX. Logo no primeiro parágrafo, há uma declaração sobre quais seriam as fontes a serem privilegiadas, dando conta de um alargamento da noção de fonte histórica, semelhante ao encampado posteriormente pelos *Annales*, além de uma definição sobre qual deveria ser o objeto da história.

Em seu significado mais amplo, a história inclui todos os traços e vestígios de tudo o que o homem fez ou pensou desde o seu aparecimento na face da Terra. Ela pode aspirar ao destino das nações ou descrever os hábitos e emoções do mais obscuro indivíduo. Suas fontes de informação vão desde as rústicas machadinhas de pedra de Chelles até o jornal da manhã. Ela é a ciência vaga e abrangente dos assuntos humanos do passado. É de história que se trata quando deciframos uma hipoteca numa placa assíria, calculamos o valor do colar de diamantes ou descrevemos o excesso de massa podre que Carlos V devorava ao ponto de passar mal. As trágicas reflexões da nora de Eli, quando soube da derrota de seu povo em Ebenezer, são história; história são também as cláusulas da Magna Carta, as origens da doutrina da transubstanciação, a queda de Santiago, a diferença entre um monge beneditino e um frade carmelita, as tiragens do New York World até 1º de fevereiro deste ano; cada fato tem seu interesse e importância; tudo foi cuidadosamente registrado.⁴²⁸

⁴²⁷ BARNES, Harry Elmer. *The new history and social sciences*. New York: The century Co., 1925. Barnes se refere especialmente ao livro de Turner, *The significance of the frontier in American History*, de 1894.

⁴²⁸ ROBINSON, James Harvey. “A nova história”. In: NOVAIS, Fernando; SILVA, Rogério Forastieri. *Nova história em perspectiva*. Vol. 1. São Paulo: Cosac Naify, 2011, p. 519.

Robinson sugere que esta revisão temática/metodológica se fazia necessária face ao que definiu como as “peculiaridades da historiografia popular” de sua época, que define em três grandes pontos:

- 1– a inclusão descuidada de meros nomes, que dificilmente podem ter algum significado para o leitor e, em vez de estimular a reflexão e o interesse, apenas sobrecarregam o espírito.
- 2 – Uma propensão mais ou menos insopitável a enfileirar fatos políticos, com a exclusão de assuntos geralmente muito mais importantes;
- 3 – O velho hábito de narrar episódios extraordinários, não porque ilustrem a tendência geral dos assuntos humanos ou as condições predominantes de uma determinada época, mas, simplesmente, porque são conspícuos nos anais do passado. Isso resulta numa ridícula falta de perspectiva que atribui mais importância a um jornalista demente como Marat do que a um autor influente como Erasmo.⁴²⁹

A concepção de uma história viva, socialmente relevante e que produza um sentido de orientação para as pessoas é o propósito central defendido por Robinson. Por isso, o fazer histórico deveria partir de um princípio semelhante ao que rege nossa relação pessoal com o passado, uma correlação íntima entre nossas experiências no tempo e a forma como a contamos, organizando, encadeando e dando sentido sobre o que queremos lembrar como significativo para nossas vidas. A história deveria preencher certas necessidades do presente, e não “se assemelhar àquelas memórias muito ruins que insistem em lembrar fatos que não guardam nenhuma relação visível com as nossas necessidades, e é por essa razão que o valor prático da história ficou obscurecido por tanto tempo”.⁴³⁰

6.4 – A identificação da historiografia sócio-evolucionista e a constituição da *world history*

⁴²⁹ *Idem. Ibidem*, p. 528-529.

⁴³⁰ *Idem. Ibidem*, p. 531.

O termo “social evolutionary history” foi cunhado pela historiadora britânica Doris S. Goldstein para designar “um novo gênero de escrita histórica” que emergiu no final do século XIX, na Inglaterra, a partir de influência decisiva da biologia e do sócioevolucionismo para, em um segundo momento – e com novos contornos, espalhar-se especialmente pelos Estados Unidos a partir da segunda metade do século XX.

A premissa básica do movimento seria o fato de que a história e a biologia deveriam ser pensadas como um *continuum*, antes de duas esferas epistemológicas separadas: seriam áreas que se influenciariam mutuamente, a biologia oferecendo um sentido essencial para a história que, por seu turno, proporcionaria uma visão mais ampla do passado humano, para além do contexto bíblico. Esta ideia ganhou força em fins do XIX, a partir da fundamentação histórica dos estudos sobre os fenômenos da vida em geral, seja na geologia, na paleontologia e antropologia biológica, mas sobretudo nas teorias darwinistas que utilizaram uma ampliação sem precedentes na escala temporal humana como um dos fundamentos centrais de sua argumentação. Segundo Goldstein, os precursores deste novo gênero seriam os historiadores William Edward Lecky e James Harvey Robinson, além de H. G. Wells, produtores de uma historiografia popular, transnacional, e que se propunha uma alternativa ao modelo rankeano.⁴³¹

Seu argumento sugere que um determinado “gênero de escrita histórica”, como definiu, surgiu desta relação de interseção entre um conjunto de conhecimentos oriundos das ciências naturais e o processo de revisão pelo qual passou a produção do conhecimento histórico no início do século XX, formando uma espécie de identidade possível de ser associada a um grupo de historiadores que, em diferentes épocas, retomam sob novos moldes esta relação.

Primeiramente, Goldstein propõe que, nas primeiras décadas do século XX, houve um descrédito sobre a validade das premissas evolutivas aplicadas à história, uma posição que refutava sobretudo o eurocentrismo, associado imediatamente a uma possível aplicação social do darwinismo. Autores como antropólogo Franz Boas e Frederick Teggart, um “novo historiador” da costa oeste, propunham uma

⁴³¹ GOLDSTEIN, Doris S. “The making of social evolutionary history”. *Storia della Storiografia*. Fabrizio Serra Editore, Roma, n. 61 1/2012, p. 41-42. As obras de William E. Lecky citadas como exemplo de historiografia sócioevolucionista são *A History of the rise and influence of rationalism in Europe* (1865) e *History of European morals from Augustus to Charlemagne* (1869).

relativização do escalonamento evolutivo das culturas humanas, argumentando que elas não pressupõem diferentes fases rumo a um estado de civilização, cujo europeu ocidental seria o modelo. Boas, por exemplo, defendeu que o método comparativo seria insuficiente para a Antropologia, que deveria se pautar pelas particularidades históricas de cada grupo humano estudado.⁴³²

As ciências naturais teriam sido revividas no final dos anos 1940 como uma alternativa às explicações eminentemente culturais sobre o comportamento humano, ao menos nos Estados Unidos. Já nos anos 1980-90, Goldstein lembra que a clonagem e o mapeamento genético foram fatores fundamentais para despertar o interesse para que uma nova abordagem da biologia por parte das ciências humanas e sociais fosse realizada com maior intensidade. Neste sentido cita Carl Degler e seu *In search of human nature*, de 1991, como um exemplo deste diálogo interdisciplinar em novas bases. Lembra ainda do editorial de 1999 da prestigiada *History and Theory*, conclamando os historiadores a pensar a pertinência (ou permanência) do evolucionismo na sua prática.⁴³³ Em suas palavras,

The discoveries of the nineteenth century biology, geology and paleontology led to awareness of the age of the Earth and the antiquity of the human species, yet appeared to accommodate a teleological understanding of Darwinian selectionism. Cheerful evolutionism in nature went in hand with belief in directionality in history. These attitudes found expression in the social evolutionism of the *Rationalism* and the *Morals* (Lecky), and to some extent in the historical writing of H. G. Wells and J. H. Robinson. The modern synthesis of Darwinian variational selectionism and genetics undermined teleological explanations and made possible the empirical and theoretical achievements of evolutionary biology since the middle of the twentieth century.⁴³⁴

⁴³² Ver BOAS, Franz. "The limitations of the comparative method of anthropology." *Science: New Series*, vol. 4, n. 103, December 1896, p. 901-908, reimpresso em *Race, language, and culture*: New York: Macmillan, 1940 e TEGGART, Frederick. *The process of history*: New Haven: Yale University Press, 1918, especialmente primeiro capítulo, *The nature and scope of the inquiry*, p. 2-40.

⁴³³ DEGLER, Carl. *In search of human nature: the decline and revival of Darwinism in American social thought*. Oxford: Oxford University Press, 1991 e SHAW, David G. "The return of science: evolutionary ideas and history". *History and Theory* 38, n. 4, December 1999.

⁴³⁴ GOLDSTEIN, Doris S. "The making of social evolutionary history", p. 56. Apesar desta passagem conclusiva de seu artigo fazer uma associação imediata entre Wells e o darwinismo, é necessário dizer que a autora faz uma análise pertinente da questão ao propor, em determinado trecho, que o evolucionismo de Lecky, baseado nas suposições naturalistas de seleção e adaptação, não é o mesmo de Wells, um cético em relação à beneficência da natureza. 'Luta' e 'sobrevivência' são parte de uma natureza que, em nós humanos, estaria sujeita a intervenção mediante um *ethical process*, pontua Goldstein, ao lembrar da influência de Huxley em seu pensamento. *Idem. Ibidem*, p. 46.

Semelhante associação pode ser encontrada em um estudo sobre como os historiadores periodizam a história, de William Green. Nos trechos finais, o autor faz uma exposição sobre as continuidades que conectam o discurso sócio-evolucionista do século XIX com uma determinada historiografia que emerge na segunda metade do século XX. Sua tese é a que uma estrutura conceitual dos membros da chamada “world history” corresponde ao que propunham os progressistas e teóricos da evolução do século XIX. Entre as analogias possíveis, Green afirma que ambos abraçaram a história humana desde suas origens, além disso

Both have assumed that there are common and universal qualities to human nature and that human nature generates social and cultural development. Both have considered change to be gradual and constant; both have identified the direction of change as evolving from homogenous to heterogenous, from simple to complex; both have believed that, on balance, change has occasioned betterment in the quality of the human life (nineteenth-century scholars were boldly confident of this; contemporary world historians make this case more subtly, sometimes even apologetically). Both have asked the same kinds of questions: how do people become civilized?⁴³⁵

Esta corrente (no sentido de cadeia, concatenação) estaria completa ao seguirmos a premissa de que, em linhas gerais, os mesmos pressupostos historiográficos apresentados por Wells e Robinson estariam presentes na produção histórica atual representada pelos “world historians”, proponentes de uma influente historiografia denominada genericamente *world history* ou ainda *global history*, e que tem como principais representantes nomes como William McNeill e David Christian.⁴³⁶

Talvez a primeira *world history* moderna seja *The rise of the West* (1963), de McNeill, cujo subtítulo, *A history of the human community*, indica suas pretensões em

⁴³⁵ GREEN, W. A. “Periodizing world history”. In: POMPER, P; ELPHICK, R; VANN, R. *World history: ideologies, structures and identities*. Massachusetts: Blackwell Publishers, 1998, p. 57-58.

⁴³⁶ Além dos autores citados, O *Journal of World History*, editado até recentemente por Jerry Bentley a partir de 1990, se transformou na referência acadêmica deste movimento que, apesar de suas origens norte-americanas, passou a congrega pesquisadores do mundo todo a pensar, do ponto de vista da história e sob uma perspectiva global, temas como migrações e populações, flutuações econômicas, desenvolvimento tecnológico, doenças, pragas e problemas ambientais, religiões, ideias transnacionais, etc. Ver <<http://www.uhpress.hawaii.edu/t-journal-of-world-history.aspx>>, acessado em 15/04/2015. George Iggers aponta a *world history* como um dos grandes desafios atuais para a historiografia, pois além dela abordar temas em grande escala e trazer novas perspectivas, aponta para a necessidade de um diálogo entre historiadores de diferentes localidades do planeta, o que implica em um contraste metodológico que anteriormente não era uma preocupação. Ver “A ocupação com a História universal e com a História global” em “Desafios do século XXI à historiografia”. *História da historiografia* n. 4, março de 2010, p. 111-116. Ver também MANNING, Patrick. *Navigating world history: historians create a global past*. Palgrave Mcmillan, 2003.

apresentar um desenvolvimento temático da história humana, abandonando a periodização tradicional para incluir uma origem pré-histórica associada aos povos ocidentais. Em artigos para a *History and Theory*, McNeill explicitou sua visão sobre a necessidade de pensar o passado sob uma perspectiva integrada e evolutiva como condição para a prática da *world history*, como por exemplo, ao se contemplar alguns padrões humanos que só podem ser observados sob esta escala analítica, como o que chamou de “seletiva pressão pela complexidade.”⁴³⁷

Em *Maps of time: an introduction to the Big History* (2005), David Christian aproveitou o desafio conceitual de McNeill e acabou por alargar ainda mais seu escopo, propondo uma história natural desde o universo inanimado, do surgimento das estrelas e galáxias, até a era moderna e sua apresentação de um mundo unificado pela globalização. Sua análise parte da rejeição da premissa de uma divisão epistemológica entre as ciências naturais e humanas e se apresenta como crítica da redução que se fez da biologia aplicada aos fenômenos sociais. Ao invés, sugere uma abordagem não reducionista que enfatiza o desenvolvimento da mentalidade humana como um grande mecanismo em adaptação, em contrapartida à tese da simples herança genética das aptidões. Como sugeriu em um artigo posterior, “I define universal history as the attempt to understand the past at all possible scales, up to those of cosmology, and to do so in ways that do justice to the contingency and specificity of the past and to the large patterns that help make sense of the details, definição que se encaixa perfeitamente ao modelo wellsiano de história universal.”⁴³⁸

Segundo Fred Spier, o termo *big history*, cunhado por Christian, define uma versão mais radical do que seria o objeto da história sugerido pela *world history*: uma abordagem da história que insere a história humana em um contexto cósmico, dos princípios do universo aos dias de hoje, ou do *Big Bang* ao *Big Mac*, expressão que

⁴³⁷ McNEILL, William. “History and the scientific worldview”. *History and Theory* 37, Feb. 1998, p. 1-13 e “Passing strange: the convergence of evolutionary science with scientific history”. *History and Theory* 40, Feb. 2005, p. 1-15. Ver também *Plagues and peoples*. New York: Garden City, 1976. Após a contribuição inicial de McNeill para a configuração da *world history*, outros modelos surgiram aproveitando as premissas iniciais de uma visão panorâmica e integradora da história. São exemplos a história ambiental de Alfred Crosby, *Imperialismo ecológico*, que aborda fenômenos ambientais observados na Europa em cerca de mil anos, desde a Baixa Idade Média ao início do século XX. Outro exemplo de *world history* possível está na proposta de John Willis Jr, que toma o ano referencial de 1688 para traçar uma história universal dos acontecimentos constritos especificamente a este ano, uma abordagem cujo sentido universal é mais espacial. Ver CROSBY, Alfred. *Imperialismo ecológico: a expansão biológica da Europa: 900-1900*. São Paulo: Cia das Letras, 1993 e WILLIS Jr, John E. *1688: o início da era moderna*. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

⁴³⁸ CHRISTIAN, David. “The return of universal history”. *History and Theory*, n. 49, vol. 4, December 2010, p. 6–27.

passou a ser utilizada para definir este amplo contexto a partir do livro de Eric Schulman.⁴³⁹ É uma quebra radical em relação aos modelos acadêmicos sustentados, pois o escopo da história confunde-se com o próprio surgimento da vida em si. Como consequência, há uma nova proposta que permite uma melhor compreensão do passado e uma efetiva orientação no tempo e no espaço que nenhuma historiografia acadêmica permitiria fazer. Por fim, representa uma nova estrutura teórica para a ciência, pois o conhecimento científico passa a ser integrado. Para Spier, o gênero historiográfico que compartilha, cujos expoentes são William McNeill, Jerry Benthall e David Christian, foi iniciado por H. G. Wells, o primeiro a efetivamente escrever uma *big history* com estas características.⁴⁴⁰

⁴³⁹ SCHULMAN, Eric. *A briefer history of time: from the Big Bang to the Big Mac*. New York: W. H. Freeman, 1999.

⁴⁴⁰ SPIER, Fred. *Big history and the future of humanity*. London: Wiley-Blackwell, 2010, p. 26.

Considerações finais

Em meados de 1907 o socialista fabiano Sidney Olivier se aproximou de Wells, provavelmente pela amizade de ambos com George Bernard Shaw e Graham Wallas, para demonstrar seu entusiasmo pelo que havia lido em *Modern utopia*, especialmente pela ideia dos “samurai” como um modelo de elite social. “I recognize your trumpeting Angel of the Samurai as my desire for the League of Sane Men.” Olivier percebeu em Wells alguém que sintetizou um conjunto de ideias das quais compartilhava, e passou a difundir o que chamou de “claim of Samuraiship.”⁴⁴¹ Juntamente com outros fabianos, propôs organizar, ainda em 1907, um evento público para promover a ideia de uma revolução gradual a partir do direcionamento de um grupo intelectual dirigente. O periódico *New Age*, em seu primeiro número, publicou a chamada para a “First public conference on Mr. H. G. Wells’s Samurai”,⁴⁴² que de fato ocorreu em outubro, congregando especialmente fabianos e membros do *Labour Party*.⁴⁴³

No mesma época Wells, que se encontrava na Suíça, enviou uma lista com seis ideias principais para que fossem lidas ao público da “conferência Samurai”, uma espécie de resumo do seu pensamento até a primeira década do século XX, e que contempla parte das questões discutidas nesta tese. O documento, o qual Wells batizou de *Personal Credo*, não fez parte dos anais do evento, e foi tornado público apenas na biografia de David Smith, a partir do original encontrado nos arquivos de Illinois.

- 1 – I believe that I possess a mind of limited capacity and a essential if sometimes only slight inaccuracy and that I am thereby debarred from any final knowledge, any knowledge of permanent and ultimate things;
- 2 – I see the Universe as a state of flux, all Being as I conceive it is becoming;
- 3 – In order to steady and determine my life, which otherwise remains aimless and unsatisfactory, I declare that is ultimately incomprehensible Universe about me is systematic and not chaotic and that I and my will

⁴⁴¹ GREENSLADE, William. *Degeneration, culture and the novel, 1880-1940*. New York: Cambridge University Press, 1994, p. 195.

⁴⁴² “First public conference on Mr. H. G. Wells’s Samurari.” *New Age*, n. 1, May 2, 1907, p. 11.

⁴⁴³ Sidney Olivier e Ramsey MacDonald representaram uma ala fabiana contrária à Guerra *Boer* na África do Sul. Na prática, uma postura antagônica a qualquer tipo de desenvolvimento militar, enquanto Shaw, os Webb e Wells defenderam que a guerra poderia promover a civilização, e que o Estado britânico deveria ser reformado, mas não enfraquecido, como seria em caso de desistência em participar de um conflito contra forças coloniais notoriamente mais fracas militarmente. Ver PEASE, Edward P. *The history of the Fabian Society*. New York: E. P. Dutton, 1916, p.55.

and the determinations I make, and likewise all other things are important in that scheme. I cannot prove this. I make this declaration as an Act of Faith;

4 – I do not call the systematic quality of the Universe God, but I do not dispute it being called God. And I am often disposed to talk of it as God's Will or God's Purpose. I believe that this "God's Purpose, as many people would call it, works in and through me, and the more earnestly I think and seek out what is right in my mind and heart, the nearer am I at one with it, the better everything is. But I am unable to say or prove that should be so;

5 – I am disposed to believe that I do believe that my Ego is as it were derived from my species and detached from it to the end that I may gather experience and add to the increasing thought and acquisitions of the species. I believe that the species moves forward unconsciously to a consciousness of itself and to a collective being, and that love is a emotional realization of this collective being (however partial) and that right action is what forwards it. I am Socialist because to me Socialism is a practical material aspect of this awakening through will of the conscious collective being of humanity;

6 – My ideal of living is to live as fully as possible, to know and express as much as possible, to leave permanent results of my individual self behind me when my life ends. For my master gift and passion is for imaginative construction and especially in relation to the making for humanity of an ideal world-state. To that I seek to subordinate all my other gifts, powers and passions. But what other people should plan and seek themselves I cannot say.⁴⁴⁴

Esta manifestação objetiva de suas ideias permite perceber uma síntese sobre, primeiramente, sua concepção a respeito da limitada capacidade humana em conceber verdades absolutas, o que pode ser aplicado especialmente à formação do conhecimento científico. Também há uma alusão à ideia de um universo único e em constante evolução, e igualmente sobre esta concepção não estar distante do que propõe em geral o discurso religioso, quando sugere aproximar e unificar as pessoas em torno de um bem ou ideal comum, uma visão aproximada sobre o que propõe Karl Löwith a respeito do caráter teológico e, por vezes, providencialista de algumas filosofias da história.⁴⁴⁵ Há também uma menção à sua ideia de socialismo como materialização de um grande desejo coletivo de unificação e, por fim, a demonstração de como, no início do século XX, tudo isso passou a estar subordinado a um ideal maior, a utopografia de um Estado-universal como modelo de organização e desenvolvimento projetados ao futuro.

⁴⁴⁴ SMITH, David. *H. G. Wells desperately mortal*, p. 216.

⁴⁴⁵ LÖWITH, Karl. *O sentido da história*. Lisboa: Edições 70, s/d, p. 15-16.

Tais ideias foram exploradas, sobretudo, na primeira parte da tese, com a denominação genérica de filosofia da história, a partir de um olhar de historiador sobre a obra de um escritor de ideias grandiosas no tempo e no espaço, que trabalha com grandes dimensões, em perspectiva cósmica, mas também com as menores manifestações da vida microscópica, igualmente importantes em sua unicidade. Enfim, um grande discurso sobre o universo, representado por um determinado conjunto de ideias percebidas, em seu contexto, a respeito de mecanismos de controle evolutivo, e que acabam instituindo um sentido para a história humana ao demonstrarem as possibilidades de unificação e organização social, “uma interpretação sistemática da história universal de acordo com um princípio segundo o qual os acontecimentos e sucessões históricos se unificam e se dirigem para um sentido final.”⁴⁴⁶

As teses centrais de sua filosofia da história foram simbolicamente apresentadas em *Apropos of Dolores*, romance de 1938 organizado em torno de um longo diálogo entre um biólogo evolutivo, denominado apenas como Foxfield, e o personagem central, o editor londrino Stephen Wilbeck, seu provável *alter-ego*. A essência do diálogo está nas reminiscências de Wilbeck sobre seu infeliz casamento com Dolores, recém falecida após ingerir uma quantidade substancial de remédios tranquilizantes. A partir de seus traços comportamentais, Dolores é apresentada como representante de um tipo humano indolente e incapaz, o que permite ao personagem realizar uma série de reflexões sobre suas teses acerca da evolução humana.

Wilbeck denomina parte da humanidade como pertencente a uma espécie chamada *Homo Dolores*, um grupo de “inadaptable types, stuck fast to law and tradition, tenacious, and implacably self-righteous”. A outra espécie consiste em um conjunto de pessoas associadas ao próprio Wilbeck, os *Homo Wilbeckius*, que são, em contrapartida, “open-minded and futuristic”, seres humanos de traços flexíveis e adaptáveis, ávidos por experimentar novas possibilidades sociais. Segundo Wilbeck, ao deliberadamente se associar ao segundo grupo, “we fly the flag of Science and social anticipation, above the flag of History.”⁴⁴⁷

Este diálogo aparenta conter traços de uma conversa interna entre um Wells pessimista e outro otimista, que por fim tem no otimismo de Willbeck um lado

⁴⁴⁶ *Idem. Ibidem*, p. 15.

⁴⁴⁷ WELLS, H. G. *Apropos of Dolores*. North Yorkshire: House of Stratus, 2002, p. 174-175.

vencedor. Porém, mais especificamente, esta divisão da humanidade entre duas grandes espécies, o que contraria o princípio biológico que classifica o gênero *Homo* como único, é umas das teses centrais de *Outline of history*, na qual Wells identifica em diferentes contextos históricos um conflito entre as “communities of obedience” e as “communities of will”, ou ainda a breve distinção feita em *The discovery of future* entre o que chamou de “legal minds”, uma mentalidade ligada às tradições, mitos e leis do passado, e as “creative minds” enquanto representantes dos grupos humanos melhor adaptáveis aos desafios históricos e mais aptos a traçar projetos futuros.⁴⁴⁸

Em determinado trecho, Wilbeck faz uma crítica a determinados modelos historiográficos que não representam suas aspirações evolucionistas, mas que proliferam em sua época promovendo distorções e equívocos interpretativos. Neste sentido, segue seu raciocínio nomeando os modelos que pretende censurar:

Yet we endure these Spenglers and Toynbees and Paretos and their like and even partly read them. We endure them. We *have* to endure them. At the worst they are experimentalists in statement. (...) Their fungoid abundance of assertion renders any clear conception of the recent human past impossible. We live with our minds overgrown by an entirely unpruned jungle of historical misrepresentation.⁴⁴⁹

O modelo de história sugerido por Wells, e reivindicado pelo seu personagem, Stephen Wilbeck, pode ser entendido, em linhas gerais, como um representante do mesmo grupo dos autores que criticou na passagem acima, especialmente se pensarmos nos padrões de ascensão e desenvolvimento identificados em *Outline of history* acerca dos impérios e civilizações em sua dinâmica e simultaneidade. Warren Wagar sugere esta aproximação, mesmo reconhecendo sua pouca profundidade quando analisadas mais detalhadamente: “At least once, in several provocative passages in *Outline of history*, he sketched a whole philosophy of history that has much the same sweep and scope as Spengler’s or Toynbee’s, thought inevitably it lacks the depth.”⁴⁵⁰

Esta possível relação é admitida por Arnold Toynbee, não exatamente a partir de um método ou escopo comum a Wells, mas em linhas gerais a respeito da pertinência de uma abordagem panorâmica do passado humano como fundamental

⁴⁴⁸ *Idem. The discovery of the future*. London: Jhonatan Cape, 1913, p. 5-15.

⁴⁴⁹ *Idem. Apropos of Dolores*, p. 170. (Grifo do autor)

⁴⁵⁰ WAGAR, Warren. *H. G. Wells and the world state*, p. 50.

para uma melhor compreensão do presente. Neste caso, um presente no qual o antigo modelo imperial vitoriano entrara em decadência e a historiografia novecentista perdera sua capacidade explicativa, como aponta Toynbee ao traçar um quadro geral da história inglesa do século XIX.

Na privilegiada situação de emancipado da história, como supunha estar o inglês vitoriano que contemplava com curiosidade, condescendência e, até, com certa dose de piedade – mas sem maior percepção – o espetáculo de cidadãos menos afortunados, de outras épocas e lugares, debatendo-se e soçobrando na torrente da história, exatamente do mesmo modo como, num quadro italiano da Idade Média, as almas bem aventuradas se debruçam sobre as balaustradas do Paraíso para contemplar, complacentemente, os tormentos dos condenados aos inferno.⁴⁵¹

Neste mesmo sentido, nas páginas iniciais do primeiro volume de *A Study of history*, Toynbee questiona ainda a “inequívoca hostilidade” que *Outline of history* recebeu de alguns especialistas.

They criticized severely the errors which they discovered at the points where the writer, in his long journey through Time and Space, happened to traverse their tiny allotments. They seemed not to realize that, in reliving the entire life of Mankind as a single imaginative experience, Mr. Wells was achieving something which they themselves would hardly have dared to attempt – something, perhaps, of which they had never conceived the possibility.⁴⁵²

Entretanto, esta concepção histórica centrada na contemplação e alternância de civilizações e culturas humanas, que aparentemente os aproxima, necessita de um olhar mais apurado, o que permite não apenas alguma diferenciação entre os autores, mas também uma melhor definição dos elementos que compõem esta filosofia da história associada a Wells. É possível, por exemplo, sugerir que o modelo proposto por Toynbee por meio da relação entre “challenge”, como um desafio imposto a uma determinada civilização, e “response” como uma resposta adaptativa para este desafio, de alguma maneira ressoa, em linhas gerais, a tese de Wells de que cada comunidade humana manifestou a existência de uma “creative elite”, uma pequena classe dirigente capaz de propor soluções adaptativas mediante as oportunidades

⁴⁵¹ TOYNBEE, Arnold J. *Estudos de história contemporânea. A civilização posta à prova: o mundo e o ocidente*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967, p. 18.

⁴⁵² *Idem*. *A study of history: vol. I-VI*. Oxford: Oxford University Press, 1974, p.5-6.

naturais e sociais. No terceiro volume de *A study of history*, Toynbee menciona o que chamou de “creative minority”, em um sentido assaz semelhante ao sugerido por Wells.⁴⁵³

Sobre a relação intelectual com Oswald Spengler, cuja obra central, *A decadência do ocidente*, é praticamente contemporânea de *Outline of history*, é possível sugerir que a concepção de nomadismo proposta por Wells, associada à uma classe superior em habilidade social e capacidade adaptativa, tem relação com o que Spengler chamou de “alma fáustica”: um espírito livre esforçando-se por atingir ideais maiores, propondo um futuro possível como expectativa plausível.

Todavia, Wells certamente não concordaria com a proposta spengleriana de observar nas manifestações artísticas o valor fundamental e intrínseco de cada cultura. Pelo contrário, tais manifestações são resultados, antes de tudo, de um processo social que as permite e dá forma. Wells deixa isso claro em uma passagem de *Outline* em que afirma que “Artistic productions, unlike philosophical thought and scientific discovery, are the ornaments and expressions rather than the creative substance of history.”⁴⁵⁴ Assim, por exemplo, o entusiasmo de Spengler pela cultura gótica, em especial pela arquitetura, como a síntese do egotismo ocidental, não tem ressonância no pensamento histórico de Wells.

Além do mais, a tese de Spengler sobre a cíclica ascensão e declínio das culturas humanas, a qual promove uma analogia entre civilizações e indivíduos em termos de vida e de morte, é substituída em *Outline* por uma visão geral evolutiva que integra todos os fenômenos, naturais e humanos. Por fim, seu pessimismo implícito contrasta de forma evidente com a visão de Wells sobre as possibilidades humanas para um futuro estrategicamente delineado, cujos exemplos foram elencados em sua história. Desta forma, é importante ressaltar que Wells não era um fatalista. Pelo contrário, matinha em tempos de guerra uma convicção claramente formulada sobre a capacidade humana em tomar as rédeas de seu processo evolutivo, uma posição que se não otimista, esta longe da tragédia anunciada encontrada principalmente em Spengler. Wells sugere um modelo de desenvolvimento histórico mais dinâmico do que o simples fluxo da seleção natural poderia sugerir, a partir do processo de aptidão e adaptação, ou seja, uma espécie de possível aceleração do tempo com vistas a

⁴⁵³ *Idem. Ibidem*, p, 239.

⁴⁵⁴ WELLS, H. G. *Outline of history*, p. 406.

atingir uma determinada expectativa a partir da adaptação das experiências do passado.

Isto posto, percebe-se a manifestação de três teses que agrupam as ideias gerais apresentadas. A primeira aponta que a história humana tem exemplos de tentativas de unificação em diferentes formas de governança. Algumas delas, em cada época e respeitando suas limitações, foram concebidas como mundiais, a partir da influência religiosa, das conquistas imperiais ou mesmo de trocas culturais a partir de grandes diáporas ou da manifestação do espírito nômade. Destes momentos de unificação algumas lições podem ser apreendidas, pois nem todos foram em essência positivos – como a autoritária Roma da Antiguidade e o imperialismo moderno representado por Napoleão Bonaparte, mas, enfim, não deixam de ser exemplares do que um desejo orquestrado de unificação poderia produzir. Em sua autobiografia, Wells resumiu suas aspirações sobre um Estado universal como uma espécie de utopia cinética tornar-se possível por meio da inspiração em exemplos históricos

That main history is the development, the steady progressive growth of a modern vision of the world, and the way in which the planned reconstruction of human relationship in the form of a world-state became at last the frame and the test of my activities. It is as much the frame and test as the spread of Islam was the frame and test of an early believing Moslem and the kingdom of God and salvation, of a sincere Christian⁴⁵⁵.

A segunda tese, seguindo princípios evolutivos, defende que existem grupos humanos mais aptos que outros a tornarem-se protagonistas do processo de desenvolvimento histórico, candidados a serem os *samurai* de cada época, uma classe dirigente apta a promover mudanças sociais planejadas e enfrentar os inerentes desafios naturais.

Por fim, a sugestão de Wells para a compreensão do processo histórico passa pela relação entre as probabilidades identificadas no acaso, em cada momento histórico, e a geração de possibilidades ambíguas para futuros alternativos. A geração randômica de alternativas e possibilidades não deveria, neste sentido, ser entendida como fator de limitação da ação humana. Pelo contrário, pois a simples possibilidade de algo vir a acontecer não deveria estabelecer a causa direta das ações. Uma possibilidade, em um determinado tempo presente pleno de alternativas, pode ser

⁴⁵⁵ WELLS, H. G. *Experiment in autobiography*, p. 425.

humanamente adotada em detrimento de outras, e pode transformar um futuro ambíguo em uma experiência possível. Wells sugere, portanto, uma separação entre *chance* (um elemento livre e indeterminado) de *choice* (uma decisão determinada e causada por valores, sentimentos e desejos presentes no momento de decisão). Enfim, a possibilidade de um fato não é a causa direta de uma ação, um postulado que pode ser associado a William James e sua teoria sobre a relação entre determinação e casualidade, presente em *Principles of Psychology*.

Karl Löwith propõe que a filosofia da história é constitutiva de sentido na medida em que transcende os fatos históricos em sua “empiricidade”, o que significa afirmar que a filosofia da história articula aquilo que foi apresentado pela história enquanto procedimento metódico. Sua forma de articulação consiste em buscar os elementos subjacentes às pluralidades das culturas e encontrar a unidade na multiplicidade. Dessa forma, existe uma relação hierárquica entre “essência” e “aparência”, na qual a superfície caótica dos fenômenos históricos é explicada pela unidade de aspectos comuns que seguem etapas em direção a patamares superiores.⁴⁵⁶ No exemplo específico das filosofias da história de Wells, a universalidade é o princípio que busca dar sentido aos fenômenos históricos e superar a contingência por meio de uma perspectiva temporal múltipla, definida, por Reinhart Koselleck como um conjunto intercambiante de estratos.

Em virtude disso, a categoria que fornece a unidade é a de “evolução”, em contrapartida ao “progresso” como conceito primordial das filosofias da história clássicas. O resultado da ideia de evolução, aliada à noção de tempos múltiplos e simultâneos, se manifesta em uma narrativa em que a ciência – considerada o saber primordial por excelência – se destaca como personagem principal em sua luta triunfante contra todos os tipos de irracionalismos, tais como tradições, superstições, religiões e misticismos.

O professor J. Sawyn Schapiro do *City College* de Nova York, também associado à *new history* norte-americana, manifestou suas posições sobre a proposta historiográfica de Wells em uma revisão crítica de *Outline of history* no final de 1920.

⁴⁵⁶ LÖWITH, Karl. *O sentido da história*, p. 25-26.

A principal característica ressaltada foi a da qualidade única da obra em produzir entre o leitor e a história um laço de intimidade. A capacidade literária de Wells se sobressairia ao tomar o leitor como confidente para discutir francamente com ele o sentido dos grandes eventos do passado. Para Schapiro, esta capacidade se manifesta sobretudo no trechos iniciais, destinados às origens do mundo.

In reading the *Outline* one seldom gets the idea that waht is narred occurred far away and longa go.Mr. Wells has no sense of time, for he discusses events in the remote past as if they were still happening. All ages are contemporary to Mr. Wells.⁴⁵⁷

Mesmo que este elogio à sua capacidade narrativa contenha uma certa crítica implícita à homogeneização das temporalidades históricas descritas, crítica esta que Schapiro estendeu ao uso indireto de fontes, manuais e referenciais na construção de *Outline*, enfim reconheceu que a tarefa em si talvez demandasse uma abordagem que ultrapassaria certos limites impostos pelo cânone acadêmico de sua época. Assim, Schapiro enumerou quais seriam os importantes predicados para os que se aventurassem a produzir história com os mesmos propósitos: “So gigantic task as Mr. Wells set before himself would require the industry of a Ranke, the versatility of a Leonardo da Vinci, the learning of a Mommsen, and a style of a Macaulay; in short, universal genius of the highest order.”⁴⁵⁸

Apesar da ênfase dada por Schapiro às qualidades literárias de Wells como historiador, ele compartilha da impressão recorrente entre os representantes da *new history* de que *Outline* não se apresentava, tanto aos historiadores bem como ao público interessado, como um simples manual, a começar pela influência que exerceu: uma influência que um livro qualquer com estas características dificilmente poderia produzir. Neste sentido, um manual serviria basicamente como instrumento de consulta, e seu conteúdo ou natureza essencial não seriam, normalmente, objeto de repercussão pública e, como viu-se, inclusive acadêmica.

Em segundo lugar, a repercussão de *Outline* não está apenas em seu tom polemista, mesmo porque esta não era a intenção, já que se propunha a ser um

⁴⁵⁷ SCHAPIRO, J. Salwyn. “H. G. Wells’s Outline of history”. In: HEYDRICK, Benjamin (org.) Types of the essay. New York: Charles Scribner’s Sons, 1921, p. 214

⁴⁵⁸ *Idem. Ibidem*, p 217.

apanhado de conhecimento histórico disponível. Apesar dos questionamentos públicos provavelmente terem sido um combustível para incrementar o número de vendas, sua repercussão está na necessidade de orientação temporal, motivada por uma carência de sentido histórico relacionada com as incertezas motivadas pelas guerras mundiais. Como forma de produzir uma obra que causasse este efeito de sentido, Wells propôs dirimir ao máximo os erros, sem prejuízo às suas opiniões, ou seja, se as dicordâncias abundassem, propôs que fossem dirigidas para as suas ideias, ou mesmo para alguma imperícia ao lidar com os fatos históricos e agrupá-los em escala universal, mas não sobre erros claramente notáveis e pelo autor apontados.

Mesmo reconhecendo intelectualmente Wells como um espírito livre, pouco afeito a filiações institucionais ou enquadramentos ideológicos muito rígidos, um dos argumentos centrais desta tese o associa ao movimento historiográfico emergente no início do século XX, denominado genericamente “nova história”. Particularmente, Wells apresenta uma filiação mais efetiva com a nova história em sua conformação norte americana, relação esta concebida a partir de um conjunto comum de ideias e pressupostos que sugerem a produção de uma historiografia convergente, e propositiva de novos métodos e abordagens para a história.

Por fim, é possível sintetizar esta relação em cinco pontos específicos, que permitem não apenas estabelecer de que forma Wells se aproximou deste contexto historiográfico, mas que também pressupõem suas feições gerais como historiador. Em primeiro lugar, a opção por uma visão universal da história, que pode ser entendida não apenas como uma simples ampliação dos tradicionais recortes temáticos ou espaço-temporais manifestados pela historiografia científica novecentista, mas uma abordagem que dimensiona tempo e espaço de uma maneira a acompanhar o próprio estado da arte do conhecimento sobre estas fronteiras, integrando a humanidade em uma grande comunidade historicamente concebida.

Particularmente em Wells, há um tempo da natureza, de caráter cósmico, dos fenômenos vivos, animais e vegetais, o qual tem uma duração evolutiva, direcionada, determinada e irreversível. Neste tempo de longuíssima duração e de movimentos naturais regulares, praticamente estático em essência, são inseridos uma série de movimentos duráveis, singulares e finitos, que se traduzem em temporalidades que se sobrepõem sem se justaporem. Há, na verdade, uma relação simbiótica entre estas diferentes temporalidades que coexistem simultaneamente, na medida em que o tempo cósmico, ou melhor, a consciência sobre ele, permite que o tempo humano,

psicológico e coletivo, possa surgir e adquirir sentido. Neste sentido, sob o signo maior da uniformidade, homogeneidade e determinação, percebe-se a mudança, a adaptação e a descontinuidade.

Outro ponto é a aceitação da evolução como princípio histórico elementar, conforme sugerido por Doris Goldstein como traço fundamental e unificador da literatura histórica que denominou *social evolutionary history*. Este é um pressuposto aceito com determinadas restrições pelos novos historiadores, os quais reformularam o conceito e o tornaram operacional a partir da mesma consideração proposta por Wells: a revisão de alguns pressupostos darwinistas aplicados homogeneicamente aos fenômenos naturais em geral e sua adaptação às determinadas especificidades humanas e sociais. Gerson de Moura delineou com propriedade o percurso da trajetória intelectual, particularmente nos Estados Unidos, dos chamados “evolucionistas conservadores”, representados por Herbert Osgood e Charles Andrews, bem como a influência do evolucionismo clássico em sua obra, de cunho mais liberal e inspiração spenceriana, para a formação da *new history* e sua concepção evolutiva adaptada aos novos modelos de análise social.⁴⁵⁹

Há também o ponto convergente da revisão temática, que acompanha o movimento geral da *nova história* ao propor uma diversificação dos temas passíveis de análise histórica, antes marcados por uma predileção pelas abordagens ligadas ao poder, ao Estado e às instituições oficiais. As ideias e sua historicidade ganham espaço, e o conceito de *mentalidade*, importante desde a primeira geração dos *Annales*, ganha um sentido particular, basicamente evolutivo, e passa a ser associado ao desenvolvimento técnico, às invenções e à própria ciência como protagonista do progresso humano.

Tanto Wells como os novos historiadores manifestaram uma predileção metodológica pautada pela compreensão interdisciplinar da história, especialmente a partir da contribuição das ciências, as quais permitiram o alargamento do escopo espaço-temporal humano durante a segunda metade do século XIX, como a biologia evolutiva, a arqueologia, a antropologia física, e também as ciências sociais como responsáveis por oferecer um instrumental técnico e conceitual que daria conta da complexidade e diversificação humanas, um desafio que a historiografia denominada

⁴⁵⁹ MOURA, Gerson. *História de uma história: rumos da historiografia norte-americana no século XX*. São Paulo: Edusp, 1995, p. 18-20.

“tradicional” não poderia enfrentar a partir de seus pressupostos teórico-metodológicos já, em alguma medida, consolidados.

É possível identificar também a circunscrição a uma determinada racionalidade científica que Charles Beard chamou de “relativista”, a partir do reconhecimento da impossibilidade em se produzir uma historiografia plenamente objetiva e produtora de um discurso verdadeiro sobre o passado. Como visto, esta é uma posição que se coaduna com a filosofia da ciência sugerida por Wells, a qual propõe existirem certos limites à objetividade, inclusive na produção do conhecimento histórico, baseados nas próprias limitações humanas.

Após todas as considerações apresentadas, gostaria de transpor este diálogo com Wells historiador, intermediado pelas fontes em todo este percurso, para a voltar a seara da imaginação científica, na qual encontrou sua primeira vocação, para um questionamento de cunho puramente especulativo: se fosse possível interpelar diretamente Wells como viajante do tempo⁴⁶⁰, efetivo argonauta de cronos, que, ao experimentar sua invenção, parasse a alavanca da máquina com o mostrador anunciando o ano de 2015, porventura interessado no que pensam dele cerca de 70 anos após sua morte? Entre tantas questões possíveis, eu certamente perguntaria: “– qual sua ideia da história?” É difícil imaginar uma única resposta, mas me agrada pensar que ela teria a feição das considerações gerais expostas nesta tese, talvez com possíveis ressalvas para com as associações feitas à escolas de pensamento, correntes e autores, para os quais, a cada menção, perceberia um pincelar sutil da ponta do bigode, acompanhado de um franzir de testa reprovador. Pode ser que suas primeiras palavras, para minha decepção, fossem: “– meu jovem do futuro, eu não sou historiador!”

⁴⁶⁰ Possibilidade sugerida na série televisiva *The infinite worlds of H.G. Wells*, exibida em três episódios pelo canal *Hallmark* em 2001, na qual o próprio Wells teria inventado uma máquina de viajar no tempo, ainda enquanto estudante, e mantido sua descoberta em segredo. Investigado pelo governo sobre suas atividades científicas, Wells é cooptado a ajudar na elucidação de crimes e mistérios. Já em *Um século em 43 minutos (Timer after Time)*, filme de 1979, o personagem de Wells persegue Jack, o estripador através do século XX, parando em San Francisco, Califórnia, no início da década de 1980. O escritor espanhol Felix J. Palma especulou sobre perspectiva semelhante nos dois primeiros livros de sua *Trilogia Vitoriana* (2008), *The map of time* e *The map of sky*, nos quais Wells é um detetive que ajuda a polícia vitoriana a solucionar crimes voltando no tempo para tentar impedi-los.

Fontes e referências bibliográficas

1 - Obras de H. G. Wells consultadas

1.1 - Sobre história

História universal. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

Outline of History. Being a plain history of life and mankind. New York: The Macmillan Company, 1921.

Outline of History. Being a plain history of life and mankind. London: Waverley, 1920.

Outline of History. New York: Sterling, 2004.

Short history of the world. New York: Macmillan, 1922.

Pequena história do mundo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939.

Breve história do mundo. Porto Alegre: LP&M, 2011.

"The poison called history". In: *Travels of a republican radical in search of hot water*. Harmondsworth: Penguin Books, 1939, p. 89 – 121.

Mr. Belloc objects to "The outline of history". London: Watts & Co., 1926.

"History for everybody". *Bulletin of the American Association of University Professors*, vol. 7, n. 6, Oct., 1921, p. 39-40.

"History for everybody". *The Yale Review*, vol.10, n.4, 1921, p.673-704.

"History is one". *Saturday Evening Post*, 1919.

1.2 - Ficção

A máquina do tempo. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

The time machine: an invention. New York: Henry Holt, 1895.

"A tale of the twentieth century: for advances tinkers". In: PHILMUS, Robert; HUGHES, David. *H. G. Wells: early writings in science and science fiction*. Berkley: University of California Press, 1975, 181 – 186.

A guerra dos mundos. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.

The new machiavelli. London: Penguin, 1960.

Tono-Bungay. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

A ilha do doutor Moreau. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

The island of doctor Moreau. New York: Dover Publications, 1996.

The chronic argonauts. In: PHILMUS, Robert; HUGHES, David. *H. G. Wells: early writings in science and science fiction*. Berkley: University of California Press, 1975, p. 187 – 214.

A modern utopia. London: Penguin Classics, 2005.

The last war (World set free). Nebraska University, 2001.

The war in the air. Nebraska University, 2002.

The open conspiracy. Westport: Praeger Publishers, 2002.

História do futuro. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

Doze historias e um sonho. Rio de Janeiro: H. Ganier, 1929.

Mr. Britling sees it trough. New York: Macmillan, 1916.

Joan and Peter: the story of an education. New York: MacMillan, 1921.

Undying fire: a contemporary novel. London: Cassel and Co., 1919.

Apropos of Dolores. North Yorkshire: House of Stratus, 2002.

1.3 - Não ficção

O trabalho, a riqueza e a felicidade humana. Coleção “Obras de H. G. Wells”: a construção do mundo, vol. 7. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

The way the world is going, 1927.

This misery of boots. Boston: The Ball Publishing, 1908.

“Enquête sur l'influence allemande”. *Mercur de France*, nº 1, 1903.

“Ce qu’on pense d’Allemagne”. *Le Courrier Européen*, 10 de outubro de 1905.

What is coming? A forecast of things after the war. London: Cassell, 1916.

“The perversion of Germany: a study in educational organization”. *Daily Chronicle*, março de 1915.

War and common sense, London, 1913.

“The peace of the world”. *New York Times*, 21 de fevereiro de 1915.

The elements of reconstruction: a series of articles contributed in july and august 1916 to The Times. London: Nisbet, 1917.

“Memorandum of War Aims.” (1918). Reimpresso em *Experiment in autobiography: discovery and conclusions of a very ordinary brain*. New York: Macmillan, 1934, p. 600-01.

The Idea of a League of Nations. Boston: The Atlantic Monthly Press, 1919.

War and the future: Italy, France and Britain at war. New York: Quiet Vision, 2008.

The salvaging of civilization. New York: Macmillan, 1921.

Travels of a republican radical in search of hot water. Harmondsworth: Penguin Books, 1939.

Honours physiography. London: Joseph Hughes, 1893.

A ciência da vida: saúde, doença e o destino do homem. 9 vols. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.

“The Informative Content of Education”. *Survey Graphic*, November 1937, Vol. 26, n. 11.

Russia in the shadows. Connecticut: Hyperion Press, 1973.

Antecipations of the reaction of mechanical and scientific progress upon human life and thought. New York: Dover, 1999.

The new world order. Project Gutenberg, 2004.

“The So-called Science of Sociology”. *Sociological Papers*. London: Macmillan, 1907, p. 355–377.

An Englishman looks at the world: being a series of unrestrained remarks upon contemporary matters. London: Cassell and Co., 1914.

Marxismo e liberalismo: uma entrevista. Rio de Janeiro: Horizonte, 1946.

First and last things: a confession of faith and rule of life. London: Archibal Constable, 1908.

“Introdução”. In: ROBINSON, James Harvey. *A formação da mentalidade.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945, p. v-viii.

In the fourth year: antecipations of a world peace. New York: MacMillan, 1918.

The war that will end war. New York: Duffiel & Company, 1914.

“The possible collapse of civilization”. In: *Social forces in England and America*, 1909.

T. H. Huxley. *Royal College of Science Magazine*, April 1901, p. 209-211.

The discovery of the future. London: Jhonatan Cape, 1913.

Human evolution, an artificial process. *Fortnightly Review*, n. 60, oct.1896, p. 590-595.

“The literature of the future: the horoscope of books”. In: *Pall Mall Gazette*. October II, 1893.

My auto-obituary. *Strand Magazine*, vol. 104a, January 1943, p. 45-47. In: HAMMOND, J. R. *H. G. Wells: interviews and recollections.* New Jersey: Barnes & Noble, 1980, p. 117-119.

O destino da espécie humana. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

Experiment in autobiography: discoveries and conclusions of a very ordinary brain. Boston: Little, Brown and Company, 1962.

2 - Bibliografia sobre H. G. Wells

2.1 - Fontes sobre a História universal

ALVORD, Clarence W. “Outline of history by H. G. Wells”. *The Mississippi Valley Historical Review*, vol.8, n. 1/2, Jun-Sept. 1921, p. 190-192.

BARNES, Harry Elmer. "The outline of history by H. G. Wells". *The Journal of International Relations*, vol. 11, n. 4, April 1921, p. 621-625.

BEARD, Charles. "The outline of history by H. G. Wells". *Columbia Law Review*, vol. 21, n. 2, Feb., 1921, p. 205-206.

BECKER, Carl. "Mr. Wells and the New History." *The American Historical Review*, Vol. 26, No. 4, July 1921, p. 641-656.

BELLOC, Hilaire. *A companion to Mr. Wells's Outline of history*. London: Sheed & Ward, 1926.

_____. *Mr. Belloc still objects to Mr. Wells's Outline of History*. London: Sheed & Ward, 1926.

BLOCH, Marc. "H G. Wells como historiador". In: *História e Historiadores*. Lisboa: Teorema, 1998.

DOWNEY, Richard. *Some errors of H. G. Wells: a catholic's criticism of the "Outline of history"*. New York: Benziger Brothers: 1921.

FORSTER, E. M. "The outline of history." *Athenaeum*, 2 July 1920, 42-43.

GOMME, Arnold W. *Mr. Wells as historian: an inquiry into those parts of Mr. H.G. Wells's Outline of history which deal with Greece and Rome*. Glasgow: MacLehose, Jackson and Co., 1921.

GUÉRARD, Albert. "The 'new history': H. G. Wells and Voltaire". In: *Scribner's Magazine*, London, vol. 76, july-december, 1924, p. 476 - 484.

HARRER, G. A. "Wells on Roman History". *The Classical Journal*, vol. 18, n. 6, 1923, p. 360-368.

HUIZINGA, Johan. "Two wrestlers with the Angel (1921)". In: *Dutch civilization in the seventeenth century and other essays*. London: Collins, 1968, p. 158-218.

LORD, Louis E. "The outlines of history by H. G. Wells." *The Classical Journal*, vol. 17, n. 1, oct., 1921, p. 46-48.

LYNCH, Arthur. "H. G. Wells as historian: an interview with the famous novelist whose latest work is a universal history". *The Strand Magazine*, vol. 59, 1919, p. 464-475.

SCHAPIRO, J. Salwin. "The H. G. Wells's Outline of history". In: HEIDRICK, Benjamin. *Types of the essay*. New York: Charles Scribner's Sons, 1921, p. 209-236.

TAYLOR, A. J. P. "The man who tried to work miracles (1966)". In: *Politicians, socialism and historians*. New York: Stein and Day, 1982.

The Mississippi Valley Historical Review. "The outline of history by H. G. Wells", vol. 13, n. 4, Mar. 1927, p. 554-556.

The Washington Historical Quarterly. "The outline of history by H. G. Wells", vol. 12, n. 2, April 1921, p. 152-153.

WELLS, Charles L. *Mr. Wells and History*. The Sewanee Review, Vol. 29, No. 4 (Oct. 1921), p. 483-491.

World Affairs Institute. "The outline of history by H. G. Wells, advocate of peace through justice", vol. 83, n. 11, November 1921, p. 399-400.

2.2 - Crítica sobre a História universal

DRAPER, Michael. "When the historian awakes." *The Wellsian: Journal of the H. G. Wells Society*, n. 9, 1989, p. 46-48.

FLUET, Lisa. *Modernism and disciplinary history: on H. G. Wells and T. S. Eliot*. Twentieth Century Literature, Fall, 2004.

McKILLOP, A. B. *The spinster and the prophet: H.G. Wells, Florence Deeks, and the case of the plagiarized text*. New York: Publishers Group West, 2002.

MOTA, José Manuel. "News from nowhere: Portuguese dialogues with H. G. Wells". In: PARRINDER, Patrick; PARTINGTON, John (eds.) *The reception of H. G. Wells in Europe*. London/New York: Thoemmes Continuum, 2013, p. 253-256.

MURPHY, Cliona. "H. G. Wells: his history, the People and the historians". *The Wellsian: Journal of the H. G. Wells Society*, n. 19, winter 1996.

RAINWATER, Catherine. "Ellen Glasgow's Outline of History in *The shadowy third and other stories*". In: SCHEICK, William J. *The critical response to H. G. Wells*. London/Westport: Greenwood Press, 1995, p. 125-138.

ROSS, William. *H. G. Wells world reborn: the Outline of history and its companions*. Danvers: Rosemont Publishing, 2002.

SKELTON, Matthew. *The paratext of everything: constructing and marketing H. G. Wells's The Outline of History*. Book History, Volume 4, 2001, pp. 237-275.

2.3 - Biografias

BROME, Vincent. *H. G. Wells: a biography*. London: House of Stratus, 2001.

BROWN, Ivor. *H. G. Wells*. London: Nisbet & Co., 1923.

DICKSON, Lovat. *H. G. Wells: his turbulent life and times*. London: Macmillan and Co., 1971.

GUYOT, Edouard. *H. G. Wells*. Paris: Payot, 1920.

RAY, Gordon. *H. G. Wells & Rebecca West*. New Haven: Yale University Press, 1974.

SMITH, David. *H. G. Wells: desperately mortal*. Yale University Press, 1986.

STEVENSON, Lionel. *Wells, the voice of an epoch*. In: *The history of English novel*, vol. 11. Towota: Barnes & Nobles, 1967.

WEST, Anthony. *H. G. Wells: aspects of life*. New York: Random House, 1984.

WEST, Geoffrey. *H. G. Wells: a sketch for a portrait*. London: Howe, 1930.

2.4 - Correspondência

SMITH, David. *The correspondence of H. G. Wells, vol. III – 1919-1924*. London: Pickering & Chato, 1998.

WILSON, Harris. *Arnold Bennett and H. G. Wells: a record of a literary friendship*. Urbana: University of Illinois Press, 1960.

2.5 - Crítica e coletâneas

BELLAMY, William. "Wells as Edwardian". In: BERGONZI, Bernard (org.) *H. G. Wells: a collection of critical essays*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1976, p. 83-109.

BERGONZI, Bernard. *The early H. G. Wells: a study of the scientific romances*. Manchester: Manchester University Press, 1961.

_____. *The publication of The time machine, 1894-1895. Review of the English Studies*, n. 11, 1960.

_____. (org.) *H. G. Wells: a collection of critical essays*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1976.

CANTOR, Paul & HUFNAGEL, Peter. *The empire of the future: imperialism and modernism in H. G. Wells*. *Studies in the Novel*, vol. 38, n. 1, 2006.

CHRISTENSEN, Thimonty. *The "bestial mark" of race in The island of doctor Moreau*. Detroit: Wayne State University Press, 2005.

CRAUFURD, Alexsander H. *The religion of H. G. Wells*. London: Adelphi Terrace, 1909.

HAMMOND, J. R. *H. G. Wells: interviews and recollections*. New Jersey: Barnes & Nobles, 1980.

HAYNES, Rosalyn. *H. G. Wells discoverer of the future*. New York: New York University Press, 1980.

HUNTINGTON, John. *Critical essays on H. G. Wells*. Boston: G.K. Hall, 1991.

HUNTINGTON, John. *The H. G. Wells reader: a complete anthology from science fiction to social satire*. Maryland: Taylor Trade Publishing, 2003.

IACHTECHEN, Fabio Luciano. "Os couraçados terrestres ficcionais e a invenção dos carros de guerra." In: *Anais do XXIV Simpósio Nacional de História – História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos*. São Leopoldo: Unisinos, 2007.

_____. "O belicismo e a ressignificação dos artefatos: a tecnologia aplicada em 'A guerra dos mundos' de H. G. Wells." *Anais do XXV Simpósio Nacional de História*, Fortaleza: UFC, 2009.

_____. “O discurso eugênico através da literatura: impressões sobre o início do século XX”. In: GRUNER, Clóvis; DENIPOTI, Claudio (Org.) *Nas tramas da ficção: história, literatura e leitura*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008, p. 77-104.

_____. “H. G. Wells e o controle social da informação em *World Brain* (1938)”. In: GABARDO, Emerson; AFFORNALLI, Maria Cecília (Org.) *Direito, cultura e informação: o desenvolvimento social a partir de uma linguagem democrática*. Belo Horizonte: Fórum, 2012, p. 173-184.

JAMES, Simon. “The history of the future: the scientific romances.” In: *Maps of utopia: H. G. Wells, modernity and the end of culture*. New York: Oxford University Press, 2012.

JONES, Henry Arthur. *My dear Wells: being a series of letters addressed by Henry A. Jones to Mr. H. G. Wells upon bolshevism, collectivism, internationalism, and the distribution of wealth*. New York. E. P. Dutton & Co., 1921.

KUMAR, Krishan. “Wells and the So-called Science of Sociology”. In: PARRINDER, Patrick; ROLFE, Christopher (Orgs). *H. G. Wells under revision: proceedings of the International H. G. Wells Symposium, London, July 1986*. London: Associated University, 1990, p. 192-217.

LE GUIN, Ursula. *Selected stories of H. G. Wells*. New York: The Modern Library, 2004.

LEVITAS, Ruth. “Back to the future: Wells, sociology, utopia and method”. *The Sociological Review*, vol. 4, n. 58, 2010.

LYNN, Andrea. *Shadow lovers: the last affairs of H. G. Wells*. Boulder: Westview, 2001.

ORWELL, George. “Wells, Hitler and the World State”. *Critical essays*. London: Secker and Warburg, 1946.

OSBOURNE, Ken. “One great epic unfolding”: H.G. Wells and the interwar debate on the teaching of history. *Historical Studies in Education/Revue d’histoire de l’éducation*, n. 26, vol. 2, 2014.

PARRINDER, Patrick. *Shadows of the future: H. G. Wells, science fiction and prophecy*. New York: Syracuse University Press, 1995.

_____; PARTINGTON, John (eds.) *The reception of H. G. Wells in Europe*. London/New York: Thoemmes Continuum, 2013.

_____. (org.) *H. G. Wells perennial Time machine. Selected essays from the Centenary Conference "Time machine: past, present and future"*. London: Imperial College, July 26-29, 1995.

_____; ROLFE, Christopher (Orgs). *H. G. Wells under revision: proceedings of the International H. G. Wells Symposium, London, July 1986*. London: Associated University, 1990.

_____. *H. G. Wells: the critical heritage*. London: Routledge, 1972.

PARTINGTON, John. "The death of static: H. G. Wells and the Kinetic Utopia". *Utopian Studies* 11, n. 2, 2000, p. 96-111.

_____. "H.G. Wells's eugenic thinking of the 1930s and 1940s." *Utopian Studies* 14, n. 1, 2003, p. 74-81.

_____. "Seeking victory from the jaws of disaster: H.G. Wells and the Great War". *Undying Fire: the journal of H. G. Wells society*, 2003, p. 65-80.

PHILMUS, Robert. "The logic of prophecy in The time machine". In: BERGONZI, Bernard (org.) *H. G. Wells: a collection of critical essays*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1976.

_____. "H.G. Wells's Revisitations of The Time Machine". In: *English Literature in Transition, 1880-1920*. Volume 41, nº. 4, 1998.

_____; HUGHES, David. *H. G. Wells: early writings in science and science fiction*. Berkley: University of California Press, 1975.

RINKEL, Gene K.; RINKEL, Margaret. *The picshuas of H.G. Wells: a burlesque diary*. Urbana: University of Illinois Press, 2006.

SCHEICK, William J. *The Womb of Time: Spengler's Influence on Wells's Apropos of Dolores*. *English Literature in Transition, 1880-1920*, Volume 18, Number 4, 1975, pp. 217-228.

_____. *The critical response to H. G. Wells*. London/Westport: Greenwood Press, 1995.

SOMMERVILLE, B. D. *The Time Machine: a chronological and scientific redrafting. The Wellsian*, n. 17, winter 1994.

STOVER, Leon. *The time machine: an invention – a critical text of the 1895 London first edition*. London: McFarland, 1983.

STOVER, Leon. "Introduction". In: *The island of doctor Moreau*. New York: Dover Publications, 1996.

SUVIN, Darko. "Wells as the turning point of the SF tradition." In: HUNTINGTON, John. *Critical essays on H. G. Wells*. Boston: G.K. Hall, 1991, p. 23-33.

TILLY, Rose. "The search of Wells's ropeways". *Wellsian*, n. 9, 1986, p. 18-22.

WAGAR, Warren. *H. G. Wells and the world state*. New Haven, Yale University Press, 1961.

_____. *H. G. Wells traversing time*. Middletown: Wesleyan University Press, 2004.

_____. *H. G. Wells: journalism and prophecy: 1893-1946*. Boston: The Riverside Press Cambridge, 1964.

WEST, Rebecca. "The novel of ideas". In: SCHEICK, William J. *The critical response to H. G. Wells*. London/Westport: Greenwood Press, 1995, p. 111-113.

WOOLF, Virginia. "Joan and Peter". *The Times Literary Supplement*, 19 set. 1918, p. 439. In: PARRINDER, Patrick. *H. G. Wells: the critical heritage*. London: Routledge, 1972, p. 244-247.

WRAY, Roger. "H. G. Wells: educationist", de F. H. Doughty. *The Bookman*, December 1926, p. 186 – 187.

3 - Referências bibliográficas

3.1 - Fontes

ARNOLD, Matthew. "Literature and science". In: OTIS, Laura. *Literature and science in the nineteenth century*. New York: Oxford University Press, 2002, p. 6-8.

BARNES, Harry Elmer. *The new history and social sciences*. New York: The century Co., 1925.

BEARD, Charles. *An introduction to the English historians*. New York: The Macmillan Company, 1911.

BECKER Carl. "Everyman his own historian". *American Historical Review*, vol. 37, n. 2, December 1931, p. 221–36.

BELLOC, Hilaire. "On a method of writing history," *The Dublin Review*, Vol. 148, n. 298-299.

BERR, Henri. *La síntesis en historia: su relacion con la síntesis general*. Cidade do México: Uteha, 1961.

_____. *Al margen de la historia universal*. Cidade do México: Uteha, 1961.

BRAILSFORD, Henry Noel. *A League of Nations*. London: Headley Bros. Publishers, 1917.

BRINTON, Crane. "The 'new history' and 'past everything'". *The American Scholar*, vol. 8, n. 2, 1939, p. 144-157.

BURY, J. D. *The idea of progress: an inquiry into its origins and growth*. London: Macmillan, 1920.

CANNING, Albert S. *Lord Macaulay: essayist and historian*. London: Smith, Elder and Co., 1882

CHESTERTON, G. K. *Essays: all things considered*. London: Methuen & Co., 1919.

_____. *Heretics*. London: John Lane Co., 1905.

CRAVEN, Avery. "The subjective and the objctive in history". Conferência para a *Division of the Social Sciences, University of Chicago*, 20 abril 1937.

DOW, Earle Wilbur. "Features of the New History: apropos of Lamprecht's 'Deutsche geschichte'." *The American Historical Review*, vol. 3, April 1898, p. 431-448.

DURANT, Will. *The life in Grecece*. New York: Simon and Schuster, 1939.

"First public conference on Mr. H. G. Wells's Samurari." *New Age*, n.1, May 2, 1907.

HAECKEL, Ernest. *Last words on evolution*. London. A. Owen & Co., 1906.

HARRISON, Frederick. *Studies in early Victorian literature*. London: Edward Arnold, 1895.

HINTON, Charles. "What Is the Fourth Dimension?" *In: Scientific Romances*. Vol. 1, 1884.

History denationalized (autor desconhecido). *New York Times*, September 11, 1921.

HUXLEY, Thomas Henry. *Evolution and ethics: and other essays*. London: Macmillan and Co., 1895.

_____. *Physiography: an introduction to the study of nature*. London: MacMillan and Co., 1877.

_____. *Darwiniana*. São Paulo: Madras, 2006.

_____. *Science and Culture*. In: OTIS, Laura. *Literature and science in the nineteenth century*. New York: Oxford University Press, 2002, p. 4-6.

_____. *Mr. Darwin's critics*. Contemporary Review, XVIII, November 1871.

_____. "Administrative nihilism". In: *Collected essays*, vol. 1. London: Macmillan & Co., 1901, p. 251-289.

JAMES, William. *The principles of psychology*. Vol. 1. New York: Henry Holt, 1910.

KEELING, Frederick H. *Kelling letters and recollections*. London, 1918.

LAMPRECHT, Karl. *What's history: five lectures on the modern science of history*. New York: Macmillan, 1905.

LANKESTER, Ray. (ed.) *Natural science and the classical system in education: essays old and new*. London, 1918.

MEYER, Edward. *England: it's political organization and development and war against Germany*. Boston: Ritter and Co., 1916.

MURRAY, Gilbert. *Tradition and progress*. Boston & New York: Houghton Mifflin Company, 1922.

_____. *The League of Nations and the democratic idea*. London: Oxford University Press, 1918.

PEASE, Edward P. *The history of the Fabian Society*. New York: E. P. Dutton, 1916.

POLOCK, Frederick. *The League of Nations*. London: Steven & Sons, 1920.

READE, Winwood. *Martyrdom of man*. New York: Peter Eckler, 1872.

RIDPATH, John Clark. *Cyclopaedia of universal history: an account of the principal events in the career of the human race from the beginnings of the civilization to the present time*. Cincinnati: Jones Brothers Publishing, 1895.

ROBINSON, James Harvey. "Newer ways of historians". *American Historical Review* 35, n. 2, January 1930, p. 245–55.

_____. *A formação da mentalidade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

_____. "A nova história". In: NOVAIS, Fernando; SILVA, Rogério Forastieri. *Nova história em perspectiva*. Vol. 1. São Paulo: Cosac Naify, 2011, p. 519-539.

_____. *The ordeal of civilization: a schetch of the development and world-wide diffusion of our present-day intitutions and ideas*. New York: Haper&Brothers, 1926.

SILBERSTEIN, Ludwig. *Theory of relativity*. London: Macmillan and Co., 1914.

SIMIAND, François. *Método histórico e ciência social*. Bauru: Edusc, 2003.

SPENCER, Herbert. *Essays on education and kindred objects*. London: J. M. Dent & sons Ltd., 1911.

SPENGLER, Oswald. *A decadência do ocidente: esboço de uma morfologia da história universal*. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

STEPHENS, Henry Morse. "History and nationality". *American Historical Review*, n. 21, 1916.

STEPHENS, Winifred, ed., *The Book of France: in aid of the French Parliamentary Committee's Fund for the relief of the invaded departments*. London: Macmillan; Paris: Champion, 1915.

STUART, Campbell. *The secrets of Crewe House: the story of a famous campaign*. London: Hodder & Stoughton, 1921.

TEGGART, Frederick. *The process of history*. New Haven: Yale University Press, 1918.

TREVELYAN, George Macaulay. "Clio, a muse". In: STERN, Fritz. *The varieties of history: from Voltaire to the present*. New York: Random House, 1973, p. 227-245.

TOYNBEE, Arnold J. *Nationality and the war*. London: J.M. Dent, 1915.

3.2 - Bibliografia

APPLEBY, Joyce; HUNT, Lynn; JACOB, Margaret. *Telling the truth about history*. New York: W. W. Norton and Co., 1994.

ASHWORTH, W. Economic aspects of late Victorian naval administration. *Economic History Review*, XXII, 1969.

ATKINSON, R. F. *Knowledge and explanation in history: an introduction to the philosophy of history*. New York: Cornell University Press, 1978.

BAKER, John. *The superhistorians: makers of our past*. New York: Charles Scribner, 1982.

BARRACLOUGH, Geoffrey. *Main trends in history*. New York: Holmes & Meier, 1979.

BAUMER, Franklin Le Van. *Main currents of the Western thought*. New York: Knopf, 1952.

BENJAMIN, Walter. *Magia e arte, técnica e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. "As teses sobre o conceito de história". In: *Obras Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 222-232.

BENTLEY, Jerry. H. *Old world encounters: cross-cultural contacts and exchanges in pre-modern times*. New York, 1993.

_____. *Shapes of world history in twentieth-century scholarship*. Washington DC, 1996.

BERLIN, Isaiah. "Inevitabilidade histórica". In: *Quatro ensaios sobre a liberdade*. Brasília: UnB, 1981, p. 75-132.

_____. *Limites da utopia: capítulos da história das ideias*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

_____. *Against the current: essays in history of ideias*. Princeton: Princeton University Press, 2001.

BLOCH, Marc. *Introducción a la Historia*. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

BODEI, Remo. *A história tem um sentido?* Bauru: Edusc, 2001.

BOHR, Niels. *Atomic theory and the description of nature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1934.

BOWEN, Margarita. *Empiricism and geographical thought: from Francis Bacon to Alexander von Humboldt*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

BREISACH, Ernest. *Historiography: Ancient, Medieval, & Modern*. Chicago & London, 1977.

BURCHFIELD, Joe D. "Darwin and the dilemma of geological time". *Isis*, vol. 65, n. 3, sept. 1974, p. 300-321.

BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.

_____. *História e teoria social*. São Paulo: Unesp, 2002.

CAMERON, Maribeth E. "A Study of History by Arnold J. Toynbee and D. C. Somervell." *The Far Eastern Quarterly*, vol. 7, n. 2, Feb., 1948, p. 205-209.

CANALES, Jimena. *Einstein, Bergson, and the experiment that failed: intellectual cooperation at the League of Nations*. MLN, vol. 120, n. 5, December 2005, p. 1168-1191.

CHÂTELET, François; DUHAMEL, Olivier; PISTER-KOUCHNER, Evelyne. *História das ideias políticas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

CLARKE, I. F. *The Great War with Germany, 1890-1914: fictions and fantasies of the war-to-come*. Liverpool: Liverpool University Press, 1997.

COLLINGWOOD, R. G. *A ideia de história*. Lisboa: Editorial Presença: s/d.

CONKIN, Paul; STROMBERG, Roland. *Heritage and challenge: the history and theory of history*. Arlington Heights: Forum Press, 1989.

CORNISH, Edward. *The study of the future: an introduction to the art and science of understanding and shaping tomorrow's world*. Washinton D. C., World Future Society, 1977.

COSTA, Vidal A. de Azevedo. *Ecos do tempo perdido: fragmentos da gênese de uma temporalidade moderna*. Curitiba: Tese de doutoramento, Universidade Federal do Paraná, 2002.

CHRISTIAN, David. "The return of universal history". *History and Theory*, n. 49, vol. 4, December 2010, p. 6-27.

CROSBY, Alfred. *Imperialismo ecológico: a expansão biológica da Europa: 900-1900*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

DAWSON, Christopher. *Dinamica de la historia universal*. Madri: Rialp, 1961.

DEGLER, Carl. *In search of human nature: the decline and revival of Darwinism in American social thought*. Oxford: Oxford University Press, 1991.

DRAY, William. *Filosofia da História*. Rio de Janeiro. Zahar, 1969.

EKSTEINS, Modris. *A sagração da primavera: a Grande Guerra e o nascimento da era moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

EVANS, Arthur B. "The origins of science fiction criticism: from Kepler to Wells". *Science Fiction Studies* 78, vol. 26, part 2, July 1979.

FEBVRE, Lucien. *Combates por la historia*. Barcelona: Planeta-Agostini, 1993.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996.

FIKER, Raul. *Ficção científica: ficção, ciência ou uma épica da época?* Porto Alegre: LP&M, 1985.

GALBRAITH, J. Kenneth. *O novo estado industrial*. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

GARDINER, Patrick. *Teorias da história*. Lisboa: Calouste Gulbekian, 1995.

GAY, Peter. *A experiência burguesa: da rainha Vitória a Freud*. Vol. 3: O cultivo do ódio. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

GOLDSTEIN, Doris S. "The making of social evolutionary history". *Storia della Storiografia*. Fabrizio Serra Editore, Roma, n. 61 1/2012.

GOULD, Stephen Jay – *Seta do tempo, ciclo do tempo: mito e metáfora na descoberta do tempo geológico*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

GREEN, W. A. "Periodizing world history". In: POMPER, P; ELPHICK, R; VANN, R. *World history: ideologies, structures and identities*. Massachusetts: Blackwell Publishers, 1998, p. 53-68.

GREENSLADE, William. *Degeneration, culture and the novel, 1880-1940*. New York: Cambridge University Press, 1994.

GRESH, Louis & WEINBERG, Robert. *A ciência dos super-heróis*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

GUSDORF, Georges. *Da história das ciências à história do pensamento*. Lisboa: Pensamento, 1977.

HAHN, Roger. *Laplace as a newtonian scientist*. Los Angeles, W. A. Clark Memorial Library, 1967.

HALE, J. R. *The evolution of British historiography: from Bacon to Namier*. London: Macmillan, 1967.

HAMMETT, Dashiell. *The maltese falcon*. New York: Random House, 1992.

HARLAN, David. "Intellectual History and the Return of Literature". *The American Historical Review*, Vol. 94, No. 3, Jun., 1989, p. 581-609.

HARTOG, François. "Tempo, história e escrita da história: a ordem do tempo". *Revista de História* 148, 1º - 2003, p. 9-34.

HELLMAN, Hal. *Grandes debates da ciência: dez das maiores contendas de todos os tempos*. São Paulo: Unesp, 1999.

HERF, Jeffrey. *O modernismo reacionário: tecnologia, cultura e política na República de Weimar e no Terceiro Reich*. Campinas: Ensaio, 1993.

HESKETH, Ian. *The science of history in Victorian Britain: making the past speak*. London: Pickering and Chatto, 2011.

_____. "Diagnosing Froude's disease: boundary work and the discipline of history in late-Victorian Britain". *History and Theory*, n. 47, October 2008, 373-395.

HIMMELFARB, Gertrude. *The new history and the old*. Cambridge: The Belknap Press/Harvard University Press, 1987.

_____. "Some reflections on the New History." *The American Historical Review*, vol. 94, n. 3, June 1989, p. 661-670.

HOBBSBAWM, Eric. *A era dos impérios*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

_____. *Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito, realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

HOOK, Sidney. *The hero in history: a study in limitation and possibility*. Boston: Beacon Press, 1955.

HUGHES, David Y. "British 'scientific romance'. *Science Fiction Studies* 41, vol. 14, part 1, March 1987.

HUGHES-WARRINGTON, Marnie. "Writing world history". In: McNEILL, William (ed.) *Berkshire encyclopedia of world history*, vol. 5. Great Barrington: Conn, 2004, p. 2095-2103.

HUXLEY, Julian. *O pensamento vivo de Darwin*. São Paulo: Livraria Martins, 1956.

IGGERS, George. *New directions in Europe historiography*. Connecticut: Wesleyan University Press, 1984.

_____; WANG, Q. Edward. *A global history of modern historiography*. New York: Pearson, 2008.

_____. "Desafios do século XXI à historiografia". *História da historiografia* n. 4, março de 2010, p. 105-124.

JAMES, Henry. *A arte da ficção*. São Paulo: Novo Século, 2011.

JAMESON, Fredric. *Arqueologies of the future: the desire caled utopia and other science fictions*. London/New York: Verso, 2005.

JUDD, Denis; SURRIDGE, Keith. *The Boer War*. London: John Murray, 2003.

KEATING, Peter. *The haunted study: a social history of the English novel, 1875-1914*. London: Secker & Walburg, 1989.

KEEGAN, John. *Uma história da guerra*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

_____. *História ilustrada da Primeira Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2006.

_____. *Crítica e crise*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

_____. *Practice of conceptual history: timing history, spacing concepts*. Standford: Standford University Press, 2002.

_____. *Estratos do tempo: estudos sobre história*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2014.

LAROUCHE, Lyndon. *O governo mundial: a perversão de Bertrand Russell e H. G. Wells*. Rio de Janeiro: MSIA, 1999.

LE MAY, G. H. A Guerra Boer. In: *História do século XX: 1900-1914*. São Paulo: Abril Cultural, 1968.

LEPENIES, Wolf. *As três culturas*. São Paulo: EDUSP, 2006.

LORIGA, Sabina. "A biografia como problema". In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998.

LÖWITH, Karl. *O sentido da história*. Lisboa: Edições 70, s/d.

MANNING, Patrick. *Navigating world history: historians create a global past*. Palgrave Mcmillan, 2003.

MARTINS, Estevão de Rezende. *História pensada: teoria e método na historiografia europeia do século XIX*. São Paulo: Contexto, 2010.

MAYER, Anna-K. "Reluctant technocrats: science promotion in the neglect-of-science debate of 1916-1918". *History of Science*, vol. 43, p.139-159.

MAYER, Arno J. *A força da tradição: a persistência do Antigo Regime*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

McNEILL, William. *The rise of the west: a history of the human community*. Chicago, 1963.

_____. *Plagues and peoples*. Garden City, NY, 1976.

_____. "History and the scientific worldview". *History and Theory* 37, Feb. 1998, p. 1-13.

_____. "Passing strange: the convergence of evolutionary science with scientific history". *History and Theory* 40, Feb. 2005, p. 1-15.

MORA, José Ferrater. *Cuatro visiones de la historia universal*. Buenos Aires: Editorial Sudamerica, 1958.

MOURA, Gerson. *História de uma história: rumos da historiografia norte-americana no século XX*. São Paulo: Edusp, 1995.

MUMFORD, Lewis. *A condição do homem: uma análise dos propósitos e fins do desenvolvimento humano*. Rio de Janeiro: Globo, 1958.

NAHIN, Paul J. *Time Machines: Time travel in physics, metaphysics and science fiction*. New York: Springer-Verlag, 1999.

NISBET, Robert. *História da ideia de progresso*. Brasília: UnB, 1985.

NOVAIS, Fernando; SILVA, Rogério Forastieri. *Nova história em perspectiva*. Vol. 1. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NOVICK, Peter. *That noble dream: the "objectivity question" and the American historical profession*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

_____. "My correct views on everything". *American Historical Review*, vol. 96, n.3, jun.1991, p. 699-703.

ORWELL, Sonia & ANGUS, Ian (eds.) *The Collected Essays, Journalism and Letters of George Orwell*, vol. 2. London: Secker & Warburg, 1968.

OTIS, Laura. *Literature and science in the nineteenth century*. New York: Oxford University Press, 2002.

- PAQUOT, Thierry. *A utopia: um ensaio acerca do ideal*. Rio de Janeiro: Difel, 1999.
- PINTO, Álvaro Vieira. *O conceito de tecnologia*. Vol.1. São Paulo: Contraponto, 2005.
- PUNTER, David. *The literature of terror: the modern gothic*. London: Longman, 1996.
- RAMINELLI, Ronald. "Lucien Febvre no caminho das mentalidades". *Revista de História*, São Paulo, n. 122, p. 97-115, jan/jul de 1990.
- REIS, José Carlos. *Teoria & história: tempo histórico, história do pensamento histórico ocidental e pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV, 2012.
- _____. *Escola dos Annales: a inovação em história*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- _____. *História, a ciência dos homens no tempo*. Londrina: Eduel, 2009.
- _____. *O desafio historiográfico*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.
- _____. *A história entre a filosofia e a ciência*. São Paulo: Ática, 1996.
- RHODES, Richard. *The making of atomic bomb*. New York: Simon & Schuster, 2012.
- RODRIGUES, José Honório. *História e historiografia*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- _____. *Teoria da história do Brasil: introdução metodológica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.
- ROSSI, Paolo. *O nascimento da ciência moderna na Europa*. Bauru: EDUSC, 2001.
- _____. *Naufrágios sem expectador: a ideia de progresso*. São Paulo: UNESP, 2000.
- _____. *Sinais do tempo: história da Terra e história das nações, de Hook a Vico*. São Paulo: Cia da Letras, 1992.
- RUBIN, Joan Shelley. *The making of middlebrow culture*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1992.
- RÜSEN, Jörn. *Razão histórica. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: UnB, 2001.

_____. "Rethinking utopia: a plea for a culture of inspiration." In: RÜSEN, J; FEHR, M; RIEGER, T. *Thinking utopia: steps into other worlds*. New York: Berghahn, 2007, p. 276-282.

SARGENT, Lyman Tower. *Themes in utopian fiction in English before Wells*. Science Fiction Studies 10, Vol. 3, part 3, November 1976.

_____. "In defense of utopia". *Diogenes* 53, nº. 1, p. 11-17, 2006.

_____. *Eutopias e distopias na ciência*. Revista Morus. Unicamp, nº 4, 2007.

_____. *Utopianism: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

SCHULMAN, Eric. *A briefer history of time: from the Big Bang to the Big Mac*. New York: W. H. Freeman, 1999.

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SHAW, David G. "The return of science: evolutionary ideas and history". *History and Theory* 38, n. 4, December 1999.

SPENGLER, Oswald. *O homem e a técnica*. Lisboa: Guimarães Editores, 1993.

SPIER, Fred. *Big history and the future of humanity*. London: Wiley-Blackwell, 2010.

STEPAN, Nancy L. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

STERN, Fritz. *The varieties of history: from Voltaire to the present*. New York: Random House, 1973.

STODDART, D. R. "That Victorian science: Huxley's physiography and its impact on geography". *Transactions of the Institute of British Geographers*, n. 66, november 1975, p. 17-40.

STOW, George. "Stubbs, Steel, and Richard II as insane: the origin and evolution of an english historiographical myth." *Proceedings of the American Philosophical Society*, vol. 143, no. 4, dec. 1999.

SZILARD, Leo. *Reminiscences*. Perspectives in American History II. Cambridge, 1968.

SWINNERTON, Frank. *The Georgian literary scene*. London: J. M. Dent & Sons, 1938.

TAYLOR, A. J. P. O esplendor incômodo: o império britânico até 1902. *História do século XX: 1900-1914*. São Paulo: Abril Cultural, 1968.

TEBBEL, John. *A history of book publishing in the United States*. New York: R. R. Bowker Co., 1978.

THUILLIER, Pierre. *La manipulacion de la ciencia*. Madri: Fundamentos, 1975.

THOMSON, J. K. A; TOYNBEE, Arnold. (eds.) *Essays in honour of Gilbert Murray*. London: George Allen & Unwin, 1936.

TOYNBEE, Arnold J. *A study of history: vol. I-VI*. Oxford: Oxford University Press, 1974.

_____. *Estudos de história contemporânea. A civilização posta à prova: o mundo e o ocidente*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

TUCHMAN, Bárbara. *Os canhões de Agosto*. Rio de Janeiro: Bruguera, 1969.

TROUSSON, Raymond. *Historia de la literatura utopica*. Barcelona: Península, 1995.

VASCONCELOS, José Antonio. *Quem tem medo da teoria? A ameaça do pós-modernismo na historiografia americana*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2005.

VIERNE, Simone. "Ligações tempestuosas: ciência e literatura." In: *A ciência e o imaginário*. Brasília: Unb, 1994, p. 79-95.

VILLEMAIRE, Diane. *E.A. Burt, historian and philosopher: a study of the author of the metaphysical foundations of modern physical science*. Boston Studies in the Philosophy and History of Science. Boston: Kluwer Academic Publishers, 2002.

VINCENT, David. *Literacy and popular culture: England, 1750-1914*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

VOGT, Joseph. *El concepto de la historia de Ranke a Toynbee*. Madri: Guadarrama, 1971.

WAGAR, Warren. *European intellectual history since Darwin and Marx*. New York: Harper & Row, 1966.

WALSH, W. H. *Introdução à Filosofia da História*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

WILLIAMS, Raymond. *Culture and materialism: selected essays*. London: Verso, 2005.

WILLIS Jr, John E. *1688: o início da era moderna*. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

WHITMAN, Walt. *Leaves of grass*. The illustrated modern library, 1921.

WOOD, Alan. *Bertrand Russell: the passionate sceptic*. London: Allen and Unwin, 1957.

Anexo A

A história é única ⁴⁶¹

Temos ouvido nos dias de hoje um considerável conjunto de críticas sobre o ensino da história em escolas e universidades, além de várias sugestões sobre como melhorá-lo. História, como já dissemos, é feita desinteressadamente, ou de forma mexeriqueira, ou alimentando as hostilidades nacionais e raciais da nossa natureza deficiente, e falha em lançar qualquer luz sobre a atual política mundial. Da maioria deste conjunto de críticas, bons exemplos podem ser retirados. Quase todos estes problemas emergem de uma raiz comum: a História é ensinada por amostras, e não como um todo.

A atenção do estudante está concentrada, em primeiro lugar, na história de seu próprio país, e frequentemente sobre apenas um período da história de seu país, o que representa a completa exclusão de todos os aspectos centrais da história humana. Mas o diz respeito à vida da nossa espécie não é destacado de forma adequada, e isso produz sérias consequências. Tomemos, por exemplo, a História inglesa, como é ensinada em nossas escolas. Ela começa com a história celta. Entram César e a invasão romana. De onde? Nunca aprendemos. Quem é esse César, e porque ele veio? Porque ele se foi? Porque os romanos não voltaram por boa parte do século? Evidentemente algo muito mais importante estava acontecendo em algum outro lugar. Algo sobre a história do Anglos, Jutos e Saxões é empurrado – como? Inexplicável. De onde? Porque? Mais tarde vem os dinamarqueses. A história da Inglaterra tem o mesmo efeito de quando entramos em um corredor repleto de portas, e passamos por este lugar com quartos cheios de eventos. A porta se abre, os reis Normandos saem do quarto, conquistam o país apressadamente, dizem alguma novidade que não havíamos aprendido até então sobre as Cruzadas, e voltam para o quarto novamente, do qual dentre em pouco o rei Ricardo retorna abatido. Ele esteve lutando contra os sarracenos. Quem são os sarracenos? Nunca aprendemos. O que

⁴⁶¹ WELLS, H. G. *History is one*, reimpresso por Ginn & Co. em 1919, a partir da publicação original no *Saturday Evening Post* (Copyright de Curtis Publishing Company, 1919), p. 704 – 711.

houve com eles? Nunca nos disseram. Algum império os fez prisioneiros. Em algum lugar. E assim segue. O conjunto da história se volta para a Inglaterra completamente. Isto é olhar por uma janela para coisas ainda não vistas. Sua face e mãos estão escondidas, e nós fazemos o que podemos esticando os nossos calcanhares.

Porque e como?

A história americana é ainda mais incompreensível. Um inocente continente é, de repente, inundado por espanhóis, portugueses, franceses, holandeses e britânicos que se envolvem em vários conflitos – iniciados em algum lugar. Alguém chamado Papa é visto como sendo responsável pela divisão do novo continente entre as potências europeias. Colônias são formadas. O que são colônias? Estas colônias, no que parece ser uma extenuante tentativa de simplificação da história, rompem com seus desconhecidos países de origem. Uma onda de imigração começa do leste para o oeste. A mentalidade norte-americana estabelece a Doutrina Monroe e declara que a América não tem passado, apenas futuro. Deste sonho sublime é despertada para encontrar algo chamado imperialismo europeu destruindo o mundo. O que é esse imperialismo? Como começou?

O ensino da história na maioria dos outros países segue o mesmo modelo. Em todo o lugar professores apresentam histórias mais ou menos similares baseadas em passagens, e Grandes eventos – as Cruzadas, a Reforma, a Revolução Industrial – vem como um golpe e se vão da mesma forma, sem deixar nenhuma pista, deixando nossas mentes em completa confusão. Não é de se admirar que a história seja rebaixada por pequenos toques de anedotas infantis, como Alfred e os bolos, a inigualável beleza de Maria, rainha dos escoceses ou sobre o rei Charles e seus spaniels?

A principal desculpa oferecida pelo ensino de história em parte separadas desta forma é que, de outra maneira, seria muito conteúdo a ser ensinado. Kant sustentou que deveríamos ensinar não uma história especial, mas universal, quer dizer, toda a história do homem; mas ele confessa que abdicou antes da tarefa. Lord Bryce, também, na introdução da “Universal history” de Helmont, defendeu a ideia de que a história universal é um trabalho amplo demais para ser tentado. Mas é realmente amplo demais para ser tentado.

Suponhamos que outros assuntos fossem ensinados nos mesmos moldes que adotamos para a história; suponhamos que ensinemos a fisiologia humana apenas nos sentando para ouvir a história do ser vivo, que apenas faz uma alusão distante ao estômago, diafragma ou ao resto do corpo. Os estudantes fariam alguma coisa com a fisiologia?

Suponhamos que ensinemos química pela simples coleta de algum grupo especial de substâncias – substâncias elásticas, podemos dizer, ou produtos do alcatrão carbonífero, ou rochas feldspato – e os tratamos a marteladas. O estudante teria exatamente o mesmo tipo de coisa que o estudante comum de história tem nos dias de hoje, uma mistura de conhecimento especializado sem ideias gerais que os sustentem. Ele nunca iria a fundo em coisas simples, e nunca sairia disso coisas grandes. Ele nunca teria uma visão do tema em questão.

Afinal, seria possível conseguir algo que chamamos “elementos da história”, de modo a formar o que poderia ser ensinado nas escolas no lugar do indigesto conjunto de grãos triturados em formato de leis e eventos que é hoje a substância da história escolar?

É claro que uma coisa precisa ser entendida claramente: se propomos estudar a história extensivamente não podemos esperar que ela seja estudada intensivamente; se nossa juventude deve saber algo sobre os Gregos, Assírios e Indianos, devemos renunciar aos pormenores na análise da Guerra das Rosas ou alguns detalhes das reivindicações da rainha Matilda para a coroa da França.

Permitam-nos considerar quais seriam as linhas gerais sobre como uma história universal deveria ser. Na realidade, permitam-nos esboçar um resumo do conhecimento histórico partindo do pressuposto de que a história é realmente um único conhecimento, para ser compreendida como um todo. Começaremos pelo começo para nos dirigirmos ao fim, para planejar o que um cidadão inteligente em um país moderno deve saber sobre o passado da humanidade. Não estamos sugerindo que o ensino de história tenha de partir deste esboço na ordem precisa sobre como o arranjamos, mas estamos sugerindo que o corpo de conhecimentos históricos na mente de um jovem comum de dezessete ou dezoito anos poderia, ou deveria, seguir esta estrutura, de modo a formar um conjunto coerente e consecutivo de eventos.

Antes das pessoas povoarem o mundo

Para começar, devemos ter em conta o passado histórico da Terra. Não podemos ver a história humana em perspectiva a menos que tenhamos feito isso. Deveríamos ter uma clara ideia sobre a provável origem do mundo, sua relação com a Lua, seu natural resfriamento depois da incandescência, e os acontecimentos nas vastas eras em que a Terra tornou-se fria o bastante para o primeiro raio de sol atingir sua superfície e formar a primeira poça que tornou-se depois oceano.

Por uma estimativa que remonta a casa das centenas de milhões de anos, apenas as rochas foram formadas, sem nenhum traço de vida. Então, a vida começou. Sobre suas origens e natureza, ainda estamos aprendendo, mas sobre seus princípios é possível hoje narrar uma história simples. Homens de ciência desembarçaram o processo da lenta transição dos seres rastejantes da água para a terra, desde seus princípios nos mares menos profundos de tempos remotos, e este é um processo bastante curioso e fascinante a ser relatado. Até que, enfim, quando o mundo tinha talvez três quartos da presente idade, existiam anfíbios rastejantes entre florestas pantanosas e dragões voadores nos ares.

Tudo isso é agora uma história possível de ser contada, a história da disseminação da vida por toda a terra durante a Era dos Répteis, e como grandes ciclos climáticos mudaram, de um calor uniforme para condições extremas afetou os répteis, bem como mamíferos, pássaros das florestas e planícies verdes que se formaram. Isto não é um catálogo de maravilhas incoerentes dos dias de hoje; isto foi trabalhado para muito além disso; é o prelúdio da desconcertante profundidade e beleza da entrada do homem em cena, e a mente que não apreendeu isso vê a história de maneira pobre e sem graça.

Muito foi aprendido sobre a ancestralidade do homem. Mas apenas por meio de artigos casuais em revistas que as pessoas tem informações sobre as interessantes sub-raças humanas – homens que não eram propriamente homens, que construíram os primeiros eólitos – e sobre as primeiras criaturas humanas que lascaram pedras e produziram fogo a meio milhão de anos atrás. Tão vagas são as ideias populares sobre a questão que muitos de nós estão dispostos a acreditar na sugestão do criador do Pre-historic Peeps⁴⁶², que os primeiros homens de centenas

⁴⁶² O Pre-historic Peeps foi um cartoon produzido pelo desenhista Edward Tennyson Reed na década final do século XIX, na revista humorística londrina Punch. (Nota do tradutor)

de milhares de anos atrás foram perseguidos pelo mundo por grandes répteis que foram varridos da Terra vinte ou trinta milhões de anos antes desta época.

A longa luta da nossa carne e sangue para articular a vida é ainda não mais, para alguns, do que algo burlesco. Nunca foi real para nós. Não parece significativo. Mas significa, e nós não compreenderemos o valor da vida completamente até a que esta luta se torne uma realidade em nossas ideias sobre o passado.

Muito da antiga história dos sub-homens e homens que era confusa, controversa e de difícil organização há trinta anos atrás é hoje tão clara que pode ser ordenada e posta em uma narrativa a todos compreensível. Isto está pronto para ser usado nas escolas. Para a juventude não deveria haver nada mais interessante do que o evidente desabrochar das habilidades e do conhecimento humanos, as primeiras armas e instrumentos, o fogo e as primeiras habitações, o início da arte, a supressão da caça e pesca típicas do paleolítico selvagem para a vida neolítica baseada na agricultura e no pastoreio.

E aqui novamente, quando chegamos aos povos neolíticos, a filologia e a arqueologia do último quarto de século amarraram algumas coisas que agora tomaram uma ordem compreensível. Nós realmente temos um quadro da história dos primórdios da civilização. Nós realmente temos proferido ideias que são mais que suposições sobre a origem e relações da ampla divisão racial da humanidade. Nós podemos contar a história definitiva dos povos pré-arianos do Mediterrâneo e Europa Ocidental e dos povos pré-semíticos da Suméria. Mas nossos filhos e netos não estão aprendendo estas coisas. Eles estão tomando lições sobre ideias perdidas e imprecisas sobre eles mesmos, a partir de leituras causais, ou acabam nem aprendendo nada sobre si.

É possível agora desenhar um mapa do mundo de doze ou quinze mil anos atrás, no qual o sul da Arábia era uma terra abundante, o Mar Negro se estendia pelas estepes russas, se juntando ao Cáspio e quando o Mar Vermelho trocava águas com o Mediterrâneo. É possível hoje contar como a agricultura e a irrigação cresceram e como as primeiras cidades com reis-sacerdotes cresceram no entorno dos primeiros templos. Podemos traçar o choque das primeiras civilizações com as populações nômades, ver o surgimentos das primeiras classes e as elementares formas embrionárias destas instituições, além de todas as lutas entre elas.

Uma grande e vasta história

Ainda mais provável e necessário para uma boa compreensão do nosso mundo é o entendimento da maneira como a escrita passou da fase da representação pictórica e tornou possível a extensão das relações políticas e sociais para além do alcance das primeiras cidades-Estado. Muito se sabe hoje, mas não como se deveria saber, da lenta transição das ideias dedicadas a deuses tribais para a ideia de um Deus, o Pai e Juiz da humanidade. É um processo que ocorreu com o crescimento e transformação dos reinos em impérios e com o rompimento dos laços anteriores; o crescimento da dupla ideia, de dominação mundial por parte dos governantes e de uma irmandade mundial em parte dominou a afligiu pessoas desprotegidas.

Estas história ampla, contada desta forma, tem muito mais valor educacional do que as particularidades da corte de Henrique VIII ou detalhes sobre o Conventicle act. Nosso público tende a ser mais sábio e mais capaz de enfrentar as grandes questões de seu tempo se tiver um conhecimento, ainda que em forma resumida, da História Assíria e dos impérios Caldeu e Persa, e alguma ideia sobre o que a marcha de Alexandre, o Grande, significou para o mundo dos homens, mesmo que tenha adquirido este conhecimento sem ter ouvido falar em William Rufus.

Ainda mais importante é a história do crescimento e desenvolvimento do Império Romano, a espinha dorsal do registro histórico moderno. Nossas histórias nacionais não significam nada até que sejam estudadas em relação a ele. E não se trata de um conhecimento de fatos amontoados, como as pessoas podem supor. É o ensino ruim que amontoa a história. Toda a história posta em quadros poderia ser apresentada direta e inspiradoramente, com a ajuda de trinta ou quarenta mapas, diagramas simples e ilustrações, em comparação com o que se faz no ensino comum de história.

Mas, a história é única, e o cidadão moderno deve também saber algo sobre o grande mundo além do mundo dos primeiros impérios – o mundo dos Turcos e Hunos, povos da Ásia Central que se espalharam pelo Velho Mundo, a distante civilização da China, o triângulo dourado da Índia e as civilizações ocidentais. Enquanto uma porção maior e maior da Europa, Norte da África e Sudeste Asiático foi trazida em conjunto para um único sistema de civilização, a vida nômade destas regiões da Ásia Central acumulou energia, que depois se espalhou passando pela Rússia, atingiu o Império Romano, se transformou em uma ameaça para China e Índia, e, por fim, em seu

ataque derradeiro, no início do século 12, promoveu a destruição do sistema de irrigação da população estabelecida da Babilônia – Babilônia que se manteve como uma terra povoada e civilizada desde os princípios da civilização.

Até que as pessoas entendam o verdadeiro significado desta destruição nunca compreenderão completamente a necessidade de uma política mundial; elas ainda estarão aptas a abraçarem para si a tola ideia de que em um mesmo mundo é possível tomar partido da selvageria, de uma parte, ou de uma feliz civilização, por outro lado. Se a história universal não tem outro valor maior em si, ela vale a pena ser ensinada porque, de maneira convincente, ela demonstra caso após caso a desesperança de sonhos de prosperidade parcial, ou de segurança parcial no mesmo mundo com miséria. A história humana é uma só história e os negócios humanos são únicos.

Os grandes personagens históricos

Então, também, é absurdo que devamos esperar que as pessoas possam entender algo da mentalidade estrangeira em seus jornais quando elas mal tem vaga ideia da ascensão do Islã, ou o que foi compartilhado no esfacelamento do sistema Bizantino e a maneira como isso se desenvolveu.

A história nacional desde os tempos de César aos dias de hoje, lida por si mesmo, é como ler uma parte de uma peça com todas as outras partes faltando. A peça em si é o drama das grandes necessidades humanas pela unificação lutando contra os propósitos egoístas da humanidade; a narrativa é a longa batalha, ao longo da Idade Média até o nosso tempo, da ideia do Império Romano em adaptar e reestabelecer a si mesmo como um modelo de cooperação humana universal. O aluno inglês aprende a lista de seus reis insulares, com suas respectivas datas; e bastante enfadonhos foram alguns destes reis. Os personagens históricos importantes não são os mais próximos, mas sim monarcas como Chalermagne, Otto III, Frederick Barbarrosa, Charles V e Napoleão. Até que o estudante de história saiba algo sobre estes personagens centrais da história europeia, quais os procedimentos dos reis da Inglaterra ou França, que guerras fez, e que expedientes usou, tudo se torna completamente incompreensível.

No século XV teve início a fase das explorações permitida pelo uso do compasso de navegação, e o estágio da ampliação da história ao admitir a América e se aproximar da Índia e da China, como uma consequência dos negócios na Europa.

Na estreita atmosfera da nossa história inglesa, estes grandes eventos são mascarados pelas histórias das esposas de Henrique VIII e a contemplação do laço apertado da Rainha Elisabeth ou sobre a babação do Rei James sobre seu “querido Steenie”. (Como isso deve aborrecer nossa juventude!)

E ainda menos ensinada, ou mesmo completamente esquecida hoje em dia é a história da grande revolução nos negócios humanos que se seguiu após a produção de ferro e aço e o uso dos metais e eletricidade. Muito disso é deixado de fora dos nossos cursos escolares em favor da senhora Masham – é isso? – e das reuniões para o chá com a Rainha Anne. Ainda pode haver alguma dúvida sobre o que é mais importante, mas o que é mais interessante e salutar para meninos e meninas – a história da máquinas ou a história de invejas e intrigas destas velhas senhoras?

No caso de muitos ingleses, a história termina com a Rainha Anne; para outros, vai até George III, que ficou contemplando como a maçã foi parar na torta. Por este tipo de coisa nossos pais morreram em Blenheim ou Waterloo. Não apenas entre os ingleses, suas escolas e faculdades, andam ignorantes sobre o passado histórico em forma universal, mas eles não sabem praticamente nada sobre o último e mais rico século da experiência humana. Não sabem nada sobre a derrocada da Europa pós Napoleão; nada sobre as unificações alemã e italiana; nada sobre a libertação dos povos da América do Norte e do Sul do jugo europeu; nada sobre a divisão e exploração da África; nada sobre a modernização do Japão; e nada da história do Império Britânico.

Não é que eles não saibam nenhuma história em si, e que nada tenha sido colocado antes dela, mas que eles tem suas mentalidades concentradas em questões e datas locais e triviais, excluindo uma visão geral dos fatos. Eles tem, por exemplo, em muitos casos, um conhecimento quase que completo sobre a controvérsia da transubstanciação no período da Reforma ou sobre os Lollards ou Jhon Ball, mas nunca ouviram, na escola ou universidade, de Marx, individualismo, socialismo, anarquismo, sindicalismo ou organização sindicais e corporações.

Alguém poderia imaginar que a cada dez anos ou mais as autoridades educacionais das democracias civilizadas, tais como a nossa, revisaria, por fim, os currículos e programas de estudos sobre a história nacional ensinada nas escolas e universidades e os traria para os interesses contemporâneos, mas nenhum currículo dedicado ao ensino de história parece ter sido tocado nos últimos cem anos ou mais. Em parte, isso é resultado da nossa preguiça em relação a simples menção de

questões educacionais; em parte, é devido a leviandade, pouco letramento e desejo individualista ou qualquer senso de responsabilidade de qualquer ministro britânico posterior a Mr. Fisher; em parte, é medo de trazer para a escola uma série de “assuntos controversos”; mas isso tudo é possível de ser relacionado com a falha na compreensão da suprema necessidade, neste mundo moderno, de um amplo conhecimento mundial dos principais fatos da história da humanidade.

Mudanças simples

A visão política das pessoas é necessariamente moldada e limitada pelo conhecimento histórico delas, e não há país no mundo onde o corpo geral das pessoas tem mais do que um desprezível conhecimento da história. O professor de história ensina seu tema não como algo de vital importância para a estrutura mental de sua comunidade, mas como uma curiosa e divertida coleção de luzes laterais sobre a vida. Então, muitos de nós são deixados a aprender, nos atribulados anos após a escola, o que deveria ter sido ensinado desde o começo como parte essencial da nossa formação mental.

Estas são, é claro, dificuldades mecânicas no caminho da expansão racional do ensino de história nas escolas e universidades, como sugerimos aqui. Os professores, isso será argumentado, sabem coisas velhas pela emoção e de maneira tola; o mundo está cheio de manuais convenientes de história nacionalista; as tradições em avaliação são todas demasiado antigas. Mas, por outro lado, haverá uma encantadora luta e interessante aventura por parte dos professores de história mais ativos mentalmente, que se posicionarão de sua maneira, e não é verdade que não existirão livros de história universal para os embasar. Temos, por hora, “The living past”, de Francis Marvin, e dois escritores americanos, Breasted e Robinson, que produziram uma história universal bastante proveitosa, em dois volumes. O material está disponível agora também por um cem número de manuais; isso requer uma mudança nos procedimentos de algumas autoridades em cobrir a terra com livros como se fossem cogumelos crescentes, grandes mapas e um ensino saudável da história. E um ensino de história saudável significa uma melhor compreensão dos problemas internacionais, uma política nacional semelhante, e um mundo mais feliz.

Anexo B

Tabela 2 – Lista das obras completas de H. G. Wells

<p>Romances</p> <ul style="list-style-type: none"> -The Time Machine (1895) -The Wonderful Visit (1895) -The Island of Doctor Moreau (1896) -The Wheels of Chance (1896) -The Invisible Man (1897) -The War of the Worlds (1898) -When the Sleeper Wakes (1899) -Love and Mr Lewisham (1900) -The First Men in the Moon (1901) -The Sea Lady (1902) -The Food of the Gods (1904) -Kipps (1905) -A Modern Utopia (1905) -In the Days of the Comet (1906) -The War in the Air (1908) -Tono-Bungay (1909) -Ann Veronica (1909) -The History of Mr Polly (1910) -The Sleeper Awakes (1910) – revised edition of When the Sleeper Wakes (1899) -The New Machiavelli (1911) -Marriage (1912) -The Passionate Friends (1913) -The Wife of Sir Isaac Harman (1914) -The World Set Free (1914) -Bealby: A Holiday (1915) -Boon (1915) -The Research Magnificent (1915) -Mr Britling Sees It Through (1916) -The Soul of a Bishop (1917) -Joan and Peter: The Story of an Education (1918) -The Undying Fire (1919) -The Secret Places of the Heart (1922) -Men Like Gods (1923) -The Dream (1924) -Christina Alberta's Father (1925) -The World of William Clissold (1926) -Meanwhile (1927) -Mr. Blettsworthy on Rampole Island (1928) -The Autocracy of Mr. Parham (1930) -The Bulpington of Blup (1932) -The Shape of Things to Come (1933) -The Croquet Player (1936) -Brynhild (1937) -Star Begotten (1937) -The Camford Visitation (1937) 	<p>Contos</p> <ul style="list-style-type: none"> -A Tale of the Twentieth Century (1887) -A Talk with Gryllotalpa (1887) -A Vision of the Past (1887) -The Chronic Argonauts (1888) -The Devotee of Art (1888) -The Flying Man (1893) -Æpyornis Island (1894) -A Deal in Ostriches (1894) -The Diamond Maker (1894) -The Flowering of the Strange Orchid (1894) -The Hammerpond Park Burglary (1894) -The Lord of the Dynamos (1894) -How Gabriel Became Thompson (1894) -In the Avu Observatory (1894) -In the Modern Vein: An Unsympathetic Love Story (1894) -The Jilting of Jane (1894) -The Man With a Nose (1894) -A Misunderstood Artist (1894) -Mr. Ledbetter's Vacation (1894) -The Stolen Bacillus (1894) -The Thing in No. 7 (1894) -Through a Window (1894) -The Thumbmark (1894) -The Treasure in the Forest (1894) -The Triumphs of a Taxidermist (1894) -A Family Elopement (1894) -The Argonauts of the Air (1895) -A Catastrophe (1895) -The Con (1895) -How Pingwill Was Routed (1895) -Le Mari Terrible (1895) -The Moth (1895) -Our Little Neighbour (1895) -Pollock and the Porroh Man (1895) -The Reconciliation (1895) -The Remarkable Case of Davidson's Eyes (1895) -The Sad Story of a Dramatic Critic (1895) -The Temptation of Haringay (1895) -Wayde's Essence (1895) -The Apple (1896) -In the Abyss (1896) -The Plattner Story (1896) -The Purple Pileus (1896) -The Rajah's Treasure (1896) -The Red Room (1896) -The Sea Raiders (1896)
--	---

<ul style="list-style-type: none"> -Apropos of Dolores (1938) -The Brothers (1938) -The Holy Terror (1939) -Babes in the Darkling Wood (1940) -All Aboard for Ararat (1940) -You Can't Be Too Careful (1941) <p>Não-ficção</p> <ul style="list-style-type: none"> -Text-Book of Biology (1893) -Honours Physiography (1893) – with R. A. Gregory -Certain Personal Matters (1897) -Anticipations of the Reactions of Mechanical and Scientific Progress upon Human Life and Thought (1901) -Mankind in the Making (1903) -The Future in America (1906) -This Misery of Boots (1907) -Will Socialism Destroy the Home? (1907) -New Worlds for Old (1908) -First and Last Things (1908) -Floor Games (1911) -The Great State (1912) -Great Thoughts From H. G. Wells (1912) -Thoughts From H. G. Wells (1912) -Little Wars (1913) -The War That Will End War (1914) -An Englishman Looks at the World (1914); US title: Social Forces in England and America -The War and Socialism (1915) -The Peace of the World (1915) -What is Coming? (1916) -The Elements of Reconstruction (1916) – published under the pseudonym D. P. -God the Invisible King (1917) -War and the Future (Italy, France and Britain at War) (1917) -Introduction to Nocturne (1917) -In the Fourth Year (1918) -The Idea of a League of Nations (1919) – with Viscount Edward Grey, Lionel Curtis, William Archer, H. Wickham Steed, A. E. Zimmern, J. A. Spender, Viscount Bryce and Gilbert Murray -The Way to the League of Nations (1919) – with Viscount Edward Grey, Lionel Curtis, William Archer, H. Wickham Steed, A. E. Zimmern, J. A. Spender, Viscount Bryce and Gilbert Murray -The Outline of History (1919) -Russia in the Shadows (1920) -Frank Swinnerton (1920) – with Arnold Bennett, Grant Overton -The Salvaging of Civilization (1921) 	<ul style="list-style-type: none"> -A Slip Under the Microscope (1896) -The Story of the Late Mr. Elvisham (1896) -Under the Knife (1896) -The Crystal Egg (1897) -The Lost Inheritance (1897) -Mr Marshall's Doppelganger (1897) -A Perfect Gentleman on Wheels (1897) -The Presence by the Fire (1897) -The Star (1897) -A Story of the Days to Come (1897) -A Story of the Stone Age (1897) -Jimmy Goggles the God (1898) -The Man Who Could Work Miracles (1898) -Miss Winchelsea's Heart (1898) -The Stolen Body (1898) -Walcote (1898) -Mr. Brisher's Treasure (1899) -A Vision of Judgment (1899) -A Dream of Armageddon (1901) -Filmer (1901) -Mr. Skelmersdale in Fairyland (1901) -The New Accelerator (1901) -The Inexperienced Ghost (1902) -The Loyalty of Esau Common (1902) -The Land Ironclads (1903) -The Magic Shop (1903) -The Truth About Pyecraft (1903) -The Valley of Spiders (1903) -The Country of the Blind (1904) -The Empire of the Ants (1905) -The Door in the Wall (1906) -The Beautiful Suit (1909) -Little Mother Up the Morderberg (1910) -My First Aeroplane (1910) -The Story of the Last Trump (1915) -The Wild Asses of the Devil (1915) -Peter Learns Arithmetic (1918) -The Grisly Folk (1921) -The Pearl of Love (1924) -The Queer Story of Brownlow's Newspaper (1932) -Answer to Prayer (1937) -The Country of the Blind (1939) <p>Coletâneas de contos</p> <ul style="list-style-type: none"> -Select Conversations with an Uncle and Two Other Reminiscences (1895) -The Stolen Bacillus and Other Incidents (1895) -The Red Room (1896) -Thirty Strange Stories (1897) -The Plattner Story and Others (1897) -Tales of Space and Time (1899)
---	---

<ul style="list-style-type: none"> -A Short History of the World (1922) (New and Rev Ed. 1946) -Washington and the Hope of Peace (aka "Washington and the Riddle of Peace") (1922) -Socialism and the Scientific Motive (1923) -The Story of a Great Schoolmaster: Being a Plain Account of the Life and Ideas of Sanderson of Oundle (1924) – a biography of Frederick William Sanderson -A Year of Prophesying (1925) -A Short History of Mankind (1925) -Mr. Belloc Objects to "The Outline of History" (1926) -Wells' Social Anticipations (1927) -The Way the World is Going (1928) -The Book of Catherine Wells (1928) -The Open Conspiracy (aka What Are We To Do With Our Lives?) (1928) -The Science of Life (1930) – with Julian S. Huxley and G. P. Wells -Divorce as I See It (1930) -Points of View (1930) -The Work, Wealth and Happiness of Mankind (1931) -The New Russia (1931) -Selections From the Early Prose Works of H. G. Wells (1931) -What Should be Done—Now: A Memorandum on the World Situation, John Day (1932) -After Democracy (1932) -Experiment in Autobiography (1934) -The New America: The New World (1935) -The Anatomy of Frustration (1936) -World Brain (1938) -The Fate of Homo Sapiens (The Fate of Man) (1939) -The New World Order (1939) -Travels of a Republican Radical in Search of Hot Water (1939) -The Common Sense of War and Peace (1940) -The Rights of Man (1940) -The Pocket History of the World (1941) -Guide to the New World (1941) -The Outlook for Homo Sapiens (1942) -The Conquest of Time (1942) -Modern Russian and English Revolutionaries (1942) -Phoenix: A Summary of the Inescapable Conditions of World Reorganization (1942) 	<ul style="list-style-type: none"> -A Cure For Love (1899) -Twelve Stories and a Dream (1903) -The Country of the Blind and Other Stories (1911) -The Door in the Wall and Other Stories (1911) -The Star (1913) -Boon, The Mind of the Race, The Wild Asses of the Devil, and The Last Trump (1915) – first edition published under the pseudonym Reginald Bliss -Tales of the Unexpected (1922) -Tales of Wonder (1923) -Tales of Life and Adventure (1923) -The Empire of the Ants and Other Stories (1925) -The Short Stories of H. G. Wells (1927) -Selected Short Stories (1927) -The Adventures of Tommy (1929) -The Valley of Spiders (1930) -The Stolen Body and Other Tales of the Unexpected (1931) -The Famous Short Stories of H. G. Wells (1937) -Short Stories by H. G. Wells (1940) -The Inexperienced Ghost (1943) -The Land Ironclads (1943) -The New Accelerator (1943) -The Truth About Pyecraft and Other Short Stories (1943) -Twenty-Eight Science Fiction Stories (1952) Seven Stories (1953) -Three Prophetic Science Fiction Novels of H. G. Wells (1960) -The Cone (1965) -Best Science Fiction Stories of H. G. Wells (1966) -The Complete Short Stories of H. G. Wells (1966) H.G. Wells: Early Writings in Science and Science Fiction (1975) -The Man with the Nose and Other Uncollected Stories of H. G. Wells (1984) -The Red Room and Other Stories (1998) Selected Stories of H. G. Wells (2004) <p>Roteiros para cinema</p> <ul style="list-style-type: none"> -The King Who Was a King: The Book of a Film (1929 – scenario for a film which was never made) -Things to Come (1935 – adaptation of The -Shape of Things to Come and The Work, Wealth and Happiness of Mankind)
---	--

<p>-Crux Ansata: An Indictment of the Roman-Catholic Church (1943) -'42 to '44: A Contemporary Memoir (1944) - Reshaping Man's Heritage (1944) – with J. B. S. Haldane, Julian S. Huxley -The Happy Turning (1945) -Mind at the End of Its Tether (1945) -Marxism vs Liberalism (1945) – with J. V. Stalin -H. G. Wells: Early Writings in Science and Science Fiction (1975)</p> <p>Artigos</p> <p>-Zoological Retrogression (1891) -The Rediscovery of the Unique (1891) -Ancient Experiments in Co-Operation (1892) -On Extinction (1893) -The Man of the Year Million (1893) -The Sun God and the Holy Stars (1894) -Province of Pain (1894) -Life in the Abyss (1894) -Another Basis for Life (1894) -The Rate of Change in Species (1894) -The Biological Problem of To-day (1894) -The 'Cyclic' Delusion (1894) -Flat Earth Again (1894) -Bio-Optimism (1895) -Bye-Products in Evolution (1895) -Death (1895) -The Duration of Life (1895) -The Visibility of Change in the Moon (1895) -The Limits of Individual Plasticity (1895) -Human Evolution, an Artificial Process (1896) -Intelligence on Mars (1896) -Concerning Skeletons (1896) -The Possible Individuality of Atoms (1896) -Morals and Civilisation (1897) -On Comparative Theology (1898) - The Discovery of the Future (1902) -The English House of the Future (1903; several other authors) -Skepticism of the Instrument (1903) -The Things that Live on Mars (illustrated by William Robinson Leigh) (1908) -The Grisly Folk (1921) -Mr. Wells and Mr. Vowles (1926)[7] -The Red Dust a Fact! (1927) -Democracy Under Revision (1927) -Wells Speaks Some Plain Words to us - New York Times, October 16, 1927</p>	<p>-The Man Who Could Work Miracles (1936) -The New Faust (in Nash's Pall Magazine, December 1936 – adaptation of "The Story of the Late Mr. Elvisham")</p>
---	--

<ul style="list-style-type: none">-Common Sense of World Peace (1929)-Foretelling the Future (1938)	
--	--